

ROBERT CHARROUX
O LIVRO DOS
MUNDOS
ESQUECIDOS



HEMUS



O LIVRO DOS MUNDOS ESQUECIDOS

FICHA CATALOGRÁFICA

[Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte,
CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP]

C435L Charroux, Robert.
O livro dos mundos esquecidos; tradução de Agatha
M. Auersperg. São Paulo, HEMUS, 1975.
p. ilustr.

Bibliografia.

1. Curiosidades e maravilhas 2. Enigmas I. Título.

CDD-001.93

-001.94

75-0230

Índices para o catálogo sistemático:

1. Curiosidades 001.93
2. Enigmas : Conhecimento controvertido e suposto 001.94
3. Mistérios : Conhecimento controvertido e suposto 001.94



ROBERT CHARROUX
AUTOR DE TESOUROS DO MUNDO

O LIVRO DOS MUNDOS ESQUECIDOS

Tradução de:

AGATHA M. AUERSPERG

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

O LIVRO DOS MUNDOS ESQUECIDOS
ROBERT CHARROUX

Título original:

LE LIVRE DES MONDES OUBLIÉS

© Copyright 1971 by Éditions Robert Laffont S. A.

Direitos para a língua portuguesa adquiridos pela

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

que se reserva a propriedade desta publicação

Capa:

Equipe Hemus

HEMUS — LIVRARIA EDITORA LTDA.

Rua da Glória, 314 — Tels.: 278-6872 e 279-0520

SÃO PAULO

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

“Quem constrói, semeia, planta e espalha idéias
é inspirado pelo Criador. Quem destrói, recorta,
critica, age por conta do Diabo.”



SUMÁRIO

- PREFÁCIO : A Pirâmide da França — O mistério de Jesus —
Somos hereges — Iniciação e Ciência. 17

FANTÁSTICO

- CAPÍTULO I — O CANDELABRO DOS ANDES E O MISTÉ-
RIO DE NAZCA 21

Rastos misteriosos — O milagre da areia dourada — O
Candelabro dos Andes — A Ker Lan de Paracas —
O sinal de tabu — A pampa de Nazca — Trabalho de
um povo extraterrestre — Os desenhos são posteriores
às marcas — A incrível verdade — A chave estaria em
Vênus? — Um cérebro extraterrestre.

- CAPÍTULO II — OS MISTÉRIOS DO PARALELO 35° 41

Os iates desaparecidos — *Maria Celeste*, um barco-fan-
tasma — Uma coisa estranha — Olhem só, é a Atlântida
— Miragens ou ilhas recém-nascidas? — Coincidências
exageradas — Forças ocultas brincavam com Crowhurst
— A coisa estranha que leva à loucura — A magia dos
sábios.

Cinco bombardeiros desaparecidos — O mar é esquisito...
 — Um buraco no mar — Passagem para a quarta dimen-
 são — Um buraco no universo — O país onde o tempo
 parou — Uma zona mágica.

ANCESTRAIS SUPERIORES

CAPÍTULO IV:

I. NOSSOS ANCESTRAIS NÃO ERAM MACACOS 59
 Não há nada de novo debaixo do sol — O homem está
 em regressão? — Eles lavravam o bronze... sem ser
 seus inventores! — Não somos descendentes de macacos
 — O homem é um extraterrestre — Uma hipótese mara-
 vilhosa.

II. 100.000 ANOS ATRÁS, OITO TRANSPLANTES DE 66
 CORAÇÃO

Esqueletos de 100.000 anos — Uma cirurgia à Chris
 Barnard — Transplante de coração na época do faraó
 — Iniciadores extraterrestres.

CAPÍTULO V — A PORTA DO SOL E COISAS INSÓLITAS 71
 DO OCIDENTE

K'emko no Peru — Ollantaytambo — Macchu Picchu: o
 mistério das pedras — A miragem inca — Tiahuanaco
 — Os Bretões de San Agustín — Medzamor: uma usina
 metalúrgica de 5.000 anos atrás — Ciência e metais estra-
 nhos — Menires na Lua — A mais antiga bota do
 mundo — Um falo em metal desconhecido — Pedras que
 levitam.

CAPÍTULO VI — A GRANDE PIRÂMIDE DE PLOUÉZOCH 91
 (FINISTERE)

As três invasões — Os Tuatha Dé Danann — Os maias
 do México voltam à Europa — A grande pirâmide dos
 celtas em Plouézoch — 77 metros de comprimento — A
 pirâmide de Carnac — Chegaram no 1.º de maio em
 suas máquinas voadoras — Maio — Histórico do 1.º de
 maio — Os druidas assassinos — Baal adorado debaixo
 das carvalheiras — Os Hebreus adoraram Baal — O
 verdadeiro druidismo — Odin, Dana, o bezerro de ouro

e a tribo dos Dan — Lug, Ptah e Apolo — O Ocidente foi sabotado — Os celtas colonizaram a Terra.

CIVILIZAÇÕES PERDIDAS

CAPÍTULO VII — CIVILIZAÇÕES MISTERIOSAS 111

A otária de Fontainebleau — Eles conheciam o arado mas desconheciam os bois — Eles fabricavam lápis de peróxido de ferro — O cavalo maravilhoso — O gerador de plasma dos faraós — O espírito do universo — As pedras do Guatemala — A estranha Petra — O mais antigo povo do mundo — Um templo no sertão brasileiro — Lampadários elétricos — A rocha irradiante de Ylo — O tesouro de Três Picos.

CAPÍTULO VIII — RENASCE A ATLÂNTIDA 132

Os Iniciados sabiam — Os muros de Bimini — Segredos enterrados em Bimini — As pedras atômicas — A cidade dos Condores — O Império invisível dos R+C — A Atlântida vai renascer — Os últimos Atlantes — As caldeiras das Açores — O lago das 7 cidades — A estátua de Corvo — O *Homo Atlanticus*.

CAPÍTULO IX — A TERRA DE MU 159

Pangea, a Terra-Mãe original — A Gondwana — A Lemúria — Mu, Uighuria, Gondwana, Atlântida e Terra de Ichtar — Suástica e sauástica — O império ariano de Uighur — Afirmações sem provas — As invenções de Churchward — Vestígios que falam — O arco de Tongatabu — As colunas das Marianas.

CAPÍTULO X — A MISTERIOSA ILHA DA PÁScoa 175

O caminho das estátuas — Quatro dedos como em Tiahuanaco — O homem-pássaro — Estátuas anti-asiáticas — Os navegadores brancos de olhos ovais — Os Moai em Pukaos — O chapéu das estátuas — Uma história de cosmonautas — A guerra dos ídolos.

INICIAÇÃO

CAPÍTULO XI — O LEÃO VERDE DO INICIADO 189

A iniciação — Divulgação e segredo — Excitar as regiões misteriosas — A caixa de Pandora — Santos falsos e

em Flavius Josephus — Um hippie chamado Jesus — Apóstolos extravagantes — O duvidoso São João — Os roncadores do monte das Oliveiras — Os Apóstolos drogados — O nepente de Homero.

CAPÍTULO XXI — OS EVANGELHOS AUTÊNTICOS 339

O batismo de Jesus — Ebionita = Essênio — O evangelho de Khenoboskion — Jesus, um Essênio.

CAPÍTULO XXII — O VERDADEIRO JESUS 345

Jesus, o incendiário — Os Manuscritos do Mar Morto — Os verdadeiros eleitos, o povo eleito, o povo predestinado — Os Essênios — Campeões da Verdade — O verdadeiro Messias — Melquisedec — O Mestre de Justiça — A mulher, essa diabólica criatura — Sismo no Gólgota — Jesus não estava morto — Os Hebreus bíblicos — Os Cristãos — O Mestre de Justiça chamava-se Jesus — Jesus, contestador essênio — A criatura hermafrodita — Iniciação ou erro — A operação Jesus — A substituição de Jesus — O Messias Mao Tse-Tung — Deus.

COISAS ESTRANHAS

CAPÍTULO XXIII — ARSÊNICO E VELHAS HISTÓRIAS .. 373

Receitas de longa vida — Ministério do ar em 1740 — O crime perfeito de Leonardo da Vinci — O rio debaixo de Paris — A rocha com pés — A missa na Lua — A esquerda é obscena — O sábio Salomão era um mago — O anel de Salomão — O samur que corta a pedra e o bronze — História do tapete voador — A morte de Salomão.

FEITIÇARIA

CAPÍTULO XXIV — OS FEITICEIROS DAS TERRAS MARAVILHOSAS 383

A aldeia das duas bruxas — Pontos negros sobre a terra — A magia telúrica de Nanterre — Encantamentos para conquistar corações — A erva dos bruxos — O amigo dos jacarés — O rito do sangue — Escola de magia negra em Paris — Soemond, o Mago — A coluna infame.

OS MISTÉRIOS DO CÉU

CAPÍTULO XXV — OS ESTRANHOS QUE VIERAM DO CÉU 395

O ponto de vista racionalista — Não há mais OVNI em Israel — Os estranhos vindos do céu — Os Vimanas do *Samarangana sutradhara* — Os cosmonautas das grutas australianas — O avião venusiano de Olbia — Adoniesis, sábio extreterrestre e a cura do câncer — Extraterrestres operam uma egípcia — A caçada na floresta de Moulière — O monstro do espaço — Armstrong viu os Selenianos — A aeronave de Cloera.

CAPÍTULO XXVI — OS SUPER-HOMENS VOADORES E O MISTÉRIO DOS DELFINS 411

A tina de Mesmer — Hair, a tina e a levitação — Um passo para a levitação — A terrível confissão do senhor B. D. — Esquizofrênico ou super-homem? — Os SHV e a tina de Mesmer — Os SHV: as imagens-desejos — A conquista das estrelas em 2050 — Criaturas espaciais que não são homens — Criaturas espaciais marinhas — Orejona, Oannes, Vênus e o *Homo Aquaticus* — O delfim, um ancestral do homem — O delfim, uma experiência extraterrestre — Orejona veio de um planeta "oceânico" — O Mistério da Sereia e de Melusina.



PREFÁCIO

A PIRÂMIDE DA FRANÇA

Em Plouézoch, perto de Finistère, existe uma pirâmide do tamanho de uma catedral.

No Peru, sobre uma rocha que irradia luz, em Ylo, ao norte de Arequipa, há uma inscrição indecifrável que, segundo a tradição, indica "o caminho dos antigos mundos perdidos".

Lampadários minerais, colunas e esferas, foram encontrados no sertão brasileiro. Estavam irradiando luz desde tempos imemoráveis.

Nossos Ancestrais Superiores já praticavam com sucesso os transplantes de coração 100.000 anos atrás. As provas estão na Universidade de Lenígrado.

Cientistas soviéticos acabam de descobrir a segunda parte do segredo da Pedra Filosofal, e já estão produzindo o filtro da eterna juventude.

Tudo isso e mais dez, mais vinte revelações desse teor compõem a matéria descomunal e misteriosa deste livro... o que você está esperando.

Na medida do possível, existem fotografias para comprovar os relatos.

*Em poucas palavras, este livro dificilmente poderá decep-
cioná-los nas páginas dedicadas aos continentes esquecidos, à
arqueologia, às coisas esquisitas, aos mistérios desconhecidos.
Em seguida, porém. . .*

O MISTÉRIO DE JESUS

*Em seguida, temos o problema de Jesus, dissecado, evis-
cerado, observado de todos os ângulos e de todos os pontos de
vista mais heréticos, entre baforadas de vapores sulfurosos.*

*Está explicado na sua forma mais provável e mais convin-
cente, assim como é conhecido por 5.000 a 10.000 criaturas
humanas que sabem, mas que não podem falar.*

*Um assunto espinhoso, irritante, mas absolutamente não
sacrílego.*

*É claro que não vamos tocar no Jesus dos Evangelhos; mas
será o verdadeiro, o autêntico Jesus, o Mestre de Justiça esse-
niano, austero e incorruptível, que aparecerá vivo aos nossos
olhos.*

*Como já podemos prever certas reações, fazemos questão
de penhorar ao leitor nossa total boa fé.*

*Estudamos as pseudo-Escrituras sagradas e mais outras que
vocês com certeza desconhecem, e finalmente os Manuscritos
do Mar Morto, em nossa veste de historiador e exegeta, e não
como cristão ou ateu, ou então homem parcial e membro de
uma conspiração.*

*Por outro lado, nossas conclusões são simplesmente as
hipóteses mais viáveis, e não excluimos que sejam erradas, ou
que elas se afastem da realidade.*

*De qualquer forma, somos obrigados a apresentar as coi-
sas dessa maneira, para não ultrapassar demasiado os limites
da pouca liberdade de que dispomos.*

SOMOS HEREGES

*Não é mesmo que a televisão, o rádio e toda a imprensa
estão proibidos de falar a nosso respeito?*

*A aproximação da verdade acontece às apalpadelas, numa
série de erros sucessivos e de descobertas positivas. Quem se
movimenta no labirinto dos erros, jamais alcança o Centro.*

Mea culpa, mea culpa, erramos muitas vezes: o Candellabro dos Andes não é esculpido na rocha, mas cavado na areia; as pedras redondas da Guatemala não são vestígios de uma antiga civilização, mas pedras de origem vulcânica. . .

Fomos enganados por afirmações falsas mas nos retratamos aqui mesmo, e com humildade.

Somos acusados de culpas mais graves ainda: os estudantes dos liceus e das universidades contestam muito freqüentemente uma parte da matéria do programa de estudos, baseando-se em nossos livros.

Lastimamos profundamente esse fato e pedimos aos nossos jovens amigos que compreendam que apesar de algumas de nossas teses oferecerem as mais comprovadas garantias, por exemplo na pré-história, elas não passam, geralmente, de exercícios, de jogos intelectuais, suscetíveis de melhoras, aptos a estimular os neurônios e que poderiam, talvez, ser comprovadas algum dia.

Todo esse trabalho, porém, esse jogo, pressupõe o conhecimento das teorias clássicas de química, física, biologia e matemática.

Na França e em outros países surgiram espontaneamente os Clubes Robert Charroux.

Esses clubes reúnem estudantes e jovens que gostam de coisas fora do comum, do para-normal e de conhecimentos não-conformistas.

Os clubes recebem periodicamente assuntos a serem estudados, contestados e esmiuçados, mas sempre prevenimos nossos amigos de que, antes de mais nada, se trata de hipóteses de trabalho.

Não queremos absolutamente afastá-los dos estudos escolares. Muito pelo contrário.

INICIAÇÃO E CIENCIA

Neste livro a Iniciação e o Misterioso Desconhecido são enfocados mais profundamente do que nas obras anteriores.

Estamos nos esforçando sempre mais para eliminar as superstições, as credices cegas e inúteis.

Também nestes assuntos estamos nos arriscando a perturbar alguns leitores acostumados às fórmulas fáceis e frouxas; por outro lado, a iniciação que estamos propondo não serve às multidões, nem para agradar ou tranquilizar.

Serve só para a procura do conhecimento.

"Quem busca a verdade e a exige com impaciência, deve perguntar àquele que sabe.

Qualquer impostor poderia responder.

Suas palavras serão doces como malvaíscos, aconchegantes como bálsamo e vazias como seu cérebro.

Afinal, a história trágica das civilizações foi caracterizada por uma luta demorada entre as duas grandes raças humanas: a raça dos opressores e a dos oprimidos, a do Mal, sempre vitoriosa, e a do Bem, sempre sacrificada.

O Iniciado, quem sabe, poderia pertencer a uma terceira raça.

Isso não passa de uma suposição: a verdade deve ser procurada, mas aí de quem a achar.

R. C.

FANTÁSTICO

CAPÍTULO I

O CANDELABRO DOS ANDES E O MISTÉRIO DE NAZCA

Quando os homens descobrem, em nosso planeta, objetos desconhecidos, desenhos ou escritas que eles não conseguem decifrar ou datar, nunca resistem à tentação de atribuí-los a civilizações desconhecidas ou então extraterrestres.

Esses mistérios, também, sempre são apresentados como uma espécie de mensagem.

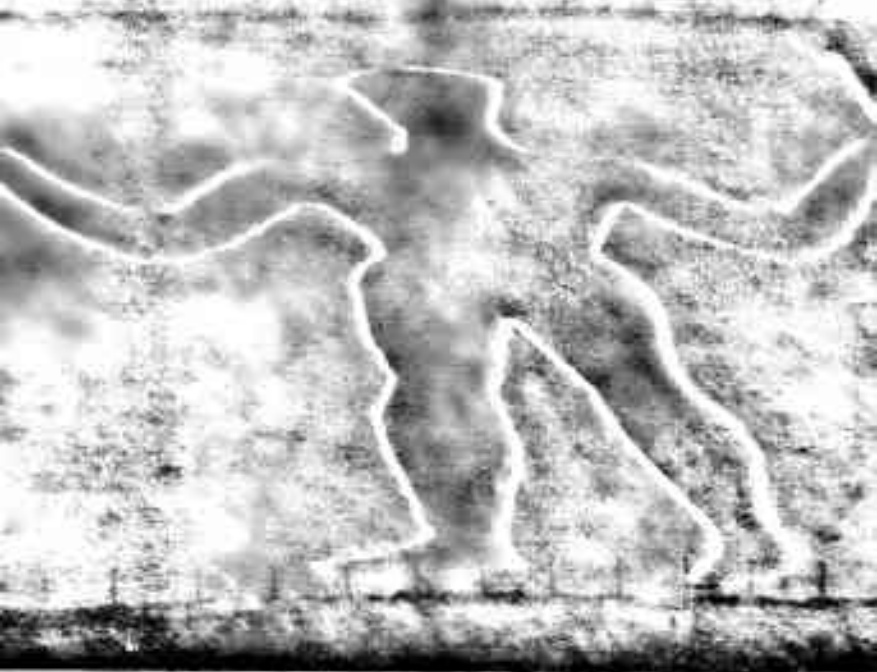
Perto de Cambridge, na Inglaterra, podemos observar do avião desenhos imensos em duas colinas chamadas Gog e Magog, e que não podem ser observados estando em terra.

Sempre do alto, podemos encontrar, no condado de Somerset, um mapa celeste de nosso hemisfério, marcado pelas partes secas e pelos canais que margeiam um lago que se estende por alguns quilômetros⁽¹⁾.

Nos Estados Unidos existem aterros em forma de enormes serpentes, obras de um misterioso povo da antiguidade.

Todos esses diferentes símbolos e essas escritas parecem ter sido traçadas para serem lidas por um observador que che-

(1) Victor Kernbach: *Tradições estranhas*.



O GRANDE HOMEM DE WILMINGTON

Essa figura de homem é formada por uma enorme vala que pode ser vista sobrevoando a região de South Downs, perto de East-hourne, na Inglaterra. A figura é conhecida como "O grande homem de Wilmington".

Não se sabe durante qual civilização foi cavada a vala, talvez seja pré-céltica, como também se ignora quem desenhou o Candelabro dos Andes e as muitas linhas de Nazca. Acredita-se porém, que os arquitetos de Wilmington foram os ancestrais dos do Peru.

Os arqueólogos levantaram um pequeno muro para proteger a vala do "Grande Homem" que costumava ficar prejudicada pelos rebanhos que pastavam.

Foto do autor.

gasse do céu ou que fosse capaz de subir para as alturas a bordo de uma máquina voadora ou pelos poderes de sua própria essência etérea.

RASTOS MISTERIOSOS

A península de Paracas se encontra no Peru, a 300 km ao sul de Lima. Ali podemos ver o enigmático Candelabro dos



O Candelabro dos Andes também é conhecido como o Tridente dos Andes ou então Las Tres Cruces.

Foto do autor.

Andes, desenhado numa pequena montanha roxa em forma de meia-lua e que não passa de uma última convulsão da cordilheira dos Andes.

O solo é arenoso. Na superfície existe uma fina camada de cascalho roxo que cobre uma camada espessa de areia farinhenta cor de ocre, fina, compacta e sem nenhuma impureza.

O Candelabro que, nas redondezas, é também apelidado de "Três Cruces" encontra-se em frente a Pisco, a mais ou menos dez milhas marítimas, do outro lado da larga baía.

Querendo alcançá-lo por terra é necessário dar uma volta de cerca de trinta quilômetros. Os peruanos são pouco curiosos por sua própria natureza e acreditamos que nosso amigo Edmond Wertenschlag, Yvette Charroux e eu fomos os primeiros a investigar as areias de Paracas neste século.

Atravessamos a baía e após uma manobra difícil de acostamento por causa dos penhascos abruptos, conseguimos de-

sembarcar a um quilômetro do Candelabro, em 30 de abril de 1969.

Edmond Wertenschlag e os marujos do iate⁽²⁾ poderão confirmá-lo: achamos um terreno totalmente virgem.

Não conseguimos descobrir rasto algum da passagem de criaturas humanas. Achamos porém pegadas de puma: depressões redondas em linha reta, pois aquele animal caminha cruzando as patas.

— Deve ter passado por aqui durante a noite, observou Yvette Charroux. As pegadas parecem muito recentes.

— Ou talvez na semana passada, disse Edmond Wertenschlag que estava a par dos fenômenos de Paracas. . .

Ou, quem sabe, dez anos atrás?

De fato, existe um fenômeno prodigioso que permitiu ao Candelabro resistir ao desgaste do tempo e das intempéries: as dunas de Paracas conservam intactos durante séculos e milênios os desenhos marcados em suas areias roxas e ocre.

Um risco feito com a ponta de um guarda-chuva poderia ficar ali até o ano 2000, se não houvesse nenhuma interferência humana.

De nosso ponto de desembarque fomos nos aproximando do Candelabro, caminhanlo sobre uma estreita faixa de areia semidura à beira do Pacífico.

As dunas se erguiam à esquerda com um aclave de perto de 40° até mais ou menos quatrocentos metros de elevação.

A primeira coisa que vimos foram três riscos que desciam do alto até a beira do penhasco. A aparência era a de três passagens de uma roda de caminhão, cujo pneu tinha deixado um sinal largo de uns 25 cm, comprimindo levemente a areia e formando uma depressão de apenas um centímetro.

Como se uma única roda tivesse descido *sozinha!*

Entenda quem puder...

O MILAGRE DA AREIA DOURADA

Quanto mais nos aproximávamos do Candelabro, mais a areia se tornava fofa: víamos os pés descalços de Yvette afundarem até o tornozelo a cada passo, deixando profundas pegadas amarelo ocre que ressaltavam de maneira esquisita sobre a superfície roxa em nossa volta.

(2) Alugamos o iate no hotel de Paracas. Em geral servia para levar turtatas a passear em direção ao Candelabro, mas nunca fundeava. O Capitão nunca tivera desejo nenhum de ver o Candelabro de perto!



Ninguém sabe quem desenhou essas linhas misteriosas nas dunas
de Paracas.

Foto do autor.

Antes de nós, somente os incas ou seus ancestrais tinham passado por esses lugares para desenhar aquele estranho monumento.

Caminhávamos colocando com cuidado os pés nas pegadas deixadas por Yvette, por uma estranha sensação de respeito pela virgindade daqueles lugares, e estávamos todos bastante emocionados.

O Candelabro — mas será mesmo um Candelabro? — encontra-se no declive, desenhado por valetas quase sempre debruadas de pedras calcárias, listradas e quebradiças, em que afloram cristais de rocha, lembrando um pouco os doces mil-folhas dos confeitheiros.

O eixo principal parece o rastro deixado por um barco muito grande ou por uma baleeira que alguém tivesse empurrado do ponto mais alto até a beira-mar. Esse sulco central tem uma largura de mais ou menos 4 metros e meio, uma profundidade de 60 cm e seu comprimento é de cerca de 500 metros.

Os braços do Candelabro e os motivos que poderiam ser figuras ou animais, são menos largos e menos fundos.

As pedras que se encontram nas beiradas ficam meio afundadas na areia. Não parecem ser cimentadas, e mais do que delimitar o sulco, parecem servir de enfeite.

O aclave é íngreme e Yvette teve que se colocar de quatro para superar alguns trechos: assim mesmo ela não se sentia muito segura, porque durante a tarde o vento sopra com muita violência na região de Pisco.

Os ventos de Paracas são conhecidos no Peru como a “tramontana” é conhecida no Mediterrâneo.

Esses pormenores são muito importantes e podem ser resumidos da seguinte maneira: *apesar do vento e da inclinação extrema, não havia sequer um grãozinho de areia que se levantasse em nossa volta!*

Como se as forças de dispersão estivessem vencidas pela densidade da areia!⁽³⁾

Os sinais de nossa passagem possivelmente levariam semanas, meses, ou até mais do que isso para se apagarem.

Parece *impossível, inacreditável, mas não deixa de ser a verdade*: os rastros e sinais que em qualquer outro lugar ficariam apagados em pouco mais de uma hora, conseguem se manter inalterados nas dunas movediças de Paracas durante séculos, e talvez durante milênios.

(3) Sabe-se que a areia a partir de uma certa finura resiste ao vento e que os pés mais impalpáveis não se mexem, mesmo no meio de um furacão



Este é o eixo central do Candelabro. É uma valeta que nunca se enche.

Foto do autor.

O CANDELABRO DOS ANDES

O *Candelabro de los Andes* data possivelmente da época dos incas, ou talvez dos aimarás.

Como era de se esperar, os cristãos se apropriaram dessa espécie de monumento, batizando-o de as "Três Cruzes". Os autóctones preferem chamá-lo o "Tridente".

Representa uma espécie de candelabro de três braços, com um forte eixo central que se apóia num pé de forma retangular. No centro dessa base encontra-se uma fossa cavada na areia, mas pareceu-nos que ela era muito posterior aos outros traços.

No topo do eixo central existe uma espécie de totem com algo que parece uma cabeça e dois braços levantados. Quatro metros mais abaixo dois galhos saem aos lados do eixo e terminam em volutas.

Os dois outros braços do candelabro se afastam do eixo mais ou menos no centro do candelabro, subindo em seguida em ângulo reto e terminam, numa altura menor do totem central, em forma de lagarto ou salamandra.

Dois braços de sustentação — que de fato são duas valetas — parecem firmar os dois braços.

Já disseram que aquilo era uma *árvore da vida*; Eduardo Garcia Monteiro, em seu livro *Código livre dos piratas*, escreveu: "É um sinal deixado pelos filibusteiros para marcar a proximidade dos esconderijos de seus tesouros".

Outros ainda acharam que as "Três Cruzes" foram desenhadas por volta de 1835 por um cura, o padre Guatemala, "entre a ponta Pejerrez e a ilha San Gallan, para que os pescadores da baía de Pisco pudessem vê-la naquelas paragens batidas por ventos furiosos".

Isso, evidentemente, não passa de uma pia mentira, pois o Candelabro já fora visto e descrito há mais de um século antes daquela data.

A época e os autores não podem realmente ser indicados com certeza. A extraordinária conservação daquelas valetas nunca foi estudada por nenhum arqueólogo peruano, e os arqueólogos dos outros países parecem ignorar completamente a existência do Candelabro.

A única observação positiva que podemos fazer a esse respeito é que, além de fenômeno da resistência natural à dispersão, própria das areias muito finas, a colina com o desenho é

protegida dos ventos dominantes em Paracas pela sua orientação e pela sua inclinação.

A KER LAN DE PARACAS

Qual poderia ser o significado daquele grande traçado que, por falta de uma definição mais apropriada, somos obrigados a chamar de “Candelabro dos Andes”?

Descobrimos um outro “candelabro” maior e mais bonito na pampa de Nazca, e que mais se parece com um relicário.

Sem qualquer dúvida os desenhos de Nazca são relacionados com o Candelabro dos Andes, e encontrar uma explicação pelo candelabro ofereceria os dados necessários para resolver o enigma do outro. Um fato parece inegável: a região de Paracas (baía de Pisco) é muito rica em vestígios arqueológicos aos quais deu o nome. A cerâmica de Paracas é famosa no Peru inteiro.

Em Paracas sempre foi encontrada a maior parte das múmias incaicas que estavam em grutas. Sem dúvida deve haver mais, e poderia se dizer por isso que aquela região era especificamente um lugar sagrado, um lugar dedicado às sepulturas, o que os celtas chamavam uma *Ker Lan*, ou seja a *Cidade do Lugar Sagrado*.

Na margem interna da península, que nós visitamos à vontade, e na margem que dá para o oceano (que não fomos ver) só se vêem penhascos escarpados salpicados de fundas cavernas que em parte são entradas de subterrâneos abertos para o Pacífico e em parte vastos labirintos cheios de colunas despedaçadas onde os vagalhões quebram, formando jogos de cores múltiplas.

Nessas grutas foram descobertas as célebres múmias de Paracas; nossa imaginação leva-nos a acreditar — e possivelmente foi assim mesmo que aconteceu — que nessas grutas os piratas e corsários da época dos “comboios da prata” escondiam os tesouros, frutos de seus saques.

Teriam sido os piratas a desenhar aquele candelabro ou tridente para reconhecer facilmente o local de seus esconderijos?

Mas é claro que não!

O candelabro é anterior ao século XVI; só pode ser visto do continente ou da baía, e é completamente invisível do mar aberto onde, logicamente, navegavam os veleiros de bandeira negra.

Há mais, a península de Paracas pode ser facilmente identificada, pois é a única do litoral peruano, e o desenho em forma de tridente com salamandra é muito mais parecido com o estilo dos incas do que com o estilo dos filibusteiros!

O SINAL DE TABU

O candelabro deve ser interpretado como um sinal. Essa é a opinião mais aceita no Peru e também o resultado das conjecturas de nosso amigo Kerlan.

Acreditamos não estarmos muito afastados da verdade afirmando que a península de Paracas está colocada sob a proteção do signo de tabu.

Nas entranhas da colina, os túmulos, as múmias com o ouro e, talvez, tesouros.

Na superfície da colina, o candelabro da vigília e do tabu: um aviso para não violar aquelas paragens!

Essa poderia ser uma explicação bastante satisfatória se pudéssemos aplicá-la também à pampa de Nazca.

Os misteriosos traços que se estendem por uma área imensa, sendo que algumas linhas têm um comprimento de 60 quilômetros, poderiam nesse caso estar assinalando e encobrindo uma gigantesca necrópole, repleta de milhares e milhares de múmias, todas elas providas de seu viático em ouro para o além.

Todo o ouro do Peru... o mais fantástico tesouro do mundo!

As linhas geométricas, os desenhos de figuras, de flores, de animais: lhamas, condores, aranhas e cobras, e de objetos como o relicário de Nazca, poderiam ser epitáfios que se tornaram incompreensíveis, ou então estar marcando a delimitação de áreas para tribos, raças, povos ou gerações.

Talvez o prodigioso tesouro dos incas que Pizzaro e Almagro não conseguiram encontrar, esteja dormindo debaixo das areias douradas de Paracas e da pampa de Nazca.

Os cronistas Cieza de Leon e Garcilaso de la Vega afirmam que este tesouro, mencionado na História e nas lendas, foi ocultado "pelos *Orejones* antes da chegada dos espanhóis, tão logo que os incas compreenderam que os invasores só queriam arrancar suas riquezas".

Mas ocultado onde? A História não menciona o lugar.

Até nossos dias acreditava-se que os esconderijos estavam no planalto entre Cuzco e Machu Pichu, onde vimos alguns

túmulos incaicos ignorados pelos arqueólogos, mas agora seria mais útil que as investigações fossem feitas em proximidade do *Relicário de Nazca* que ressalta na pampa como uma jóia extraordinária, ao centro de um verdadeiro labirinto de linhas paralelas e cruzadas.

Apesar disso, só existe uma pequena possibilidade de encontrar uma necrópole em Nazca, porque os traços são entrecortados por uma comprida trincheira moderna: a rodovia pan-americana. Pelo que se sabe, durante a construção da rodovia não foram feitas descobertas relevantes.

A PAMPA DE NAZCA

Os platôs desérticos de elevação média, entrecortados por vales, se estendem pelo paralelo 15°, entre 73° e 75° de longitude oeste.

Aqui, nesse deserto muito impropriamente apelidado de pampa, podemos ver do ar os misteriosos traçados de Nazca que se espalham por milhares e milhares de hectares.

A pampa de Nazca, vista do avião, parece cheia de pistas para aterrissagem. A linha oblíqua e preta é a rodovia Pan-americana.
Foto do autor.



Se alguém quiser vê-los de perto, aconselhamos a ir em primeiro lugar a Lima, alugar um táxi aéreo e prosseguir seja em direção a Paracas⁽⁴⁾ para ver o Candelabro ou então em direção a Nazca, para observar a pampa deserta.

A grande rodovia pan-americana Pisco-Ica-Nazca (Lima-Valparaíso) passa bem ao centro de todos aqueles desenhos, e bem rente à célebre aranha.

Para um exame mais minucioso precisa ir de táxi de Nazca até o Rio Grande, ou então de Nazca até Palpa.

Essas *Pistas* porém, como são chamados no Peru os traçados e as áreas de areia clara, existem em todos os lugares, de Paracas ao Chile. O melhor sistema para vê-las é sobrevoar a região: dessa maneira será possível descobrir e localizar dezenas e talvez centenas de desenhos ainda desconhecidos.

É recomendável observar um cuidado básico: esses vôos de reconhecimento devem ser feitos *pela manhã*, porque os ventos de Paracas costumam soprar muito violentos na parte da tarde, tornando muito perigosa essa exploração aérea⁽⁵⁾.

Os táxis aéreos podem ser alugados em Lima, mas com um pouco de sorte podem ser encontrados também em Pisco onde existe um aeroporto militar.

TRABALHO DE UM POVO EXTRATERRESTRE

Domingo, 27 de abril, às 11 horas da manhã, nosso pequeno "piper cub", pilotado por um jovem tenente da base aérea, saiu de Pisco em direção sueste.

Estávamos em companhia de nosso guia e amigo Edmond Wertenschlag.

O tenente conhecia perfeitamente a região que costumava sobrevoar diariamente — e foi isso que salvou nossas vidas na volta.

Na saída ele me avisou que a uma vintena de quilômetros de Pisco poderíamos ver desenhos que poucas pessoas imaginavam existir. Estes desenhos são talvez os mais lindos da pampa; entre outras imagens, representam um condor de asas abertas,

(4) Em Paracas existe um magnífico e confortável hotel, mas os europeus poderiam se dar mal por causa dos pernilongos e por causa do cheiro horrível de uma fábrica de adubos por perto.

(5) No domingo, 27 de abril, Luis Astengo Alvizuri, nosso piloto, famoso no Peru e chamado "A Flecha de Ouro", destroçou seu Cessna em Molina, a caminho de Pisco. No mesmo dia, à mesma hora, René Barrientos, presidente da Bolívia, caiu com seu helicóptero em Cochabamba, e dezoito pessoas morreram no acidente de um avião comercial. Foi um dia em que os Andes reclamaram e receberam vítimas em sacrifício. Escapamos por milagre.

e um homem com seu lhama. Filmamos tudo, mas não as fotografamos, pois queríamos tolaemente poupar o filme para fotografar os traços de Nazca.

Depois de uma hora mais ou menos estávamos sobrevoando um vale verde que pensamos ser o do Rio Grande.

É ali que começa a área dos desenhos.

O vale parece uma cobra verde que serpenteia naquela região árida do Peru onde dominam as "pampas", que em realidade não passam de desertos de areias e pedras.

De fato, tudo é um deserto, como a península de Paracas com seu Candelabro.

O que mais impressiona quando a gente sobrevoa Nazca são as imensas "pistas de aterrissagem".

Por que "pistas de aterrissagem"?

Não sabemos dizer por que, mas quando a gente percebe os grandes retângulos e trapézios, com algumas centenas de metros ou alguns quilômetros de lado, e os feixes triangulares em forma de asas⁽⁶⁾ que se destacam claras sobre o terreno mais escuro, é essa a primeira idéia que se apresenta à nossa mente.

Todo aquele deserto é completamente coberto por traços que não deixam nenhuma área livre.

De um horizonte ao outro as linhas, às vezes paralelas, outras vezes divergentes, mas sempre rigorosamente retas, sobem pelas cristas e pelas elevações, despencam pelas ravinas, se cruzam, emaranham-se numa profusão de superfícies claras: retângulos, trapézios, triângulos.

Todas elas são bordadas por uma linha escura que realça os contornos.

Qual é o significado daqueles traços? O cérebro fica cansado de tanto pensar numa explicação: é tudo inútil. Sempre voltamos à primeira impressão irresistível: pistas de aterrissagem, como as de Orly, ou então dos grandes aeroportos de Nova Iorque, Londres ou Tóquio.

Limpas e geométricas, todas aquelas pistas parecem traçadas no escritório de um gigantesco arquiteto, de uma poderosa civilização científica extraterrestre.

Tivemos a impressão de que a imensa página virgem, chata e arenosa da região de Nazca tivesse sido impressa à distância por meio de um "laser" ou de uma projeção fotográfica.

Seria este um traçado que manifesta uma idéia terrestre de mensagem destinada a leitores extraterrestres, ou um balizamento, ou um sistema de sinais deixados por viajantes do es-

(6) Os peruanos chamam essas linhas de "pistas".

paço? Nossa consciência hesita e duvida, mas nosso inconsciente fica dominado por impressões contraditórias entre as quais emergem algumas mais fortes: aeródromos, "cosmódromos", sinais de "laser"... mensagem de uma civilização estelar!

Um racionalista nunca conseguirá admitir que estas impressões refletem uma realidade de fato, mas também nenhum deles, se chegasse até lá, poderia evitar de pensar nas imagens que acabamos de sugerir.

É lógico, por outro lado, que precisamos acreditar que aquelas linhas geométricas entremeadas de desenhos de flores, aves, insetos, deuses e imagens surrealistas, não podem deixar de ser o trabalho de algum povo antigo, possivelmente os incas, que morou nessa região do Peru.

Porém, de maneira igualmente lógica, não podemos acreditar que um povo antigo, especialmente um povo sul-americano, tivesse suficientes conhecimentos técnicos e científicos para elaborar uma obra tão colossal cujo traçado, completamente fora de qualquer dimensão humana, parece muito mais próximo a uma civilização de titãs.

E como poderiam ter sido feitos esses traços? A qual distância no espaço?

Nossa irrefutável lógica obriga-nos a pensar que somente um olho e uma mente afastadas da Terra poderiam garantir aquele traçado perfeito, e isso nos leva a pensar que *o arquiteto estava agindo num helicóptero, num avião ou numa qualquer outra máquina voadora.*

Incoerência, contradição, ciência extraterrestre... Como é que a gente poderá resolver esta charada?

OS DESENHOS SÃO POSTERIORES AS MARCAS

Os desenhos de Nazca não são somente geométricos: existem muitos outros traços também.

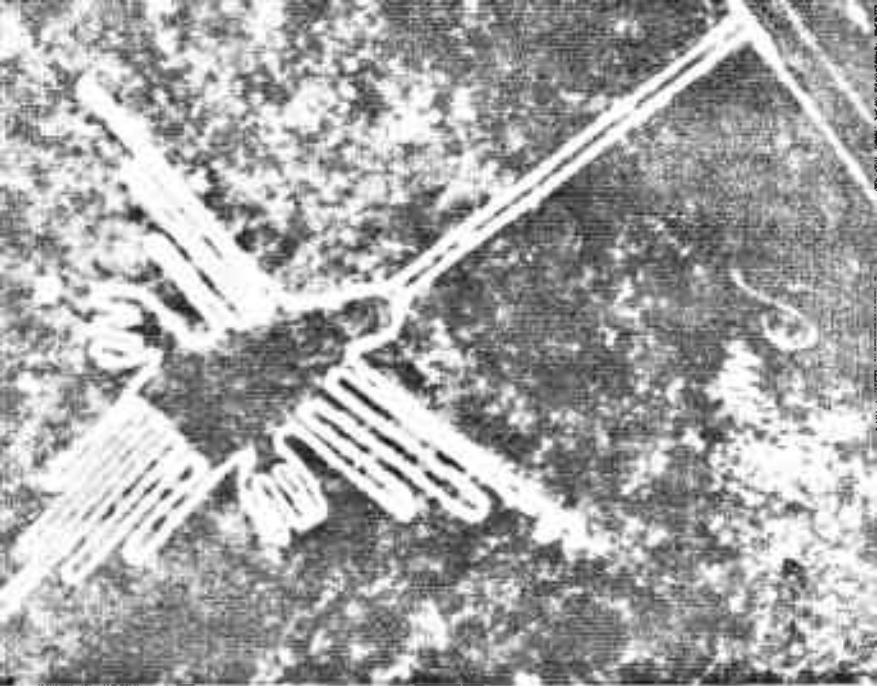
A mais ou menos um quilômetro do vale, à beira da *Panam* (a rodovia pan-americana) está uma aranha de uns cinquenta metros de comprimento (estimativa aproximada).

Dois misteriosos desenhos, entre milhares: o "Condor" com 400 metros de comprimento, e uma aranha, que mede somente 30 metros.

As linhas são rigorosamente geométricas.

Fotos do autor.





Naquela mesma zona podem ser vistos também desenhos misteriosos, "alvos" de sete círculos ou em espiral, um pássaro de bico comprido, com as asas e a cauda largamente abertas.

Num outro lugar, na região de Palpa (Pampa de Huayuri) nas ravinas entre Chesica e Lima, a caminho de Canta, nas ravinas de Puquio, podem ser encontrados, além das obrigatórias "áreas de aterrissagem", pássaros, deuses aureolados, cobras com três cabeças e flores de seis pétalas...

Todos estes desenhos são traçados de maneira extraordinariamente limpa; foram estilizados por espíritos superiores evoluídos e mostram um amadurecimento artístico análogo ao da maior época pictorial francesa: entre o fim do século XIX e o começo do século XX.

Os traçados geométricos levantaram hipóteses fascinantes, mas acreditamos que por enquanto o enigma não foi resolvido.

Existe um importante detalhe, evidente em qualquer exame: *os desenhos são posteriores ao traçado das "áreas de aterrissagem"*, que em parte aparecem apagados e em parte obliterados pelas figuras.

A INCRIVEL VERDADE

Da mesma forma que em Paracas, o terreno na região de Nazca é formado de areia amareia clara, coberta por um véu de cascalho granítico escuro.

Por esse motivo todos os traços ressaltam de maneira extraordinária deixando aparecer a areia ocre que se destaca contra o roxo denso do solo virgem.

Como em Paracas, as linhas são caminhos estreitos ou valetas pouco profundas, debruadas por uma tira em relevo de pedras e areia. Em certos lugares essa tira em relevo já não mais existe, os traçados não passam de rastros misteriosos, como as linhas paralelas encontradas próximas do Candelabro.

Mas, afinal, rastros de que? Feitos de que maneira?

E como é possível que o ocre amarelo da areia continue aparecendo nas *plistas*, nos retângulos e nas asas triangulares, sem ser finalmente coberto pela camada de cascalho granítico roxo que existe em toda a superfície?(7)

(7) O prof. Kosok acha que as pedras escuras das *plistas* foram retiradas, deixando à vista o solo mais claro. Não concordamos com isso: Não são as raríssimas pedras que escurecem o terreno do deserto, mas é a camada de cascalho grosso cor violeta que esconde o amarelo da areia.

E como é possível que todos os traçados, todos os desenhos tenham resistido à ação do vento e das chuvas, apesar das chuvas serem muito raras?

Como em Paracas, nossos olhos constataam o fenômeno: é uma verdade inacreditável.

De fato, os ventos e as tempestades da região de Nazca são tão violentos quanto os do Candelabro dos Andes.

Constatamos isso naquele dia 27 de abril 1969, quando nosso pequeno avião teve que interromper seu vôo de exploração porque estava sendo sacudido excessivamente pela turbulência.

Passamos duas horas dramáticas jogados, arrastados e virados pelo vento. Em Nazca e em Pisco os aeroportos estavam interditados por causa das condições atmosféricas espantosas.

Mais tarde, Yvette Charroux, que tinha ficado no aeroporto em Pisco, disse que a poeira do terreno, levantada pelo vento, obstaculava a visibilidade além de cem metros e que, para não ser jogada ao chão pelas rajadas, ela teve que se proteger atrás da parede do hangar!

Explicamos isso para constatar que enquanto a poeira do aeroporto era levantada e levada pelo vento, ao mesmo tempo e apesar de uma igual intensidade de rajadas, a areia cor de ocre de Nazca ficou perfeitamente imóvel, sem nenhuma perturbação visível.

Acima de Nazca a visibilidade dos traçados se manteve quase que perfeita.

A CHAVE ESTARIA EM VENUS?

Os historiadores e arqueólogos parecem não estar absolutamente interessados nos traçados de Nazca. Somente o senhor Paul Kosok, professor da Universidade de Nova Iorque, examinou o problema, auxiliado pela senhorita Maria Reiche, astrônoma e matemática de Lima.

Os estudos feitos pelo casal levaram às seguintes conclusões:

1. Alguns desenhos lembram a decoração das antigas cerâmicas de Nazca.

2. O conjunto dos traçados apresenta uma organização. Muitas linhas partem de centros que se situam em montículos, em que ainda são visíveis as ruínas de pequenas construções de pedra.

3. Certas linhas estariam formando verdadeiros calendários agrícolas, zodiacais e astronômicos. Indicariam o tempo da sementeira, o surgimento e o tramontar de certas constelações e estrelas, e seguiriam a trajetória de alguns astros⁽⁸⁾. "Trata-se do maior livro de astronomia do mundo", escreveu o prof. Kosok.

4. Os desenhos seriam os símbolos totêmicos de tribos diferentes.

Infelizmente essas explicações não me satisfazem.

Os traçados são, sem nenhuma dúvida, "organizados", no sentido que não parecem ter sido feitos ao acaso. Mostram uma certa exatidão geométrica, mas por outro lado não é possível distinguir neles alguma coerência ou ligação. As *pistas* só excepcionalmente partem de um centro geométrico, e nestes não conseguimos constatar pessoalmente nenhum vestígio de construção.

Seria decepcionante procurar algum motivo astrológico, porque entre milhares e milhares de linhas *que correm em todas as direções possíveis* é bastante fácil encontrar as direções que a gente pretende encontrar!

Também é impossível querer tachar os desenhos de símbolos totêmicos, pois as figuras que poderiam corresponder a tal denominação são uma minoria negligenciável.

As *pistas* e as áreas parecem posteriores ao dilúvio universal (faz 12.000 anos), pois caso contrário teriam ficado apagadas.

Talvez poderiam datar do ano 3000 A.C., isto é, na época em que os Grandes Instrutores Orejona e Viracocha vieram do céu para ficar com os povos pré-incaicos.

Segundo a tradição, estes instrutores, endeusados pelo povo, chegaram do planeta Vênus.

A chave dos mistérios de Nazca e do Candelabro poderia estar em Vênus, antes que o planeta se tornasse um cometa afogueado que em seguida voltou a ser um planeta estável dentro de nosso sistema solar?

Essa hipótese parece-nos muito tentadora.

(8) Essas hipóteses são desprovidas de fundamento. Nem Pizarro e nem os incas mencionaram os traçados, e também não falaram no Candelabro. Era por que não estavam mais na moda, ou por que eram desconhecidos ou por que eram os vestígios de uma religião ou civilização estrangeira e portanto indiferente?

UM CÉREBRO EXTRATERRESTRE

É muito difícil acreditar que a rala, paupérrima e pouco esclarecida população do sul do Peru, poderia ter concebido a página de calendário e as tabelas astronômicas de Nazca.

O esmero e o planejamento daqueles não parecem pertencer à imaginação de um terrestre.

É possível que os autóctones tenham executado a parte técnica da obra, mas acredito que o conceito surgiu num cérebro superior, alheio ao planeta Terra.

Nosso correspondente e amigo Robert Carras, de St. Rambert-d'Albon, acha que os traçados de Nazca sugerem que a Terra poderia ter sido *marcada a fogo*, por parte ou em benefício de viajantes vindos do cosmo.

Seria essa a assinatura de Orejona? pergunta Robert Carras⁽⁹⁾.

Parece esquisito que o senhor Kosok tenha se esquecido de estabelecer um relacionamento entre o que antigamente acontecia na zona de Nazca e o que ainda hoje pode ser visto: os peruanos e os bolivianos do século XX escrevem nas numerosas montanhas do antigo Império dos incas os *slogans*: "Viva el Peru", ou "Viva X e Y", usando para isso:

— Uma espécie de agave que não enraíza, e que eles colocam para formar as letras, que então aparecem escuras sobre um fundo claro;

— Zonas claras de areias, obtidas retirando-se as pedras, que colocam em volta das letras, que então tomam o aspecto de *pistas*.

(9) Robert Charroux: *História Misteriosa dos Homens desde 100.000 anos*, ed. Laffont, cap. III: Tiahuanaco.

CAPÍTULO II

OS MISTÉRIOS DO PARALELO 35.º

Às vezes, os mistérios ocultos que nos cercam se manifestam com certa preferência em alguns lugares, como a querer nos desafiar.

Sabemos que existem certas correntes telúricas que condicionam o terreno e o ambiente dos locais em que “sopram os espíritos”, mas parece que também existem zonas permeadas de estranhas influências, que às vezes podem ser maléficas.

Roger de Lafforest escreveu um livro fascinante⁽¹⁾, examinando estes assuntos e de forma especial as casas em que ele descobriu características geográficas, condicionadas em parte pelas forças que irradiam do subsolo, em parte pela localização, e em parte por uma chuva impalpável que vem do cosmo... por não falar nos próprios materiais da casa, os objetos e os móveis, cuja disposição geométrica pode provocar ondas mais ou menos violentas”.

Todos esses fenômenos são devidos a motivos eletromagnéticos, psíquicos e a irradiações freqüentemente nefastas quando elas se originam nos centros acumuladores de pensamentos doentios.

(1) *Ces Maisons qui tuent*, de Roger de Lafforest, ed. Rob. Laffont.

Mas que diremos a respeito de imensas regiões do globo em que os malefícios acontecem e se avolumam furiosamente como se estivessem em relação direta com os infernos mitológicos?

OS IATES DESAPARECIDOS

Em nosso planeta existem dois lugares influenciados por forças terríveis: as Açores, e a região das ilhas Bahamas, que é conhecida na história do ocultismo pelo nome de "Losango Mágico".

Se podemos acreditar na tradição, as Açores, a 1500 quilômetros a oeste de Portugal, já foram os Campos Elíseos do mundo antediluviano. Ali pulsava o coração feliz da Atlântida, era ali que surgia sua capital reluzente de oricalcos: Poseidônis.

Aconteceu o dilúvio, e em seguida aquela região tornou-se uma arena de acontecimentos esquisitos e, algumas vezes, até trágicos.

É útil fazer um breve resumo que poderá fornecer elementos para estudar o mistério das Açores:

— Nasquelas paragens aparece periodicamente a ilha-fantasma de São Brandão.

— Ali se originam os anticiclones responsáveis pela situação meteorológica da Europa.

— Foi ali que a Atlântida desapareceu no mar 12.000 anos atrás.

— A 500 milhas ao largo das Açores os petréis, aves migratórias transoceânicas, costumam dar voltas sempre no mesmo lugar até desgastar suas energias.

— Em São Miguel das Açores a água ferve em crateras que continuam despejando lava.

— Uma ilha que apareceu em 1954 ligou-se à Fayal.

— Ali também barcos perderam suas tripulações, como se elas tivessem se evaporado misteriosamente.

Cinco iates foram encontrados naquelas paragens desde 1969, com tempo claro e mar tranquilo; em sua maioria estavam em perfeitas condições, mas eram totalmente desprovidos de tripulantes.

Não foi possível encontrar qualquer explicação plausível, e desde então a região das Açores goza entre os navegadores uma reputação meio esquisita.

MARIA-CELESTE, UM BARCO-FANTASMA

Em novembro de 1872, o brigantino *Maria-Celeste* zarpou de Nova Iorque para Gênova, com uma tripulação de doze homens.

O pequeno veleiro foi avistado no dia 2 de dezembro ao largo da Europa, e nada fazia supor que houvesse algo de errado.

No dia 4 de dezembro o veleiro estava procedendo a todo pano, impulsionado por um bom vento de popa, mas assim mesmo o capitão do navio inglês *Dei Gracia* ficou surpreso quando a embarcação menor não respondeu às suas sinalizações.

Quando os ingleses se aproximaram mais, perceberam que não havia ninguém no leme e ninguém no convés, e alguém brincou: — Até que enfim, um navio-fantasma!

Quem falou não imaginava que suas palavras corresponderiam à realidade. Quando, porém, alguns marujos num escaquer se aproximaram do *Maria-Celeste* e subiram a bordo, constataram que faltava toda a tripulação.

Apesar da atmosfera sombria e silenciosa, nada havia para indicar que algum drama tivesse acontecido a bordo. Tudo estava em ordem, e pronto para um bom lanche: a chaleira estava na mesa junto às torradas e ao pote de geléia de laranjas, o convés estava limpo e as cordas devidamente enroladas.

O barco salva-vidas estava em seu lugar, coberto e com as amarras firmes.

Havia um varal com roupas estendidas e a dispensa estava cheia de mantimentos. Os marujos ingleses revistaram os camarotes e a caverna do barco e tiveram que se convencer da realidade: não havia viva alma naquele veleiro!

Era a primeira vez que isso acontecia, à memória de qualquer navegante, e não havia nada que justificasse o fato. É verdade que no mês de novembro o oceano é sempre difícil nas paragens das Açores, mas o mar estava calmo, não tinha acontecido nenhuma tempestade, e um veleiro de dois mastros com uma dúzia de homens a bordo era muito capaz de enfrentar um tempo até violento.

Talvez seja exagerado dizer que não havia viva alma a bordo: havia um gato cinza, muito pavoroso, e esse pormenor pareceu ainda mais inquietante. De fato, quando uma tripulação deve abandonar um navio, é normal levar os animais domésticos, sempre que isso for possível, porque não somente são úteis, mas são os amigos dos tripulantes, e considerados uma espécie de mascotes.

UMA COISA ESTRANHA

O enigma se apresentava sem qualquer possibilidade de solução.

Se a tripulação tivesse que abandonar o veleiro, teria usado o barco salva-vidas; se houvesse um motim, teria-se encontrado indícios de luta ou de desordem; se uma tempestade tivesse colocado o veleiro numa situação crítica, haveria prejuízos e as velas estariam rasgadas...

Os ingleses, porém, descobriram algo que, se não levou a uma explicação, pelo menos canalizou todas as conjeturas para o domínio do desconhecido: o comandante do *Maria-Celeste* tinha anotado no livro de bordo todos os fatos mais banais, assinalando o tempo, mas a última sentença inacabada compunha-se dessas palavras sibilinas: "Está acontecendo uma coisa estranha. . ."

OLHEM SÓ, É A ATLÂNTIDA

Os americanos são adeptos fervorosos do espiritismo e da vidência, e em San Diego, na Califórnia, foi organizada uma sessão, em que um médium fez a seguinte comunicação⁽²⁾:

"Sou a senhora Briggs, esposa do capitão do *Maria-Celeste*. Para interromper a monotonia da navegação, costumava tocar piano a bordo, todos os dias. Quando o brick passou pelas Açores começaram a acontecer fatos estranhos: todas as vezes que eu tocava, uma música ao longe parecia responder aos meus acordes.

Os sons vinham do mar como se existisse um eco marinho, parecido ao que se produz, às vezes, nas montanhas. A tripulação toda ouviu e começou a observar a superfície das águas com visível temor. Alguns homens ficaram tomados pelo pânico e me pediram para não mais tocar.

Tivemos um começo de motim, mas meu marido conseguiu serenar os ânimos. Ele tinha lido muito e acreditava que estávamos velejando na região da antiga Atlântida.

Um dia, observando o mar, ele viu surgir uma espécie de pradaria flutuante, coberta de plantas que não pareciam algas. Uma outra vez me procurou muito agitado e levou-me para o convés para me mostrar uma paisagem de casas ruínas e colunas de mármore lascadas. Acreditei ver uma miragem.

(2) Trecho de *Ponto de Vista — Imagens do Mundo*. N.º 1078 — 21 de fevereiro de 1869 "Estranha Crônica" de Stratton-le-Nimots.

Durante a noite a quilha bateu repetidamente em algo. Quando começou a surgir o dia, o homem que estava de vigia gritou, enquanto o navio parava. Tinha encalhado numa terra desconhecida.

Meu marido exclamou: Olhem só, é a Atlântida que por um milagre está ressurgindo do mar!

Num surto de exaltação coletiva, saímos todos do navio.

A vegetação era extraordinária. Começamos a caminhar cantando, para ver o que descobríamos, e de repente, quando chegamos perto das ruínas de um templo, o terreno desapareceu debaixo de nossos pés, num movimento geológico inverso ao que tinha feito surgir a terra das águas.

O *Maria-Celeste* desencahou e voltou a velejar sozinho e vazio. Todos nós perecemos entre as ondas.”

MIRAGENS OU ILHAS RECÉM-NASCIDAS?

Esta mensagem poderia parecer perfeitamente plausível às pessoas que acreditam nas revelações do Além, se nela não existissem alguns detalhes absurdos.

O início de motim contradiz a ordem que reinava a bordo do *Maria-Celeste*; um veleiro daquele tamanho não pode encalhar a menos que isso não aconteça a uma certa distância da terra firme, e, além do mais, é difícil acreditar que toda a tripulação em peso abandone um navio sem antes lançar a âncora. Finalmente, a descrição da Atlântida, feita pelo médium, é infantil e não convence ninguém.

Não podemos porém excluir de todo que algum fenômeno parecido tenha se passado, sendo o efeito de uma alucinação coletiva ou o resultado de uma loucura contagiosa. Além disso, é possível que realmente alguma terra tenha surgido do oceano.

É claro que não poderia estar coberta de vegetação e nem ter ruínas, a não ser uma miragem da célebre ilha de São Brandão; acontece que de vez em quando, por causa de erupções vulcânicas submarinas, o fundo do mar chega à tona perto das Açores. Tivemos recentemente uma prova disso com a aparição da ilhota que se juntou à já existente ilha Fayal.

É até admissível que a terra emersa tenha voltado a submergir pouco tempo mais tarde, mas precisamos lembrar que as areias e as lavas emersas ao lado de Fayal tinham uma temperatura tão elevada que foi necessário esperar alguns dias antes de poder desembarcar nelas.

Ainda agora naquelas terras novas existem aparelhagens para a medição de temperaturas, mas nenhuma vegetação cresce nelas.

Por essa hipótese, os passageiros do *Maria-Celeste* teriam ficado na absoluta impossibilidade de desembarcar em terra firme.

COINCIDÊNCIAS EXAGERADAS

Um bom número de navios desprovidos de tripulação foram encontrados no paralelo 35º desde o século XIX, sem que por isso a opinião pública ficasse abalada. Em 1969 porém, a repercussão foi muito grande porque aconteceram cinco novos casos, o que levou a opinião pública a achar que as coincidências eram exageradas.

No dia 30 de junho 1969 o navio britânico *Maple Bank* descobriu um iate de vinte metros, não-identificado, que flutuava com a quilha para cima.

Isso não representava um fato extraordinário, mas no dia 4 de julho um outro navio britânico, o *Cotopaxi*, assinalou mais um iate não-identificado que estava procedendo no piloto automático, sem ninguém a bordo.

Dois dias mais tarde um navio liberiano, o *Golar Frost*, encontrou mais um iate fantasma, o *Vagabond*, propriedade do navegador solitário William Wallin. O iate estava vazio.

No dia 8 de julho o petroleiro inglês *Helisoma* encontrou, ainda no paralelo 35º entre as Açores e Portugal, um iate de doze metros vazio e à deriva.

Finalmente, no dia 10 de junho, a imprensa tomou conhecimento dos fatos, dedicando longas reportagens à descoberta do *Teignmouth Electron*, propriedade de mais um navegador solitário, muito famoso: Donald C. Crowhurst.

Cinco iates sem tripulação encontrados em onze dias seguidos nas paragens das Açores, em pleno verão e com tempo ótimo, cinco tragédias sem explicação plausível, é demais até para compiladores otimistas de estatísticas.

FORÇAS OCULTAS BRINCAVAM COM CROWHURST

William Wallin era sem dúvida um navegador muito experimentado, mas Donald Crowhurst estava exatamente à mesma altura.

Podemos porém separar o caso Crowhurst dos outros, pelo fato de que seu livro de bordo foi encontrado com anotações que oferecem uma solução do mistério que porém, após um exame mais atento, demonstra-se fictícia.

Crowhurst, um excelente navegador, estava participando de uma regata em volta ao mundo, organizada pelo jornal inglês *Sunday Times*: era um dos favoritos, mas estava precisando demais ganhar a regata para arriscar-se a perdê-la. Foi talvez por isso que ele armou uma farsa que enganou a imprensa durante muito tempo.

Chegou nas paragens das Açores, a 700 milhas a oeste, no paralelo 35° e ficou ali, sem se mexer muito, mandando à BBC inglesa mensagens pelo rádio, anunciando encontrar-se em lugares diferentes, como por exemplo: "Estou dobrando o cabo Horn... o cabo de Boa Esperança... estou voltando para a Inglaterra..."

Todo mundo acreditou que ele estivesse em primeiro lugar.

No dia 24 de junho 1969, Crowhurst recebeu uma mensagem do *Sunday Time*:

"Encontro previsto nas ilhas Sorlingues... BBC prepara entrevista... reportagem exclusiva para os jornais... editores interessados... prevista chegada triunfal..."

A esse ponto o "célebre navegador" ficou tomado pelo pânico e decidiu não mais responder às mensagens, mas escrever toda a verdade no livro de bordo.

Confessou que seu barco, um trimarão, não se afastara do paralelo 35°, mas acrescentou comentários que deixam transparecer uma grave perturbação mental.

Refere-se a Deus e a um "sistema do mundo" em que um cérebro cósmico o estava espicaçando.

Estaria ele em completo domínio de suas faculdades enquanto permaneceu nas paragens das Açores? Pela sua confissão, que parece sincera, havia forças ocultas que o estavam obrigando a permanecer ali.

No dia 30 de junho escreveu que estava decidido a morrer: "Minha alma agora já está conformada. Entrego meu livro de bordo, a verdade é a única beleza, ninguém deve ou pode fazer mais do que estiver dentro de suas possibilidades. Este é o fim, a verdade já está revelada, encerro meu jogo às 11,50 hs".

No dia 10 de julho o navio *Royal Mail Picardy* encontrou o trimarão e o rebocou.

Crowhurst não estava mais a bordo, mas seu cadáver nunca foi encontrado.

Existem informações que afirmam que o navegador inglês estaria vivo e que foi visto na Inglaterra, mas na realidade seu desaparecimento continua envolvido no mistério.

A COISA ESTRANHA QUE LEVA À LOUCURA

Esses foram os misteriosos acontecimentos de julho 1969 no paralelo 35°.

Tudo poderia ser bem compreensível, a respeito de Crowhurst, se não existissem em seu livro de bordo algumas linhas que deixam a questão em aberto: o que foi mesmo que ele pretendeu dizer falando num *sistema do mundo em que um cérebro cósmico o estava espicaçando?*

Seria essa uma sentença sem sentido de um homem cujo espírito estava perturbado?

É possível. Mas também o comandante do *Maria-Celeste* parece que ficou perturbado por uma *coisa estranha*, e mais adiante veremos que outra *coisa estranha* afetava o raciocínio dos pilotos no "Losango Mágico", nas Bahamas.

O mistério do paralelo 35° parece insolúvel por falta de explicações lógicas, e por isso teremos que experimentar o irracional.

Nenhum corpo foi achado, jamais, e isso leva-nos a pensar que eles não caíram no mar, a menos que não tivessem um lastro de chumbo ou que tivesse por perto um cardume de tubarões.

Poderia tratar-se de um seqüestro? É difícil acreditar nessa possibilidade.

O único ponto evidente do inquérito é que o desaparecimento aconteceu em condições *estranhas*.

Deve portanto ter acontecido algo, cuja origem estava no céu, ou então nas águas, e no primeiro caso lembramo-nos das lendas a respeito de Extraterrestres que prelevam "mostruários" da fauna e da flora do globo terrestre.

Trata-se de lendas, sem dúvida, mas e que tal se fosse essa a *coisa estranha* mencionada pelo comandante Briggs?

Por outro lado, se essa estranheza toda vinha do mar, por que não faríamos uma aproximação com a Atlântida, as súbitas aparições de ilhas vulcânicas ou então a miragem da ilha de São Brandão?

Essas explicações não parecem ainda satisfatórias? Ou talvez, não são suficientemente irracionais?

A MAGIA DOS SÁBIOS

Teria acontecido algum milagre? Um passe de mágica? Dessa forma podemos especular muito mais à vontade e muito mais de acordo com a atmosfera de dramas e mistérios.

Acontece porém que no século XX a magia perdeu suas aparências enganosas e ininteligíveis. Seria até melhor dizer que elas transmutaram-se, porque ainda existem todos os acessórios, desde o capuz dos bruxos até a varinha de condão cintilante das fadas.

Essa nova magia transformou-se na ciência do fantástico, da mesma forma que o Além encantado virou o *Universo Paralelo*.

Os homens de nossos dias enrubesceriam se fossem acusados de acreditar nos magos, nos espíritos, nos fantasmas, mas aceitam perfeitamente acreditar num mundo diferente, governado por dimensões desconhecidas.

Examinando muito a fundo, poderíamos descobrir rapidamente a linha muito estreita que separa a superstição da crença, o mundo do Além do Graal universal em quatro ou cinco dimensões, os novelistas inspirados dos físicos de vanguarda.

Se nos casos das Açores houve magia, é necessário introduzir novas noções científicas num problema que não pode ser resolvido pelas matemáticas convencionais.

É razoável acreditar que algumas partes do globo são o teatro de operações de fenômenos desse tipo?

Para usarmos a expressão de Crowhurst, é possível que um "cérebro cósmico" esteja se divertindo à custa das criaturas humanas?

O tema das religiões parece ter uma tendência a se tornar tema da ciência, mas num nível aparentemente superior.

De fato, o mistério das Açores começa a se dissolver se admitirmos que as tripulações desapareceram de nosso mundo tangível para entrar num universo paralelo, regido por dimensões por nós desconhecidas.

CAPÍTULO III

O LOSANGO MÁGICO

O mistério do paralelo 35° parece ter um eco nos desaparecimentos estranhos que acontecem mais a oeste, no paralelo 30°.

A área em losango contida entre a Flórida, as Bermudas, Porto Rico e a Jamaica foi apelidado pelos americanos de "sky-trap" (armadilha celeste) e pelos Europeus, *Losango Mágico*, ou "Triângulo da Morte".

Nessas paragens as tripulações desaparecem, mas desaparecem também as embarcações, e sem deixar algum rastro, o que torna o problema ainda mais complexo.

É um fato que em qualquer mar do mundo existem navios que desaparecem entre as ondas, e nada se acha deles, por causa da distância e da solidão daqueles lugares, mas o *Losango Mágico* está bem no centro de um mar muito freqüentado, e acontece que não só os navios, mas até os aviões somem sem deixar o menor vestígio.

CINCO BOMBARDEIROS DESAPARECIDOS

A revista soviética "Técnica e Mocidade" e o escritor George Langelaan em seu livro *Les Faits Maudits* relataram os esquisitos desaparecimentos verificados desde 1945.

Vou repeti-los aqui da mesma forma em que apareceram na imprensa.

A 5 de dezembro de 1945, as 15,45 hs., cinco bombardeiros-torpedeiros *Avenger*, aviões militares americanos, decolaram da base de Fort Lauderdale, na Flórida, para um vôo de rotina, como os pilotos costumam fazer todas as semanas.

As condições atmosféricas eram favoráveis: mar calmo e céu limpo.

Às 15,45 hs., quando os aviões já estavam voltando, os técnicos da base perceberam que eles não estavam observando as costumeiras manobras de aproximação.

A torre de controle recebeu uma mensagem esquisita: "Não estamos vendo a terra e não sabemos onde estamos".

Começou então um diálogo em que os pilotos dos *Avenger* diziam coisas incoerentes.

Em Fort Lauderdale todo mundo ficou estupefato, pensando que as tripulações tinham ficado loucas.

Apesar disso os pilotos não pareciam preocupados com a situação, o que era bastante incompreensível, e começaram a conversar de um avião para o outro, fazendo perguntas absurdas que não deixavam nenhuma dúvida a respeito da perturbação de seus espíritos.

Eles não comunicaram suas posições, talvez não conseguissem, e pareciam não compreender quando foram interrogados a respeito: por causa disso não foi possível localizá-los por radiogoniometria.

O MAR É ESQUISITO

Na base sabia-se que os bombardeiros estavam nas proximidades da Flórida, entre as Bahamas e as Bermudas, quer dizer, dentro do *Losango Mágico* que naquela época ainda não ganhara seu apelido.

16,25 hs.: chegou a última mensagem, bastante compreensível por sinal: "Não sabemos onde estamos, o mar é esquisito, muito esquisito... (1) acreditamos estar a 225 milhas a nordeste de nossa base..."

Essa posição corresponde a uma zona entre Miami e as Bermudas.

(1) No navio *Maria-Celeste*, encontrado vazio nas proximidades das Açores, havia no livro de bordo uma sentença parecida: "Acontece uma coisa estranha..."

As comunicações ficaram interrompidas, era claro que a bordo dos aviões tinha se passado algo dramático. Nenhum deles respondeu aos apelos.

Um grande hidroavião, *Martin*, foi despachado imediatamente em direção nordeste com treze homens especializados em socorro no mar a bordo e o avião ficou em comunicação com a base.

Dez minutos mais tarde as comunicações foram brusca-mente interrompidas: o hidroavião *Martin* desapareceu.

Houve então um alerta geral em todas as bases da Virgí-
nia: um porta-aviões que se encontrava próximo da área man-
dou seus aviões à procura do grupo de bombardeiros e do
hidroavião.

Dezenas de aviões começaram a cruzar sobre o *Losango
Mágico*, entre Miami, as Bahamas e as Bermudas, junto a mais
de duzentos barcos de pesca, passeio e vasos de guerra.

O mar foi esquadrihado, vasculhado, mas nenhum dos seis
aviões perdidos foi encontrado.

O tempo continuou bom, o vento normal, e ninguém con-
seguiu entender nada.

A esse ponto surgem algumas perguntas: como é possível
que pilotos experientes, que já tinham efetuado esses vôos de
rotina, puderam desaparecer? Por que não lançaram um SOS?
Por que pareciam perturbados e desprovidos de bom senso nor-
mal, ao ponto de não tomar nenhuma das medidas que são roti-
neiras em caso de acidente?

Não existe resposta para todas essas perguntas.

Poderiam os aviões ter-se atirado à água sem que os ho-
mens tivessem o tempo de usar seus pára-quadras? É possível,
tanto assim que não foi encontrado nenhum resto deles.

O relatório do Almirantado americano foi lacônico e ho-
nesto: "Não sabemos absolutamente o que aconteceu no dia
5 de dezembro de 1945".

UM BURACO NO MAR

A partir de 1948 os desaparecimentos no *Losango Mágico*
começaram a se avolumar. Aqui está a lista:

— Em 29 de janeiro, o *Star Tiger* que chegava de Londres
com 40 pessoas.

— Em 20 de dezembro: um *Douglas IV* da linha San Juan
de Porto Rico — Miami. Na última comunicação deu sua posi-
ção a pouca distância da Flórida. Não houve SOS.

— Em 17 de janeiro 1949 — o quadrimotor *Ariel*, avião de transporte da BSAA, que das Bermudas ia à Jamaica com 17 homens a bordo.

— Em 28 de agosto 1949: — dois aviões de reabastecimento.

— Em fevereiro de 1963 — o petroleiro americano *Marin Soulfour Queen*.

— Em julho 1963: o pesqueiro *Snow Boy*.

Os aviões e os dois navios desapareceram por completo. Somente foram encontrados destroços dos dois aviões de reabastecimento desaparecidos em agosto de 1949, mas assim mesmo longe de sua rota regular, e a uma distância de 1.000 milhas um do outro.

Por que teriam saído da rota? Mistério!

As estatísticas de Lloyd's de Londres para os anos entre 1929 e 1954 (com exceção dos anos de guerra) mostram que 222 navios desapareceram em todos os mares do mundo, e especialmente no Pacífico, sem deixar nenhum vestígio.

Poucos são os desaparecimentos no Atlântico Norte. Acontece que o *Losango Mágico* não somente se encontra no Atlântico Norte, mas também numa das zonas mais freqüentadas, ou seja, entre os Estados Unidos de um lado, com a ponta de Miami, e Cuba, Haiti, a República Dominicana e as ilhas do Caribe do outro, onde todos os dias circulam dezenas de aviões e centenas de navios.

Como então foi possível que dois navios se volatilizassem?

No paralelo 35°, perto das Açores, os navios se encontram, mas ficam sumidas as tripulações; no paralelo 30°, no *Losango Mágico*, os navios e aviões também somem sem deixar o menor vestígio.

Mais uma constatação: em ambas as zonas nunca se encontra uma testemunha que possa dar uma explicação.

Podemos deduzir que nas proximidades das Açores os objetos materiais podem continuar existindo, mas assim não é para os homens. Parece que não podem sobrar testemunhas.

É como se existisse uma vontade de suprimir qualquer explicação falada dos acontecimentos.

Achamos que podemos deduzir que em certas ocasiões no *Losango Mágico* e nas Açores acontecem fenômenos muito esquisitos que devem continuar sendo ignorados pelos habitantes do planeta!

Poderíamos então presumir que seres estranhos à nossa civilização vivem naquelas zonas, tendo bases secretas submarinas, sem dúvida a grandes profundezas?

É uma hipótese fantástica, que porém surge por causa de acontecimentos que não são menos fantásticos.

PASSAGEM PARA A QUARTA DIMENSÃO

Já foram tentadas outras explicações também inacreditáveis: comandos de piratas modernos... e, além disso, por que não? — uma passagem da terceira à quarta dimensão, como no *Philadelphia Experiment* ou então numa tira de Moebius⁽²⁾.

Poderia existir uma defasagem no tempo? Os pilotos e os marujos, por intermédio de um fenômeno desconhecido, poderiam ter sido separados de sua época, caindo num tempo futuro ou voltando para um tempo passado?

Poderiam eles ter desaparecido num buraco do céu ou num buraco do mar, ou seja, num universo paralelo, onde os navios e os aviões estariam balouçando?

UM BURACO NO UNIVERSO

Uma tese do engenheiro Jean Eichler fornece uma certa base a essa suposição fantástica⁽³⁾.

Apresentamo-la em toda sua austeridade e em toda sua audácia:

“O espaço dentro de uma galáxia não é o espaço axioma absoluto, é o ambiente engendrador de mundos em três dimensões.

O espaço axioma absoluto é o “vazio” povoado por uma grande condensação de partículas elementares praticamente imateriais, de dimensões incluídas entre 10^{60} e 10^{80} centímetros, que corresponde ao “ambiente ou nível profundo e oculto” que os físicos de Broglie, Bohr e Vigier chamam de *o nível subquântico*.

A disposição do nível subquântico produz as partículas atômicas; os movimentos de grande envergadura produzem as estrelas e os planetas.

Movimentos ainda mais amplos produzem formações de nebulosas e de galáxias.

O espaço axioma absoluto, ou subespaço, é o ambiente subjacente aos gravitons que de certa maneira flutuam nele.

(2) *O Livro do Misterioso Desconhecido*, cap. II.

(3) Jean Eichler: *Espace et Gravitation*, e *Le Plenum Energétique*, ed. por “Cercle de Physique Alexandre Dufour”. Paris.

Um corpo material nunca entra em contato com o vazio absoluto, mas repousa dentro do gás de gravitons, como um grãozinho de poeira pousa no ar.

Se suprimimos o ar, o grãozinho de poeira cai.

Da mesma forma, se o ambiente subquântico de enchimento é suprimido, a matéria "cai" no vazio (evidentemente, isso só é um modo de dizer).

É isso que acontece no caso de um desmoronamento gravífico, quando toda a matéria constitutiva de uma estrela desmorona sobre si mesma, e depois desaparece efetiva e completamente do espaço tridimensional (invisibilidade).

Mas para cair onde?

Talvez num ambiente em que não existe distância ou tempo, ou seja num outro universo.

Nesse caso, pode-se pensar que a matéria pode resurgir num outro ponto do espaço tridimensional, após uma ausência nula de tempo e após ter percorrido uma distância nula (materialização).

Jean Eichler pensa que em caso de circunstâncias excepcionais ou de perturbações de natureza desconhecida, o ambiente subquântico pode se "rasgar" localmente, mesmo em nosso universo, de maneira que a matéria que fique atraída pelo torvelinho desapareça de repente, ou apareça de repente, do nada ou subespaço.

Poderíamos quase acreditar que o ambiente subquântico produziu um torvelinho em forma de fita de Moebius!

O PAÍS ONDE O TEMPO PAROU

O professor Todericiu formulou algumas hipóteses a respeito do *Losango Mágico*: a origem do mistério parece ser muito antiga. Elieno em suas *Historiae variae* (Histórias várias), cheias de fábulas ridículas que, porém, contêm detalhes curiosos e revelam alguns fatos autênticos, falou também a esse respeito.

O trecho foi traduzido em 1772 por Dacier.

Em seu terceiro volume, capítulo XVIII, Elieno contou o seguinte: durante uma conversa muito comentada com Sileno, Midas o Frígio, fez uma alusão à América (um país além do grande oceano).

Disse que perto da cidade de Anoston existiam dois rios, o da alegria e o da tristeza, e que entre esses dois rios, numa

certa região do mar, o homem esquece tudo o que já fez e entra numa nova dimensão de tempo.

É extraordinariamente curioso que Elieno fale na América e indique um lugar onde o homem esquece todo seu passado! Terá que esquecer também todos os seus conhecimentos e se tornar muito moço.

Então, o homem desaparece vivendo seu tempo em sentido inverso.

É uma das primeiras alusões a uma quarta dimensão, e o local situa-se mais ou menos na zona do *Losango Mágico*.

Pelos relatos do Graal, no reino do Rei Bran, situado na extremidade ocidental do país dos celtas, além do Mar Tenebroso e das brumas, vivia a rainha Rianon, que quando falava criava uma atmosfera mágica, tanto assim que na corte dela o tempo parava.

Daí, na época de Elieno (século II D.C.) e na lenda do Graal (Idade Média) já se acreditava numa América pré-Colombiana e no país dos Tertres, isto é, num vasto continente que existia além dos mares. E sabia-se também que havia um lugar e um reino onde os homens, sem ter consciência disso, entravam num universo paralelo.

Essas tradições merecem ser levadas em consideração.

A verdade fantástica somente pode se ocultar atrás de uma explicação de igual nível.

UMA ZONA MÁGICA

O meridiano 35° nos arredores das Açores segue o traçado da dorsal atlântica, que é uma enorme fratura que da Islândia chega até à Antártida.

Os dois lábios daquela matriz se encontram em contínuo movimento regurgitando as entranhas terrestres como em cima de um duplo tapete rolante, de uma parte em direção à África e do outro lado em direção à América: os fondais marinhos vomitam a Atlântida na altura do paralelo 35°.

Nas proximidades das Bahamas temos o mar dos Sargaços, um verdadeiro cemitério onde se reúnem as carcaças dos navios que flutuam entre as águas junto aos outros destroços dos naufrágios.

Por uma estranha coincidência, a tradição situa a Atlântida entre as Açores e as Bahamas.

As particularidades atmosféricas também são bastante estranhas: os ciclones nascem no *Losango Mágico* e as altas pressões das Açores influenciam o clima de toda Europa.

É muito provável que o campo magnético terrestre daqueles lugares tenha uma excepcional intensidade. Entre o mar e o céu devem acontecer interações de caráter elétrico, por enquanto desconhecidas, por serem muito raras, mas que talvez sejam capazes de criar fenômenos fantásticos, e talvez trazer uma solução do mistério que está nos perturbando.

Os cientistas do Instituto de Química Max-Planck, em Mayence, descobriram um teor anormal de protóxido de azoto (gás hilariante) pelos lados da Islândia e das ilhas Faroé.

Opinaram que possivelmente os oceanos possuem uma espécie de metabolismo e uma fase deste, o catabolismo, poderia provocar reações químicas relacionadas à degradação orgânica.

Este processo químico seria especialmente intenso na zona dos movimentos onde se concentram e se depositam os refugos dos oceanos. Seria esse o caso do paralelo 35º, o ventre do oceano Atlântico com seu mar dos Sargaços.

Em certas épocas devem estar se produzindo composições químicas desconhecidas que teriam o efeito dos gases bélicos que anulam a vontade e o sentido de direção, ou que então provocam visões e fantasmas que podem levar os marujos e os pilotos a se iludirem.

Um tal fenômeno químico pode parcialmente explicar os mistérios: os pilotos e os marujos que enlouquecem, que se jogam ao mar, talvez impulsionados por misteriosas forças ocultas...

Tudo isso poderia ser uma muito satisfatória solução do problema se explicasse também o que acontece com os navios que se evaporam dentro do *Losango Mágico*. Mas, evidentemente, não é o caso!

Assim o enigma continua, desafiando a ciência dos racionalistas e a sagacidade dos que acreditam no Misterioso Desconhecido.

ANCESTRAIS SUPERIORES

CAPÍTULO IV

I — NOSSOS ANCESTRAIS NÃO ERAM MACACOS

Um dos mais extraordinários fenômenos da história das ciências é o da “pré-história francesa”, com suas invenções a respeito da era das cavernas, das idades do bronze e do ferro, da pedra polida e outras ninharias do mesmo quilate.

Não está em nossas intenções querer forjar a qualquer custo uma pré-história maravilhosa, mas desejamos adaptar nossas teses às leis do raciocínio, às regras científicas da descoberta, dos indícios, dos documentos e à plausibilidade da conquista e da herança das tradições.

Essa forma razoável de estudo leva-nos não à conclusão de que nossos antepassados eram macacos, mas, muito pelo contrário, de que eram homens superiores.

NÃO HÁ NADA DE NOVO DEBAIXO DO SOL

A humanidade está apenas engatinhando no caminho do conhecimento. Mal sabemos a décima parte do que nossos filhos saberão no ano 2000.

Isso por acaso significa que nossa espécie partiu de zero?

De forma alguma. Nossos antepassados que tinham extraordinários conhecimentos de astronomia (os egípcios), que conheciam a teoria atômica (Leucippes), a cosmogênese (Moisés), a fusão dos metais etc. tinham herdado esses conhecimentos de alguém que possuía uma ciência maior do que a deles.

O professor inglês Frederick Soddy, prêmio Nobel de química em 1921, dizia:

“Encontramos, nas tradições, justificativas para acreditar em raças humanas hoje desaparecidas que não somente tinham atingido o nível de nossos próprios conhecimentos, mas também poderes que ainda não possuímos”.

É a mesma opinião do professor soviético J. B. Fedorov, doutor em ciências, que acredita que todas as civilizações do globo foram engendradas por uma civilização-mãe desconhecida, que desapareceu nos oceanos ou no cosmo.

Antes mesmo de nossos tempos o mundo dos antigos tinha a certeza de que Antepassados Superiores tinham-nos precedido nesse globo.

“Os chineses mencionam um mundo anterior ao nosso, cuja duração eles calculam ter sido de vários *leques*, cada um de 100.000 anos.

As tradições chinesas e as tradições hindus mencionam um império tragado pelas águas — o Continente de Mu — e no ocidente foram encontradas as provas da existência da Atlântida.

Por acaso alguém poderia pensar que o símbolo do caduceu dos médicos, formado por duas cobras enroladas em volta de uma verga, foi escolhido por mero acaso?

Afinal, já que o médico tem a tarefa de conservar a vida, seu caduceu evoca de maneira irresistível a imagem da molécula de ADN, mensageira da vida, e que é representada como uma dupla hélice enrolada em volta de um eixo.

O espermatozóide também tem a forma em espiral e avança como uma hélice para trazer a vida; o progresso de nosso sistema solar é um progresso em espiral, que nos leva da nebulosa original à aglomeração de Hércules, onde um dia vai se amalgamar.

É a “serpente em hélice” de Sanchoniathon, que representa a luz e a vida não se parece também com o caduceu?

Esse símbolo que aparece pela primeira vez entre os antigos egípcios lhes fora entregue, diziam eles, pelos Iniciadores divinos, criadores de toda a vida sobre a Terra.

Está escrito no *Eclesiaste* (250 anos antes de Cristo) capítulo I⁽¹⁾:

- [9] "O que foi, e o que será; o que foi feito, e o que será feito: não existe nada de novo debaixo do sol!
- [10] Existe tal coisa, da qual gostaríamos de dizer: Vejam, isso é novo!
Assim mesmo, essa coisa já existiu nos Tempos que nos precederam.
- [11] Não existe nenhuma recordação dos antigos; da mesma forma, nenhuma lembrança de seus mais recentes sucessores ficará com aqueles que chegarão mais tarde".

O HOMEM ESTÁ EM REGRESSÃO?

Não seria lógico aceitar as teses clássicas dos pré-historiadores antigos e de certos arqueólogos por dois motivos:

1. A história do mundo e das civilizações está fundamentalmente condicionada pelos cataclismas que periodicamente sacodem o globo⁽²⁾.
2. Não é absolutamente evidente, *muito pelo contrário*, que as civilizações estejam progredindo. Com referência ao volume do crânio dos homens de Neandertal (1.600 cm³), à história conhecida dos delfins e dos macacos, e até à história dos ancestrais segundo as tradições, nossa espécie humana está possivelmente em regressão.

Se aceitarmos a tradução das tabuletas de argila, os sacerdotes da Babilônia tinham aprendido seus conhecimentos dos Iniciadores gigantes que vieram para a Terra após o Dilúvio.

Por outro lado precisamos levar em conta dois fenômenos de extraordinária importância com respeito aos estudos de arqueologia e pré-história:

- A civilização dos afastados: na mesma época da civilização dos mísseis espaciais ainda existe uma civilização da pedra lascada (nos lugares mais afastados).

(1) Da Bíblia dos Rabinos franceses.

(2) *O Império do Arco-íris*, do padre Pierre Ferrond, missionário no Peru, e de Jacques Hella, ed. Rhodaniques, 1963, Suíça. Um livro de enorme importância para conhecer a civilização dos Incas.

No dia 20 de julho 1969, na mesma hora em que os Terrestres pela primeira vez pousavam os pés na Lua, nas fronteiras da Colômbia foi descoberta uma tribo desconhecida cujos costumes eram da idade da pedra.

- As locações insólitas: objetos que mudaram de lugar por vários motivos e que são encontrados em locais onde não deveriam estar, podem levar a deduções falsas.

Por exemplo: Chapas de marfim chinesas encontradas durante escavações na Irlanda; uma estatuinha sumeriana encontrada entre as areias do Marrocos⁽³⁾.

Após estabelecermos esses elementos resumidos, mas essenciais, podemos agora desferir o golpe mortal às elucubrações dos pré-historiadores do *Musée de l'Homme* e da *Société Pré-historique Française*.

ELES LAVRAVAM O BRONZE... SEM SER SEUS INVENTORES!

A "idade da pedra antiga" ou paleolítica indica aproximativamente o décimo milênio antes de nossa era. O *Grande Atlas Mundial do Reader's Digest*, composto com a colaboração de todas as grandes Escolas, das Academias e dos Serviços Oficiais do mundo inteiro e também da UNESCO, publica à pág. 148:

"O período paleolítico superior perdura mais ou menos de 35.000 a 8.000 anos antes de nossa era... Seguem o mesolítico e o neolítico... os machados são de pedra polida... Na Europa ocidental a idade do cobre se localiza em volta de 2.500 anos, a idade do bronze por volta de 2.000 anos atrás. O uso do ferro começou com os hititas, aproximadamente 1.500 anos antes de Cristo".

Vocês entenderam direito: os autores das Vedas, os lingüistas, os literatos do sânscrito indo-europeu, os construtores dos templos do Egito, os escultores das pedras de Palenque no México e da Porta do Sol na Bolívia, não conheciam o ferro, nem o bronze, nem o cobre!

Eles construíram as pirâmides, cortaram as pedras de Abydos, de Carnac e de Luxor com buris e martelos de madeira ou de pedra!

(3) A estatuinha possivelmente pertenceu ao Glaoui. No Marrocos ainda devem existir coleções sumerianas e egípcias escondidas, originárias da coleção particular do Glaoui.

Os homens vestidos, gravados nos seixos de Lussac-les-Chateaux (seqüestrados no Musée de l'Homme, em Paris), não conheciam o ferro nem em forma de meteoros, e os pintores dos afrescos de Montignac-Lascaux também partilhavam da mesma ignorância!

Há coisas mais estranhas ainda: os inúmeros povos da Ásia e da Europa, de Lepenski-Vir e de Chatal-Huyuk, os do norte da Europa, em cujos túmulos foram encontrados objetos de bronze, de ouro, e de cobre... sim, é isso mesmo! *Esses produtores de objetos de bronze de 10.000 anos atrás desconheciam o bronze!* Quem disser o contrário, quem mostrar o que é evidente, não passa de um herege!

Mas em se falando de Ancestrais Superiores, o âmago do problema é a controvertida origem do homem.

— Descendemos de macacos, ou pelo menos de animais parecidos ao gibão e ao orangotango... isso é o que nos ensina nossa pré-história oficial!

NÃO SOMOS DESCENDENTES DE MACACOS

Não pretendemos discutir o fato de que alguns de nossos contemporâneos pretendem descender de macacos, aliás, num certo sentido, estamos dispostos a acreditá-lo!

Isso porém não se aplica a Einstein, a Pierre Curie, a Rodin, a Pasteur, a Descartes, a Rabelais, a Platão, a Pitágoras, nem a Leucippes, nem a Buda, nem aos celtas, nem aos nossos antepassados hiperbóreos, nem aos sábios que escreveram as Vedas e a Avesta, que sabiam que a Terra era redonda, que o universo era constituído de átomos, que certos planetas eram habitados, que conheciam as aeronaves interplanetárias, o ciclo rotativo de Vênus, o segredo da bomba atômica, o de cortar e fundir as pedras e como transportar blocos talhados que pesavam milhares de toneladas!

Isso não se aplica aos nossos ancestrais que possivelmente se valiam de um idioma universal e que nos deixaram sinais gravados, símbolos e monumentos que provam seus altíssimos conhecimentos⁽⁴⁾.

Os atlantes poderiam ser um povo do neolítico? E que tal os homens que construíram Thula, Cuicuilco (México) e Áby-

(4) Os homens civilizados do século XX (XII milênio após o Dilúvio) ainda não se lembraram de deixar gravada no sílice ou em qualquer outro material durável (mas nenhum vale tanto quanto o sílice) uma prova de sua alta cultura. Se acontecesse algum cataclisma nada sobraria de nossa civilização a não ser as coleções de pedras em nossos museus.

dos enquanto os pastores de Sumer não sabiam ainda fabricar um prato? Será que moravam nas árvores ou nas cavernas?

Homem nenhum de bom senso e boa vontade poderia dar o menor crédito a tão absurdas divagações.

É um fato: os "pré-historiadores" oficiam, imperam e pontificam nas Universidades, no Musée de l'Homme, no instituto, na Academia e nas reuniões secretas onde armam suas conspirações, mas as portas do futuro lhes são irremissivelmente fechadas.

Os espíritos livres rebelam-se contra os espíritos limitados, a verdade derruba a barreira da ignorância e do facciosismo político-religioso.

O danado mundo antigo está desmoronando pelo peso de seus próprios crimes, pelas exigências, pela burrice e pela opressão. A Igreja católica está se desgastando em todos os lugares, os protestantes irlandeses estão massacrando os católicos e queimando suas casas como acontecia no auge das guerras religiosas, os bonzos atacam a guerra no Vietnã, os comunistas ateus escravizam os países do Leste, o racismo viceja nos Estados Unidos e na África do Sul...

Jamais descendentes de macacos poderiam ter imaginado, inventado e estabelecido uma civilização tão sectária, com um Deus tão parecido com o Diabo!

O HOMEM É UM EXTRATERRESTRE

A gênese do homem realmente é um mistério, mas pela lógica e pelo raciocínio ela deve ter começado desde bilhões de bilhões de anos atrás.

Considerando que o universo existe desde a eternidade, ou pelo menos desde um número infinito de bilhões de anos, seria realmente insensato acreditar que o processo da evolução tenha levado períodos imensos sem a aparição do homem, somente para reservar esse privilégio à nossa última porçãozinha de milhões de anos — que equivalem a um segundo na escala do tempo!

Isso seria arbitrário, além de conferir à nossa espécie uma importância recusada pelo nosso raciocínio.

Os pré-historiadores clássicos, porém, são a favor dessa tese inaceitável, e mais do que isso, eles pretendem e insistem que o homem é uma criatura essencialmente terrestre.

Como se, desde o grande Começo, outros milhares ou milhões de planetas não estivessem na condição de também poder engendrar a espécie humana!

Por uma questão de lógica precisamos então admitir que nossa criação aconteceu num tempo incalculável e que o primeiro homem foi provavelmente um extraterrestre, ou seja, alguém nascido fora da Terra (pois ela ainda não existia).

É perfeitamente plausível admitirmos que nosso globo tenha engendrado também um autóctone, após 5 ou 10 bilhões de anos de vida planetária.

Essa hipótese porém não exclui absolutamente a outra, a de uma gênese extraplanetária, e também não exclui uma hibridação entre os autóctones terrestres e os povos do espaço, esses anjos mencionados na Bíblia, ou esses Iniciadores presentes em todas as Mitologias.

UMA HIPÓTESE MARAVILHOSA

Seria realmente um crime imperdoável ensinar que o homem descende do macaco — mas os pré-historiadores o cometem.

A bem da verdade, essa gênese pertence ao domínio das possibilidades, *apesar que ainda ninguém tenha achado os elos de conjunção* que provam nossa descendência do macaco: mas mesmo que alguém os achasse, não teríamos dado um passo à frente e também não poderíamos nos considerar mais satisfeitos!

Então, o homem descende do macaco? Vamos admitir essa hipótese: e nossa história ficaria parada por uma consideração pouco agradável e que não traria outro benefício a não ser o de comprovar a teoria darwiniana a respeito da evolução. Que beleza!

Por outro lado, uma segunda hipótese muito mais plausível e muito mais edificante leva-nos a acreditar que o homem terrestre teve Ancestrais Superiores.

Nesse caso, a aventura humana torna-se prodigiosa, fecunda, exaltadora!

Se antes de nós já existiram outros homens antediluvianos, ou ao pé da letra, ante-pré-históricos, ainda poderemos descobrir coisas fascinantes.

Como viviam? Onde eram suas cidades? Cometeram eles o mesmo pecado de orgulho científico que nós estamos cometendo agora? Sentimo-nos tentados a acreditá-lo!

A Atlântida, a Terra de Mu, não são sonhos de espiritualistas, mas realidades de uma época misteriosa que deixou rastros convincentes, além de sentirmos a saudade delas em nossos cromossomos-memória.

Os atlantes, os hiperbóreos seriam, nesse sentido, nossos ancestrais diretos: os magos de uma civilização impulsionada pela energia elétrica, com ondas direcionais, com o átomo e a energia nuclear.

Descobertas perigosas poderiam explicar a “punição” do Dilúvio, a perda do “Paraíso terrestre” e a multidão de tradições distorcidas mas assim mesmo vivas que chegaram até nós.

Assim poderiam também ser explicadas as iniciações, os vestígios de civilizações desconhecidas que nos deixam perplexos e as invenções, as sábias idéias de nossos antepassados egípcios, gregos, hindus, incas e mexicanos.

Não temos o direito de eliminar essa tese na pesquisa de nossa gênese, porque somente ela leva ao passado fantástico e, sem dúvida, à verdade.

II — 100.000 ANOS ATRÁS, OITO TRANSPLANTES DE CORAÇÃO

Foi realmente fantástico esse passado que foi o presente de nossos Antepassados Superiores.

100.000 anos atrás eles faziam transplantes de coração da mesma forma que o professor Barnard, aliás melhor do que ele, pois os transplantes eram coroados de êxito!

— Isso é impossível, dirão os “pré-historiadores”! 100.000 anos atrás estávamos na época do Pitecantropo (de 100.000 a 500.000 anos) ou do homem de Mauer, ou então no início do homem de Neandertal!⁽⁵⁾

Será que vocês podem imaginar uma criatura parecida com um macaco, que mal consegue cortar o sílice, praticando a mais difícil operação cirúrgica em um corpo humano!

Fique bem claro que as opiniões dos conjurados não nos afetam de maneira alguma.

(5) Os pré-historiadores continuam calculando por aproximação: ainda não sabem se o homem de Neandertal viveu 50.000, 80.000 ou 100.000 anos atrás. Da mesma forma, não sabem se ele tinha um crânio de 1350 ou 1600 cm³ (que representa uma diferença de 100 a 200 milhões de anos!). O homem de Neandertal, simbolizado pelo homem de Chapelle-aux-Saints, tinha um crânio de 1600 cm³.

Vamos simplesmente relatar os fatos da forma que eles chegaram ao nosso conhecimento desde Moscou, via Bucarest, e citar as referências que podem ser facilmente controladas.

ESQUELETOS DE 100.000 ANOS

Durante uma exploração na Ásia central, em 1969, o professor soviético Leonidof Marmadjaidjan, que estava dirigindo os trabalhos de um grupo de pesquisadores das universidades de Leningrado e de Achkhabad, descobriu uma necrópole dentro de uma caverna.

Abriam uma vala comum que continha trinta esqueletos em perfeito estado de conservação e que, tão logo o grupo chegou em Achkhabad, foram submetidos a testes de radiocarbono.

O carbono 14 acusou uma idade superior a 20.000 anos⁽⁴⁾.

Análises mais apuradas levaram à conclusão científica de que os esqueletos tinham aproximadamente 100.000 anos. Além disso, apresentavam curiosas marcas de operações no tórax; por causa de sua antiguidade e importância da descoberta, os cientistas soviéticos começaram a fazer apurados exames osteológicos.

Os ossos de nossos antepassados de 100 milênios atrás foram examinados um a um e o resultado do estudo foi publicado com o seguinte título:

“RELATÓRIO DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA MARMADJAJIDJAN NA ÁSIA CENTRAL SOVIÉTICA EM 1969, PATROCINADA PELA SOCIEDADE UNIONAL (*sic!*) DE ANTROPOLOGIA DO TURQUEMENISTÃO.”

Com o beneplácito da tal sociedade o relatório, em fins de novembro 1969, foi enviado à Academia de Ciências da URSS.

O relatório especificava que oito dos esqueletos em questão apresentavam sinais de graves lesões ósseas, acontecidas quando os indivíduos ainda estavam vivos.

Essas lesões pareciam provocadas por lutas contra animais (ursos, panteras, tigres da Sibéria?) porque a superfície de alguns ossos trazia claramente marcas de garras.

Outros ossos tinham lesões muito profundas provocadas pelas mordidas de feras com presas poderosas.

(4) Repetimos mais uma vez que o carbono 14 pode datar fósseis até 10.000 anos; além disso torna-se inexacto.

UMA CIRURGIA À CHRIS BARNARD

Um dos esqueletos apresentava um "recorte do centro do lugar entalhado por uma trepanação⁽⁷⁾". A coisa mais estranha porém, é que foram encontrados *vestígios de uma intervenção cirúrgica nos ossos em volta da cavidade torácica*.

No lado esquerdo dos esqueletos foram encontrados cortes feitos nas costelas por meio de uma pedra afiada ou de uma qualquer outra maneira.

— Um estudo aprofundado das partes operadas permitiu chegar à conclusão de que após a resecção das costelas a abertura fora aumentada por meio de dilatação, para facilitar uma intervenção cirúrgica.

Os ossos afetados estavam cobertos de perióstio (a membrana fibrosa que envolve os ossos e favorece a calcificação) e os cientistas de Achkhabad e Leningrado chegaram à seguinte conclusão: *A importante intervenção cirúrgica tivera pleno êxito, o paciente sarou e viveu mais três ou cinco anos, como é dado ver pela espessura do perióstio*.

Constataram mais um fato importante: as costelas seccionadas são exatamente aquelas que correspondem à janela cardíaca praticada em nossos dias pelos émulos do doutor Barnard!

Antes disso já tinham sido observadas intervenções praticadas nos ossos das caixas torácicas de esqueletos encontrados no Oriente Médio (Palestina, Síria, Iã) cuja idade fora estimada em 50.000 anos⁽⁸⁾.

A mesma coisa foi observada nos restos de uma mulher jovem, em Eyzies, na França. A moça vivera no paleolítico superior, mas as pesquisas foram feitas em fragmentos ósseos, e as conclusões portanto não ultrapassaram a fase das hipóteses.

A descoberta dos cientistas soviéticos serve para refutar os cétricos alunos do finado abade Breuil que afirmava que os homens da pré-história não passavam de seres rústicos e animalescos.

De fato, os homens de Neandertal que 100.000 anos atrás conseguiram fazer transplantes de coração com pleno sucesso, tinham conhecimentos científicos extraordinariamente desenvolvidos.

(7) O Autor acha necessário traduzir dessa forma, para não trair o texto original.

(8) Numa capela da catedral de Valencia (Espanha) um retábulo esculpido do século XIV mostra um transplante de perna. O doador é um negro, o receptor um nobre branco. O cirurgião segura o membro que acaba de amputar.

É possível que as cirurgias fossem executadas pelos Iniciadores ou por um classe de cirurgiões muito elevada. De qualquer maneira, está comprovado: nossos ancestrais tinham uma elite e uma classe científica.

TRANSPLANTE DE CORAÇÃO NA ÉPOCA DO FARAÓ

Um papiro em idioma copto na biblioteca de Alexandria, no Egito, reproduz um texto mais antigo que relata de que forma sarou um soldado atingido por uma lança no coração.

O homem estava prestando serviço na guarda do rei quando foi atingido.

O faraó que o protegia pediu aos seus médicos que o salvassem. O papiro descreve a operação e explica que o cirurgião foi inspirado a substituir o coração do soldado pelo coração de um jovem touro Ápis.

O papiro termina dizendo que a operação teve êxito pleno⁽⁹⁾.

É possível que esse transplante de coração nos tempos dos faraós da mesma forma que os dos homens de Neandertal, foi possivelmente excepcional e praticado por *Estranhos* em nosso Planeta.

Se ele aconteceu durante o reino do rei Djéser (III.^a dinastia), quando ainda vivia o sábio e divino Imhotep, poderíamos observar que naquela época, mais ou menos 5.000 anos atrás, os "Iniciadores Venusianos" operavam milagres também na Assíria-Babilônia, na Fenícia e entre os incas e os maias.

Nesse sentido, os Ancestrais Superiores, responsáveis pelos transplantes de coração, não poderiam ser autóctones terrestres...

INICIADORES EXTRATERRESTRES

Qualquer que seja a verdade, apenas mencionada de leve por um pequeno número de homens conscientes, os fatos his-

(9) Recebemos a informação do prof. Todericiu. Apesar de todos os nossos esforços não conseguimos indicações certas a respeito do documento. Poderia ser o papiro Ebers, que é um tratado sobre o coração. Os egípcios possuíam uma medicina muito avançada, especializada em afecções das vias respiratórias, do aparelho digestivo, das vias urinárias e da cabeça. Utilizavam supositórios, lavagens e laxantes. Os dentistas obturavam dentes, os oculistas tratavam com sucesso o tracoma, as cataratas e a hemeralopia. O papiro Edwyn Smith prova que os cirurgiões da época dos faraós praticavam a cirurgia óssea em bases científicas. Hipócrates e Galieno não negaram que uma parte de seus conhecimentos vinha de trabalhos por eles consultados no templo de Imhotep, em Memphis.

tóricos provam que homens muito evoluídos chegaram à Terra em tempos passados para ensinar aos nossos ancestrais. As escrituras sagradas de todos os povos falam na vinda de *Estrangeiros*, anjos ou cosmonautas, e as tradições afirmam que eles eram Venusianos.

Cerca de 5.000 anos atrás os Iniciadores fizeram desabrochar a civilização dos maias no México. O mesmo fenômeno aconteceu com os incas no Peru, com os assírio-babilônicos, os fenícios e os persas⁽¹⁰⁾.

É impossível explicar a súbita explosão das respectivas civilizações desses povos sem essa ajuda, e todas essas civilizações foram colocadas sob o signo de Vênus, com “deuses”, ou seja seres superiores, chamados venusianos: Quetzalcoatl, Orona, Viracocha, Ishtar, Astarte, Anaita.

10.000 anos atrás um milagre da mesma espécie iniciava a civilização egípcia com “reis divinos, vindos do céu”. Tudo é um ciclo e tudo começa de novo.

Os homens da Terra estão se aprontando para se tornar também Iniciadores e “deuses” de algum longínquo planeta. Estaria perfeitamente na linha da ordem universal que, num futuro próximo, outros Extraterrestres viessem ao nosso globo para dar nos uma confirmação fantástica e tranquilizadora de nossa tese.

Os “pré-historiadores” clássicos, e por isso caducos, refutam essa visão profética e a tacham de fantasista.

Mas para nós, que ousamos nos intitular homens do amanhã, a pré-história clássica não passa de uma péssima novela, adulterada e tola, inacreditável porque mentirosa.

(10) Ler *O Livro dos Segredos Traídos*, de Robert Charroux, e do mesmo autor, *O Livro dos Senhores do Mundo*.

CAPÍTULO V

A PORTA DO SOL E COISAS INSÓLITAS DO OCIDENTE

O Peru antigo fascina todos os apaixonados da arqueologia e do passado misterioso das civilizações.

Assim mesmo, o reino dos incas mal durou um milênio e muito provavelmente seu poderio e sua cultura são avaliados de forma exagerada.

Eles não foram os primeiros habitantes do planalto (*altiplano*), que é contido entre o Peru, a Bolívia, o Equador e o Chile.

Muito antes deles, civilizações evoluídas estavam florescendo em toda a América do Sul, e os vestígios importantes e enigmáticos que se encontram no Brasil, em Ylo, na pampa de Nazca e na parte desconhecida de Tiahuanaco provam que 10.000 anos atrás existiam na Cordilheira dos Andes povos civilizados que eram, talvez, os últimos atlantes.

K'EMKO NO PERU

A capital dos incas era Cuzco, em plena Cordilheira dos Andes, mas a pouca distância da fortaleza de Sacsahuaman, que

Vista geral de Machu Pichu, a cidade secreta dos incas, que só foi encontrada em 1911, perdida na Cordilheira dos Andes

Foto de Horst V. Irmer.





defendia a cidade, podemos ver no esporão rochoso de K'emko algumas grutas, um menir e pedras talhadas que não são da civilização dos incas.

Falou-se nos aimarás, os antepassados dos incas, mas os vestígios de K'emko são muito mais antigos, possivelmente de alguns milênios, e parecem ter alguma relação com a civilização pré-céltica de Carnac (Morbihan) e de Stonehenge (Inglaterra).

De uma certa maneira, o K'emko se parece estanhamente com um túmulo.

O centro político e cultural dos incas situava-se no planalto em volta de Cuzco, e os restos mais importantes e bastante bem conservados de suas cidades e suas fortalezas encontram-se a pouca distância da capital.

Entre Cuzco e Ollantaytambo existe uma péssima mas muito pitoresca estrada de montanha (com 3.000 a 3.800m de elevação) que serpenteia de uma garganta até a outra e onde nossa experimentada guia, a senhora de Carthagène, mostrou-nos os raros túmulos incaicos que foram ali descobertos.

Trata-se de espécies de tocas, cavadas verticalmente na parede rochosa, com um espaço apenas suficiente para acomodar os corpos.

Por outro lado os pastores do planalto, na Bolívia e no Peru, sabem descobrir os lugares — possivelmente porque estão sempre procurando — e saqueiam os viáticos em ouro que se encontram ao lado dos despojos.

A esse respeito a senhora de Carthagène contou-nos uma história bem divertida.

Em Cuzco e em La Paz os autóctones, incas legítimos e muito menos evoluídos que seus próprios antepassados, gostam de ostentar uma dentadura com os incisivos encrustados em ouro.

Eles têm dentes fortes e maravilhosos, mas os dentes de ouro são a última moda do *altiplano!*

Costumam ir ver os dentistas para que arranquem cinco ou seis incisivos e os substituam com uma ponte em ouro.

— Mas isso vai custar caro, explica o dentista. Você tem bastante *pesos?*

— Não, senhor.

— Você tem ouro?

— Ouro? Sim, senhor!



Os enormes blocos de pedra que formam a primeira muralha da fortaleza incaica de Sacsahuaman, perto de Cuzco.

Foto do autor.

A conversa pára nesse ponto, mas no dia seguinte o inca volta, mostra uma mão cheia de ouro quebrado ou alguma jóia antiga e diz simplesmente:

— Para os dentes, senhor.

É por isso que os dentistas do *altiplano* ficam ricos em pouco tempo.

OLLANTAYTAMBO

Um riacho de águas transparentes atravessa a pequena aldeia de Ollantaytambo.

As casas que se encontram à beira da única rua são todas do tempo dos incas, construídas em pedra, e quando são de terra servem para abrigar o gado.

Parece que a vida parou aqui mil anos atrás, e as rodas, apesar de serem conhecidas (chegamos até ali de carro), continuam sendo rigorosamente proibidas.

O transporte de materiais, da safra, é feito nas costas dos homens, por meio de uma grossa corda que mantém a carga sobre os ombros do carregador.

A igreja está construída em cima de um antigo templo incaico, cuja pesada escadaria em pedra ainda é bem reconhecível.

Não se trata de vandalismo, é uma questão de religião: a cruz de Jesus substitui o sol de ouro!

Acima da aldeia a fortaleza se eleva em estreitos terraços onde os lhamas e as alpacas brancas ficam pastando.

Rochas enormes, cortadas em forma de bancos ou de escadas ou de cadeiras se encontram por todos os lugares. São chamados "pedras cansadas".

Possivelmente porque não tiveram o ânimo de subir até o alto da fortaleza!

MACHU PICHU: O MISTÉRIO DAS PEDRAS

Um pequeno trem de montanha sai de Cuzco bem cedo pela manhã para ir a Machu Pichu.

A viagem é extraordinariamente pitoresca, passando pelo vale do Rio Salgado e o vale de Urubamba. A floresta tropical que chega até a linha férrea é rica de vegetação variada, mas os picos que se elevam acima dela são desprovidos de qualquer vegetação, pois chegam até 5.000 metros de altitude.

Machu Pichu, a cidade secreta dos incas, só foi encontrada em 1911 por Bingham, ao preço de esforços terríveis. Hoje podemos chegar lá com bastante facilidade, mas o acesso nos tempos dos conquistadores era quase impossível.

Acredita-se que era o refúgio das Virgens do Sol, mas de fato isso não passa de uma suposição, pois os incas jamais revelaram sua existência.

É um lugar extraordinário, dominado pelo Grande Pico (Machu Pichu) onde ainda são visíveis os terraços cultivados pelos autóctones do século XV.

É uma verdadeira cidade, construída de maneira extraordinária, e onde tudo parece destinado às práticas do culto.

Os terraços que levam às moradias se parecem com os de Ollantaytambo, e lá também as pacíficas alpacas vivem pastando.

Os muros são feitos de grandes blocos, colocados como os de Sacsahuaman. Alguns se parecem de maneira extraordinária com as muralhas de *Winapu* na Ilha da Páscoa.



Esse monumento, cortado na rocha viva da montanha, domina Machu Pichu. É chamado Quadrante Solar, e também Trono do Inca. *Foto do autor.*

Os blocos talhados, colocados naquele lugar, muitas vezes têm um comprimento de 5 metros, e o sistema para transportá-los continua envolvido no mistério.

De qualquer forma, vimos uma pedra larga de um metro, com uma altura aproximada de metro e meio. A superfície principal era absolutamente reta, mas a cada vinte centímetros havia pequenos entalhes onde, sem dúvida, tinham sido inseridas as cunhas de madeira — para provocar a divisão.

A rocha estava realmente fendida em duas partes iguais, mas o corte atrás, apesar de reto, não era liso como o outro.

Ficamos estupefatos de tanta precisão e conhecimento do fio, numa pedra sem forma que não parecia ter fio nenhum.

De qualquer forma, está claro que os incas trabalhavam a pedra quebrando-a no fio, por meio de cunhas, sem fazer mágicas ou ter ajudas sobrenaturais.

A MIRAGEM INCA

Todos os outros sítos arqueológicos dos incas, exceto o K'emko, não parecem excepcionalmente antigos.

Pachacamac é relativamente recente e não é muito interessante.

Quase nada sobrou do Templo do Sol na Ilha Titicaca, e o que ainda existe é bastante decepcionante. As ruínas da Ilha da Lua não têm nada de grandioso, e o que ainda se encontra em Cuzco, como por exemplo o segundo Templo do Sol, agora transformado em igreja católica, não se parece nem de longe com as descrições ditirâmbicas do bom Garcilaso de la Vega!

Onde antes se encontrava o *Curicancha* (o Recinto de Ouro) só existe um pequeno terreno abandonado que desce até um estreito riacho lamacento: o lendário Guatanay!

Não sentimos nenhuma alegria em destruir uma lenda que excitava nossa imaginação e à qual tínhamos profunda afeição: nossa decepção foi muito grande.

Não há nenhuma dúvida de que o inca, da mesma forma que o "poderoso" Faraó do Egito, era um reizinho sem nenhum poderio militar, chefe de um povo escasso, disseminado numa grande vastidão, e a civilização incaica, por mais brilhante que ela fosse, não chegava a brilhar em todo o império.

Não foi por acaso, e também não foi porque o povo acreditou que se tratava de "deuses", que os 102 pracinhas de Pizarro e seus 62 cavaleiros conquistaram com tanta facilidade um território seis vezes maior do que a França.

TIAHUANACO

Tiahuanaco, na Bolívia, a 4.000 metros de elevação e a 80 quilômetros de La Paz, é um vasto platô cercado por cumes arredondados e ondulantes.

Antes de chegarmos à aldeia por um caminho cheio de pedras, passamos pelo local onde se ergue solitária, pequena, mas assim mesmo rica de lendas e de prestígio, a *Porta do Sol*.

O monumento está protegido por uma cerca horrível, para não dizer abominável, que lhe tira parte de seu fascínio.

Será um calendário venusiano? Talvez seja. De qualquer forma, os personagens do friso são exatamente como foram descritos, extraordinariamente intatos e cinzelados, enigmáticos personagens de quatro dedos.



Esta é a paisagem que se apresenta logo na chegada no planalto de Tiahuanaco: a terra seca, um longo muro de pedra com menires incorporados e, ao fundo, a Porta do Sol.

Foto do autor.

É um fato muito menos conhecido de que a mais ou menos um quilômetro se encontram dez outras portas, algumas até maiores que a *Porta do Sol*. Estão dentro de um recinto e parecem ter sido abandonadas por aqueles que, ao que parece, estavam construindo uma cidade ou um santuário. Não temos nenhuma informação a respeito disso.

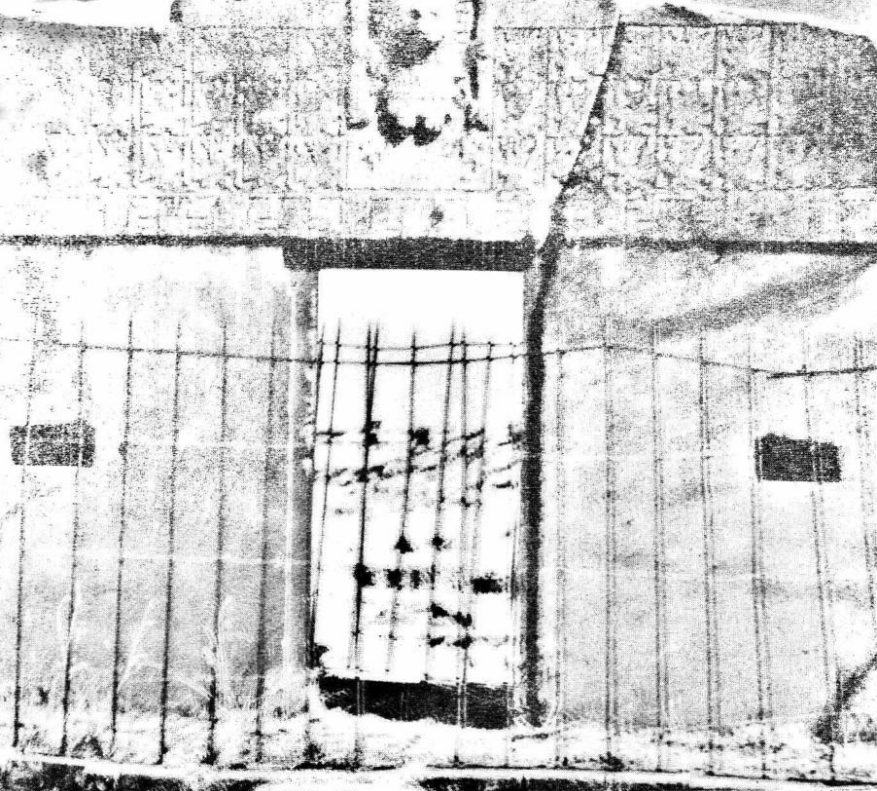
Ali, de qualquer forma, devia existir em outros tempos um centro muito importante, porque por todos os lados se encontram imensos túmulos em terra, encimados por menires, magníficas estátuas puramente incaicas, ou então um falo quebrado ou restos de construções.

O conjunto é emocionante e desconcertante.

Um muro comprido vai beirando a estrada carroçável e a cada trinta metros incorpora menires parecidos com os da Bretanha.

De fato, a verdadeira *Tiahuanaco* é uma cidade de menires. Podem ser vistos por todos os lados, existem às centenas, e em sua maioria estão encaixados nas construções mais recentes.

Um templo semi-enterrado, um *templete*, testemunha a antiguidade... vamos dizer, céltica, da *Tiahuanaco primordial*.

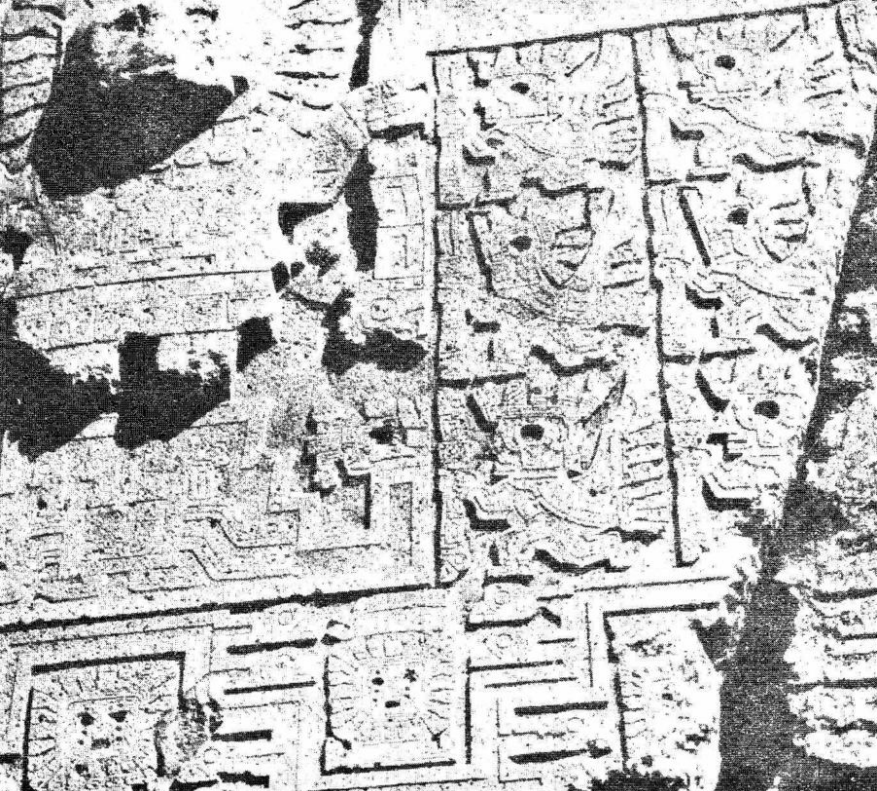


A Porta do Sol. O Governo boliviano protegeu-a com uma horrenda grade danificada. O monumento foi construído numa época que se perde na noite dos tempos. Alguém já quis ver nela um calendário venusiano.

Foto do autor.

Entre a *Porta do Sol* e o *Templete* foi construído um pequeno museu de cerâmicas e de pedras esculpidas. Observamos ali um curioso bloco de pedra negra, uma roda parecida com as mós do México e do museu de Carnac, e uma série de crânios humanos que vão do tipo de Cro-Magnon ao outro dos gigantes cuja altura devia superar os três metros: o maior de todos mede aproximadamente 35 centímetros de altura e outros tantos de largura.

A que raça pertenciam esses homens, que civilização foi aquela dos menires, dos falos e dos túmulos?



Detalhe da Porta do Sol. A figura central é do deus Inti, que só tem quatro dedos em cada mão. Na cabeça dos personagens menores podem ser vistos desenhos enigmáticos que lembram escanfandros ou motores de mísseis.

Foto do autor.

OS BRETÕES DE SAN AGUSTIN

A total ausência de olhos caracteristicamente mongóis na estatuária do México, do Peru e da Bolívia não permite que se faça qualquer aproximação com antepassados vindos da Ásia.

Essa é uma das tais brincadeiras dos “pré-historiadores”.

Muito pelo contrário, os olhos são redondos e mais frequentemente quadrados ou retangulares, como em San Agustín na Colômbia, e podemos encontrar inclusive um tipo puramente bretão, da França e da Grã-Bretanha.

San Agustín, como Tiahuanaco, como Carnac, é a terra dos outeiros, dos túmulos, dos falos, dos menires e dos dolmens.

Por consequência, apresenta-se ao espírito uma tese de uma extrema lógica.

Nossos antepassados, os pré-celtas, emigraram para a América do Norte; do Canadá, passaram para os Estados Unidos e em seguida para o México. Tudo isso é descrito exatamente no *Popol-Vuh* dos maias.

O que foi que aconteceu com os maias do Yucatan? Os textos clássicos afirmam que desapareceram sem deixar vestígios.

Um arqueólogo honesto, porém, que encontra menires e recintos megalíticos desde La Venta até San Agustín percebe logo a evidente filiação.

Foram esses maias que construíram San Agustín e, séculos mais tarde, continuaram sua migração até o Peru e a Bolívia onde podemos encontrar seu estilo e seus megalíticos em Tiahuanaco.

Entre os gigantes de Tula, no México, e os esculpidos no granito da Bolívia, há um evidente parentesco: são do mesmo feitio com uma decoração idêntica.

Por que então não admitir uma semelhança que dá na vista, até nas formas dos túmulos e das construções piramidais, análogas em Monte Alban e em Plouezoch, no Finistère?

Parece até que nosso Ocidente está envergonhado de ser a Mãe-pátria de todos os povos da terra.

Poderia também ser outra coisa: as Conspirações que nos governam poderiam, por motivos religiosos ou por abuso de autoridade, ter decidido apagar com todos os meios, até os mais fraudulentos, a centelha que surgiu primeira no país dos celtas, dos druidas e da verdade, quase 100.000 anos atrás.

MEDZAMOR: UMA USINA METALÚRGICA DE 5000 ANOS ATRÁS

As descobertas feitas na Europa reforçam sempre mais a teoria dela ser a terra eleita dos primeiros homens civilizados conhecidos.

Se é possível confiar nos relatórios de achados de objetos e materiais desconhecidos ou misteriosos, teremos que concluir que no Ocidente europeu já existiam civilizações do metal, mi-



Ao lado: o "Bretão" de San Agustín. Os olhos grandes e abertos provam que sua origem não é asiática. — Acima: dólmen e menires, como em Carnac, na França.

Fotos do autor.

lênios antes dos sumerianos e da pseudo-idade do bronze que educadores caducos tentam impingir a seus alunos⁽¹⁾.

Em Medzamor, na Armênia soviética, o dr. Korioun Meguertchian descobriu a mais antiga usina metalúrgica do mundo.

As pesquisas oficiais estabeleceram que sua construção foi feita 5.000 anos atrás, ou seja, dois ou três mil anos *antes* da idade do cobre e do bronze dos "pré-historiadores"!

Em Medzamor foram encontrados vasos e objetos metálicos: facas, lanças, flechas, fivelas, anéis, pulseiras etc., feitos de todos os metais costumeiros.

A fundição tinha uma série de cadinhos talhados na rocha em que o mineral britado e lavado se depurava e se enriquecia até se tornar metal puro.

Parece que existem mais de duzentos fornos ainda enterrados, mas 25 deles já foram escavados.

Medzamor era um centro industrial da época que, ironicamente, chamados de neolítica; trabalhava-se aí o mineral de importação que após ser beneficiado era distribuído aos povos do Oriente Médio.

Beneficiava-se o cobre, o bronze, o chumbo, o zinco, o ferro, o ouro, o estanho, o arsênico, o antimônio, o manganês e outros.

E também o aço!

De fato, naquele sítio arqueológico foram encontradas pinças de aço, finas e ainda brilhantes, parecidas às nossas pinças de depilação.

Elas são um pouco mais recentes, pois foram feitas apenas... há 3.000 anos atrás!

Na usina se fundiam 14 variedades diferentes de bronze, destinadas a indústrias diferentes.

Estas descobertas verificadas e autenticadas pelos Institutos científicos da URSS, controladas pelos institutos dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra e da Alemanha, ainda não foram o suficiente para mudar a opinião dos "pré-historiadores".

A idade do ferro, a idade do bronze continuam como estavam... apesar do fato de que dois milênios antes já se faziam utensílios em aço!

E quem afirma o contrário, não passa de um herege!

(1) Nota para os nossos leitores mais moços: repetimos que estamos formulando hipóteses, em forma de exercício intelectual. Pedimos aos estudantes para não se deixar levar pelo entusiasmo e confiar em seus professores. Só fazemos uma exceção: a pré-história clássica é falsa e imbecil.

Durante muito tempo vamos ainda ouvir falar na idade da pedra lascada, 5.000 anos atrás, como se existisse alguém que já viu um campo repleto de machados de pedra lascada!

Os metalúrgicos de Medzamor, não satisfeitos de apoiar os "ukases" de nossos pontífices, tinham ainda à disposição um observatório astronômico de três andares em forma de triângulo, cujo cume descortinava uma vista para o sul, lá onde as estrelas são mais numerosas.

E, todavia, apesar desses complexos científicos que mereceriam maiores atenções, a civilização de Medzamor é quase desconhecida.

CIENCIA E METAIS ESTRANHOS

Medzamor é um excelente ponto de partida para começar o capítulo dos achados insólitos, dos quais alguns são — e achamos necessários frisar bem esse ponto — simplesmente relatos sem provas sólidas ou tradições firmes, e que portanto são impossíveis de serem controlados.

Em 1960 os professores soviéticos T. G. Gritsai e I. J. Yatsko descobriram numa gruta perto de Odessa ossos de animais tão perfeitamente seccionados, que somente um instrumento metálico poderia ter servido para aquela tarefa.

Perto de Dorchester, no Massachussets, EUA, foi encontrado um vaso de metal com incrustações de flores de prata. O vaso estava dentro de uma rocha que foi explodida com dinamite e não foi possível determinar a qualidade do metal do vaso.

Os espanhóis encontraram numa mina de prata que estava sendo explorada no século XVI um cilindro de metal, maciço e pontudo, de cerca de 18 centímetros.

Com base em pesquisas científicas feitas no ponto em que o objeto foi encontrado, ficou estabelecida uma idade aproximada de dez mil anos.

Afirma B. Laufer⁽²⁾ que o Imperador Tsin Chi (por volta de 250 antes de Cristo) possuía um "espelho mágico" com o qual podia ver os ossos do corpo debaixo da carne, como se fosse um aparelho de Raio-X.

Perto de S. Louis, no Missouri (EUA) foram encontrados, num sítio arqueológico, crânios de índios que viveram

(2) B. Laufer: "Prehistory of Aviation". — Citado por Andrew Tomas, em seu livro *Os segredos da Atlântida*, ed. Robert Laffont.

por volta de 1.200 antes de Cristo. Em meio à estupefação geral ficou constatado que alguns dentes tinham sido obturados com uma espécie de cimento.

A doutora Lucille Homy e o dentista Richard Koritzer, do Smithsonian Institution de Washington, pesquisaram a incidência da cáries entre os antigos egípcios e chegaram à conclusão de que havia 90% de cárie a partir da XVIIIª Dinastia, em contraposição a somente 3% de cáries entre a VIª e XIIª Dinastia.

Isso só serviria para comprovar que, da mesma forma que os índios do Missouri, os egípcios mais antigos tinham conhecimentos médicos que nós, do século XX, ignoramos completamente.

MENIRES NA LUA

A revista "Interavia" afirma que fotografias tomadas pelo *Lunar Orbiter 2*, a uma distância de 37 quilômetros, estariam a indicar que criaturas inteligentes erigiram menires na Lua numa época indeterminada.

As fotografias mostram as sombras de oito megalíticos que medem de 12 a 23 metros de altura, com um diâmetro de cerca de 15 metros.

Fotografias batidas pelo *Lunik 9* soviético mostram megalíticos do mesmo tipo com 46 metros de altura.

Descobertas arqueológicas no mundo inteiro provam que muito antes do paleolítico dos "pré-historiadores", e até mesmo antes da civilização dos atlantes, nossos antepassados tinham conhecimentos técnicos que praticamente pulverizam todas as afirmativas do ensinamento clássico.

Resultados de pesquisas oficiais na África do Sul comprovam que há 25.000 anos criaturas humanas exploravam as minas de hematita vermelha de Ngwenya, no Swaziland.

Dizem por aí que na Ilha de Malta foram encontrados vestígios de uma antiga estrada de ferro, com dormentes e trilhos.

O escritor Maurice Guignard afirma que as sacerdotisas e os grandes mestres odínicos da Alta Idade Média "tinham miniaturizado, já há milênios, seus meios de produção. Captavam a energia cósmica num cilindro de cristal de esmeralda e transportavam-na dentro de um pequeno acumulador chamado *Völu-völt*".

O vidente americano Edgar Cayce afirmou a mesma coisa a respeito dos atlantes, em 1940.

A MAIS ANTIGA BOTA DO MUNDO

A expedição sino-russa, encabeçada pelo professor dr. Chu Min Chen, fez uma estranha descoberta no deserto de Gobi, em 1959.

Encontrou uma impressão perfeita e dificilmente contestável da sola de uma bota, tamanho 43, numa rocha velha de dois milhões de anos.

Supõe-se que a pegada ficou na areia mole e que em seguida endureceu por efeito de sedimentos.

Da mesma forma, parece que o naturalista inglês Charles Brewster encontrou no interior de uma rocha calcária do cretáceo (75-90 milhões de anos) os restos de onze pregos de aço!

Sabe-se que os antigos incas amalgamavam o ouro e a platina muitos séculos antes de nossos cientistas. E a platina tem seu ponto de fusão a 1775°!

Sempre no Peru foram encontrados objetos placados em ouro e em prata, o que deixa supor o conhecimento da eletrólise.

Da mesma forma, vasos egípcios velhos de milênios parecem ter estado recobertos de uma finíssima camada de ouro, sempre pelo processo eletrolítico.

De quem mais, a não ser dos Ancestrais Superiores, esses povos tão afastados uns dos outros poderiam ter aprendido o segredo do tais conhecimentos?

UM FALO EM METAL DESCONHECIDO

O senhor Marcel Giraud, de Lyon, nosso correspondente e amigo, transmitiu-nos o extraordinário relato por ele ouvido de um suboficial da artilharia colonial que durante a última grande guerra fez a campanha da Birmânia.

“O grupo em que estava este suboficial, escreveu o senhor Giraud, tinha penetrado profundamente na floresta virgem. Os homens encontraram um estranho monólito em forma de falo, de cerca de 12 metros de altura, com mais ou menos dois metros de diâmetro.

Quando foi examinado, viu-se que era de um metal desconhecido e inoxidável, pois brilhava como se alguém tivesse acabado de poli-lo.

Foram feitas tentativas de marcá-lo com um martelo e com um buril, mas sem resultado, e quando batido, o som era de metal maciço e não oco.

Esse falo era coberto de gravações em relevo, de inscrições em caracteres desconhecidos (pelo menos por aqueles militares, que não eram especializados no assunto) e de ideogramas parecidos com os dos monumentos egípcios.

Os oficiais da Engenharia que comandava o grupo calcularam que havia uma boa parte do monumento enterrada profundamente e acharam que para transportá-lo com seus veículos pesados, após tê-lo dividido em porções manejáveis, precisariam de pelo menos cinquenta caminhões grandes.

O assunto não teve prosseguimento, pois o grupo teve que se afastar daquele teatro de operações."

PEDRAS QUE LEVITAM

Desmond Leslie e Georges Adamsk⁽³⁾ relatam que em *Tay Niru*, no Annam, existe uma enorme pedra de 300 toneladas, que fica como suspensa no ar sem nenhum apoio.

Os nativos acreditam que o monólito fica suspenso graças a ondas sonoras e que alguém deve ficar murmurando uma *mantra* (oração mágica) dia e noite para evitar que ela caia.

Este relato é bastante duvidoso, contrariamente ao de Andrew Tomas⁽⁴⁾ que é completamente autêntico e que, na opinião dele, reproduz um fenômeno da desaparecida ciência da antiguidade.

Na aldeia de Shivapur, perto de Poona, na Índia, existe uma pequena mesquita erguida em memória de um santo homem da seita dos Soufis: Qamar Ali Derviche⁽⁵⁾.

Ao lado do prédio repousam duas pedras de granito, redondas, de respectivamente 41 e 55 quilos.

Todos os dias os romeiros invocam demoradamente Qamar Ali ao lado das pedras, praticam a imposição das mãos e depois, em número de onze, suspendem de repente a pedra de 55

(3) *Os Discos-voadores aterrissaram*, de D. Leslie e G. Adamski.

(4) *Os segredos da Atlântida*, ed. Laffont.

(5) A seita muçulmana dos Soufis ensina que o homem purificado pela meditação, o êxtase e a estrita observação dos mandamentos, pode elevar-se até a divindade e se identificar nela.

quilos até uma altura de 1,50 m até 1,70 m, usando simplesmente a ponta do dedo indicador.

O mesmo fenômeno se repete com apenas nove pessoas na pedra de 41 quilos, e é análogo, aliás idêntico, ao fenômeno descrito por nós no *Livro do Misterioso Desconhecido*, com apenas quatro pessoas⁽⁶⁾.

Charles Lenormand escreve em *A Magia Caldéia*:

“É certo que na remota antiguidade os sacerdotes de On... por meio de palavras mágicas suscitavam tempestades e suspendiam no ar pedras que mil homens não conseguiriam remover, para construir seus templos”.

Não vamos chegar a admitir que esse milagre foi realmente realizado, mas podemos chegar a pensar que essa tradição tão extraordinária tenha-se originado em alguma ciência desconhecida em nossos dias.

Annie Besant, em *A Genealogia Humana*, tenta dar uma explicação: “Essas pedras não se levantavam por uma concentração de força muscular e nem às custas de um aparelhamento genial cuja pujança ultrapassaria a de nossos meios modernos. Eram suspensas por aqueles que compreendiam e controlavam o magnetismo terrestre. Elas perdiam seu peso e flu tuavam no ar, de maneira que a pressão de um dedo bastava para deslocá-las e assentá-las no lugar certo, para elas previsto”.

Sem dúvida é preciso fazer uma distinção entre o provável e o imaginário. Foram porém feitas tantas descobertas em tantas latitudes, e um grande número de tradições inacreditáveis continua persistindo apesar do passar das gerações, que nossa curiosidade fica impelida por uma partícula de verdade em direção às fronteiras do fantástico de um passado que parece teimar em não querer se extinguir.

Para nós, homens do século XX, é quase um dever filial evitar de rescindir sem consideração o cordão umbilical que continua nos unindo aos que foram nossos grandes antepassados.

(6) O *Livro do Misterioso Desconhecido* — de Robert Charroux, cap. II.

CAPÍTULO VI

MITOLOGIA CÉLTICA — A GRANDE PIRÂMIDE DE PLOUÉZUCH (FINISTÈRE)

Já foi publicada uma mitologia francesa⁽¹⁾, e revistas infantis⁽²⁾ ressuscitam entre os jovens o passado gaulês que sectários tinham caluniado de religiões abomináveis. É um começo reconfortante.

É possível que um dia veremos surgir movimentos célticos honestos que em vez de cantar os louvores de Jesus Cristo, darão honras a Bêl, Esus, Lug e à Grande Deusa, divindades legítimas e benfazejas de nossos antepassados.

Mas o impulso renovador só pode vir do lado dos historiadores, dos textos escolares, do cinema e da televisão.

Infelizmente, precisamos admitir, envergonhados, que já foram rodados mil filmes a respeito de Bernadette Soubirous, Thérèse de Lisieux, Salomão, Lagardère e Fantomas, mas que *jamais* vimos a menor sequência a respeito de nosso prestigioso e primeiro herói nacional: Vercingetórix.

Também não vimos nada a respeito de Carlos Magno, Carlos Martel e Bayard!

(1) Dontenville, *A França Mitológica*.

(2) *Asteriz o gaulês*.

Por outro lado, até agora ninguém levantou a voz para denunciar essa anomalia e o grande público, sedento de novelas televisadas, de jogos de futebol e de controle da taxa do colesterol, nem se preocupa com isso!

AS TRES INVASÕES

Nossos antepassados, os celtas, eram definitivamente a elite e a cepa principal da raça branca.

Sua história é conhecida de maneira aproximada pelos antigos manuscritos irlandeses e gauleses⁽³⁾ que infelizmente não foram traduzidos para o francês.

O Livro das Invasões (irlandês) relata como no tempo do grande dilúvio a rainha maga da Ilha Verde desapareceu com todo seu povo.

Um dia 1.º de maio chegaram, vindos da Grécia, o príncipe Portolão e vinte e quatro casais.

Trezentos anos após este desembarque, num outro dia 1.º de maio, uma epidemia liquidou a descendência dos gregos.

Em seguida aconteceram as invasões dos *Filhos de Nemred*, originários da Scitia, e dos firbolgs, um povo godó.

Mai, uma vez no 1.º de maio chegaram de "além do rio oceano", vindos da Mag Meld (Planície da Felicidade) os componentes da tribo dos *Tuatha Dé Danann*, que sem dúvida eram americanos, aliás os maias quichés.

OS TUATHA DÉ DANANN

Logo após seu desembarque na Irlanda os Tuatha Dé Danann começaram a lutar contra o clã de Fomoré, vencendo-o em Moytura (nome gaélico: Mag Tuireadh = a Planície das Pilastras, ou seja, as pedras levantadas ou menires), perto de Cong, no atual condado de Mayo⁽⁴⁾.

Como escreveram F. Guiraud e G. Roth, esses acontecimentos se passaram mais ou menos na época da guerra de

(3) *Manuscritos irlandeses*: Os poemas de Amergin — O Livro das Invasões — O Livro da Vaca Morena — O Livro de Leinster — O Livro de Ballymote — O Livro amarelo de Leccan — *Rerum hibernicarum scriptores veteres*, dr. O'Connor, 1814-1826. *Manuscritos gauleses*: Os quatro ramos do Mabinogion — Livro negro de Carmathen — Livro de Anserin e Taliesin — Livro branco de Rydderch — Livro vermelho de Hergist — *Historia rerum Britanniae* de Geoffrol de Monmouth. — Não existe tradução francesa destes livros, mas duas adaptações: *Le Cycle de la branche rouge d'Ulster* de Roger Chaviré e *Le Geste de Cuchullain* de Georges Roth.

(4) *Mythologie générale* de Félix Guiraud e G. Roth, ed. Larousse.

Tróia, o que explicaria a chegada de um príncipe grego e colocaria os acontecimentos a cerca de 1.300 anos antes de nossa era — só que em nossa opinião, tudo isso aconteceu bem antes.

Daí, mais de 3.000 anos atrás os menires *já estavam se elevando* nas planícies irlandesas, e parece também que os celtas não sabiam com certeza a que fim eles se destinavam, pois os chamavam de “pilastras”.

Os Tuatha Dé Danann chegaram trazendo objetos mágicos: o gládio de Nuada, a lança de Lug, o caldeirão de Dagdé e a pedra de Fal, ou pedra do Destino, que gritava quando o rei legítimo se sentava em cima dela.

Pensando bem, a invasão desses Estrangeiros e magos foi bastante pacífica pois, apesar de ter provocado lutas relatadas em seguida com muito exagero pelos cronistas, parece que os Tuatha Dé Danann foram aceitos pela maior parte dos autóctones.

As escaramuças que se seguiram mais tarde parecem mais provocadas por rivalidade entre as tribos, e geralmente se concluíam de maneira satisfatória com um casamento.

Aparentemente, os Estrangeiros vindos da América se portavam como celtas autênticos que estivessem voltando à pátria. Não tiveram nenhum problema de língua com os irlandeses, tratavam-nos como parentes próximos e ainda os instruíam.

Temos ainda um fato mais extraordinário: estes Tuatha Dé Danann americanos, antepassados dos Déné Pele-de-lebre, dos Déné Flanco-de-cachorro, dos Déné Chippewaya e dos Déné Castores do Canadá são considerados, em nossos dias, os representantes do tipo, aliás do *arquetipo dos celtas*.

De fato, encontramos na Irlanda a chama sempre-viva do pensamento celta e os homens menos híbridos da antiga Europa.

OS MAIAS DO MÉXICO VOLTAM À EUROPA

Em suma, tudo aconteceu como se os descendentes dos hiperbóreos da misteriosa Thule das montanhas da Groenlândia, ou então dos arianos do planalto do Irã tivessem estabelecido repetidos relacionamentos entre os dois continentes que outrora se encontravam dos lados opostos do país dos atlantes, indo e voltando.

Numerosos relatos ameríndios reforçam essa hipótese que os historiadores teimam em ignorar.

Como poderíamos explicar esse duplo fenômeno?

1. Os iniciadores dos incas e dos maias, que eram deuses brancos e barbudos, *voltaram* um dia para suas terras além do mar ao leste.
2. Os Tuatha Dé Danann vieram num dia 1.º de maio de regiões que se encontravam além dos mares ao oeste; voltaram às suas terras mais uma vez na data sagrada de 1.º de maio.

Pois os Tuatha Dé Danann que eram de "raça divina" foram embora após terem perdido uma longa guerra, mas *exigiram a celebração de uma cerimônia da lembrança, o que é bastante edificante quando lembramos que afinal eles iam embora vencidos!*

Tudo torna-se muito claro se admitirmos que os Tuatha Dé Danann ou maias do continente americano eram celtas⁽⁵⁾, originários da Celta europeia.

Esse retorno à pátria dos antepassados é comprovado pelo livro sagrado dos antigos mexicanos: o *Popol Vuh* dos maias quichés, onde podemos ler o seguinte:

"Estavam em Ha'kavitz quando os quatro chefes da migração desapareceram misteriosamente.

Apesar de serem de idade avançada e de virem de muito longe durante muito tempo, eles não estavam doentes quando se despediram de seus filhos, dizendo que sua missão estava terminada e que iam voltar para suas terras..."

Recomendaram a seus sucessores para voltar a ver o país de onde tinham saído, deixando em lembrança um pacote enrolado que correspondia a um *quimilli* dos povos de idioma nahua⁽⁶⁾.

Muito tempo mais tarde, três de seus filhos partiram para o leste, atravessando o oceano...⁽⁷⁾.

Quando os quichés abandonaram Tulan, seus pais disseram: Sua morada não é aqui; ela se encontra além dos mares, e ali vocês verão suas montanhas e suas planícies. Vocês serão protegidos por Belih (Bel) e por Toh (Thot, Thor) ⁽⁸⁾".

(5) Insistimos mais uma vez: entendemos por "celtas" os arianos originários da planície do Irã, cujo nome é desconhecido, mas cuja migração principal formou o ramo celta.

(6) Sahagim, *História geral*, cap. 29, pág. 674 da tradução francesa de Juan de Torquemada.

(7) *Popol Vuh*, trad. espanhola, pg. 117 trad. francesa, pg. 274-295.

(8) Brinton, *The Annals of Cakchiquels*, pgs. 70, 77.



No alto: a “pirâmide” céltica de Plouézoch, perto de Finistère. Em-
baixo: as pseudo-pirâmides de Monte Alban, no México. É fácil
constatar que o sistema arquitetônico de terraços em degraus é
igual em ambos os monumentos.

Fotos do autor.

Foi assim que eles voltaram e tentaram se estabelecer mais uma vez na Irlanda, no reino que já fora deles: passaram também pelas suas antigas terras de Gales, da Gália, da Ibéria, da Rússia onde fundaram, em nossa opinião, centros iniciáticos que fizeram desabrochar o druidismo.

A GRANDE PIRÂMIDE DOS CELTAS EM PLOUÉZOCH

Esta tese provocará as iras dos historiadores, que sem dúvida a tacharão de fantástica porque ela esclarece de maneira plausível um passado que, para os homens de bem, é cheio de sombras e trevas demoníacas!

Quem sabe, eles ficariam satisfeitos com os vestígios da passagem dos maias pelas terras da Europa? Pois bem, elas não faltam!

Pensamos que, além do *Popol Vuh* que traz um relato, deve haver entre os manuscritos e os códices mexicanos um bom número mencionando essa migração para as terras ancestrais.

De qualquer forma, a prova mais importante consiste nos extraordinários monumentos maias que podem ser vistos na França.

É possível que vocês pensem que se trate de alguma novidade.

É verdade que tudo é novo para quem não sabe ou não quer ver, mas se qualquer dia vocês cederem à curiosidade, indo à Bretanha, na região de Morlaix, vocês poderão continuar por mais uns dez quilômetros em direção norte, até a aldeia de Plouézoch, e mais um pouco além dela.

Chegando ao litoral vocês irão para a esquerda, passando em frente a algumas casas de pescadores, e do alto da colina vocês poderão ver...

Yvette Charroux estava me acompanhando na primavera de 1969 e teve um grito que se confundiu com o meu:

— Uma pirâmide maia!

De fato, tratava-se de um monumento em forma de pirâmide alongada, linha por linha, e mesmo no material, parecidíssimo com as pirâmides que se encontram em Monte Alban e em todo o México antigo.

É um monumento extraordinário, e ao mesmo tempo extraordinariamente pouco conhecido, para não dizer desconhecido.

Pelas fotografias ao lado pode se ver que em sua arquitetura ela é uma réplica das construções em degraus dos maias e dos incas.



Detalhe da pirâmide céltica. Os saqueadores levaram as pedras e deixaram descobertas as criptas dolmênicas.

Foto do autor.

SETENTA E SETE METROS DE COMPRIMENTO

A pirâmide de Plouézoch mede 77 metros de comprimento, 17 metros de largura (no estado atual) e uns dez metros de altura.

Sua orientação é oeste-oeste-sul e leste-leste-norte, ou seja, seu comprimento é orientado de leste a oeste, ficando um pouco mais alta à direita e rebaixando um pouco à esquerda.

Nessa situação, o norte se encontra exatamente em direção de Stonehenge, e da Islândia, que poderia ser a "ilha dos primeiros pais, perdida num mar tumultuoso".

A pirâmide tem quatro andares e cobre quatro ou cinco grandes salas cuja entrada é parcialmente obstruída. Em outros tempos ela compreendia uma dúzia de receptáculos dolmênicos e dois destes, prejudicados pelos saqueadores de pedras, podem ser vistos num dos lados.

Esse monumento grandioso e imponente domina o mar do alto da colina e sem dúvida nenhuma tem uma excepcional importância dentro de toda a Celtia.

Esse motivo leva-nos a acreditar que devia ser essa a *Grande Pirâmide dos Celtas*, e servia de túmulo e repouso para

a imortalidade dos reis da Armórica (que ainda não se chamava Bretanha) e aos grandes chefes dos Tathua Dé Danann⁽⁹⁾.

Originariamente a pirâmide era mais alta e mais larga nos pontos em que aparecem os dólmenes. Durante séculos os habitantes da região prelevaram pedras para construir suas casas.

A PIRÂMIDE DE CARNAC

Existe outra pirâmide parecida em Carnac, onde é chamada de túmulo Saint-Michel.

Cristãos sacrílegos quiseram apagar esse monumento de nossos antepassados: foi parcialmente coberto de terra para fazer uma pequena colina e em seu topo construíram uma igreja, aliás muito feia, dedicada a São Miguel, comandante da milícia celeste e junto a São Jorge, exterminador do feroz dragão.

É claro que o dragão representa o paganismo, o celtismo, o druidismo, a iniciação, e tudo o mais que simboliza a religião, a cultura e o gênio de nosso Ocidente.

Em se afastando os juncos que crescem nos flancos, podem ser vistos claramente os degraus de pedra da pirâmide original.

Em seu interior ela está muito bem acabada em alvenaria e tem um grande corredor circular que passa pelas criptas dolmênicas, que são os túmulos.

Na França temos portanto quatro pirâmides: a de Falicon, perto de Nice, em Couhard, perto de Autun, em Plouézoch e em Carnac, mas com certeza devem existir ainda outras, que sobraram da grande destruição ordenada por Carlos Magno.

No plano arqueológico toda situação é muito recente e não podemos ainda dizer se os maias tinham importado as pirâmides da Celtia, ou se, ao contrário, foram eles que as trouxeram para a Gália e talvez para o Egito, antes de espalhá-las pelo mundo inteiro.

As pirâmides da Bretanha parecem bem mais antigas que as do México e talvez até das do Egito.

É possível que se trate de uma arquitetura tipicamente atlântica?

(9) Os bretões são povos imigrados da Grã-Bretanha e não chegaram antes do século VI após J. C.. Os verdadeiros autóctones da Bretanha são os armoricanos. Armórica, em língua celta significa: a beira-mar, e a Armórica da antiguidade era, como ainda aos tempos dos romanos, todo o território compreendido entre o Ródano e o Oceano.

É bastante curioso que as tentativas de reconstrução gráfica dos monumentos dos atlantes se baseiam sempre nas pirâmides, como se os cromossomos-memória nos incitassem a imaginar esse estilo, através de uma recordação autêntica apesar de obscura do passado, e completamente emaranhada desde o Dilúvio.

CHEGARAM NO 1.º DE MAIO EM SUAS MÁQUINAS VOADORAS

O rei mago Bran, pela tradição celta, é o “viajante das regiões misteriosas” que vai navegando para o Ocidente, até as terras do além, dentro de um veículo que não toca na água.

Seu irmão Manannan, cujo culto em nossos dias ainda é celebrado pela Rainha das Bruxas na ilha de Man, é um grande mago cujo cavalo voa pelos ares.

Manannan se locomove acima do mar num barco que anda *sem velas e sem remos*⁽¹⁰⁾.

Uma deusa celta chamada *Belisama* (parecida com a chama) poderia sem dúvida se identificar com o planeta Vênus, e com a companheira de Bêl-Baal, ou seja Astarte, rainha dos céus de Baal.

Ela era o equivalente feminino do deus gaulês Balan, ou Belin, ou Belinus.

Vamos lembrar que Baal, para os fenícios, é o Senhor do Norte, da mesma forma que Bêl o é para os assírios-babilônicos.

Temos aqui portanto uma genealogia na qual deuses celtas e deuses babilônicos se misturam estreitamente, e temos ainda o planeta Vênus, máquinas voadoras misteriosas, a América e os deuses venusianos dos incas e dos maias: Viracocha e Quetzacoatl” que foram embora em direção ao leste, do outro lado do oceano” o que significa a Europa ou então a África.

Todas essas coincidências entre deuses americanos, celtas, fenícios e assírio-babilônicos mostram claramente a origem comum e a identidade de seus heróis.

Na mitologia dos hindus e dos persas, o ancestral do homem branco é Aryaman, que corresponde ao Gwyon dos celtas: ele chega da Via-láctea numa nave interplanetária.

(10) “Quando Manannan ia visitar Calntigern, no Ulster, conta Arbols de Jubalville, ele chegava de regiões misteriosas do extremo oeste, além do oceano. No dia seguinte já estava na Inglaterra”. (*Curso de literatura celta*, tomo VI, pg. 202).

Baal-Bêl e Astarte-Ishtar dos fenícios e dos assírios chegaram do planeta Vênus. Os deuses persas correspondentes são: Ahuraz Mazda, o deus voador, e Anâhyta, a deusa venusiana.

Os egípcios explicavam que os primeiros homens divinos vieram do céu de Hórus, por meio de máquinas voadoras. Para os incas e para os maias as espaçonaves ainda podem ser vistas representadas em Tiahuanaco, Palenque, Monte Alban e algumas dezenas de manuscritos maias.

O veículo de Bran que não toca a água e a máquina voadora de Manannan que o transporta numa só noite da Irlanda para a Inglaterra, nos relatos celtas, estão nos dando mais indícios que se juntam às provas vindas de outros lugares⁽¹¹⁾.

De que maneira os Tuatha Dé Danann vieram da América?

É muito interessante observarmos que esses imigrantes "sabem se proteger atrás da cortina de invisibilidade". Eles sabem aparecer... desaparecer... e estamos quase tentados a acrescentar: como os misteriosos OVNI's que aparecem em nossos céus!

Desde aquele instante toda a história do mundo antigo começa a aparecer e pode ser formulada da seguinte maneira: 5.000 anos atrás quando Vênus chegou e se estabeleceu no sistema solar, aconteceu um dilúvio importante (o segundo dilúvio) e os Iniciadores se estabeleceram em praticamente todas as partes do globo.

Tinham aeronaves, ensinavam a escrita, as artes e a técnica de trabalhar metais.

Na Fenícia tiveram o nome de Baal e Astarte; na Assírio-babilônia: Bêl, Ishtar; no Peru: Viracocha, Orejona⁽¹²⁾; no México: Quetzacoatl, Kukulcan; na Celtia: Belin, Belisama, Gwydion, Bran, Manannan.

Parece-nos até possível estabelecer não o ano certo em que aconteceram esses fatos, mas pelo menos o dia: 1.º de maio.

Foi num 1.º de maio que os Tuatha Dé Danann desembarcaram na Irlanda; foi num 1.º de maio trezentos anos mais

(11) O deus supremo dos gauleses não tem nome, porque ele é o deus único. Assim mesmo dele irradia uma trindade, da mesma forma que do deus dos cristãos, e podemos encontrar exemplos disso nas estátuas tricéfalas (com 3 cabeças) de Autun, do Hotel-Dieu de Paris, do museu de Beaune, e assim por diante. Essa trindade é Teutatés-Taran-Esus.

O mito da serpente-iniciadora (a serpente com a cabeça de carneiro) tem afinidades com os deuses celtas que geralmente seguram nas mãos duas serpentes com cabeça de carneiro.

O famoso vaso celta de Gundestrup (museu de Copenhagen) mostra o deus Cernunos segurando serpentes com cabeça de carneiro, contornado por gritos alados. Sabe-se que serpentes são símbolos da aventura espacial e que em Cernunos está à origem do mito dos dragões e das serpentes aladas.

(12) *Histórias Misteriosas dos Homens*, de Robert Charroux, cap. II.

tarde que eles foram embora “para além do rio oceano”, e foi mais uma vez num dia 1.º de maio que o príncipe Partolão e em seguida os filhos de Nemred vieram se estabelecer na Ilha Verde.

Desde então o 1.º de maio foi considerado a data sagrada da religião pagã celta: Eve-Mai ou Beltène.

E Beltène ou Beltaine se parece muito com a festa de Bêl-Baal, o venusiano!

MAIO

Os etimologistas não conseguem concordar a respeito das origens de *maio* (mai), sendo que uns acham que se trata do mês de Apolo, e outros insistem que é o mês de Maia, a deusa rainha da Terra.

Desde os tempos mais antigos o 1.º de maio sempre foi considerado um dia santo, talvez porque foi num dia 1.º de maio que chegaram os Iniciadores extraterrestres, ou então porque foi o dia em que Vênus veio se estabelecer dentro da órbita do sol.

Eve-Mai, na magia celta, é um dia dedicado à Grande Deusa, observando-se um cerimonial secreto que M.M.M. Wilson, a “witch queen” (rainha das bruxas) da Ilha de Man, na Inglaterra, prefere não divulgar.

Pelas mesmas razões desconhecidas a grande festa pagã denominada a “noite de Walpurgis” celebra-se na vigília do 1.º de maio.

Foi por escapar ao fanatismo e aos furores mortais da Igreja que essa festa foi camuflada em homenagem à santa cristã Walpurgis, cujos despojos repousam no mosteiro de Eichstaedt na Bavaria, e essa camuflagem inventada pelos celtas iniciados foi observada na Alemanha, na França, na Grã-Bretanha e nos Países Baixos.

Em nossos dias ainda, os círculos iniciáticos continuam trabalhando para que o 1.º de maio dos celtas se torne a festa de todos os povos da Terra.

As grandes assembléias anuais dos francos aconteciam nos “Campos de Maio”, e na mesma data os romanos celebravam a festa dos Cereais e das Flores, dedicada à deusa Maia.

A Igreja cristã, inquieta por causa desse fervor que prejudicava seu Deus e seus santos, começou uma propaganda insidiosa de denigração que acabou tendo seus resultados.

HISTÓRICO DO 1.º DE MAIO

Foi assim que os bons deuses pagãos foram tachados de demônios e correu o boato de que a noite de Walpurgis era uma reunião de bruxas cavalgando cabos de vassouras, de bodes, de sacrifícios cruentos a Satã, e outras lorotas desse mesmo gênero.

O ápice do Harz, na Alemanha — o Brocken — tornou-se o lugar maldito por antonomásia e ficou estigmatizado por essa reputação terrível que refletiu sobre todas as manifestações da noite do 30 de abril para o 1.º de maio.

Assim mesmo, apesar da calúnia e da satanização, o 1.º de maio, data essencialmente sagrada, acabou por se impor no mundo todo.

Alfredo, o Grande, o monarca anglo-saxão que reinou de 871 a 900, foi o primeiro a ter num 1.º de maio a idéia de instituir a semana de 40 horas, ou seja, cada dia 8 horas de trabalho, 8 horas de distração e 8 horas de descanso.

No 1.º de maio de 1886, 340.000 grevistas americanos voltaram a reclamar o sistema do dia de trabalho de 8 horas. A manifestação degenerou e tornou-se uma verdadeira insurreição que fez numerosas vítimas.

No 1.º de maio de 1908 a reivindicação vingou e ganhou uma legislação, apesar do *lock-out* dos empregadores.

Durante a ocupação alemã de 1941 a 1944, o 1.º de maio tornou-se oficialmente a festa do trabalho com, ao mesmo tempo, a celebração da festa de São Felipe, sendo que era esse o prenome do marechal Pétain.

Quando a guerra terminou, o governo de Libertação, por reação, exigiu que todas as administrações trabalhassem no 1.º dia de maio de 1945, e a CGT comunista apoiou a moção.

Em 1946 a Festa do Trabalho ressuscitou em todas as nações, especialmente graças aos esforços do marechal Pétain na França, de Stalin na Rússia e de Evita Peron na Argentina.

Agora a festa céltica do 1.º de maio já é celebrada no mundo inteiro, pela justa volta à normalidade das coisas, em que a magia branca, cor de espinheiro-alvar, tem uma participação que poucas pessoas duvidam!

OS DRUIDAS ASSASSINOS

Por causa de sua proximidade ao continente desaparecido, os povos do México e do litoral atlântico europeu conservaram

mais que os outros os efeitos da civilização dos atlantes. Isso se refere especialmente aos celtas.

Júlio César escreveu em seus *Comentários* que os druidas ofereciam sacrifícios humanos aos seus deuses no topo dos dólmens e de fato, nos ápices dos megalíticos foram realmente encontrados encaixes em forma humana (por exemplo, no Peru) e canaletas para o escoamento de líquidos (no México).

Tibério (14-37 de nossa era) proibiu os sacrifícios humanos dos gauleses.

Sobre isso não há dúvida nenhuma, porém o fato nada tem a ver com o druidismo legítimo.

Os "druidas assassinos" na realidade não passavam de bruxos, seguidores de uma bruxaria cruenta totalmente afastada dos ensinamentos dos grandes iniciados.

Aliás, eles operavam nas regiões da Europa onde os contatos eram difíceis e onde não passavam as grandes correntes de civilização.

BAAL ADORADO DEBAIXO DAS CARVALHEIRAS

Os verdadeiros druidas, ou "homens da carvalheira" eram sacerdotes que oficiavam em plena natureza, nas florestas, aliás debaixo da mais nobre das árvores de nosso Ocidente: a carvalheira.

Sua religião era universal, ensinada desde a Gália até a Índia.

Os pelasgos, os fenícios, os cananeus, os filisteus e os próprios hebreus, tinham todos seus druidas.

Na Bíblia, no livro de Osias (cap. IV, vers. 6 — 12 — 13) podemos ler:

- [6] Meu povo (os hebreus) ficou sem a palavra, porque ficou destituído da ciência. Da mesma forma que vocês rejeitaram a ciência eu vos rejeitarei também...
- [12] Meu povo consultou um pedaço de madeira, e as vergas de madeira profetizaram o futuro; pois o espírito da fornicação os enganou e eles se prostituíram, abandonando seu Deus.
- [13] Eles sacrificavam nos picos das montanhas e queimavam incenso nas colinas, como também *debaixo*

das carvalheiras, debaixo dos choupos e debaixo dos pinheiros, quando suas sombras lhes agradavam; Por isso suas filhas se prostituirão e suas mulheres se tornarão adúlteras.

Além desse testemunho, está historicamente provado que os sacerdotes oficiavam debaixo das carvalheiras (ou debaixo de outras árvores quando não havia carvalheiras) em todo o Oriente Médio e especialmente na Fenícia, onde o culto das pedras gozava de grande popularidade.

A universalidade do rito, chamado pagão, dos celtas, leva-nos a mais uma conclusão: esses sacerdotes idênticos, essas religiões comuns, esses deuses cujos nomes parecidos implicam uma identidade de raça: os pelascos, os gregos, os fenícios, os hebreus eram arianos brancos, loiros e de olhos azuis.

O Apolo de cabelos encaracolados dos gregos e Jesus eram loiros, pelo que diz a lenda, e loiro era Noé, como está escrito no livro de Enoque e nos *Manuscritos do Mar Morto*⁽¹³⁾.

Os rabinos iniciados e os judeus de raça pura também têm uma bonita tez branca, olhos azuis e cabelos loiros.

OS HEBREUS ADORARAM BAAL

Osias disse que os pais dele adoraram um deus debaixo das carvalheiras.

Qual deus?

A resposta é fácil, quando se sabe que os hebreus são arianos.

Osias chega ao ponto de especificar (cap. II) quando fala aos hebreus a respeito de sua mãe:

vers. 13

Vingar-me-ei dela pelos dias que ela consagrou a Baal, quando ela queimava incenso em sua honra.

vers. 16

E naquele dia, disse o Senhor, ela chamar-me-á de seu esposo, e não mais me chamará de Baali.

Trata-se mesmo de Baal, Baali, ou seja do deus Belinus ou Belin dos celtas do Ocidente, do Bêl dos assírios: o mesmo deus para todos!

(13) *O Livro dos Segredos Traídos* — cap. VI e VII — O segredo n.º 1 do mundo — Os anjos e o livro de Enoque.

Em todos esses povos podemos também constatar a deterioração dos primeiros ensinamentos: Os celtas da Gália ofereciam sacrifícios humanos; os fenícios imolavam vítimas a Baal-Moloch; os hebreus degolavam seus próprios filhos para oferecer seu sangue a Jeová⁽¹⁴⁾.

Esses crimes porém eram perpetrados pelos falsos druidas, pelos falsos sacerdotes — os abusos sempre aconteceram em todos os lugares — e nunca como consequência da verdadeira doutrina druídica que, como afirmou Pitágoras, era a mais sábia do mundo.

O VERDADEIRO DRUIDISMO

Os druidas, como também os sacerdotes incas e maias diziam que descendiam do deus dos mares, que lhes tinha ensinado todas as ciências.

César relatou que esses druidas afirmavam que os gauleses descendiam de *Dis Pater* (Deus o Pai).

Quem era *Dis Pater*?

Era Deus que não podia ser conhecido e nem nomeado. Os celtas não-iniciados davam-lhe porém nomes ou apelidos: Cernunos, Esus, Taran, Teutates, Belinus, Belin.

Dis Pater tinha uma companheira: a Deusa-Mãe, também abstrata como seu cônjuge, esotérica, mas que tinha nomes no linguajar comum, assim como *Dé-meter* (a Terra-Mãe), *Morrigan*, *Morgane*, *Koridwen*, *Dana* ou *Ana*.

Os magos da Bretanha e da Grã-Bretanha ensinavam a magia, os druidas da Gália ensinavam a história, a filosofia, a ciência, a astronomia. Eles acreditavam num outro Mundo, *orbis alius*, e numa metempsicose privilegiada dos heróis.

Os druidas falavam o idioma dos deuses, explicou Diodoro da Sicília, talvez porque conheciam o poder das ondas e o aplicavam na palavra.

ODIN, DANA, O BEZERRO DE OURO E A TRIBO DOS DAN

“A mãe do panthéon celta, afirma a *Mythologie Générale*, é a deusa chamada *Danu* ou *Donu* na Irlanda e *Dôn* na Grã-

(14) *Juízes*, cap. XI, vers. 30-31-32-35-39: Jefté oferece sua própria filha, uma doce virgem, em holocausto a Jeová. E Deus nem se mexe para mandá-lo parar! Por outro lado, já pedira a Abraão que degolasse em sua honra seu próprio filho Isaac. Isso foi uma provação, diz a Bíblia! Se era uma brincadeira, era de mau gosto!

Bretanha e na Rússia. Ela é a companheira do *Dis pater* dos gauleses, e a mãe de todos os deuses”.

A palavra celta *dan* entra na composição dos principais nomes arianos, escandinavos e eslavos: Danes (dinamarqueses) Danmark (Dinamarca), Don, Dan (reis da Dinamarca e nobres da Escócia) Dácios da România, Dan ou Wodan (Odin), deus escandinavo, germânico e também dos scitas.

A tribo original dos *Dan*, do reino de Israel e cujo herói foi Sansão, é uma das provas mais convincentes da arianidade dos hebreus.

A tribo dos *Dan* sacrificava sobretudo ao *Bezerro de Ouro* (culto do deus celta Bêl, Belin, Baal) e emigrou para o norte, para a terra de seus ancestrais, antes de juntar-se à tribo de Judá, a mais nobre e por consequência a mais ariana de todas as tribos.

Os judeu-cristãos chamam Ana (Dana) a mãe da Virgem numa homenagem inconsciente à Dana, a mãe dos deuses celtas.

A filiação celto-hebraica está ainda comprovada pela trindade dos deuses celtas (Teutates, Taran, Esus) que Moisés se apropriou, e pelo casal Abraão-Sarah, que pode ser facilmente identificado como Brahma e sua esposa Sarasvati.

De fato, é absolutamente certo que a religião hebraica é uma religião ariana, editada e corrigida, em que foram adotados alguns dogmas e a trindade celta, e rejeitados outros conceitos que poderiam ser interpretados pelos povos pelásgicos como superstições ou bruxarias: a Estrela (Vênus), o Bezerro de Ouro, Bêl, Baal etc..

O espírito de racismo que ainda está grassando no meio de certos grupos étnicos é, por esses motivos, ainda mais estúpido e mais criminoso.

LUG, PTAH E APOLO

O deus principal dos celtas, que não tem nome e que jamais pode ser nomeado — o *Dis pater* (Deus o dos gauleses) — é uma trindade representada com uma tríplice cabeça⁽¹⁵⁾.

(15) Os druidas Kymris (Bélgica, França setentrional) acreditavam na eternidade da matéria e do espírito, e na metempsicose. Seu conceito do Outro Mundo parece ser uma reminiscência de um conhecimento que eles não podiam mais compreender.

Simbolicamente, os druidas, como explica *Barddas*, imaginam 3 círculos de vida: o *abred*, círculo interior que contém o germe de todas as coisas; o *gwenved*, círculo central, beatitude, e o *kaugant*, círculo externo onde Deus existe sozinho. Acreditavam em cinco elementos: *kalas*, a terra, o corpo sólido, *gwyar*, a umidade, *fun*, o sopro, o ar, *uvel*, o calor, o fogo, a

Sua companheira é a Grande Deusa, *Dé-mater* (Deusa-Mãe) ou a Cibele dos gregos, mas na tribo dos Tuatha Dé Danann honravam-se duas divindades tutelares: Bilé ou Bel, e sua companheira Dana.

Deles descende Ogmios ou Gwydion, herói civilizador, cujo castelo era a Via-láctea (Caer Gwydion).

São ainda seus descendentes *Lug*, perfeito em todas as artes, *Llyr* ou o Oceano, *Brân*, *Manannan* e a rainha *Morgana*.

Essa genealogia confere uma claridade extraordinária à situação situando-a dentro do tempo muito além da guerra de Tróia.

O maior de todos os heróis celtas, *Lug*, “a criança-prodígio, o mestre em todas as artes” era uma Tuatha Dé Danann.

Ele não foi somente herói das terras de Irlanda, mas da Celtia inteira e de forma especial da Gália.

Lug de fato foi o padroeiro de Lugdunum (Lyon), de Lugdunum clavatum (Laon), de Lusignan, de Loudun, de Montluçon, na França; de Lugano, de Locarno e Lugarus, na Suíça; de Luga e Luganskaja, na Rússia; de Lugde, na Prússia; de Leyde, na Holanda; de Luggude, na Suécia; de Logoj, na Romênia; de Lugo na Itália e na Espanha; de Lugos na Áustria; e assim por diante.

Ainda em nossos dias milhares de localidades extremamente antigas ostentam o nome do herói, perpetuando-o em todos os países da raça branca, desde o Ural até às Colunas de Hércules.

Lug, o celta dos celtas, que também se identifica com Ogmios e Gwyon, o Iniciado, representa para o Ocidente o que Ptah, Prometeu e Apolo são para o Egito e a Grécia.

É bastante possível que seja o mesmo personagem.

O OCIDENTE FOI SABOTADO

O domínio do mundo sempre foi dos grandes navegadores, os do Atlântico, os do Pacífico e os do maior de todos os oceanos, o espaço.

Em tempos recentes, ou então em nossos dias, a Espanha, a França e a Inglaterra partilharam a influência sobre o mundo conhecido⁽¹⁶⁾.

luz, *nwyvre*, a emanção, o espírito de Deus.. Toda a vida nasce da conjunção de *nwyvre* com os outros elementos.

Nwyvre é Deus (Barddas, 1-382). Os druidas da Irlanda, da Gália e da Bretanha só acreditavam na magia.

(16) No fim do século XX o mundo está praticamente dominado pelas duas grandes nações navegadoras do cosmo: os EUA e a URSS.

Em tempos idos esse papel foi dos genoveses, dos venezianos, dos fenícios, dos cretenses.

Mais antigamente ainda o domínio das terras e dos mares foi dos pelagos, dos shardans ou vikings vindos dos mares do Norte, e construtores dos megalíticos.

Nossas crônicas da Gália, da Germânia, da Espanha, da Rússia contavam com certeza as gestas destes Grandes Antepassados que abrilhantaram a história da raça européia.

Porém, a não ser os manuscritos irlandeses e gauleses, que ficaram preservados por milagre, nada mais a respeito de nossa história nacional européia chegou até nós, tudo foi destruído pelos cristãos.

Poderíamos até ficar a nos perguntar se a religião de Cristo não foi forjada de propósito para escravizar e subjugar o Ocidente, e arrancar-lhe até as últimas fibras de sua personalidade.

Em mil e quinhentos anos de ação paciente e implacável todos os monumentos de pedra mais comprovantes e todos os documentos escritos foram sistematicamente demolidos, seqüestrados ou queimados no Oriente Médio, na África do Norte, na Europa, no México e no Peru.

O Ocidente céltico, desprovido de sua nacionalidade, de seus deuses, de seus heróis, esvaziado de todo seu conteúdo vital, em uma palavra, de toda sua história, foi colonizado e submetido às leis do Antigo e do Novo Testamento.

Da mesma maneira em que, ainda em 1939, os pequenos senegaleses e os pequenos maoris aprendiam que seus antepassados eram os gauleses, assim em nossos dias nas escolas cristãs ensina-se que nosso primeiro ancestral chamava-se Adão, que nossa primeira mãe foi Eva e que descendemos em linha direta de um cavaleiro chamado Jafet, filho de Noé, patriarca hebreu!

Para todos os povos cristãos, Adão foi o primeiro ser humano e a civilização nasceu em Sumer; estamos vivendo no século XX, cujo primeiro ano é calculado ser o ano do nascimento de um Jesus incerto, cuja genealogia é desconhecida, que não foi registrado em nenhum cartório e do qual não existem dados históricos.

Nenhum estudioso, nenhum historiador ou pré-historiador, aliás homem nenhum pode enfrentar qualquer tese ou controvérsia sem obedecer implicitamente a imperativos que são nebulosos e fantasiosos.

Foi dessa forma que escreveram a história do mundo.

Mas nada se fala a respeito de nossos verdadeiros antepassados, nenhum vestígio, nenhuma menção e sobretudo ne-

nhuma alusão pode ser feita, a não ser que a gente fique conformado em ser chamado de encenqueiro, que anda em círculos viciosos, de herege, de indivíduo sem deus, sem fé e sem escrúpulos.

OS CELTAS COLONIZARAM A TERRA

Entretanto, existiu uma história dos celtas e foi uma história deveras prodigiosa, porque foram esses Antepassados, scândios, vikings, pelascos, descendentes dos atlantes e navegadores destemidos que conquistaram o mundo, emigrando das planícies do Irã até a Irlanda e a Ibéria, que se estabeleceram em volta da bacia do Mediterrâneo e na Índia, que com seus navios de mastros atravessaram o Oceano Atlântico para iniciar os autóctones americanos, para formar os povos maias e incas, e finalmente percorreram todo o Pacífico do sul, povoando os milhares de ilhas da Micronésia e da Polinésia, situadas onde se estendia o imenso império Mu.

Pois claro que essa história da humanidade não corresponde aos postulados dos bons apóstolos da "verdade clássica obrigatória"!

Quer dizer que as civilizações do globo seriam obra daqueles povos do norte que, faz dois milênios, todos tentam esquecer, sufocando-os no desprezo e no descrédito?

A verdade é essa mesma, e não vai demorar para se esclarecer nosso passado desconhecido.

Finalmente os arqueólogos acabarão percebendo o que é evidente: os menires, os falos e os megalíticos de Filitosa e Carnac na França, os da Grã-Bretanha, da Alemanha, da Rússia foram obra de uma raça que também esculpiu os gigantes de Tula no México, de Tiahuanaco na Bolívia, e da Ilha da Páscoa; que ergueu os megalíticos das ilhas Marianas das ilhas guanchos das Canárias, até Diam Diam, Lampour e Koumpetiun no Senegal e na Gâmbia...

CIVILIZAÇÕES PERDIDAS

CAPÍTULO VII

CIVILIZAÇÕES MISTERIOSAS

Às vezes fica difícil saber se massas rochosas que reproduzem formas humanas ou animais pertencem a uma civilização desconhecida ou se elas são, como se diz, um “capricho da natureza”.

O explorador Daniel Ruzo, nosso amigo, descobriu no planalto de Marcahuassi, no Peru, uma quantidade exagerada de rochas que se pareciam com ursos, otárias, cobras, leões etc., e muito logicamente chegou à conclusão de que as pedras foram esculpidas pelos homens; batizou aquele grupo de esculturas de *cultura Masma*.

Na floresta de Fontainebleau Daniel Ruzo, assistido por uma fotógrafa de grande talento, a senhora Edith Gérin, identificou extraordinárias rochas antropomórficas, e entre elas a célebre *Mater* que reproduzimos em nosso último livro⁽¹⁾.

O professor Todericiu voltou ao mesmo problema com a extraordinária otária (uma espécie de foca) que está reproduzida ao lado.

(1) O *Livro do Misterioso Desconhecido*, Robert Charroux, ed. Robert Laffont, cap. VI: Civilizações desaparecidas. O reino dos gigantes de Daniel Ruzo. A *Mater* da floresta de Fontainebleau, pg. 148 e segs.

A OTÁRIA DE FONTAINEBLEAU

Na opinião do professor Todericiu é difícil imaginar que a natureza tenha se divertido em cinzelar essa otária com tanta minúcia e capricho, sem esquecer os olhos e a nadadeira anterior.

De fato, é uma imagem quase perfeita: apesar disso as escamas ou as marcas de martelo que se observam nas costas e na nadadeira, não parecem obra de alguma criatura humana, como por sinal acontece com todas as outras imagens zoomorfas e antropomorfas naquela floresta.

Aquelas escamas são o resultado da dilatação da matéria quando ela estava em fusão, e o mesmo fenômeno pode ser observado na maioria dos bancos de rochas em todas as partes do mundo.

Nesse caso, a otária deveria ser considerada um capricho da natureza.

Isso seria admissível se nas mesmas paragens não existissem também elefantes, bois, lagartos e a *Mater!*

Se tomarmos em consideração quatro ou cinco detalhes em cada forma animal, e isso em quatro ou cinco animais agrupados no mesmo lugar, o cálculo de probabilidades nos dá o seguinte resultado: *não podemos considerar que isso seja devido ao acaso; existe aí uma evidência de vontade consciente de criação.*

Em outras palavras, em Fontainebleau como também no planalto de Marcahuassi existe um número excessivo de formas em pedra, e não podem ser fruto do acaso: *a otária foi portanto esculpida por mão humana.*

Em suma: levando em conta o material, poderíamos pensar que tudo foi uma obra da natureza, mas levando em conta a quantidade de espécimes, pensamos que tudo isso foi criado.

Surge então uma explicação racional, lógica... e inacreditável: surge a idéia de que aquelas estátuas naturais foram imaginadas e engendradas por uma natureza inteligente que desejava manifestar assim suas possibilidades criadoras.

É uma hipótese fantástica, mas talvez menos fantástica da outra que atribue ao fogo nas entranhas da terra a possibilidade de criar sem motivo nenhum, personagens e animais com um toque de realismo e de gênio dignos de um Rodin ou de um Bourdelle.

Não foi a terra que procriou a humanidade inteligente?

Não poderíamos então estabelecer uma ligação entre seus cromossomos-memória e os nossos, ou quem sabe, nossos cromossomos e nossa capacidade de invenção, ou as irradiações

criadas pelo pensamento dos animais, não poderiam eles tornar-se de alguma maneira a inteligência da matéria quando ela sai ainda quente da matriz terrestre e se cristaliza ao ar livre?(²)

Essa hipótese não é totalmente absurda. Os esoteristas e os físicos admitem que a matéria bruta: granito, madeira, jade,



A otária da floresta de Fontainebleau.

Foto de Edith Gérin.

âmbar, pedras preciosas etc., têm a possibilidade de gravar a voz e os sentimentos humanos em suas (ferrites) magnéticas.

Partindo desse pressuposto, só falta mais um passo para chegarmos a atribuir à matéria uma alma e uma inteligência...

ELES CONHECIAM O ARADO MAS DESCONHECIAM OS BOIS

Os “pré-historiadores” ficam bem longe desse tipo de especulações perigosas, e só com muito esforço eles conseguem

(2) A vida se manifesta dessa maneira: existe uma criação espontânea de amíniácidos na água-mãe de uma terra virgem, ou seja ainda quente e irradiante.

admitir a existência de uma alma nos pintores e gravadores de Lascaux.

Vocês já estiveram em Montignac-Lascaux, na Dordogne?

Se não foram, perderam definitivamente a possibilidade de admirar a maior maravilha do passado, do presente (e sem dúvida do futuro), porque as grutas já não podem mais ser visitadas⁽³⁾.

Todo mundo sabe que o sítio é composto de uma série de salas comunicantes cujas paredes estão pintadas com afrescos da época magdaleniana (15.000 a 20.000 anos atrás).

Os homens mais cultos do mundo inteiro vieram admirar essas pinturas nas cores ocre, vermelho e preto, que não podem ser comparadas a nenhuma outra, tanto assim que Lascaux foi apelidada o Louvre da pré-história.

Existe mais um detalhe, muito menos conhecido: nas paredes daquelas grutas rochosas existem desenhos gravados de um feito extraordinário.

Os magdalenianos nunca moraram naquelas grutas, mas parece que fizeram delas uma espécie de templo, ou talvez um museu de pinturas para deixar às gerações futuras uma prova de seu gênio.

Perguntamos ao guia que estava nos acompanhando e cujas opiniões eram conforme o modelo clássico dos "pré-historiadores":

— Os pintores de Lascaux deviam ter habitações, não é mesmo? Eles sabiam construir muros e casas?

— Não senhor. Eles não sabiam construir muros.

— Como foi então que conseguiram pintar afrescos a três e quatro metros de altura?

— Eles usaram andaimes. Pode olhar por aí, na rocha há buracos nos quais eles introduziam vigas transversais que sem dúvida sustentavam as pranchas.

Pedimos então a opinião do senhor Doru Todericiu, professor de Ciências e Técnicas da Universidade de Bucarest, que estava conosco naquela ocasião.

— Isso é completamente contrário à lógica — respondeu o professor Todericiu. — Na história das técnicas aprendemos justamente que os andaimes nunca precedem o conhecimento da alvenaria. Ao contrário, são uma consequência.

Daí, se os homens de Lascaux sabiam fazer andaimes, quer dizer que sabiam construir muros.

(3) A proibição foi motivada por razões imperiosas: a preservação e a "saúde" dos afrescos, atacados por uma alga. Somente pouquíssimos visitantes qualificados são admitidos de vez em quando.

Dizer o contrário é como afirmar que as velas foram fabricadas antes que se conhecesse o sistema de acender o fogo!

— Você então acredita que os magdalenianos sabiam construir habitações em alvenaria?

— É um fato inegável!

ELES FABRICAVAM LÁPIS DE PERÓXIDO DE FERRO

As idéias propaladas a respeito dos bugres de Lascaux são completamente desprovidas de fundamento.

Vocês querem saber com o que eles pintavam?

Resposta dos “pré-historiadores” (que corresponde à verdade): com ocre amarelo, lápis de manganês e lápis de peróxido de ferro.

A consistência daqueles lápis era muito parecida com a dos batons usados pelas nossas mulheres, só que eram muito mais grossos.

Estamos no século XX, estamos indo à Lua, mas experimentem perguntar a quatrocentas pessoas interrogadas ao acaso nas ruas de Paris ou de Berlim se saberiam fazer lápis de peróxido de ferro ou de manganês!

Ninguém saberia fazê-lo!

Os homens de Lascaux tiveram que usar uma técnica avançada de fabricação: extrair o peróxido de ferro ou o manganês (que por sinal não se encontra muito facilmente) das terras ou das rochas, britar, purificar, extrair o metal da ganga, reduzi-lo a pó, e misturar o pó com alguma matéria gordurosa para dar-lhe a consistência desejada.

Como é possível acreditar que técnicos suficientemente avançados para lidar com toda essa química não eram capazes de colocar as pedras uma em cima da outra para fazer muros?

Como é possível ter a audácia de afirmar uma coisa tão inverossímil? E não basta: todo animal pintado em afresco foi desenhado usando duas técnicas bem diferentes: o desenho traçado, nas linhas dos corpos, e para as crinas e os focinhos dos cavalos, uma pulverização de tinta.

Do ponto de vista técnico isso indica uma evolução avançada.

Ainda mais, os animais vistos de perfil têm as patas de primeiro plano (do lado que está próximo a quem observa) desenhadas de maneira normal.



Cavalo de Montignac-Lascaux. O risco preto das patas em segundo plano mostram uma falha perto do corpo, para marcar a perspectiva... que na Europa foi descoberta somente no século XV!

As outras patas, as do lado oposto, são desenhadas com uma “falha”, ou seja, uma interrupção do traço pintado, larga de dois a três dedos, cuja função é de ressaltar que as patas estão num plano mais recuado!

O resultado é um efeito de “trompe-l’oeil” ou de perspectiva. Mas a perspectiva começou a ser usada somente no século XV de nossa era!

Os desenhos apresentam sombras e luzes, existe um plano de construção, uma idéia de composição, utilizando as saliências e depressões da rocha. Em poucas palavras, cada afresco prova que os pintores de Lascaux eram homens que possuíam uma cultura muito mais avançada que a média dos habitantes de nossos campos, no dia de hoje.

Querer fazer acreditar que aquelas criaturas viviam nas cavernas, com clavas e machados duplos de sílice, que se pareciam com o homem-símio, cuja estátua existe em Eyzies, significa negar qualquer ensinamento racional da história das ciências e das técnicas.

O CAVALO MARAVILHOSO

Os pintores de Lascaux, artistas de gosto apurado e capazes de tomar decisões de ordem crítica, são, sem nenhuma dúvida, gênios mal conhecidos ou injustamente subestimados.

A responsabilidade disso cai nos ombros dos “pré-historiadores” que muitas vezes são capazes de descobrir sítos, especular a respeito do conteúdo e da arquitetura, são muito habilidosos em encontrar cerâmicas e objetos miúdos, mas são totalmente incompetentes quando se trata de fazer uma avaliação qualitativa, intelectual e psíquica.

Se eles encontrassem um “caravelle” da Air France espantado num campo de sílice, logo chegariam à conclusão de que se trata de um engenho do paleolítico superior!

Em se tratando de pré-história, o erro consiste em confiar a arqueólogos o trabalho de interpretar os achados, pois esse papel é de competência absoluta dos professores de história da arte e dos de ciências e técnicas.

Por outro lado, também é escandaloso assistir ao disparate de ver que na França, e somente na França, as descobertas arqueológicas são submetidas às leis do tabu pelo que diz respeito ao público, até que os pontífices tenham concordado em escolher aquele que poderá se beneficiar da publicação dos relatórios.



O CAVALO MARAVILHOSO DE MONTIGNAC-LASCAUX. Professores de arte e de desenho analisaram essa cabeça de cavalo. O traço firme, o desembaraço displicente das curvas, a inteligência da expressão e de todos os detalhes nos quais o artista levou em conta o jogo de sombras e luzes, a fantasia e a personalidade reveladas pelo desenho, fazem desse cavalo uma obra de arte de grande envergadura. Aqui temos a prova evidente que o artista não era a criatura tosca e embruteada evocada por uma estátua erguida em Eyzies, mas uma criatura sensível, de nível intelectual elevado. Lucas Cranach (século XVI) reconhecido um dos maiores gravadores de todos os tempos teria se orgulhado de assinar essa obra. Apesar disso os “pré-historiadores” teimam em afirmar que o artista de Lascaux não seria capaz de erguer um muro! Só podemos sorrir!

É isso que está acontecendo em Lascaux onde os desenhos gravados têm o mesmo valor dos afrescos.

Assim mesmo, existe uma proibição de fotografá-los, e até de vê-los.

Na parede esquerda da “nave” existe uma pequena cabeça de cavalo de mais ou menos 20 centímetros de comprimento e que lembra Cranach e os melhores gravadores assim chamados primitivos do período que imediatamente precede o Renascimento, e que nunca foi iluminada ou valorizada.

Em Lascaux existem centenas de desenhos, mas nada foi publicado a respeito e não são mostrados: são praticamente

seqüestrados nas galerias, e muitas dessas nunca foram abertas ao público.

Da mesma forma, os seixos gravados de Lussac-les-Chateaux ficaram seqüestrados de 1937 até 1969: a Conspiração é toda-poderosa quando se trata de nosso patrimônio histórico.

Quando porém alguma coisa escapa de suas garras, a solução é muito simples: a Conspiração declara que se trata de falsos!

Veja-se Glozel, cujos ossos gravados são os mais lindos do mundo, e muitas grutas com pinturas afresco e desenho têm a mesma beleza dos de Rouffignac e de Lascaux!

O GENERADOR DE PLASMA DOS FARAÓS

Um afresco egípcio representa uma invocação a Râ — o sol em sua realidade visível — numa estilização curiosa: o adorador é representado como uma pilastra ou *djed*, acumulador de forças, e a cabeça é um *tau* (o T dos gregos), símbolo do renascimento; dois braços humanos elevados num gesto harmonioso em direção ao círculo do sol completam o conjunto (ver fotografia).

Ondulações circunflexas em volta da figura principal se parecem com materializações de fluido elétrico.

Dois adoradores de tamanho menor se encontram na parte baixa do desenho, e acima da terceira ondulação elétrica estão macacos — os Thot bugios, que esticam seus braços em direção a Râ, sendo as testemunhas de sua viagem celeste.

Certo ou errado que seja, um técnico em ciência ficou impressionado com a bastante rara estilização desse afresco, em que basta completar o motivo central para que se transforme... na imagem de um gerador de plasma!

Nessa hipótese, o funcionamento explica-se dessa forma: um jato de plasma obtido por meios térmicos (fogo) é levado para um tubo.

No interior desse tubo existem dois elétrodos ligados a um circuito interno, e o dispositivo é colocado entre os pólos de um potente eletro-magneto.

Sem dúvida nenhuma, é arriscado presumir que os antigos egípcios tivessem a intenção de representar o processo da fabricação do plasma, mas a analogia esquemática obriga-nos a procurar uma explicação.



INVOCAÇÃO AO SOL — GERADOR DE PLASMA

À esquerda: afresco egípcio que representa a invocação ao Sol.
À direita: um gerador de plasma.

Foto do autor.

O ESPIRITO DO UNIVERSO

Não é possível que não exista uma correspondência essencial e premonitória entre a criação imaginária de ontem (nesse caso, a adoração) e as realizações de hoje ou de amanhã (o gerador).

Nesse sentido, a arte pictórica ou gráfica estariam pré-representando as realizações científicas futuras, quando elas são expressões de algo superior.

Resumindo, seriam uma espécie de visões de nosso futuro, ou então reminiscências de um futuro passado; nesse último

caso existiria uma reestruturação em forma evasiva e artística e pelo jogo dos cromossomos-memória, dos segredos científicos mais antigos de nossos Antepassados Superiores.

Dessa maneira a magia-da palavra levada até o outro cabo da terra, a bi-locação, o espelho mágico, o tapete voador etc., seriam simplesmente pré-representações do rádio, do cinema, da televisão, dos aviões.

Essa hipótese leva-nos a pensar que no universo tudo é dirigido e que nosso destino é previsto desde a eternidade.

Alguns poderão ver nisso a vontade de Deus, e outros os campos organizadores imaginados pelo professor Todericiu: ondas que precedem ou acompanham todas as estruturas, seja dos átomos ou das moléculas ou dos cristais, que decidem as modificações, e que dominam as propriedades químicas ou físicas dos organismos.

G. Stromberg chama isso: *o espírito do universo*.

De fato, tudo isso faria parte do plano original, da razão desconhecida da vida universal.

AS PEDRAS DO GUATEMALA

Numa ocasião anterior, divulgamos uma informação a respeito de misteriosas pedras redondas encontradas na mata do Guatemala e dispostas, dependendo de seu tamanho, de maneira a representar um atlas celeste.

Qual seria a civilização que poderia ter organizado aquela estranha cosmografia?

Após uma pesquisa acabamos chegando à conclusão de que aquelas pedras não passam de um capricho da natureza.

A "National Geographic Society" e a "Smithsonian Institution" analisaram pedras muito maiores e muito mais numerosas que se encontram nas montanhas da região noroeste do México, perto de Guadalajara (4).

Uma dessas pedras mede 11 pés de diâmetro (3,30m) e pesa 12 toneladas: é chamada *pedra bola*, ou seja bola de pedra.

A metade inferior de toda pedra esférica mostra claramente que ficou dentro de uma espécie de matriz: sua superfície é muito menos lisa e mais ocrácea do que a parte superior.

(4) Posição certa: em direção a Sierra de Ameca, entre Ahualulco de Mercado ao norte, e Ameca e La Vega ao sul (Estado de Jalisco).

Os geólogos dizem que essas esferas se formaram na época do terciário, por meio de cristalização em alta temperatura, numa matriz de tufo quente (1000° a 1400° Fahrenheit).

Sem dúvida nenhuma as pedras encontradas no México e na Guatemala têm uma origem natural.

Elas jazem numa disposição desordenada, nunca caíram do céu como foi dito antes e não representam nenhum vestígio de qualquer civilização humana.

A lenda era muito bonita, mas desprovida de fundamento!

A ESTRANHA PETRA

Nas montanhas de Hor, entre o Mar Morto e o Mar Vermelho, na divisa ocidental da atual Jordânia, uma garganta estreita e sinuosa chamada El-Sik leva a uma espécie de anfiteatro natural contornado por altos paredões de rochas.

Ali ficava em tempos idos a antiga cidade de Petra, chamada também Wadi-Mouça (Vale de Moisés), que foi a capital da terceira Palestina dominada pelo Império Romano.

Entre os penhascos íngremes podemos observar um templo, um teatro e palácios, construídos dentro dos próprios flancos das rochas: os arqueólogos dizem que foram construídos pelos Romanos durante a ocupação.

Na cidade foram encontrados vários túmulos, muito mais antigos.

A realidade supera de maneira fantástica qualquer imaginação porque as fachadas dos templos, dos palácios e do teatro não passam de "trompe-l'oeil", são simplesmente bastidores que carecem de espaço interno: atrás dos muros entalhados na rocha não há nada, a não ser uma estreita sala vazia, com poucos bancos também esculpidos na própria rocha.

Os pórticos, as sacadas, as janelas são pura aparência, como no teatro. Tudo é simulado, não passa de um engano: poderíamos dizer que somente a aparência é verdadeira.

O conjunto termina em forma de urna e os árabes nômades dizem que ali está um tesouro, o *Khazné*.

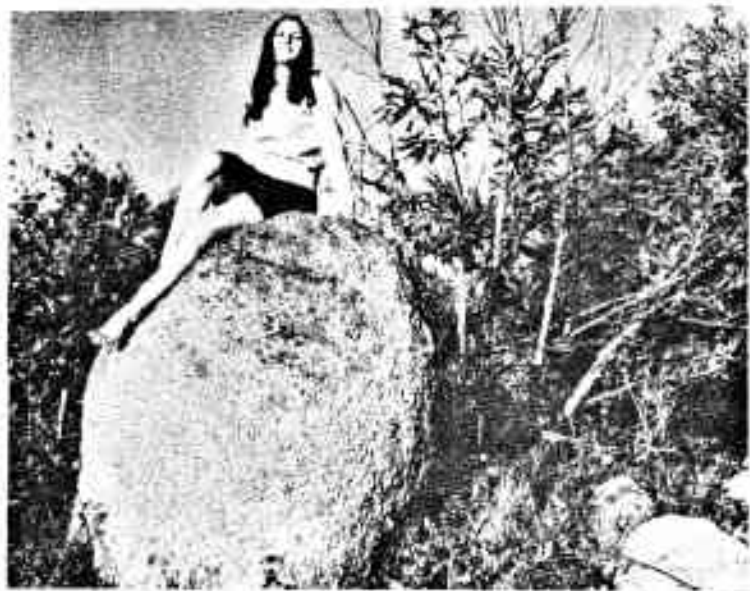
É difícil acreditar que aqueles monumentos insólitos e sem utilidade foram construídos pelos romanos, que com cer-

As pedras redondas de Guatemala e do México: bombas vulcânicas em tufo.

Foto do autor.







Em Cieux, nos arredores de Limoges, podemos encontrar o mesmo tipo de pedras redondas. Estas também são de origem vulcânica.

Foto do autor.

teza foram grandes construtores, mas que nunca se divertiram fazendo trabalhos inúteis, especialmente dessa envergadura.

Por sinal, em nenhum relato antigo encontra-se qualquer alusão que possa confirmar essa hipótese.

Petra foi fundada mais ou menos no século VII antes de nossa era pelos nabateus, mas essa cidade foi encontrada no fundo do vale.

Quem foi então que construiu o palácio e os templos? Quando e por quê?

Acredita-se que as primeiras construções datam do século XVIII antes de Cristo e que outras foram edificadas durante a dominação dos nabateus.

Alguns arqueólogos acreditam que Petra é o vestígio de uma civilização perdida e que talvez se refugiou nesses lugares desérticos após um grande cataclisma.

Outros porém opinam que os palácios, os templos, o falso teatro abrigavam túmulos, ou então eram uma espécie de *santuário secreto* onde era praticada a iniciação à alta magia.

O MAIS ANTIGO POVO DO MUNDO

É possível que essas construções sem utilidade aparente foram imaginadas para uma espécie de universo paralelo, ou para deuses cujo nome não podia ser revelado e cujo culto não podia ser mencionado.

Lembramo-nos então dos idumeus, antepassados dos nabateus, cujo governador tinha um nome bastante herético: *Antipater*.

Edom (Esaú), pai dos idumeus, usava esse nome que significava: "o Ruivo", e talvez fosse o antepassado daqueles misteriosos *Sheidim* que, como relata M. Duncker, aterrorizavam os hebreus, aos quais sempre negaram a passagem pelas suas terras nos tempos do Êxodo.

A história de Esaú-Edom e de Jacob, pelos exegetas, explicaria simbolicamente a luta de um povo antigo (os edomitas) contra um povo mais jovem (os hebreus), que acabou dominando-o.

De fato, Jacob que venceu Esaú, recebeu o apelido de: o *Suplantador*.

A esse respeito é bom lembrar que os nabateus eram pagãos, mas que no começo da era cristã foram citados como um povo famoso pelos seus conhecimentos de astronomia e de todas as outras ciências.

Possivelmente foram os continuadores da civilização dos arameus e, quem sabe, dos misteriosos ammonites cuja origem, escrita e civilização são desconhecidas.

Nesse caso, Petra talvez fosse o santuário pagão de um povo muito evoluído e sem dúvida o mais antigo do Oriente Médio.

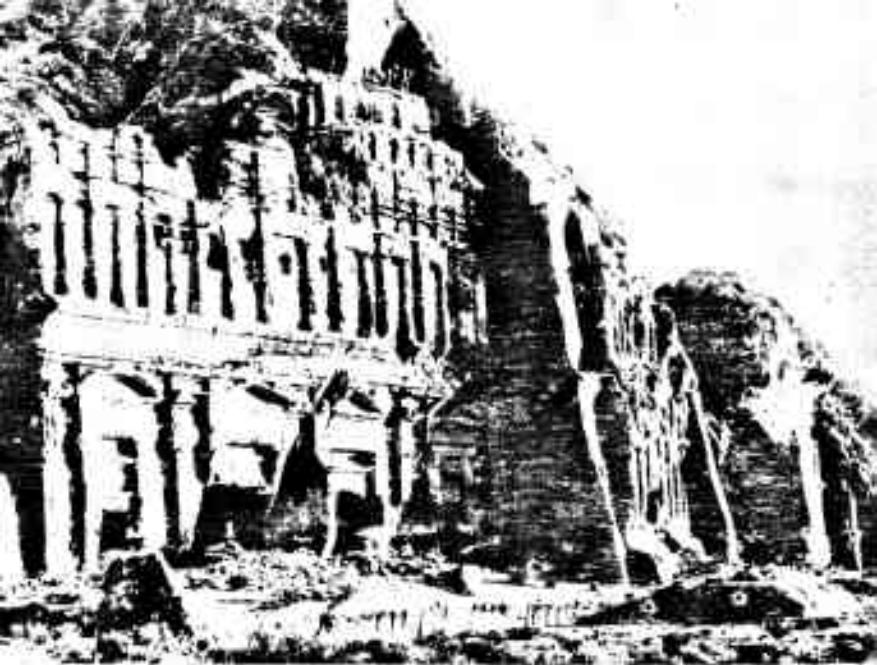
Os hebreus transformaram esse povo em seu inimigo hereditário, porque odiavam todos que eram superiores a eles.

A respeito dos monumentos de Petra, é possível que fossem dedicados ao Mestre do Universo, ao Deus Único, que não podia ser conhecido, não podia ser nomeado e que talvez era o deus dos atlantes.

UM TEMPLO NO SERTÃO BRASILEIRO

O arqueólogo Harold T. Wilkins recebeu no outono de 1939, por intermédio do cônsul geral dos EUA, no Rio de Janeiro, uma cópia de um documento intitulado:





O Palácio de Petra. Atrás dessas fachadas carpichosamente ornamentadas não há nada... somente um corredor vazio. Todas as conjeturas para explicar o significado dos monumentos resultaram inúteis.

Fotos de Rapho e Viollet.

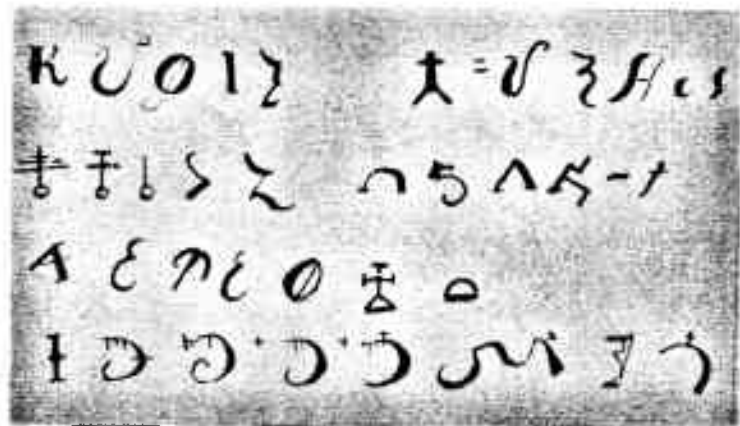
Relação histórica de huma occulta e grande povoação anti-guissima sun moradores que se descubrio anno de 1753.

Quando os bandeirantes exploraram — e saquearam — o sertão da Bahia, que ainda em nossos dias é impenetrável, descobriram um templo arruinado, muros antigos e grutas com vestígios de habitação.

Nos destroços quase completamente cobertos pela vegetação tropical encontraram inscrições num idioma desconhecido, e um dos bandeirantes teve a inspiração de copiá-las. (Veja a reprodução).

A escrita não se parece com nenhuma outra conhecida, apesar de ter caracteres análogos aos de Glozel.

É quase impossível fazer conjeturas a respeito dos misteriosos habitantes do sertão brasileiro, mas não há qualquer



INSCRIÇÃO NO SERTÃO BRASILEIRO. As letras são iguais à que se encontram sobre a rocha de Ylo, no Peru. Poderia ser escrita secreta dos incas, ou então a escrita de um povo ainda mais antigo.

Foto do autor.

dúvida que tiveram uma civilização adiantada e original, como atestam a invenção da escrita e as ruínas encontradas.

LAMPADÁRIOS ELÉTRICOS

Com base em numerosos fragmentos de informação é possível afirmar que em outros tempos no Brasil e em toda a América do Sul uma civilização desconhecida precedeu a dos incas e dos aymaras, sendo que também foi muito poderosa e adiantada.

O escritor e viajante espanhol Barco Centenera visitou em 1601 as ruínas chamadas *El Gran Moxo*, nas nascentes do rio Paraguai, ou seja, em proximidade de Sete Lagunas (ou Sete Lagoas), no centro de Mato Grosso, num local a 14°35' de latitude e 57°30' de longitude oeste, perto da moderna cidade de Diamantina.

Centenera encontrou uma espécie de grande lampadário elétrico em bom estado de funcionamento.

É claro que não era alimentado por pilhas ou baterias, mas ficava iluminando sem interrupção, e temos razões para acreditar que a origem da claridade era química e elétrica.

A descrição leva-nos a acreditá-lo: “Uma coluna encimada por uma lua ou grande esfera, que iluminava brilhantemente as redondezas”.

É uma coisa extraordinária, mas o segredo daquele lampadário devia ser conhecido em todos os lugares porque nas antípodas, na Nova Guiné holandesa, numa região dos montes Wilhelmine, foi encontrada a mesma estranha geringonça: esferas de 3m a 3,50m de diâmetro compostas de uma substância aparentemente mineral e fluorescente, que estavam colocadas em cima de colunas e irradiavam uma luz branca parecida ao néon ou às lâmpadas de vapor de mercúrio.

A ROCHA IRRADIANTE DE YLO

Parece também que na parte inexplorada da selva equatorial brasileira existem labirintos, catacumbas e grutas.

Vários exploradores ou viajantes afirmam a mesma coisa, e seus relatos a respeito parecem concordar (5).

Um destes escreve:

“Somente na região praticamente impenetrável onde eu estava explorando madeiras de lei, encontrara quatro dessas entradas do *metrô do inferno*.

Alguns corredores levam a salas, a galerias com colunas, cheias de vestígios de uma antiga civilização.

Nessas estranhas criptas há uma profusão de ídolos de pedra, de vasos e de esculturas. . .”

O arqueólogo Harold T. Wilkins (6) descobriu o mais extraordinário monumento conhecido, ainda mais que parece relacionado às esferas irradiantes.

Em Ylo, na região de Mollendo ao sul de Arequipa, existe *el Tombo del Ynca* (o túmulo do inca) à beira-mar.

Nele há uma antiga inscrição que seria “a chave da entrada secreta do Túnel ou *Socabon*, que levaria aos mistérios e ao ouro perdido do Mundo Antigo, cuja porta está oculta atrás de um dos três picos, e defendida por emanações de gases mortíferos”.

(5) D. J. D. von Tschudi: *Viagens ao Chile, Peru, etc.*, publicado em Viena, 1862 — Harold T. Wilkins: *Secret cities of the South America* — Paul Grégor: *Journal d'un sorcier*, Paris, 1967.

(6) Harold T. Wilkins: *Introduction to Mysteries of South America*, Londres, 1950. Encontramos Ylo no antigo mapa reproduzido na página seguinte: está no Peru, ao sul de Arequipa. Wilkins acredita que “the tunnel of the Inca” se encontra na extremidade sul do deserto de Atacama, ou seja no norte do Chile.



Antigo mapa que indica a rocha irradiante de Ylo.

Foto do autor.

Essa inscrição indecifrável é fosforescente e o topo da rocha de Ylo também irradia uma luz igual à dos lampadários de *El Gran Moxo*.

O TESOURO DE TRÊS PICOS

A lenda do tesouro de *Los Tres Picos* é pouco conhecida entre os que procuram tesouros.

É possível que essa lenda possa ser identificada com os tesouros do *Pez Grande* e do *Pez Chico*, que despertaram nossa atenção durante uma viagem ao Peru, mas que não conseguimos absolutamente localizar.

Eis o que conta a esse respeito o explorador e nosso amigo Florent Ramaugé:

“Um velho inca de estirpe nobre, herdeiro das tradições e dos segredos de seus antepassados, não quis morrer sem confiar a alguém tudo o que sabia a respeito dos tesouros escondidos pelos sacerdotes do Sol, na Cordilheira dos Andes.

Escolheu um espanhol em quem confiava e disse:

“O tesouro de *Pez Chico* encontra-se nos Andes de Carahaya, no flanco do vale em que corre o rio (7).

Encontrarás uma gruta que fica iluminada pelo primeiro raio do sol, na alvorada.

Grandes blocos de pedra trancam o fundo daquela gruta, mas acharás uma fenda bastante larga para deixar passar um homem.

Por ali irás para um subterrâneo que penetra pela montanha e terás que abrir três portas para chegar ao santuário secreto.

A primeira porta é de cobre, e abre-se com uma chave de ouro; a segunda porta é de prata e abre-se com uma chave de cobre; a terceira porta é de ouro e abre-se com uma chave de prata. Encontrarás grandes riquezas e entre elas um disco de ouro puro. Traga-o aqui, pois desejo contemplá-lo antes de morrer. Não poderás tocar nas riquezas escondidas naquele santuário, porque elas pertencem a Deus”.

O espanhol ficou louco quando viu tudo aquilo, e com a força estorquiou o segredo do *Pez Grande*.

— Está debaixo da estátua do Deus-Sol, murmurou o inca, mas não o encontrarás!

(7) A história desse tesouro, com todos os pormenores, está em *Tesouros do Mundo*, de Robert Charroux, Editora Hemus, 1973.

De fato, o caçador de tesouros ficou sepultado na gruta quando conseguiu remover a estátua.

Foi assim que se perdeu o segredo do *Pez Chico* e do *Pez Grande*, mas acredita-se que alguma indicação deve existir no rochedo de Ylo.

CAPÍTULO VIII

RENASCE A ATLÂNTIDA

Sempre existiram dois pólos políticos terrestres contrapostos aos dois pólos magnéticos, da mesma forma que existe o + e o —, o branco e o preto.

Em nossa época, os EUA se opõem à China; 2.000 anos atrás, a Atlântida se opunha à Terra de Mu.

Mu, o continente misterioso que se erguia no centro do Oceano Pacífico, parece muito menos fascinante do que a Atlântida, possivelmente porque ficava muito afastado do Ocidente. Sua autenticidade é ainda mais controvertida. Nós, entretanto, pensamos que os dois problemas se equiparam: se a Atlântida não é um mito, a Terra de Mu também existiu.

Uma descoberta sensacional feita nas Bahamas está mais uma vez trazendo à baila o assunto atlântico, e parece que uma nova prova importante apareceu para reforçar todas as outras que a ciência oficial não está ainda querendo reconhecer como autênticas.

OS INICIADOS SABIAM

Desde 1968 os meios iniciados sabiam que “alguma coisa ia acontecer” do lado da Atlântida.

O grande vidente Edgar Cayce, sempre à vanguarda, já anunciara em 1940 a descoberta das muralhas submersas de Bimini, nas Bahamas, dando ao mesmo tempo detalhes a respeito da Atlântida transmitidos diretamente do Além (1).

Em seguida o *Mestre de Villeneuve*, chefe dos Rosa-cruzes franceses, publicou a mesma profecia numa importante brochura com o título: "O Império Invisível"(2).

Afinal, no paralelo 35º e no *Losango Mágico*, no Atlântico, estavam acontecendo coisas estranhas e incompreensíveis. . .

Esses relatos, essas profecias e esses acontecimentos estavam dentro da linha esotérica e em 1968 racionalista nenhum teria dado o menor crédito a tudo isso; entretanto existem algumas criaturas com dotes excepcionais que, em oposição às ciências exatas, conseguem perceber de antemão fatos que finalmente acabam quase sempre confirmados pelos controles oficiais.

O "caso atlante" tinha uma tamanha aura de autenticidade que em maio de 1970 sentimos a necessidade imperiosa de dar uma voltinha pelos lados das Açores e das Canárias.

Verdade seja dita, a situação estava perfeitamente normal, estagnada, e só havia um povo simpático e levemente hostil a qualquer esforço exaustivo: na Ilha Lanzarote o fogo central continuava calmo nas fissuras infernais; em São Miguel as águas de Furnas continuavam a ferver ruidosamente nas crateras de lama, e a recém-nascida ilha ao lado de Fayal estava vagarosamente esfriando suas lavas e suas areias submarinas.

Ao largo de Flores e de Corvo o mar continuava calmo, os veleiros sulcavam as águas tranqüilas, e no *Losango Mágico* os acontecimentos eram banais e rotineiros.

Mas era nessas paragens que devia acontecer o fato extraordinário.

OS MUROS DE BIMINI

Parece que o mergulhador francês Dimitri Rebikoff foi o primeiro a observar os imponentes volumes geométricos submersos nas proximidades da costa ocidental de Bimini.

Começou então, junto ao professor americano Manson-Valentin a fazer vôos de reconhecimento, que revelaram de-

(1) Em junho 1940 Edgar Cayce previu que Poseidônis seria a primeira ilha da Atlântida a reaparecer na superfície. Datas previstas: 1966, 1969, ou, ao mais tardar, 1976.

(2) *O Império Invisível*, de Raymond Bernard, ed. AMORC.

talhes interessantes: aqueles volumes geométricos eram muros antigos!

Fazia mais de trinta anos que milhares de caçadores submarinos continuavam indo para Bimini, uma ilhota do arquipélago das Bahamas, situada a somente cinquenta milhas de Miami, para mergulhar exatamente nas paragens em que se encontravam os muros.

Somente o engenheiro francês D. Rebikoff reparou naqueles estranhos bancos rochosos, com 70 a 80 metros de comprimento, debaixo de 6 a 7 metros de água.

Somente com a ajuda de fotografias aéreas foi possível distinguir blocos ciclópicos de 5x5 metros, que se elevavam a 50cm. sobre o fundo de areia e de coral, sem que fosse possível estimar a altura da parte atolada.

Outros muros existem perto das ilhas Andros, e sem dúvida nenhuma, deve haver mais outros em vários lugares.

Os arqueólogos arriscaram uma tímida estimativa: os vestígios de Bimini eram de muros de 4.000 a 5.000 anos antes de Cristo, por um único motivo: naquela época o Oceano Atlântico era seis metros mais baixo que seu nível atual!

Se isso correspondesse à verdade, Bimini não seria um vestígio da Atlântida, mas é evidente que essa estimativa não está baseada em dados reais.

Seria realmente difícil imaginar edifícios cujas bases estariam ao nível da água numa região periodicamente varrida pelos ciclones. É portanto lógico que precisamos supor que os muros de Bimini deviam estar a pelo menos cinco ou seis metros acima do nível da água, e a data de sua existência recuaria então a 12.000 anos ou mais antes de nossa era.

Essa estimativa poderá recuar ainda mais, dependendo da altura das muralhas que deverá ser medida debaixo da areia.

Calculando um mínimo de 12.000 anos, chegamos à época do dilúvio, e daí a conclusão de que Bimini pertencia a um continente atlântico antediluviano, cujo nome é conhecido desde a época de Platão: a Atlântida.

SEGREDOS ENTERRADOS EM BIMINI

Edgar Cayce teve uma visão quase clássica do que foi a Atlântida. Especificou que ela passou por três devastações: as duas primeiras, mais ou menos 15.600 anos antes de Cristo, dividiram o continente em ilhas, e a terceira, 12.000 anos atrás, provocou o afundamento do que sobrava.

O antigo continente se estendia do Mar dos Sargaços até as Açores, com uma superfície igual à da Europa e da Ásia Menor juntas.

Os atlantes emigraram antes do último cataclisma indo se estabelecer no Peru, no Egito, no México e no Colorado, onde podem ser encontrados seus descendentes: os *Mount Dwellers* (habitantes da montanha). A Atlântida teve uma civilização esplendorosa, mas seu povo deixou-se dominar pela avareza e a luxúria, provocando sua destruição, como também acontecera com Sodoma e Gomorra.⁽³⁾

“A indiferença dos que fazem as leis que devem ser aplicadas aos filhos de Deus, escreveu Cayce, provoca as forças destruidoras que somadas às forças naturais de expansão dos gases e da eletricidade trouxeram a primeira erupção vulcânica, que aconteceu perto da região que agora é chamada Mar dos Sargaços.”

Edgar Cayce previu em seguida que os vestígios da Atlântida seriam encontrados em três regiões: no Egito, em Bimini e nas Açores⁽⁴⁾.

Parece que essas profecias foram feitas em 1940, durante conversações que não foram divulgadas.

“As gravações dos sistemas usados pelos atlantes para produzir energia, ele teria explicado, encontra-se numa parte submersa de seu continente, atolada no lodo marinho perto da Flórida, num lugar chamado Bimini, onde existem os restos de um templo.”

A descoberta das muralhas de Bimini em 1970 confirmou essas profecias de maneira clamorosa.

Falta ainda descobrir “as gravações” atlânticas que devem estar não na lama, mas nas areias de Bimini.

Cayce também explicou que o epicentro do sismo que destruiu a Atlântida estava localizado nas Bahamas: sobraram cinco ilhas, e as três principais eram chamadas Poseidia, Aryan e Og.

“Quando os pólos mudaram de inclinação e a Lemúria (Terra de Mu) desapareceu entre as águas do Pacífico, a Atlântida estava no apogeu de sua civilização técnica. . .

(3) Avareza e luxúria são vícios que não andam juntos. Uma civilização pode deteriorar-se mais facilmente pela prodigalidade do que pela avareza.

(4) Sem querer desfazer dos dons de vidência do senhor Cayce, temos certeza absoluta de que jamais nenhum vestígio da Atlântida voltará à tona nas Açores.

Mergulhadores a 6 metros abaixo da superfície, após identificar as titânicas muralhas submersas de Bimini.

Foto de Dimitri Rebikoff.





Após a segunda grande erupção houve uma migração e os povos ocuparam os Pireneus. As outras migrações serviram a misturar os atlantes aos negros e outros povos mestiços que depois formaram os egípcios da África e os incas da América. . .”

AS PEDRAS ATÔMICAS

Segundo Cayce, os atlantes tinham descoberto o segredo do aproveitamento da energia solar que eles concentravam numa pedra “com propriedades magnéticas”, que conseguia irradiar mais energia do que a que recebia.

Essa energia — que em nossos dias chamaríamos de produto da desintegração atômica — era distribuída pelos diferentes circuitos de utilização: indústrias, transportes e utilidades domésticas, “da mesma maneira em que o rádio é utilizado hoje para dirigir os veículos”.

A grande pedra atômica se encontrava num prédio em forma de abóbada, com painéis corrediços como os observatórios astronômicos.

A irradiação podia ser efetuada em todas as direções.

“As irradiações se propagavam, eram invisíveis mas agiam sobre outras pedras de transmissão de força, que forneciam energia aos aviões e aos veículos de passeio que circulavam na terra e aos navios que sulcavam os mares.”

Essa pedra que captava a energia solar era um grande cristal cilíndrico, facetado; seu topo estava entalhado de forma a captar a energia, concentrando-a ao centro do cilindro.

“Vamos poder encontrar a prova disso, afirmou Cayce, se compreendermos o significado das pedras únicas, descobertas no Yucatan em 1933. . . Um fragmento encontra-se no Museu do Estado da Pensylvania, e um outro em Washington ou Chicago.”⁽⁵⁾

É possível que a utilização descomedida da energia atômica tenha provocado desintegrações imprevisíveis da natureza. Cayce, de fato, falou em invasões de animais selvagens que devastaram o país; esses animais foram destruídos por “um raio supercôsmico lançado por diferentes centrais de energia”.

(5) Não conseguimos nenhuma explicação a respeito dessas pedras. Talvez sejam as pedras da Guatemala que tinham fama de ser mágicas, mas que eram absolutamente naturais.

Afinal, foram as estações atômicas que trabalhavam em excesso e que talvez fossem mal reguladas, que provocaram a segunda destruição da Atlântida.

Na realidade, as visões de Cayce hoje podem parecer bastante infantis e ultrapassadas, até no caso de quisermos ver no tal cristal para toda obra uma prefiguração do "laser".

Faz tempo que os autores de novelas de ficção científica encontraram substitutos melhores e mais científicos para a "pedra de energia solar", que já teve precedentes ilustres em forma de rubis mágicos, diamantes que bastava virar sobre o dedo, o carbúnculo de Vouivre, a estrela na testa das fadas e a lâmpada de Aladim!

A idéia da "poderosa" Atlântida obrigada a se defender contra os lobos por meio de raios cósmicos hoje chega a nos fazer sorrir. . .

Tudo isso seria realmente infantil e ridículo se Cayce não tivesse tomado o cuidado de mostrar seus autênticos dons de vidência, falando em Bimini.

Por outro lado, se Bimini ficou comprovada, por que o resto não poderia ser também verdade?

A CIDADE DOS CONDORES

Não sabemos se o que vamos relatar em seguida tem alguma relação com Bimini, mas é certo que tem algo a ver com uma civilização desconhecida e talvez atlântica.

Em 1965 foi descoberta na região de Payatea, no versante oriental dos Andes, uma imensa cidade de 42 quilômetros quadrados.⁽⁶⁾

É conhecida como a Cidade dos Condores por causa das numerosas esculturas dessas aves de rapina encontradas nos muros.

Também foram encontradas figuras que representam criaturas com grandes auréolas sextavadas e raios solares em volta da cabeça.

A arquitetura da Cidade de Condores é de estilo muito diferente de todos os outros encontrados no Peru, e suas origens parecem se perder no tempo, ou pelo menos ter a mesma idade da Tiahuanaco antiga, que era antidiluviana.

(6) Do *Bulletin mensuel de la Religion du Soleil Inca*, Soleil Inca, 25, Passage des Princes, Paris.

Em certos meios circula a opinião de que essa misteriosa cidade, desconhecida do rei Pachacutec em 1450 e dos chachepoyas que moram naquela região da Amazônia peruana, foi possivelmente uma colônia muito progressista da Atlântida.

O IMPÉRIO INVISÍVEL DOS R + C

Segundo documentos secretos da biblioteca dos Rosa-cruzes AMORC, Platão conhecia a tradição da Atlântida e seu relato é autêntico.

Podemos então pensar que uma parte dos ensinamentos AMORC foram revelados aos membros da associação pelo grão-mestre R + C Raymond Bernard (que de agora em diante teremos que chamar Mestre de Omonville⁽⁷⁾) num livro intitulado: *O Império Invisível*.

“A Atlântida, escreve o Mestre de Omonville, era um continente altamente civilizado que dispunha de meios de comunicação e de transporte tão aperfeiçoados que em comparação aos que hoje usamos não são nada, na sua época era o **CORAÇÃO DO MUNDO**.

Os povos “colonizados” recebiam ensinamentos à altura de suas possibilidades. Em certos países especialmente “abertos” o Conselho dos Sábios, que eram os mais altos iniciados daquele tempo e os guardiães da sabedoria secreta, estabeleciam uma filiação direta e essa filiação era caracterizada por um **TEMPLO PIRAMIDAL**, à imagem da pirâmide suprema que, na Atlântida, era a sede do Conselho e onde se preservava toda a sabedoria.

Uma única pirâmide foi construída à imagem da pirâmide suprema e assim mesmo numa “medida” diferente: a pirâmide de Queops.

Ela perpetua para o mundo a *totalidade* da sabedoria dos atlantes, enquanto as outras pirâmides só revelam *uma parte*.

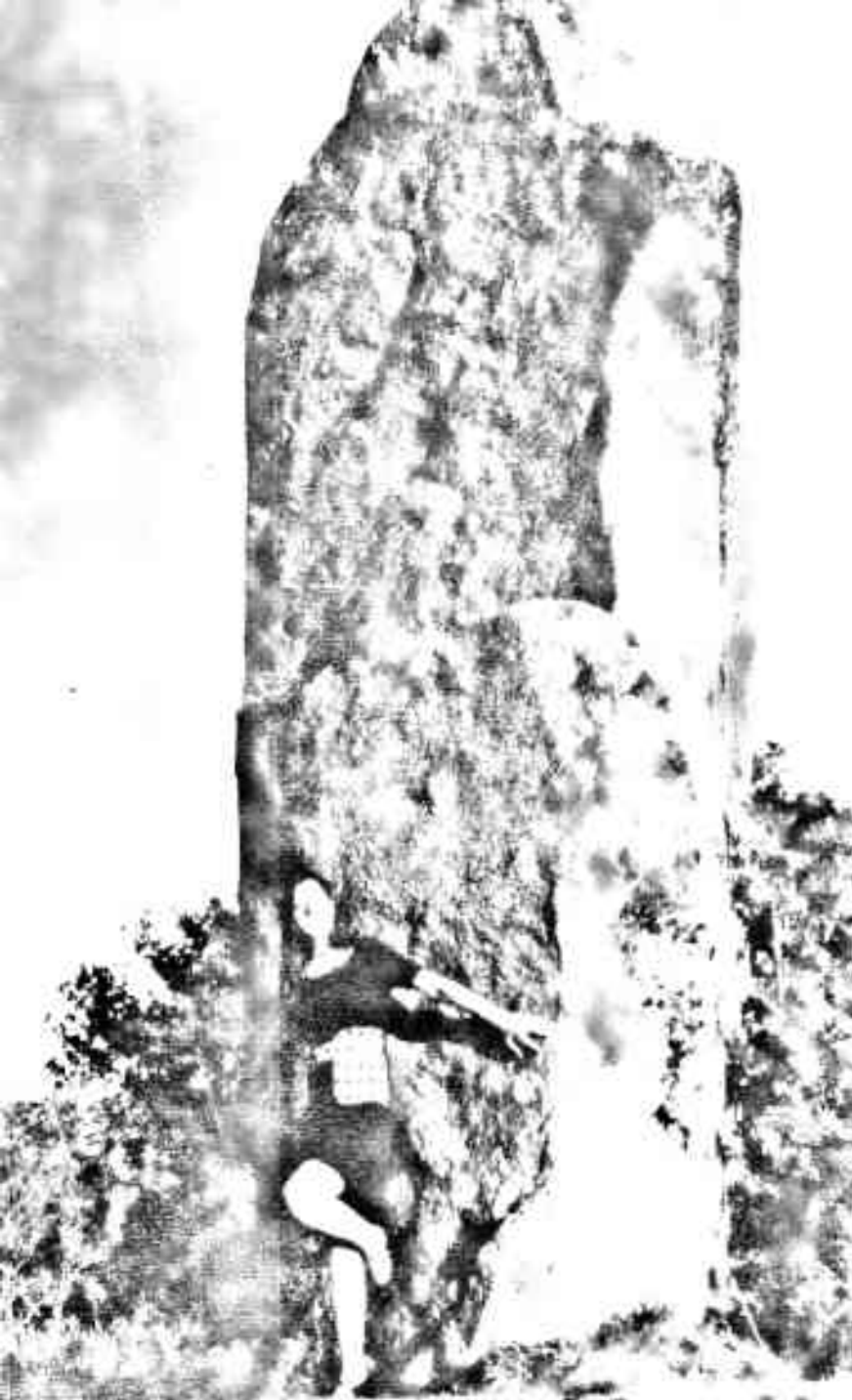
(7) A sede dos Rosa-cruzes AMORC deixará de ser Villeneuve e se transferirá para Omonville, no Eure.

O menir de Cinturant, com 7 metros de altura, é o mais bonito em toda a França. O Mestre de Omonville afirma tratar-se de um amplificador cósmico, de uma agulha de rocha para acupuntura terrestre.

Uma lenda afirma que quem tentar escalá-lo morrerá.

Foto do autor.





Num futuro muito próximo, entretanto, as “descobertas” que serão feitas em benefício da humanidade porão um fim a muitas polêmicas.⁽⁸⁾

Os atlantes conheciam a natureza e a pujança de certas energias, especialmente das correntes telúricas, e as aplicavam cuidadosamente à agricultura, usando também os mesmos conhecimentos para manter um equilíbrio harmonioso entre essas correntes para evitar toda catástrofe geológica na medida em que os homens poderiam evitá-la.

As pirâmides tinham a mesma finalidade, através do local escolhido para edificá-las.

Em outros locais bastavam pontos de proteção, como era o caso dos dólmenes e dos menires que, ao mesmo tempo, marcavam exatamente o ponto de junção das forças, o da focalização de energia universal e o local em que poderiam se efetuar cerimônias eficazes.

O mesmo conceito vale para os megalíticos que ainda aparecem numerosos no mundo inteiro, em todos os territórios, nos campos e nas cidades; eles, porém, tinham somente a tarefa de aumentar a energia cósmica e favorecer as safras.

Precisamos lembrar ainda que todos esses elementos secundários estavam ligados à pirâmide suprema, no campo da energia. Dessa forma a Terra inteira era uma espécie de receptáculo apropriado para o conjunto de forças cósmicas. . .

A ATLÂNTIDA VAI RENASCER

Por causa de alterações acontecidas na pirâmide suprema, devidas a manobras ignorantes e ambiciosas, a catástrofe planetária que trouxe a Atlântida transformou a superfície da terra e ficou na imaginação popular com a denominação inapropriada de Dilúvio.

Nas sociedades secretas africanas *autênticas*, a doutrinação é baseada numa *parcela da sabedoria atlântica que ali se perpetuou*.

Quando aconteceu a catástrofe, os grandes sábios se refugiaram no Egito. *Eles zelaram para salvaguardar os conhecimentos científicos e técnicos que faziam da Atlântida um continente cuja civilização ainda não foi atingida, nem em nossos dias. . .*

(8) As profecias do Mestre de Omonville se referem à descoberta dos vestígios atlânticos em Bimini e foram publicadas um ano e meio antes.

Os Sábios não reconstituíram o Império por causa do que havia acontecido e porque assim era previsto no plano universal.

O mundo inteiro está agora para se tornar a NOVA ATLÂNTIDA. . . Mais uma vez, e pela última vez, a humanidade que continua livre poderá fazer sua escolha, e dessa escolha derradeira dependerá o advento de uma era de extraordinária civilização, ou então o fim que não mais será o fim de um continente, mas *do mundo inteiro*.

A hora está se aproximando. Ela será caracterizada pelo renascimento da Atlântida, a emergência do continente perdido, ante os olhos da humanidade estupefata.

Os Sábios dirigiram nossa evolução. À medida em que os homens conseguiam compreendê-las e se valer delas sem prejuízo, entregaram-lhes as descobertas, colocando-as ao alcance deles; entregaram, ao pé da letra, os conhecimentos científicos e técnicos dos atlantes, que tinham sido preservados por eles e pelos seus sucessores.

Os resultados às vezes foram somente parecidos e não idênticos. Por exemplo: nossos aviões são diferentes das aeronaves dos atlantes.

Os conhecimentos dos atlantes vinham *de uma outra galáxia*, trazidos por aqueles que se tornaram os primeiros chefes da Atlântida.

Alguns Extraterrestres voltaram a partir; outros continuaram na terra cumprindo uma missão.

Foram eles que originaram toda a civilização do mundo.

O Mestre de Omonville está convencido de que os atlantes atuais, que tomarão o lugar do antigo Conselho dos Sábios, estão agindo de acordo com o Alto Conselho de A. . . (os Rosa-cruzes não contam o nome secreto).

Os atlantes reaparecerão publicamente quando a Atlântida reemergirá. Eles estão espalhados em todas as partes do mundo.

A humanidade passará pela Atlântida reencontrada para em seguida trilhar o caminho de novas conquistas que, nos séculos futuros, trarão a união dos mundos e das galáxias, para que finalmente a obra fique completa: naquela época, porém, a tomada de consciência já será universal.

OS ÚLTIMOS ATLANTES

As Ilhas Canárias, chamadas também Campos Elíseos, ou Jardim das Hespérides, ou Ilhas Afortunadas, ou Atlântida, já

eram conhecidas na antiguidade e foram mencionadas pelos árabes, pelos cartagineses, por Juba II, rei das duas Maurítânias e por Plínio em sua *História Natural*.

Quando em 1478 foram conquistadas pelos espanhóis, sua população de guanchos acabou, pois eles preferiram se suicidar a se submeter às leis dos conquistadores.

Isoladas no Atlântico, um pouco acima do trópico do Câncer, as Canárias são com Madeira e as Açores as últimas terras ainda existentes da Atlântida.

— Os guanchos, disse don Inigo, nativo das ilhas, descendem do rei Uranus, primeiro monarca dos atlantes.

Parece que Montezuma, rei do México, explicou a Fernando Cortez, o conquistador espanhol:

— Nossos antepassados não nasceram aqui. Chegaram de uma terra distante chamada Aztlan, onde havia uma alta montanha com um jardim habitado pelos deuses.

Essa alta montanha poderia ser talvez o pico de Teyde, em Tenerife, com uma elevação de 3.718 metros, que nos faz supor que antes da Atlântida ser tragada pelo oceano, e considerando a profundidade dos fundos marinhos atuais, esse pico devia medir perto de 7.000 metros.

Antes de desaparecer no século XV, os guanchos acreditavam, pelas suas tradições, serem os últimos habitantes do mundo, pois todos os outros tinham sido tragados pelas águas.

Sendo assim, poderíamos supor que sua escrita seja uma herança dos atlantes mas, apesar disso parecer inexplicável, essa escrita é quase que desconhecida na Europa, e até nas próprias Ilhas Canárias.

Tivemos que dedicar dois dias inteiros às buscas, em Gran Canária, para convencer nossos guias que a escrita guanche existia, e para depois finalmente encontrar algumas amostras.

Percorremos mais de cem quilômetros entre montanhas e barrancos da ilha até que enfim Yvette Charroux descobriu pedras gravadas, e não foi no *Lobo de los Letreros*, como tínhamos esperado, mas dentro de uma erupção basáltica num barranco isolado ao centro da Gran Canária.

Fotografamos aqueles traços tão parecidos com os dos celtas da Bretanha: espirais, círculos, serpentes, figuras estili-

Nas Canárias o fogo terrestre está a um palmo debaixo da superfície. Basta jogar um pouco de água nesse buraco soprador para criar um *geyser*.

Foto do autor.







Inscrição alfabética de guanches de la Caleta, em Hierro (Ilhas Canárias). Esse tipo de escrita de nossos antepassados celtas é desconhecido na Europa.

Foto do autor.

zadas e um extraordinário “bruxo”, que é a réplica perfeita de outro que se encontra na gruta de Villar, em Dordonha.

O fato importante, porém, é que encontramos uma escrita autêntica (ver a reprodução fotográfica) que entregamos ao abade Robert Hirigoyen, da revista *Decouvertes*, para que a estudasse.

Sem nenhuma dúvida trata-se de letras, e algumas se parecem com V, N, S, T, I.

Pastores do lugar ou talvez visitantes vândalos inscreveram seus nomes e às vezes até datas na superfície da pedra e agora já é difícil distinguir, às vezes, o que é autêntico e o que é posterior.

Pelo que sabemos, aquela escrita é conhecida por alguns arqueólogos alemães, mas ignorada pelos franceses e pelos espanhóis, e achamos que esta é a primeira vez que ela está sendo reproduzida na França.



Na Ilha de São Miguel, nas Açores, a água ferve nas *caldeiras* de Furnas. Aqui se encontrava o centro da antiga Atlântida, e Furnas mostra como sua situação era perigosa.

Foto do autor.

Esses caracteres são importantíssimos porque se resultassem idênticos a outros que porventura poderiam ser encontrados nos muros submersos de Bimini, se constituiriam numa prova de se tratar realmente da escrita dos atlantes.

AS CALDEIRAS DAS AÇORES

As Açores, que se situam mais ao norte e oeste, bem no centro do Atlântico, disputam às Canárias o privilégio de serem o último resto emerso da Atlântida.

É um pouco difícil acreditar que os atlantes pisassem em terras que 12.000 anos atrás estariam a 4.000 metros de elevação e cujos picos deviam chegar a 7.000 metros acima do nível do mar.

As Ilhas Canárias são, na realidade, terras vulcânicas que emergiram das crateras de vulcões hoje extintos e transformados em basalto e calcáreo.

As Açores são mais verdejantes, mais úmidas, menos vulcânicas do que Lanzarote ou Fuerteventura, e se parecem muito com as paisagens do Jura ou da Sabóia francesa, com terras muito férteis.

A transmutação das lavas foi muito mais rápida, talvez por causa das chuvas diárias, ou talvez pela sua maior antiguidade. De fato, nas Açores não encontramos vulcões em erupção, mas às vezes a terra é extraordinariamente quente, e na região de Furnas, na Ilha de São Miguel, a água remexe, ferve e explode nas *caldeiras* aquecidas pelo fogo do centro da terra.

Como acontece nas Canárias, nas Açores também prova-se uma sensação de mal-estar, quase de perigo: o fogo de Geia está logo debaixo da superfície da terra e não temos dificuldade nenhuma em acreditar que essas ilhas são terras de erupção, saídas do oceano, ou então os últimos restos da Atlântida, que já foi terra de muitos vulcões.

Em 1954 uma ilha surgiu de repente do Atlântico, ao lado da Ilha Fayal: a Atlântida estava reaparecendo, mas em forma de solo virgem e arenoso, dentro de um mar em ebulição, sacudido por convulsões geofísicas.

Não havia a menor possibilidade de que qualquer eventual vestígio da Atlântida pudesse resistir a todos esses tremores.

Apesar disso as tradições insistem em situar Poceidônias, a capital da Atlântida, nas Açores e mais especificamente na Ilha de São Miguel.



O lago das 7 cidades, nas Açores. A tradição afirma que sete cidades da Atlântida estão cobertas por essas águas azuis e verdes.

Foto do autor.

Nosso amigo José da Silva Fraga é da mesma opinião e contou-nos em excelente francês a lenda do duplo lago das *Sete Cidades*.

O LAGO DAS SETE CIDADES

“— Antigamente as Açores eram chamadas as Ilhas Encantadas, disse José da Silva Fraga. Elas apareciam e desapareciam como miragens, e talvez foram elas a origem da lenda da Ilha de São Brandão.

Tradições que evidentemente chegaram da Europa afirmam que um continente submerso cerca as nove ilhas, que quando Cabral as descobriu em 1432 eram completamente desabitadas.

É evidente que deve tratar-se da Atlântida, de seus palácios cobertos de oricalco, de seus templos em pirâmide e de sua capital: Poseidônias, a cidade guardada por três cercas.

Um dos mais lindos panoramas do mundo é sem dúvida o que se descortina do promontório da *Vista d'el Rey*, em São Miguel, encaixado num vasto anfiteatro verde salpicado de hortênsias e azáleas: dois grandes lagos de praias harmoniosas se beijam, formando assim o símbolo do infinito.

Um lago tem águas azuis e outro águas verdes; existem sete lendas que explicam o fenômeno.

Uma dessas lendas se refere ao reino da Atlântida, com seu rei Branco-Cinza e sua rainha Branca-Rosa, que estavam desesperados porque não tinham crianças.

Finalmente tiveram uma filhinha, uma menininha belíssima, mas uma fada malvada e poderosa mandou que não a vissem até que ela atingisse 20 anos.

O rei mandou construir em São Miguel, logo abaixo da *Vista d'el Rey*, sete cidades da felicidade, onde a pequena princesa passou toda sua vida.

Ninguém, nem mesmo o rei, podia entrar nelas. Mas como sempre acontece em todas as lendas, um dia o rei ficou cansado daquela proibição. Quando estava em ponto de entrar numa das cidades e ver finalmente a princesinha, a terra tremeu, os vulcões começaram a cuspir rios de fogo e as sete cidades foram encobertas pelas águas que surgiam das profundezas.

No fundo do lago cor de esmeralda se encontram os sapatinhos verdes da princesa, e seu bonezinho cor turquesa está no fundo do lago azul. . .”

Isso é só uma lenda, é claro, mas é a única que indica expressamente o local da capital da Atlântida.

A ESTÁTUA DE CORVO

Existe absoluta certeza de que havia uma terra emersa em direção às Açores desde 1898 quando um navio especializado na colocação de cabos submarinos teve que rastrear o fundo em busca do cabo que ligava Brest ao Cabo Cod (perto de Nova Iorque) e que tinha se partido a 47° de latitude norte a 29°40' de longitude oeste, a 500 milhas ao norte de Punta Delgada. As fateixas agarraram e trouxeram de 3.000 metros de profundidade uma lava vitrificada, com a composição química do basalto: era taquilita.

Os geólogos então constataram oficialmente que aquela lava tinha a aparência de um matéria coloidal; a 3.000 metros de profundidade, ou sob a pressão de algumas atmosferas se cristalizaria obrigatoriamente com os cristais emaranhados.

Chegaram então à conclusão de que aquela lava tinha se solidificado ao ar livre, ou seja, numa terra emersa.

Um continente naquelas paragens só poderia ser a Atlântida.

Conta-se também uma história, que talvez seja uma lenda, que situa a Atlântida exatamente nas Açores, o que significaria que muito tempo antes de Cristóvão Colombo alguém já o tinha precedido no caminho para a América.

Temos absoluta certeza disso.

O historiador João de Barros em sua *História portuguesa das Índias Ocidentais*⁽⁹⁾ menciona uma estátua descoberta na Ilha do Corvo, a mais setentrional das Açores.

Diz ele que o pedestal da estátua estava cheio de inscrições em caracteres desconhecidos, que ele suspeitava ser fenícios.

Esse relato é citado por um grande número de autores que em seus livros geralmente acrescentam que se tratava de uma estátua eqüestre, com o cavaleiro apontando o indicador para a América como a mostrar o rumo.

É difícil acreditar no relato de João de Barros.

Corvo não passa de uma ilhota onde um navio atraca uma vez por mês, e somente durante algumas poucas horas.

Não há hotel nem pensão, nenhum conforto da vida civilizada, somente um pequeno vilarejo muito mal localizado.

(9) João de Barros, chamado o *Tito Lívio português* (1496-1570) foi Tesoureiro Geral das Colônias e dono da província do Maranhão. Sua obra principal é: *Ásia, ou feitos e gestas dos portugueses no tempo da descoberta e conquista dos mares e territórios de Oriente*. Muitas obras dele foram queimadas pela Inquisição.

É claro que no vilarejo não há estátua nenhuma, e é bem difícil que alguma vez possa ter existido!

Procurando na montanha, foi possível encontrar um rochedo de conformação mais íngreme que os outros, mas que não tinha nada que se parecesse nem de longe com uma estátua, nem de um cavalo e menos ainda de um cavaleiro.

Um pouco mais abaixo existe outro rochedo em forma de corcunda que poderia ser o "marco" que, pela tradição, confirmaria a direção indicada pelo cavaleiro.

Infelizmente, como aliás é possível ver pela fotografia, tudo isso pertence ao reino da fantasia!

Achamos interessante citar essa lenda que é mencionada continuamente pelos "Atlantídeos" e desejamos dar o benefício da dúvida às afirmações de João de Barros: se é verdade que no século XVI existia uma estátua naquela ilha, ela desapareceu e hoje nada indica onde ela poderia ter sido erguida.

O "HOMO ATLANTICUS"

Em setembro 1928, um arqueólogo pouco conhecido, o doutor Marcel Baudoin, de Saint-Gilles: Croix-de-Vie, cujo nome gostaríamos de ver associado ao de Boucher de Perthes, o pai da pré-história, fez uma descoberta que foi a coroação de seus sonhos de velho pesquisador.

Encontrou no antigo estuário de Havre-de-Vie um grande bloco de quartzito de cerca de 1.500 kg. que as águas do oceano cobriam a toda preamar.

O bom doutor observou admirado e em seguida entusiasmado que na pedra estava gravada uma cabeça de homem e em volta havia furos, impressões de pés descalços, de cascos de cavalos e grandes ranhuras.

Pelo que havia em proximidade, conseguiu calcular que o baixo-relevo devia datar do ano 5.000 antes de nossa era.

Mandou então uma comunicação à Academia de Ciências e publicou um estudo a respeito de seu achado no *Phare* do dia 8 de outubro.

"Acabei por achar o homem que escavou os buracos em nossas rochas, ele escreveu, e que se acreditava ser obra céltica; o homem que ergueu os dólmenes e os menires, que esculpiu a pedra, que fabricou os machados e que conhecia o emprego dos primeiros metais.



Cópia do *Homo Atlanticus* feita pelo doutor Marcel Baudoin.

Foto do autor.

A rocha do estuário do Havre-de-Vie localiza-se na aldeia de Plessis-le-Fenouiller, perto de St. Gilles (Vandea). É chamada "a grande pedra".

A gravação, em forma de medalhão, tem o tamanho natural da cabeça de um homem, com um relevo de 10 a 15 milímetros.

Representa um homem de nariz fortemente aquilino, de olho redondo, e sua cabeça é encimada por uma grande quantidade de cabelos, cujas extremidades são amarradas num birote.

Nossos antepassados gauleses também se penteavam da mesma maneira.

É minha opinião que se trata do rosto do homem que veio de além-Atlântico para trazer a civilização aos celtas.

Ele se parece de maneira extraordinária aos personagens desenhados nos códices dos maias ou esculpidos em estelas no México.

É ele o *Homo Atlanticus*, ou seja o Atlante típico, cujas feições até agora foram procuradas sem nenhum resultado.

Fiz um calco em cimento que hoje se encontra no *Museu ao ar livre de Pré-história* que criei em Croix-de-Vie."

A grande pedra de Plessis-le-Fenouiller foi removida no ano de 1930 e transportada ao museu de Noirmoutier, ou talvez para o de Rochesur-Yon. De qualquer forma não conseguimos achar rasto nenhum dessa pedra.

O "Museu ao ar livre de Pré-história" ainda existe em Saint-Giles-Croix-de-Vie, numa rua perto da antiga casa do doutor.

Consiste de calcos de gravações e baixo-relevos extraordinários, feitos sobre os originais, que em parte se encontram em grutas, em parte em museus de província e outros ainda em lugares desconhecidos, pois o doutor Marcel Baudoin já desapareceu.

Todo o conjunto forma uma parede de quinze metros de comprimento por dois metros e vinte de altura, numa pequena rua sem movimento que foi dedicada ao doutor Baudoin.

As conclusões do doutor Baudoin, realmente às vezes um pouco arriscadas, não impressionaram os "Pré-historiadores" e nem seus próprios concidadãos: os arquivos do doutor desapareceram, e precisamos procurar um dia inteiro, fazendo perguntas, para conseguir os poucos elementos que anotamos.

Agradecemos a solicitude do doutor Julien Rousseau, de Beauvoir-sur-Mer, historiador emérito da Vandea.



O "Museu da Pré-história ao ar livre" em Saint-Gilles-Croix-de-Vie (Vendée). Nesse muro estão reproduzidas as mais fantásticas gravuras atribuídas aos celtas e aos homens da pré-história.

Foto do autor.

Se o homem de Plessis-le-Fenouiller foi contemporâneo dos dólmens, com certeza não era um atlante: parece-nos muito mais lógico acreditar que o retrato do medalhão seja o de um deus ou de um antepassado venerado, pois os antigos celtas o cercaram de escavações para água benta e com pegadas de cascos de cavalo que, pela tradição, era reconhecidamente um dos maiores animais-símbolo da Atlântida.

Assim sendo, o personagem descoberto pelo doutor Baudoin poderia realmente ser o *Homo Atlanticus*, como ele imaginava.

CAPÍTULO IX

A TERRA DE MU

A existência dos continentes desaparecidos se baseia em tradições, em documentos às vezes duvidosos, mas também em dados científicos extremamente importantes.

O geofísico alemão Wegener supõe que na antigüidade havia um único continente terrestre que após convulsões geológicas se dividiu, ou foi dividido pelo surgimento de massas que emergiram dos estratos móveis do *sima* do interior do planeta.

Essa é a teoria da deriva dos continentes.

Estudos recentes de geologia marinha trouxeram mais uma explicação para o fenômeno: durante milênios o fundo do mar foi se alargando, separando a massa emersa em continentes distintos.

PANGEA, A TERRA-MÃE ORIGINAL

Esse fenômeno continua ainda em nossos dias, pois com a atividade vulcânica submarina as fissuras e as crateras dos grandes dorsais dos oceanos continuam expelindo lava.

Para dar um exemplo, as matrizes que são os dorsais⁽¹⁾ do Atlântico e do Pacífico continuam emitindo uma espécie de tapete rolante de terras que saem do interior do globo.

Dessa maneira, a América se afasta da África e da Europa a uma certa velocidade, e também vice-versa.

Daniel Behrmann escreveu no *Courrier de l'Unesco*⁽²⁾ que a massa continental original, ou *Pangeia* (Pan: tudo, Geia: deusa da Terra) começou a se dividir mais de 100 milhões de anos atrás.

Cogita-se que naquela época havia três continentes emersos. Dois grandes: América do Sul-África de um lado e Ásia-Europa do outro. A Índia atual estava à deriva do oceano, ao largo do Kênia e do Tanganyica (atual Tanzânia).

Resumindo, o globo naquela época se apresentava da seguinte forma:

— 120 milhões de anos atrás estava se formando o dorsal do centro do Atlântico com a separação de *Pangeia*: As Américas e a África começaram a derivar, respectivamente para oeste e leste.

— 60 milhões de anos atrás o Oceano Atlântico já existia, mas o Brasil ainda estava muito próximo da Guiné. A Índia estava de aproximando da Ásia.

— 30 milhões de anos atrás a América do Sul estava se afastando mais da África. A África estava se aproximando da Europa e a Índia da Ásia.

— 15 milhões de anos atrás a América do Sul se reunia com a América do Norte (que talvez tinha se destacado da Ásia oriental); a África reunia-se à Ásia Menor e a Índia com a Ásia. A compressão das massas produziu as elevações montanhosas do Líbano, do Cáucaso e do Himalaya.

A GONDWANA

Pelo estudo dos resíduos de magnetismo nas rochas supõe-se que no fim do terciário, o pólo magnético se localizava a 65° de latitude, aproximadamente entre a baía de Hudson e a Groenlândia.

(1) Um dorsal é uma cordilheira submarina que se estende por todo o comprimento do oceano.

(2) *Courrier de l'Unesco*, julho 1970, Paris. Daniel Behrmann escreveu: *Planète Ocean*, a aventura dos homens que se dedicam à oceanografia, trad. francesa, ed. Robert Laffont, 1971.

Essa localização corresponde à do país do Hiperbóreo, mencionado nas mitologias arianas.

Nessas condições, se nosso globo em vez de ter uma inclinação de cerca de 23 graus no plano elíptico, estava na posição vertical; as estações deviam ser iguais em todos os lugares e o Hiperbóreo, cercado por suas montanhas de gelo, devia gozar de uma temperatura diurna praticamente ideal, como aliás dizem os documentos antigos.

Essa seria uma boa explicação pelas samambaias gigantes e pelas vegetações tropicais cujos restos foram encontrados na Escandinávia e até nas regiões mais ao norte.

Essa tese foi apoiada também pelo professor Robert Diets, geólogo da *Environmental Science Service* de Washington que com partes da África, da América do Sul, da Austrália e da Índia reconstruiu um continente que foi batizado *Gondwana*.

Por outros geólogos de vanguarda, a *Gondwana* é o continente do sul oposto, na era secundária, ao continente do norte, ou *Escudo escandinavo*.

A LEMÚRIA

As *Purâna* falam de continentes que se elevam um após o outro, cada um sendo o berço de uma raça e citam sete nomes onde moraram ou morarão sete grandes raças.

O naturalista alemão Haeckel opina que a raça humana nasceu na *Lemúria*, atualmente submersa no Oceano Pacífico, e chama aquele continente de *Shalmali*.

Enquanto estava sendo destruído pelo fogo e pela água, apareceu *Kusha* (a Atlântida), onde floresceu a poderosa civilização da quarta raça.

A *British Association for the Advancement of Science* anuncia que um novo continente, a *Shaka* das *Purâna* está em vias de formação no Círculo de fogo do Pacífico, onde as Ilhas Bagoslof, perto do Alaska já se elevam a mais de 1.000 pés.

A extensão das novas terras prevê um comprimento de 1.000 milhas, e que elas irão se estender até as Filipinas, o Japão, Málaca e Borneo.

Se a emersão dessas novas terras tivesse que ser rápida como aconteceu com as Ilhas Bagoslof, os geólogos acham que poderia acontecer um maremoto do tamanho do Dilúvio Universal.

O passado ensina que quando surge um novo continente começa uma nova etapa da evolução e uma nova raça.

Nos antigos documentos tradicionais dos povos de Ceilão e de Madras podemos ler: "A pátria dos Tamiis (povo de raça dravidiana que ainda hoje vive na Índia Meridional) antigamente se localizava ao sul da grande Ilha de Java, que foi uma das primeiras terras emergidas em volta do equador.

Lá encontrava-se a Lemúria, berço de todas as civilizações."

O escritor Wishar S. Cervé, atingindo na documentação de propriedade da *The Supreme Grand Lodge of Amorc* de S. José, na Califórnia, acredita que o primeiro homem a pisar na terra surgiu nos EUA.

Acredita também que a Lemúria era um continente que ia da África até o Pacífico numa época em que, na opinião de Wegener, as Américas, a Europa e a África Ocidental formavam um único bloco.

Após convulsões geológicas a Lemúria chegou a ocupar somente a posição da Micronésia e Polinésia, enquanto as Américas começavam a se aproximar dela e ao mesmo tempo surgia a Atlântida.

Para S. Cervé, os misteriosos e incertos personagens que parecem morar no monte Shasta nos EUA seriam os últimos descendentes do Império da Lemúria.

MU, UIGHURIA, GONDWANA, ATLÂNTIDA E TERRA DE ICHTAR

O professor Rameau de Saint-Sauveur publicou, numa brochura do *Club Marylen*⁽³⁾ um curioso relatório a respeito de Mu, infelizmente sem referências históricas, pois estava baseado em "revelações" incontroláveis.

Diz o senhor Rameau de Saint-Sauveur que os habitantes de Mu de raça branca vinham da constelação chamada "Cabeleira de Berenice"; teriam eles sido os primeiros habitantes civilizados da Terra, e foram eles que ensinaram seus conhecimentos aos atlantes.

A capital de Mu era Shalmali II, em lembrança ao nome de sua capital extraterrestre: Shalmali I.

(3) *Club Marylen*, B.P. 33 — Neuilly-Plaisance (93).

O Império que se estendia da Ilha da Páscoa até as Marquesas foi submerso pelas águas há 700.000 anos.

Ao mesmo tempo o continente de *Gondwana* ou Lemúria tinha sua capital Bakhkana, que era a cidadela dos negros.

Gondwana sumiu no Pacífico 25.000 anos atrás e os habitantes que conseguiram escapar, se refugiaram na Uighúria, um vasto continente que se estendia desde a Mongólia até a França.

Gondwana ocupava uma posição mais ou menos onde se encontra a Austrália. A mesma relação acrescenta que foi naquele continente que surgiram os símios, uma espécie de “sub-produto” dos homens.

A Uighúria naqueles tempos era habitada por brancos e amarelos vindos de um “Outro Lugar”, e pensamos que isso significa: de uma estrela.

Os Brancos, armoricanos e “basconianos” tinham duas cidades principais: *Ys*, perto do limite do continente Hiperbóreo, e *Tarlessos* nas cercanias de Madeira.

A capital, *Uighur*, era situada onde hoje se encontra o deserto de Gobi.

Existia um segundo continente: *Hiperbóreo*, cuja capital era Thule, ao leste da Islândia.

A Atlântida, na opinião do senhor Rameau de Saint-Sauveur, era composta de três ilhas — cuja capital era Atlanta — situadas no meio do Atlântico Norte, e havia um continente emergindo no lugar da América do Sul: a *Terra de Ichtar*, cuja capital era Tiahuanaco.

Estamos mencionando todos estes dados como curiosidades arqueológicas, sem porém dar-lhes qualquer crédito, porque pululam de pormenores suspeitos, a começar por aquela *Terra de Ichtar*, em que se encontram curiosamente a venusiana Orejona dos incas, e Ichtar, a deusa venusiana com o nome babilônico!

Tudo isso é um breve resumo da muito confusa e controvertida questão dos antigos continentes desaparecidos, ou seja: Atlântida, *Gondwana-Lemúria*, Hiperbóreo, e Terra de Mu.

Os “pré-historiadores”, os geólogos e os tradicionalistas concordam quase completamente na definição da identidade e localização da Atlântida; quanto ao resto, é uma outra história!

De fato, *Gondwana*, Lemúria e Terra de Mu parecem ser três nomes diferentes para designar o mesmo continente.

Whishar S. Cervé, campeão da Lemúria, e o Coronel Churchward e L. C. Vincent, torcedores da Terra de Mu,⁽⁴⁾ atribuem aos dois continentes os mesmos "symboles of the sacred four" ou seja cruzes em sua maioria gamadas — que representam as quatro primeiras forças que criaram o mundo.

SUÁSTICA E SAUÁSTICA

Como era de se esperar, os geólogos não chegam sequer a admitir a existência de um continente emerso 12.000 anos atrás, onde hoje se encontra o Oceano Pacífico.

Nenhum documento escrito autêntico comprova essa existência, mas é absolutamente evidente e incontestável que uma vez havia terras onde agora existem mares e vice-versa.

De qualquer maneira, existem indícios geológicos que inclinam a balança em favor da existência de Mu, e além disso, homens influenciados por reminiscências cromossômicas ou talvez por um simples espírito de lógica "sabem" que ao leste da Ásia existia um continente que era o contraposto da Atlântida em nosso Ocidente.

No plano iniciático sabe-se que desde sempre e para todo o sempre existiram e existirão no globo terrestre dois grandes continentes, ou então dois grandes poderios em eterna oposição, um no leste e o outro no oeste.

Esses dois pólos, + e —, são representados em nossos dias pela China e pelos EUA, como doze mil anos atrás eram representados, sob signos inversos, pela Atlântida e pela Terra de Mu.

Os tradicionalistas costumam simbolizar a evolução e os ciclos daquela ação recíproca pelo signo sagrado da cruz gamada, seja ela a suástica, ou então a sauástica.

Essa cruz gamada já foi, como frisam Churchward, Cervé e L. C. Vincent, o símbolo de Mu e também o símbolo da Atlântida.⁽⁵⁾

(4) Whishar S. Cervé: *Lemúria*, ed. Rosteruclennes, San José, Califórnia — James Churchward: *O Continente Perdido de Mu*, ed. Hemus, 1973.

(5) Louis-Claude Vincent: *O Paraíso Perdido de Mu*, ed. de la Source, 83, Marsat. (5) L. C. Vincent, em seu *O Paraíso Perdido de Mu*, publica um estudo notável sobre a suástica, frisando seu destino universal e seu significado sagrado. Por culpa dos nazistas e dos judeus o signo tornou-se símbolo de abominação, enquanto na realidade significa a vida e a evolução benéfica. Essa abominação é uma verdadeira obra de magia negra que influencia de maneira funesta o destino da raça branca.

Hoje em dia a América do Norte parece estar sob o signo da sauástica virada à direita, enquanto a China, que está em pleno desenvolvimento, está sob a influência da suástica

Estas são hipóteses controvertidas que se baseiam simplesmente em tradições, mas assim mesmo é um fato que a realidade da Atlântida é geralmente aceita, enquanto a de Mu simplesmente vem de indícios e vestígios que por outro lado não podemos absolutamente desprezar.

O IMPÉRIO ARIANO DE UIGHUR

Em suas buscas executadas no deserto de Gobi, uma missão arqueológica soviética descobriu em *Khara-Khota*, a antiga capital do império Uighur, o túmulo de uma rainha que fora sepultada com seu cetro de ouro enfeitado de preciosos esmaltes.

Na opinião de Abel Clarté, da revista trimestral *Psyché-Soma* "o império de Uighur é mencionado nas lendas chinesas que se referem ao tempo em que o deserto era uma região fértil e verdejante.

Esse império se estendia até a Europa Central, compreendia a Mesopotâmia, e tinha começado a existir pelo menos 16.000 anos antes de Cristo.

Parece que o deserto de Gobi é uma conseqüência do ressecamento da terra após o Dilúvio, que aconteceu quando o continente Mu foi engolido pelas águas do oceano.

Parece que Sumer teve suas origens no império de Uighur, e isso justificaria as características daquela civilização ariana vinda de Mu, e que Maspero diz ser siberiana ou chinesa".

Nesse caso, naturalmente, o autor tem toda a responsabilidade de suas afirmações.

É muito provável que as areias do deserto de Gobi ocultem vestígios de civilizações desconhecidas; apesar disso não podemos concordar a priori com teses que atribuem qualquer gênese, qualquer evolução e qualquer descoberta, de maneira absolutamente unilateral, a um Oriente muito mais rico de mistérios do que de realidades históricas ou para-históricas.

Falando nessas teses observamos, nos escritos de L. C. Vincent, que os astecas e os incas eram os herdeiros do antigo império Maia, e isso parece-nos bastante certo... E que o tal império Maia era uma colônia de Mu.

Os arianos nasceram no continente Mu, diz ele, da mesma forma que os ciganos que entre seus signos secretos também usam a suástica, “signo solar, originário de Mu, império submerso do Sol”.

L. C. Vincent continua:

“Todos os homens de raça branca são filhos de Israel;

Este nome, Is-ra-el, vem de Mu e significa: na raça de Rá... (6)”

Ainda a respeito dessa antiga raça branca ele escreve que “a primitiva e autêntica raça ariana de Is-ra-el, a raça pura do Sol, dita a raça de cristal, essa raça ELEITA vivia nos tempos do PARAISO DE MU, hoje PERDIDO!”

O signo sagrado dos judeus, a suástica, seria o símbolo das forças ocultas, como o é o *mana*, que “desde a Ilha da Páscoa até a Guiné” proporcionou os meios de erigir monumentos megalíticos.

AFIRMAÇÕES SEM PROVAS

Já relatamos o extraordinário conto do coronel inglês Churchward.(7)

Vamos resumir os pontos mais importantes: em uma época não especificada, Churchward, que então era oficial na Índia, descobriu um templo cuja localização também não explicou, e nesse templo encontrou tabuletas *naacales*(8) que revelavam que 50.000 anos antes ao leste da Ásia, no Oceano Pacífico, existira um continente chamado Mu, berço de todos os homens de raça branca.

Mu tivera 64.000.000 de habitantes e fora destruída por um cataclisma e um dilúvio, 12.000 anos antes de nossa era.

Churchward, como comprovante de suas afirmações, cita 2.600 tabuletas achadas pelo geólogo Niven perto da Cidade do México, mas esses documentos não encontraram crédito nos meios científicos — o que por outro lado ainda não quer dizer que sejam falsos, aliás muito pelo contrário.

(6) Damos uma etimologia de Israel no capítulo XVII, explicando a verdadeira origem desse nome.

(7) Ver *História Misteriosa dos Homens depois de 100.000 anos*, de Robert Charroux, ed. Laffont.

(8) *Naacales*, misterioso povo que chegou à Birmânia vindo do Leste. Os *naacales*, ou Irmãos Sagrados, eram emissários de sua pátria para levar ensinamentos ao Ocidente (a Índia) para dar-lhes um idioma e uma escrita.

De qualquer forma, temos ali um bocado de indícios sem nenhuma garantia, que podemos acrescentar a muitos outros cuja autenticidade também é meio duvidosa.

AS INVENÇÕES DE CHURCHWARD

Estariamos quase tentados a acreditar em Churchward, pois realmente parece um sujeito honesto, um pesquisador admirável e um arqueólogo cuidadoso e frequentemente muito erudito.

Por exemplo, deu a data do dilúvio como sendo 12.000 anos atrás, muito antes que glaciólogos escandinavos conseguissem a prova disso.

É nossa opinião que muito provavelmente o coronel inglês teve acesso a documentos secretos, ou então que foi um vidente com dotes privilegiados.

Infelizmente seus relatórios exaltados frequentemente mostram erros crassos, interpretações fantasiosas e às vezes até lastimáveis mentiras!

Churchward fala a respeito do México e dos maias, do Egito, da Assíria-Babilônia, dos incas e tudo o mais com uma displicência irritante.

Para ele e para todos os outros mais fanáticos partidários de Mu qualquer descoberta arqueológica, qualquer escrita indecifrável, qualquer signo misterioso, qualquer coisa fora do comum e ainda não classificada dentro das disciplinas aceitas, é de Mu e prova a existência de Mu!

Baseado nesses princípios, ele nos ofereceu uma tradução da estrela de Uxmal, no México, "dedicada a Mu"!

Conhecemos muito bem Uxmal e seu magnífico castelo do Feiticeiro ou *Adivino*, e podemos afirmar que a inscrição decifrada por Churchward não passa de pura fantasia!

O bom coronel, com uma inocência comovente, afirma que o relato da gênese, na Bíblia, foi tirado das tabuletas *naacales*; publicou até o "alfabeto de Mu", e afirma que Platão e Walmiki, autor do *Ramayana*, ambos disseram que conheciam os maias mexicanos!

É possível que Churchward tenha ido ao México, mas é certo que nunca esteve na Bolívia: afirma, de fato, que Tiahuanaco se encontra perto de La Paz, no Peru!

Deu uma descrição errada do frontão da Porta do Sol, e afirmou que o deus central tem cinco dedos, que justamente

tem a extraordinária e conhecida característica de ter quatro dedos somente!

Apesar de tudo isso, de vez em quando ele tem rasgos de gênio.

É fora de dúvida que Churchward mentiu, mas mentiu para dar crédito a uma tese *que ele reputava verdadeira* e que de fato o é.

O continente Mu existiu, sem dúvida, e Churchward, sem sabê-lo, esteve perto da verdade quando afirmou que o México era mais antigo do que o Egito.

Teve um palpite genial quando achou que havia uma relação entre o idioma *quíchua* dos incas e o *quiché* dos maias, quando disse que "o primeiro homem foi criado duplo, e depois desdobrado em um homem e uma mulher".

Finalmente, teve o mérito extraordinário, que compensa todos os seus erros, de chamar a atenção sobre as civilizações do Pacífico: a do arquipélago de Cook, a das Marianas, a das Marquesas etc..

Afinal, é nas ilhas do Pacífico que estão os indícios mais significativos de uma muito antiga civilização.

VESTIGIOS QUE FALAM

Na maioria das ilhas da Polinésia e da Micronésia se encontram vestígios de cidades, de templos, de portos, de estátuas, cuja envergadura e arquitetura apurada provam a existência de uma civilização bastante mais elevada que a dos autóctones do século XX.

Estes vivem em palhoças de folhas de coqueiro ou em cabanas abertas com teto de zinco ondulado, trazido pelos navios europeus ou americanos.

Ao lado dessa arquitetura ridícula se elevam freqüentemente colunas, pórticos, molhes, cujas pedras titânicas foram manipuladas por antepassados muito mais evoluídos.

Churchward e L.C. Vincent fizeram de tudo isso um inventário pormenorizado que vai despertar a atenção dos arqueólogos mais vivos ou pelo menos assim esperamos.

Não é fácil chegar até aquelas ilhas distantes, afastadas de qualquer rota comercial, desprovidas de aeroportos, às vezes ocupadas por populações hostis ou então desprovidas de tudo, e somente uma expedição muito bem organizada poderia fazer ali buscas frutíferas.

O que vamos escrever a respeito dos vestígios do Pacífico é simplesmente um relato do que contaram exploradores antigos ou então escritores que nunca chegaram até lá pessoalmente.

Na ilhota de Pitcairn, a 2.000 km a oeste da Ilha da Páscoa, os amotinados do célebre "Bounty" (9) viram escombros de casas, fornos, estátuas de quatro metros de altura erguidas sobre plataformas e os restos de um templo.

Nas Ilhas Gambier foram encontradas múmias perfeitamente conservadas e muros construídos com coral; no Arquipélago das Carolinas se encontram ruínas em grande número, e as mais imponentes são as da Ilha Ponapé.

Parece que ali existe um templo com 90 metros de comprimento e 28 metros de largura, e um porto megalítico com canais que, segundo a tradição dos indígenas, foram abertos e construídos pelos "Reis do Sol".

Quem eram estes Reis do Sol? Que misteriosa civilização foi essa?

Churchward conta que existe um templo construído acima de uma rede de cavernas e criptas que se comunicam com um canal. Ao centro há uma sala em forma de pirâmide.

No arquipélago das Marshall existem vestígios parecidos, na Ilha Kusai; uma colina em forma de cone, cercada por altos muros, e cercas ciclópicas na vizinha Ilha de Lelé provam que milhares de anos atrás ali moravam povos civilizados.

Os autóctones dizem que esses povos eram muito poderosos e viajavam para muito longe em direção leste ou oeste, usando grandes navios.

Em outras ilhas existem pirâmides parecidas com as que se encontram nas Ilhas de la Societé.

O ARCO DE TONGATABU

Fala-se frequentemente num "arco" megalítico, cujas colunas laterais pesariam 70 toneladas cada, erigido na Ilha de Tongatabu, no Arquipélago de Tonga, ao sul das Ilhas Samoa. Até agora, pelo que sabemos, ainda não foi publicada nenhuma fotografia desse arco.

Conseguimos uma cópia a muito custo, na fototeca do Museu do Homem. (Ver ilustração).

(9) Em 1789 o navio britânico HMS *Bounty*, com 9 amotinados e 18 taitianos entre homens e mulheres foi se refugiar na Ilha Pitcairn onde fundaram uma próspera colônia.



O Arco de Tongatabu.

Foto do Museu do Homem.

O lugar chama-se Haamunga. Existem ali dois enormes blocos de pedra, encimados por um terceiro que se ajusta aos outros dois por encaixes talhados na rocha.

O arco mede aproximadamente 4 metros de altura e seu peso total é de cerca de 95 toneladas.

Churchward observa a esse propósito que a ilha é formada na sua quase totalidade por terras aráveis e que as pedreiras mais próximas se encontram a 400 km.

Levando em conta tudo isso, precisamos dizer que os antepassados dos polinésios deviam realmente dispor de navios notáveis e de um sistema aperfeiçoado para transportar, talhar e construir aquela porta monumental que, ao que tudo indica, devia ser parte de um complexo arquitetônico.

AS COLUNAS DAS MARIANAS

As Ilhas Marianas, ou Ilhas dos Ladrões, fazem parte da Micronésia, e se situam entre o 13º e 21º de longitude Norte e o 142º e 144º de longitude Leste, ao Norte do Arquipélago das Carolinas.

Trata-se de ilhas vulcânicas, sujeitas a terríveis furacões e terremotos; apesar disso podem ser encontrados ali vestígios muito importantes, entre eles grandes espaços cercados de colunas redondas na Ilha de Rota, que antigamente deviam sustentar um teto (ver fotografia).

Na Ilha de Tinian as colunas são piramidais, como já escreveu Churchward: foram descobertas em 1835 por Dumont d'Urville, que achou tratar-se de um *cairn* de estátuas.

Naquela época algumas colunas eram encimadas por uma pedra semi-esférica.

O arqueólogo Larrin Tarr Gill escreveu a propósito das colunas de Tinian: "Três delas caíram ao chão com seu *tasa* (chapéu) ainda intacto: três ficaram totalmente esmigalhadas e as duas maiores estão deitadas, possivelmente derrubadas por algum violento terremoto que as removeu de seus suportes.

As pilastras em forma de pirâmide truncada e cobertas por semi-esferas de pedra, têm uma circunferência de 18 pés na base e 11 pés na ponta, que é aguçada. . ." (ver fotografia).

Existem pirâmides nas Ilhas Swallow e Kingsmill, e parece que, se certos relatos são verdadeiros, uma fortaleza de pedra vitrificada parecida com as da Escócia e as da França, foi



No alto: Pilastras antigas na ilha de Rota.

Embaixo: Restos de colunas na ilha Tinian.

Fotos do Museu do Homem.



construída numa das ilhas Samoa, à beira de um precipício de 550 pés.

Nas Ilhas Hawai, nas Marquesas, na Austrália e no Tahiti é possível encontrar os mesmos vestígios imponentes, sendo que pela maior parte trata-se de pirâmides de terra como a que foi descoberta por Thor Heyerdahl em Rapaiti.

Seriam estes os vestígios supérstites do continente Mu?

Churchward e L.C. Vincent acham que sim, e é bem possível que eles estejam certos.

Por outro lado, parece indiscutível que os restos ainda intatos de monumentos encontrados na Polinésia não sejam de uma civilização tão adiantada quanto a nossa, que sejam bastante antigos.

Se Ponapé, Tongatabu e Kusai pertencem ao povo de Mu, precisamos concluir que estes antepassados foram ainda menos adiantados do que os antigos assírios, os maias e os incas.

Desse ponto de vista achamos que a Atlântida era muito mais desenvolvida do que Mu.

Sem dúvida a maior das civilizações, antes do Dilúvio, não estava em Ponapé ou na Ilha da Páscoa, porque tudo o que encontramos em Tiahuanaco, na Bolívia, em Venta, no Yucatan e no Egito é muito superior em todos os níveis culturais, do pensamento e da arquitetura.

CAPÍTULO X

A MISTERIOSA ILHA DA PÁScoa

Tomamos emprestado este título, pelo menos de maneira aproximada, de nosso amigo Francis Mazière (1) que despertou mais uma vez o interesse do mundo ocidental para essa ilha perdida no Pacífico, a 4.000 quilômetros a oeste do Chile.

Centenas de estátuas, as *moai*, são visíveis nas margens ou nas elevações, erguidas ou deitadas, olhando para a terra, o céu e o mar numa espera misteriosa que perturba os arqueólogos estupefatos.

“São todas testemunhas de uma civilização fabulosa, e são testemunhas que pesam, cada uma, umas vinte toneladas, observa Francis Mazière. Como foi que essas estátuas foram trazidas do vulcão onde foram esculpidas, até à beira do oceano? Foram arrastadas, roladas ou levantadas?”

Mazière insinua que “os primeiros habitantes de Páscoa sabiam captar energias para-psicológicas que nós não somos mais capazes de presentir. . .”

(1) Francis Mazière: *Fantástica Ilha da Páscoa*, ed. Laffont.

O CAMINHO DAS ESTÁTUAS

O mistério das pedras enormes, transportadas a muitos quilômetros de suas pedreiras originais, se apresenta da mesma maneira em Baal'beck (Líbano), no Egito, no México, no Peru, na Bolívia, em Carnac, em Loudon, na Vienne, onde se ergue o dólmen gigante de Bournand, com 17 metros de altura e cuja placa maior pesa 160.000 kg.

As estátuas de Páscoa medem de 6 a 10 metros de altura, em média, enquanto a maior delas mede quase 22 metros.

Na opinião de Thor Heyerdahl⁽²⁾ e dos arqueólogos modernos, elas foram destacadas dos flancos da montanha — o vulcão Rano Raraku — e puxadas por rampas descendentes chamadas “caminhos das estátuas”, até seu lugar definitivo.

Em 1956 Heyerdahl tentou com sucesso essa experiência, deixando que os nativos usassem somente os meios de que dispunham, a saber: machados de pedra e cabos.

Aliás, o mistério não está na maneira em que as estátuas foram esculpidas ou transportadas, mas se refere muito mais ao povo que conseguiu aquele feito e que alguns acreditam ter uma certa relação com o continente Mu.

A maior das estátuas, a de 22 metros, que é chamada “o Gigante”, não está separada do flanco do vulcão, mas o arqueólogo americano William Mulloy, que estuda esse problema, acredita que ela também seria transportada como as outras.

No lugar podem ser encontradas muitas pontas de lança e machados em basalto duro.

A pedra que serve para esculpir as estátuas é tufo mais mole.

As costas das estátuas eram cuidadosamente polidas para poderem deslizar mais facilmente pelos “caminhos” como se estivessem esquiando.

As órbitas eram entalhadas antes do transporte, mas o olho era esculpido somente quando a estátua chegava em seu lugar definitivo, durante uma cerimônia chamada “abertura dos olhos”.

Era aí então que a estátua recebia sua vida e sua força, e seu olhar dirigido para o interior da ilha, protegia as aldeias e seus habitantes.

(2) Thor Heyerdahl: *Aku-Aku*, ed. Albin Michel



Cabeça gigante da Ilha da Páscoa. Os olhos não são vazados: as pupilas existem, carregadas de *mana* mágico, que elas irradiam em direção à tribo, para protegê-la e revitalizá-la.

Foto de Francis Mazière.

QUATRO DEDOS COMO EM TIAHUANACO

Como sempre acontece nesses casos, os arqueólogos oficiais escolheram as teorias mais esquisitas para explicar as origens da civilização da Ilha da Páscoa.

Afirmam que os antigos pascoanos eram povos vindos da Ásia.

Aliás, se prestarmos ouvidos ao que eles dizem, a humanidade inteira nasceu na Mongólia: os maias, os incas, os africanos, os chineses. A teoria é inacreditável, mas é a teoria "clássica".

Thor Heyerdahl e, mais recentemente, outros navegadores provaram que a teoria das comunicações marítimas entre a América do Sul e a Polinésia era possível, e todos os vestígios que existem confirmam essa tese.

Em Vinapu, no sul da ilha, existem enormes lajes de pedra talhadas com precisão e trabalhadas da mesma forma que outras encontradas em Machu Pichu, no Peru; a batata doce dos incas, que eles chamavam *kumara*, chama-se *koumara* no idioma polinésio. Todas as estátuas possuem grandes orelhas como os *orejones* do Peru. As construções das plataformas pascoanas, chamadas *ahu*, são estranhamente parecidas com construções dos incas e com as plataformas dos sites pré-incaicos de K'emko.

Finalmente, o explorador Michel Croce-Spinelli viu uma estátua cujas mãos só tinham quatro dedos, e se esse fato for confirmado, poderá estabelecer uma relação indiscutível entre as civilizações da Ilha da Páscoa e a de Tiahuanaco, que é o único lugar no mundo em que as estátuas apresentam essa característica.

O HOMEM-PÁSSARO

Em 1971 havia mais ou menos 1.400 habitantes; a ilha é uma "pampa" coberta de vegetação rasteira e capim, com alguns poucos coqueiros, mas se supõe que outrora ela foi coberta de árvores e muito mais povoada.

A grande cerimônia anual é a do *Homem-Pássaro*.

Entre agosto e setembro os pascoanos subiam pela montanha, onde moravam em habitações sombrias, ao todo 47 casas subterrâneas, que ainda podem ser vistas em Orongo.

As tribos ficavam ali à espera da primeira ave migratória — uma andorinha de mar — que chegasse do continente, e ficavam até que ela botasse o primeiro ovo, ao qual atribuíam poderes excepcionais.

Todo chefe mandava um criado à procura daquele talismã e a tribo de quem o achasse ganhava honrarias e presentes.

O ovo devia ser achado prontamente, em geral na ilhota Motunui, e trazido a nado; quem o achasse, durante um ano tornava-se um personagem de respeito, um feiticeiro, um semi-deus dotado de um *mana* extraordinário.

Os autóctones esculpiram muitas figuras de homens-pássaro nas rochas de Orongo.

E isso é tudo o que se sabe, ou pelo menos o que se acredita saber a respeito do povo pascoano. É muito pouco, mas talvez o suficiente para apresentar uma tese que parece não ter ocorrido até hoje a nenhum arqueólogo.

ESTÁTUAS ANTI-ASIÁTICAS

Para sermos bem claros, trata-se de uma tese anticonformista e tão racional que não poderá deixar de suscitar muita desconfiança. Em primeiro lugar sentimos a necessidade de afirmar que os pascoanos não descendem de povos vindos da Ásia.

Não existe nenhum indício que o indique, *muito pelo contrário!*

Os “pré-historiadores” geralmente ajustam seus pontos de vista às suas próprias conveniências, até quando elas são anti-páticas e ilógicas.

Afirmam eles que os mexicanos descendem de mongóis vindos para a América pelo estreito de Behring — pelo simples fato deles terem olhos puxados.

Os pascoanos *não têm olhos puxados*: isso, porém, não tem nenhuma importância, pois eles também são obrigados a descender de mongóis!

Os mongóis, aliás, todos os povos de raça amarela, possuem duas características importantes: contam-se entre os poucos povos que não esculpem estátuas de pedra, e ainda por cima têm uma tendência a fazer miniaturas.

Nesse sentido os pascoanos se encontram numa posição diametralmente oposta aos amarelos: são escultores fanáticos de estátuas de pedra.

Isso já poderia ser o suficiente para provar o quanto a tese clássica é ridícula, mas temos mais ainda!

Na Ilha da Páscoa, além dos grandes *moai*, encontram-se também pequenos ídolos que ninguém parece achar muito importantes e que são idênticos aos de Tiahuanaco, na Bolívia, de San Agustín, na Colômbia, de Tula, no México e dos sítos arianos da Gália, da Alemanha e da Escandinávia.

São estátuas ou simplesmente cabeças redondas, muito primitivas e sem nenhuma dúvida muito antigas, cujos olhos são simplesmente buracos cavados na pedra.

Os grandes *moai* parecem cortados a golpes de foice, com um comprido nariz de caricatura, olhos arianos enviesados, rostos compridos; resumindo, eles têm todas as características possíveis de uma origem *não-asiática*.

Tudo isso, porém, parece deixar os “pré-historiadores” ainda mais teimosamente agarrados às suas teses clássicas.

Os escritores e arqueólogos Churchward e L.C. Vincent acham que os pascoanos legítimos são os sobreviventes do cataclisma que destruiu a terra de Mu faz 12.000 anos.

O fato em si não é propriamente impossível, mas considerando-se a ausência de qualquer elevação realmente importante na ilha, precisamos supor que na época do Dilúvio ela também ficou submersa e por isso desprovida de seus habitantes.

Acreditamos portanto que os pascoanos vieram do mar e, como os navegadores do *Kon Tiki*, vieram de muito longe...

OS NAVEGADORES BRANCOS DE OLHOS OVAIS

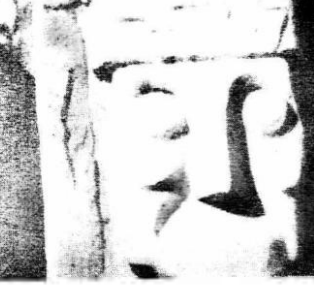
A Ilha da Páscoa dista 4.500 quilômetros do Chile, 4.000 de Tahiti e 20.000 da Ásia... somente navegadores realmente excepcionais poderiam encontrar aquele ponto minúsculo ao centro do maior oceano do globo (3).

(3) Algumas estátuas trazem sobre o peito o desenho de um navio de três mastros

Estátuas, busto e cabeças de Tiahuanaco. Os olhos são redondos, ovais e quadrados como os dos “Gigantes de Tula” no México. Não são olhos rasgados. Apesar disso o ensino clássico insiste em afirmar que os primeiros povos das Américas vieram da Mongólia! Isso não tem fundamento nenhum, e contradiz a evidência. As cabeças de Tiahuanaco têm pronunciadas características indo-européias. O personagem à esquerda se parece com um velho reitor alemão.

Foto do autor.





Quais os povos que são os melhores navegadores da terra? Pois são os vikings, os celtas, os portugueses-celtas, os ibéricos, os árabes, os venezianos, os fenícios. Todos eles arianos, ou pré-celtas.

São eles asiáticos? De jeito nenhum!

Pois então, afirmam os “pré-historiadores”, precisamos deduzir que os descobridores de Páscoa eram asiáticos!

Em todo o *Popol-Vuh*, seu livro sagrado, os maias continuam proclamando que seus ancestrais eram brancos, barbudos, de olhos azuis, e vindos do *Leste*, de além do mar tempestuoso. Chegam até a especificar que a ilha santa dos antepassados chamava-se Thula ou Thulé, berço dos arianos.

— Muito bem, muito bem, proclama o coro dos “pré-historiadores”. É isso mesmo: os antepassados dos maias chegaram do *Oeste*, eram amarelos, sem barbas e . . . mongóis!

Da mesma forma que em Tula, no México, em San Agustín e em Tiahuanaco, as cabeças esculpidas da ilha da Páscoa têm olhos muito grandes de formato ovalado (4). (Na América, os olhos são ovais, redondos, retangulares ou quadrados).

Mas os olhos nunca são do tipo puxado mongol.

— É isso mesmo, dizem os pré-historiadores, trata-se de mongóis pouco experientes na navegação, amarelos e de olhos puxados, que são os antepassados dos pascoanos!

E assim se fabrica a História!

É fora de dúvida que existe uma relação entre as artes do México, da Colômbia, da Bolívia e da Ilha da Páscoa.

É possível que as estátuas foram esculpidas pelos mesmos comedores de *koumara*, esse tubero nativo do Peru?

Existe uma perfeita identidade entre os muros de Vinapu na Ilha da Páscoa e os de Machu Pichu e de Sacsahuaman no Peru.

As estátuas tornam-se gradativamente caricaturais partindo do México e chegando à Páscoa, e todas elas apresentam a mesma característica: as grande orelhas, como as de Orejona,

(4) Com poucas exceções, as estátuas gigantes da Ilha da Páscoa não têm olhos bem desenhados. A expressão depende do jogo de luz e sombra, ou de dois buracos bem fundos no meio das órbitas. Existe, porém, um bom número de estátuas menores com olhos grandes e ovais, como a “Mater Orongo” descoberta pelo arqueólogo americano Edwin Ferdou no antigo observatório solar de Orongo. As pequenas esculturas encontradas nas cavernas das famílias representam homens barbudos com grandes orelhas e olhos quase redondos.

a mãe venusiana da humanidade, que aterrissou na margem do Titicaca (5).

Queremos ainda lembrar a esse propósito que na China era de bom gosto ter orelhas minúsculas e pés pequenos.

OS MOAI EM PUKAOS

Francis Mazière explica que na Ilha da Páscoa se encontram dois tipos de estátuas ou *moai*: o tipo que tem pés esculpidos para serem fincados na terra, e outras truncadas que outra dominavam as grandes plataformas de pedra (*ahu*).

As primeiras parecem estar vigiando o vulcão; as outras se encontram próximas do litoral e seus olhares se dirigem em geral para Sudeste, Oeste e Noroeste.

Pierre Loti, que visitou a ilha em 1870, deixou-nos uma descrição interessante: "As estátuas? Existem duas espécies delas.

Em primeiro lugar, as do litoral que estão todas viradas e quebradas.

Em seguida as outras, espantosas, de uma época diferente, com rostos diferentes, e que ainda estão de pé no outro versante da ilha no fim de um lugar tão solitário que ninguém mais chega até lá".

Antigamente os *moai* tinham a cabeça coberta por um chapéu: o *pukao*, uma enorme pedra de tufo vermelho. Esses *pukaos* foram derrubados ao mesmo tempo que as estátuas, durante a "guerra aos ídolos" do século XVII, mas desde então alguns monumentos foram mais uma vez erguidos e reconstituídos.

No fim do século passado Loti escrevia a esse respeito:

"Qual seria a raça humana que elas representam, com aquele nariz de ponta arrebitada e os lábios finos estirados numa espécie de careta cheia de ironia e desprezo?

Não há praticamente olhos, somente fundas cavidades debaixo da arcada das sobrancelhas largas e nobres e, apesar disso, dão a impressão de estar observando e pensando...

(5) Francis Mazière escreveu que os pascoanos eram enterrados nas câmaras dos *ahu* (plataformas) e que os cadáveres eram enrolados em esteiras de totora (junco do Titicaca), como acontecia com os guanches celtas das Canárias e os incas do Titicaca. As 39 construções megalíticas de Orongo são idênticas aos "borles" dos pastores da Provença e aos "nuraghi" da Sardenha. Mais um detalhe que nos leva a pensar nos pré-celtas navegadores de todos os mares!

Algumas têm colares feitos com incrustações de sílice, ou então tatuagens desenhadas com um traço profundo. Pelo que me parece, essas estátuas não são obra dos maori”.

“Existem ali 276 gigantes eretos ou deitados, diz Francis Mazière, e agora sabemos que sem dúvida existem mais debaixo da terra.”

Os arqueólogos William Mulloy, Jacques Ertaud e Michel Croce-Spinelli afirmam que as estátuas estão virando as costas ao mar para poder dirigir o olhar carregado de *mana* (poder mágico) sobre as aldeias, pois a tarefa deles é zelar pela sua segurança.

De fato, o papel das estátuas parece ser mesmo este: irradiar o *mana* em benefício dos pascoanos, descendentes diretos dos grandes ancestrais de pedra.

O CHAPÉU DAS ESTÁTUAS

Os *moai* eram enterrados, às vezes, até dois terços de sua altura, freqüentemente à beira-mar, para poder beneficiar o máximo de extensão de terra com seu olhar benfazejo.

Só conseguiam porém seus poderes mágicos quando tinham o chapéu e seus olhos estavam abertos.

Por esse motivo as estátuas chegavam da montanha ainda *cegas*, ou seja, antes que seus olhos estivessem sequer esboçados. Quando eram erguidas em seus lugares, abria-se um buraco na cavidade da órbita: assim abria-se o olho da estátua e *ela recebia a vida*.

Da mesma maneira, o “chapéu” de pedra vermelha acinzentada era colocado em sua cabeça e colado com uma boa argamassa somente após o erguimento do megalítico.

O *moai* assumia então todos os seus atributos mágicos: tornava-se um acumulador, um ídolo *carregado*, e o fluido de seu *mana* ficava a sair-lhe pelos olhos.

Parece não haver dúvida alguma a respeito do significado do culto: as estátuas da Ilha da Páscoa representam sem dúvida os ancestrais, mas não simplesmente os chefes: cada uma delas representa um *Homem-Pássaro* repleto de *mana*, e o *pukao* representa a cesta que continha o ovo e que o nadador levava na cabeça quando voltava, após encontrá-lo no ninho da andorinha de mar.

UMA HISTÓRIA DE COSMONAUTAS

No estudo das mitologias precisamos sempre respeitar uma norma principal, que é inevitável e rigorosa: toda tradição, relação, filosofia e todas as transmissões de qualquer gênero, sempre se apresentam deterioradas ou desfiguradas após alguns séculos ou milênios.

Os anjos da Bíblia não eram anjos.

Os reis divinos, ou reis-pássaros falcões das primeiras dinastias egípcias não eram evidentemente falcões.

Quetzacoatl do México não era um pássaro-serpente.

Os deuses chifrudos e alados ou então montados em cobras das mitologias do Oriente Médio não eram criaturas divinas.

Os poderes desses deuses, anjos ou criaturas divinas não tinham nada de mágico. Aquelas criaturas eram homens, seu poder estava em sua inteligência, em seus conhecimentos de uma ciência *supra-normal para os tempos em que viviam*.

A situação torna-se racional, lógica e convincente se pensarmos que aqueles homens voadores eram aviadores, ou melhor ainda, cosmonautas!

Acontece que pela própria natureza dos homens eles se envergonhariam de arriscar tal hipótese no século em que os Terrestres já conseguiram pisar no solo da Lua!

Sendo retrógrados e caducos, os homens esperam a colonização de Marte e Vênus. Então poderão dizer: nunca acreditamos em homens voadores, ou em deuses falcões ou touros, nem em anjos bíblicos, nem em serpentes ou dragões voadores! É claro que eram cosmonautas, viajantes interplanetários, como vocês e eu também. A terra foi visitada por Iniciadores...

É isso que os homens do futuro dirão daqui a alguns anos!

Por isso, tanto vale dizer logo que o *mana* não passa de uma bonita lenda, que as estátuas não tinham nenhum terrível poder, e que o mito dos homens-pássaros da Ilha da Páscoa é simplesmente um mito deteriorado.

Acreditamos que essa tradição, como por outro lado todas as outras no mundo inteiro, se baseia em fatos muito antigos: a vinda dos Iniciadores que possuíam grandes conhecimentos científicos, que chegaram do céu, ou melhor, desembarcaram de espaçonaves ou mísseis... em suma, máquinas voadoras.

Esses *Estrangeiros* provavelmente vinham do mesmo planeta de onde chegaram os homens-voadores da América, da Ásia e da Europa.

A GUERRA DOS ÍDOLOS

Parece que o culto do homem-pássaro que ia à procura do ovo de andorinha é relativamente recente.

A moda ou o rito do *pukao* também deve datar da mesma época. De fato nem todas as estátuas deviam ter possuído um chapéu, pois só foram encontrados 53 exemplares.

Pelas tradições e os relatos dos primeiros descobridores, os holandeses chefiados por Roggeween em 1722, a história da Ilha da Páscoa a partir de 1680 é a seguinte⁽⁶⁾:

Naquela época os pascoanos eram numerosos, supõe-se que fossem de 15.000 a 18.000, uma população muito numerosa para uma ilha daquele tamanho. O desboscamento sistemático, a fome, a falta de água e de forragem foram muito provavelmente uma consequência do excesso de população. Os nativos começaram a guerrear entre si e as tribos ficaram dizimadas e quase destruídas pelas sangrentas lutas fratricidas.

Os adversários, para despojar os inimigos dos poderes do *mana*, começaram a derrubar primeiro os chapéus das estátuas inimigas, e finalmente as próprias estátuas.

Em seguida os pascoanos se tornaram canibais para adquirir poderes sobrenaturais, devorando o coração, os miolos e os órgãos genitais dos inimigos, como ainda acontece entre algumas tribos da Guiné e até do coração da África.

Essa luta insensata, chamada "guerra dos ídolos" continuou até a chegada dos homens brancos, em 1862.

Os ídolos foram quase todos derrubados ficando com o rosto contra o chão, menos as que ainda podem ser vistas no sopé do vulcão.

Os trabalhos foram interrompidos e os 80 *moai* que estavam sendo esculpidos, ficaram inacabados no flanco da montanha.

Uma outra versão afirma que os pascoanos se rebelaram contra seus ídolos, ou então que ficaram com medo de seus poderes excessivos. Mas isso não é muito plausível.

Os mortos que costumavam ser incinerados foram enterrados nos buracos deixados pelas estátuas derrubadas durante a guerra.

Na ilha foram contados mais ou menos 300 *ahu* onde antes se erguiam altares e *moai*.

(6) As tabuletas com pictogramas ou hieroglíficos não foram decifradas. Ure-Vaicko, o ancião pascoano que afirmava saber como traduzi-las, era simplesmente um impostor.

Essa hipótese que reúne a história de Páscoa às outras mitologias do globo, por causa de uma idêntica intervenção extraterrestre, deixa porém vislumbrar uma colonização da ilha por navegadores pré-incaicos vindos do Peru, como afirmou Thor Heyerdahl.

Porém, apresentando argumentações de igual quilate, alguns arqueólogos de vanguarda afirmam que a Ilha da Páscoa antes do Dilúvio era uma extensão do continente Mu.

INICIAÇÃO

CAPÍTULO XI

O LEÃO VERDE DO INICIADO

Iniciar: do latim *initiare* de *initium*: começo, início.

O Iniciado seria alguém que conhece o "início" e poderíamos interpretar isso como a gênese de todas as coisas, a criação do universo?

Esta não é nossa opinião. A inteligência divina, Deus, se por acaso tiver uma consciência⁽¹⁾, sabe se o universo foi criado e de qual forma, mas o homem, mesmo o mais sábio, continua em plena escuridão, menos, é claro, os ignorantes e os impostores, porque estes *sabem!*

Para saber algo, seria necessário que tivesse acontecido um início, e isso é menos que provável. Por outro lado, é evidentemente impossível conhecer o começo da eternidade.

Iniciação é de fato uma palavra sem sentido, se a tomarmos ao pé da letra, pois só Deus poderia ser um Iniciado!

(1) Qualificar Deus, defini-lo, seria sacrílego, nem que fosse nos mais altos termos. O próprio iniciado não sabe quem é Deus. Para os rabinos Iniciados ele era o Mistério dos Mistérios, e sua designação era Ain Soph. — "E Deus pensado por Deus. Todos os outros nomes indicam Deus pensado pelos homens e se relacionam a Elohim, o Eterno... Elohim não é uma hipótese de Ain Soph, mas o limite do nível em que o homem pode conceber Deus — que de fato nunca desce até nossa ignorância e que sempre está acima da própria sabedoria". (Guy Casary, em *Rabbi Simeon Bar Yichai e a Cabala*, ed. du Seuil, Paris).

Os homens só podem ser e sempre serão eternos exploradores.

A INICIAÇÃO

“Os amigos da verdade são aqueles que a procuram, e não aqueles que se vangloriam de tê-la achado”, dizia Condorcet⁽²⁾.

Precisamos por isso entender que “Iniciado” é a designação de alguém *que está começando a conhecer alguma coisa*. E sua sabedoria não é muito grande.

Ballanche⁽³⁾ escreveu que a vida é uma espécie de iniciação que serve para revelar ao homem sua essência intelectual e sua essência moral.

Concordamos plenamente com isso, mas tal não acontece com outras pessoas que imaginam que iniciação é algo cheio de mistérios, de murmúrios e de palavrinhas mágicas sopradas ao pé do ouvido.

E ainda mais, a transmissão séculos a fio de segredos extraordinários que os leigos são indignos de conhecer... Como se os segredos, evidentemente todos de caráter intelectual, conhecidos na época de Pitágoras, não fossem ao alcance dos espíritos do século XX!

Como se Leucippes, Demócrito, Epicuro — um dos maiores Iniciados de todos os tempos — *não tivessem já revelado o segredo do átomo!*

Na realidade, tivemos que esperar 2.500 anos para que homens lúcidos compreendessem o sentido daquelas revelações!

Raramente o Iniciado precisa fazer segredo de conhecimentos transcendentais: a melhor maneira de mantê-los bem guardados é muito freqüentemente entregá-los ao grande público.

Os que são dignos de compreender nunca deixam escapar uma ocasião de adquirir mais conhecimentos; os outros, que são a esmagadora maioria, esperam sem pressa e sem curiosidade que chegue a hora de entender e acreditar.

(2) Também lema dos franco-maçons da Grande Loja de França.

(3) Pierre-Simon Ballanche, filósofo místico (1776-1847), adepto da palin-genesia (a volta à vida após uma morte real ou aparente) em todas as suas aplicações. Uma de suas máximas: “O progresso não acontece por evolução mas por revoluções. Os cataclismas sociais e físicos são inevitáveis”. Foi um dos primeiros a anunciar (a respeito de Chateaubriand) que “o reino da frase tinha se acabado em proveito da idéia”. Essa profecia, muito ridicularizada pelo obscuro Saint-Beuve, prova a profundidade e integridade de pensamento desse grande filósofo.

DIVULGAÇÃO E SEGREDO

Acontece às vezes, que forças malignas obstaculam qualquer revelação iniciática.

No começo do século XIX o pregador e teólogo emérito padre J. Ventura não teria tido o menor escrúpulo em inquirir os Iniciados culpados de falar em átomo e atomismo.

O atomismo era considerado em tempos idos uma espécie grosseira de materialismo. — “É ateísmo”, explicava o bom padre Ventura... , o que praticamente era o equivalente de uma condenação à fogueira (4).

Às vezes a revelação é feita com risco da própria vida: era isso que queríamos dizer (5) quando explicávamos que a rosa, em se abrindo até seu âmago, revela a verdade com o sacrifício de si mesma. De fato, revelar certas verdades significa colocar-se em perigo de morte, hoje como antes, na Idade Média.

Por isso muitas vezes o Iniciado prefere se calar; quando porém sua vida não está em perigo e a divulgação não apresenta riscos no plano social(6), o Iniciado tem a obrigação de falar com discernimento, ou seja, falar com aqueles que merecem receber seus ensinamentos.

Na maioria dos casos o Iniciado não pensa em tomar nenhuma precaução, *porque ele não sabe que é um Iniciado*, ou pelo menos esse fato não o preocupa e nem lhe causa problemas de qualquer espécie.

A consciência da iniciação é tão rara que somente os chefes de escolas ou grupos esotéricos e alguns poucos mestres desconhecidos sabem ser possuidores de conhecimentos superiores.

Eles ensinam e transmitem a um círculo restrito.

Será que eles receberam os ensinamentos de um Mestre? É possível; por outro lado, é certo no sentido mais absoluto da expressão que o Iniciado nunca se constitui num simples elo de transmissão: *ele precisa adquirir a maioria de seus conheci-*

(4) A verdade, mesmo que seja simplesmente de caráter científico, nunca é uma negação de Deus! Muito pelo contrário! Dizer que o universo é fundamentalmente composto de átomos leva nosso espírito a perceber a verdadeira inteligência universal. Dizer que Deus criou o universo com palavras é um sacrilégio que leva a imaginação para um falso Deus de catecismo.

(5) O Livro dos Segredos Traídos, cap. XX — Um mistério dos R+C. 1965, ed. Robert Laffont.

(6) Quando um físico atômico fala, a divulgação fora do círculo restrito pode ser perigosa para a humanidade.

mentos à custa de seu trabalho, suas experiências e suas meditações.

É esse o preço que ele deve pagar para merecer o direito de transmitir.

EXCITAR AS REGIÕES MISTERIOSAS

Já que a iniciação não significa o conhecimento da verdade, somente poderá ser sua busca e a conquista do conhecimento permitido, através de uma busca maravilhosa das origens da herança (hereditariedade) e da tradição.

Tornar-se Iniciado significa excitar as regiões misteriosas do íntimo eu, provocar a divulgação secreta (que alguns chamam de revelação) que nos leva a encontrar novamente uma partícula do que se encontra em nosso interior (7).

O que é que um anacoreta faz em sua caverna? Ele pensa, reflete e medita. De que modo? Fazendo aumentar sua própria temperatura e aguçando desse modo sua capacidade de percepção, e provocando misteriosas combinações químicas internas, das quais conhecemos uma: o fluxo de glicose ao cérebro e a interação com os neurônios assim estimulados.

Então as portas proibidas se abrem e os cromossomos-memória trazem as respostas e as imagens pelo jogo biológico que estabelece uma relação entre o anacoreta e o Ancião dos dias idos (Deus) através de uma longa sucessão de ancestrais.

Nesse sentido, a iniciação representa a possibilidade de reencontrar nos arquivos *akáshicos* de nosso universo pessoal, idêntico ao universo externo, o Conhecimento total que está contido nele (8).

Tudo está dentro de nós.

É a via biológica, ou *veículo sagrado*, que através de nossos gens, de nossos cromossomos e de todo nosso sistema nervoso nos comunica a lembrança do conhecimento total que

(7) A revelação não é sempre a representação da verdade; mais frequentemente trata-se de fantasias, imaginações e até loucuras. O paranóico, o megalomaniaco são doentes, mas acreditam ser portavozes de entidades superiores. Somente um homem sadio e equilibrado pode até um certo ponto confiar nas revelações recebidas. O louco acredita nelas por causa de um processo fisiológico que o leva a perder sua identidade. Ele diz: Sou Napoleão, mas isso é uma integração de uma identidade externa. O louco não é mais *ele mesmo*, é o *outro*, mas infelizmente continua mantendo o que está errado nele mesmo: sua loucura! Ele é um *alienado* (do latim: *alienare* = dar conta) e por isso perde seus direitos civis e sociais.

(8) O ilustre médico e filósofo árabe Avicenna escreveu essa frase sublime no ano 1000 de nossa era: "Acreditas ser nada e em ti está o universo".

nossos criadores sucessivos possuíam: Deus, o Adão primitivo hermafrodita, em seguida Adão e Eva... até chegarmos a nosso pai e nossa mãe.

A CAIXA DE PANDORA

A "biblioteca" cromossômica e *akashica* dos homens intercepta e oculta quase toda sua história desconhecida, desde a "primeira" criação do Universo até o fantástico acontecimento da ciência em tempos futuros.

Tudo está trancafiado e recolhido em bilhões de pequenas caixinhas que são os neurônios, ou células cinzentas.

Bilhões de caixinhas já foram abertas e já conhecemos seu conteúdo, mas uma quantidade ainda maior de bilhões de caixinhas continuam hermeticamente fechadas.

Ai de quem as abraze todas! O conjunto neurológico humano poderia realmente ser uma espécie de vaso de Pandora!

Apesar disso, o Iniciado que é curioso e talvez até sacrílego, interroga seus neurônios impressos, mas inativos.

O Conhecimento está atrás das portas proibidas.

A iniciação consiste em fazer funcionar o mecanismo da solicitação: abrir as portas.

A magia tem a mesma finalidade, mas enquanto o iniciado trabalha e se esforça em se tornar digno da revelação, o mágico ou o feiticeiro arromba as portas, como quem usa um pé-de-cabra, valendo-se de drogas alucinógenas, de encantamentos e sortilégios (9).

Isso leva à conclusão de que o Iniciado e o feiticeiro são ambos conhecedores!

A diferença consiste quase que unicamente nos meios usados para adquirir conhecimentos e na maneira de utilizá-los (10).

O físico, o biólogo e o matemático são Iniciados, bem ao pé da letra: eles procuram e podem mais ou menos explicar o começo (*initium*) de todas as coisas. Eles usam o caminho

(9) Parece que existem três maneiras para chegarmos sozinhos ao conhecimento: 1) através do trabalho e do mérito; 2) através da oração (enquanto pedimos); 3) através da magia (enquanto mandamos). A oração estaria por isso a meio caminho entre o trabalho e a feitiçaria, ou, por outro lado, entre o que é moral e o que é imoral.

(10) A iniciação do feiticeiro está se tornando mais e mais empírica, mais e mais rara e desprovida de eficácia, é limitada no tempo e frequentemente ilusória por falta de uma base válida e de instrução geral.

externo: estudo, transmissão oral, experiências externas em relação ao corpo físico deles.

Os Rosa-cruzes, os Mestres conhecidos ou desconhecidos são Iniciados que usam geralmente a via interna: o estudo e sobretudo a investigação do eu interior desconhecido e a concentração de suas forças misteriosas.

Precisamos também lembrar que a iniciação à feitiçaria somente leva ao conhecimento de assuntos de nível inferior e não permite a aproximação dos grandes enigmas da criação e da ordem universal.

Baseada nessa tese e em seu sentido mais nobre, a iniciação consiste em melhorar o complexo biológico humano.

Era isso que Pierre Ballanche queria dizer quando escreveu que a vida, em seu sistema evolutivo mais fecundo, é uma iniciação, e dentro dela o homem pode encontrar os mais preciosos recursos intelectuais e morais.

SANTOS FALSOS E FALSOS INICIADOS

Podemos estabelecer uma comparação entre um bom número de "santos" suspeitos dentro da religião, e um igual número de "iniciados" que não passavam de palhaços.

Santa Teresa de Ávila, que era egoísta sem piedade e sem compreensão para o sofrimento humano, escreveu que só queria *iluminar sua alma*.

"Parecia-me ver minha alma, ofuscante de luz como um espelho, e em seu centro o Cristo Nosso Senhor vinha em minha direção, como eu costume vê-lo.

Tinha a impressão de estar vendo-o em todas as partes de minha alma como naquele espelho, e aquele espelho estava, não sei como dizer, estava completamente absorvido pelo Senhor, numa espécie de confusão amorosa, a um ponto que não saberia como descrever.

Compreendi que ter a alma em estado de pecado mortal era cobrir aquele espelho de um véu escuro".

Essa declaração hipócrita de amor (não sei como dizer... não saberia como descrever...) saída da caneta de uma Safo, de uma Thais ou de uma Theroigne de Méricourt, transformaria a alma em corpo, o Senhor em Alexandre, Felipe ou Camilo, e a confusão amorosa num espasmo inspirado no mais evidente erotismo.

Teresa de Ávila teve suas primeiras visões durante uma gravíssima doença, quando as febres altíssimas quase terminaram sua existência.

Em seguida teve visões contínuas, vivendo entre jejuns, vigílias, sacrifícios e orações... de fato, agindo da forma que mais nos afasta de Deus e da iniciação.

A oração perpétua foi sua regra constante e qualquer neurologista pode afirmar que isso só pode levar ao desequilíbrio mental.

Estava completamente preocupada com sua bela alma igual a um espelho, ao ponto de nunca se lembrar de ajudar os pobres, os humildes e os perseguidos.

Essa criatura diabólica chamava os Inquisidores de "meus anjos", e o Grande Inquisidor de "meu Anjo Maior". Isso parece quase um pesadelo!

Da mesma maneira, o falso Iniciado acredita que quando São Jorge mata o dragão que guarda o tesouro, isso não passa de uma missão redentora, e ele se perde para todo o sempre procurando a ascese numa elevação espiritual egoísta.

OS VERDADEIROS INICIADOS: SÃO MARTIM E SÃO VICENTE

O bom São Martim e o admirável São Vicente nunca tiveram esses êxtases equívocos, essas levitações suspeitas, pois estavam por demais ocupados em confortar os infelizes.

Buda, Perécides e Pitágoras nunca concentraram suas forças vitais a serviço de seu psiquismo-espelho, num narcisismo monstruoso.

Jamais tomaram, sempre deram. Não calaram: falaram.

Se Teresa de Ávila e Teresa de Lisieux tivessem tratado de doentes, não teriam tido tempo para se dedicar a visões.

O deus que morava nelas durante aqueles êxtases era menos útil à ascese delas de uma boa xícara de chá de nenúfar que elas deviam ter tomado para recobrar o bom senso.

Apesar disso tudo, Teresa de Ávila conseguiu o estado de levitação, ou de não-gravidade, mas isso jamais trouxe alívio a qualquer moribundo, e nem deu pão a um esfomeado.

Sua levitação pode ter sido autêntica, mas com certeza ela não a alcançou com a graça de Deus.

Dizem que o cérebro humano é composto de dez bilhões de neurônios ou células nervosas, e que nossas faculdades conscientes somente empatam o esforço de um terço dele.

Acho que não pode existir dúvida: os poderes desconhecidos do homem são bastante superiores aos seus poderes conhecidos e por esse motivo os milagres entram no domínio dos primeiros, enquanto a faina diária depende dos segundos.

Levitar, porém, nunca fez parte de magia branca nenhuma.

HERDAR O PAI

Os boximanes da Austrália, indígenas que vivem na parte central do país, têm uma civilização quase pré-histórica, mas assim mesmo têm tradições e filosofias pagãs, quer dizer, autênticas, responsáveis pelo seu íntimo relacionamento com a Natureza.

Apesar deles atribuírem um valor bastante positivo à vida terrena, eles a consideram somente um reflexo material de uma existência superior vivida pelos seus antepassados, numa época que eles definem "de sonho"⁽¹¹⁾.

Eles atingem forças psíquicas nessa vida anterior, pela interpretação de uma espécie de talismã chamado *tchuranga*.

A *tchuranga* é uma tabuleta mágica de madeira ou pedra, esculpida com desenhos, e que os boximanes nunca devem perder sem arriscar a pena de morte no outro mundo.

Quando o nativo australiano parte para uma expedição, esconde sua preciosa *tchuranga* sem revelar o esconderijo a ninguém, porque se um inimigo conseguir se apoderar dela, possuiria ao mesmo tempo a alma de seu proprietário.

O boximane aumenta seu potencial de energias através dessa espécie de duplo, que o coloca em comunicação com os grandes antepassados "da época do sonho".

Quando ele passa do estágio consciente (atual) ao estágio do sonho, ele contempla o tempo de Deus e consegue operar uma espécie de volta à matéria, de reencarnação ao contrário.

O estágio consciente é o da ignorância; por isso é preciso ficar sempre alerta para ouvir as vozes, os conselhos, os avisos dos antepassados e os indícios providos pela natureza.

(11) O homem é imortal e se reproduz incessantemente por si mesmo. Nós somos nossos antepassados. Nesse sentido nossa vida consciente atual não passa de uma parcela da vida de nosso grande "eu" imortal. Nossa existência superior, onde nosso "eu" mais aprendeu (e mais pecou) é a vida que já passou.

Com base nessas crenças, o Iniciado é aquele que sabe que não terminará no nada, mas chegará a uma comunhão com o universo e a própria vida universal.

Se ele errar, tudo desmoronará, pois como qualquer outro homem, ele contém um resumo do universo.

O boximane também acredita que positivamente ele não deve herdar *do* pai dele, no sentido de receber a alma, o cérebro e as características físicas, mas que deve *herdar o pai*, ou seja, continuar a própria existência do pai no mundo terreno.

Essa crença e essa filosofia dos nativos australianos se aproximam muito das nossas teses a respeito da iniciação e dos cromossomos-memória, e ao mesmo tempo da filosofia que está contida nos altos ensinamentos científicos.

O TERCEIRO OLHO

Para os Iniciados, o terceiro olho encontra-se, em princípio, no centro da testa; trata-se de um órgão misterioso, capaz de perceber tudo que for excessivamente sutil para nossos sentidos mais grosseiros.

Também é o olho da imaginação e do sonho, porque quando é voltado para o interior parece governar nosso universo íntimo.

Para o biólogo, é a glândula pineal ou hipófise, do tamanho de uma avelã, situada no centro do cérebro e que parece não servir a muitas coisas, pois calcifica-se na idade adulta.

Em certos animais, como as lampreias, répteis e lagartos, a hipófise fica mais perto da testa, quase à flor da pele, tomando realmente a forma de um terceiro olho. Nesse caso porém, a retina é introversa com respeito ao normal.

É possível que ela governe um sentido desconhecido que deve ser estreitamente relacionado com o instinto.

Na proporção em que as vértebras sobem na escala evolutiva, esse olho torna-se mais e mais parecido com uma glândula, perdendo as fibras nervosas que o ligavam ao cérebro.

Em compensação ela adquire uma extraordinária ligação nervosa com o sistema simpático e sobretudo com o gânglio cervical superior, que recebe seus impulsos dos olhos.

Nesse sentido, é um analisador em segundo grau.

A hipófise age emitindo uma substância hormonal para as glândulas genitais e parece que seu efeito é de controlar o sistema sexual.

Possivelmente por esse motivo o Iniciado dotado de um terceiro olho afasta os prazeres físicos em benefício de exercícios espirituais.

Pelo fato da hipófise perder suas qualidades de terceiro olho virado para o interior com a idade mais avançada, acreditamos que uma criança é fisiologicamente mais apta do que um adulto a perceber as manifestações ocultas e até a se tornar médium ou vidente.

Temos a impressão de que sua inteligência ainda não desperta encontra uma compensação nesse instinto ultra-sensível.

O SENTIDO E A INTELIGÊNCIA

No homem adulto a visão de seus dois olhos externos tem um papel importantíssimo em relação à inteligência, porque junto com ela lhe dá a possibilidade de criar situações, sistemas e aparelhagens cuja regulagem substitui o instinto e os sentidos subalternos.

Seu instinto, de fato, é sempre mais disponível dentro do regime social por ele instituído.

Por exemplo, o polícia o protege das agressões, e no campo da alimentação tudo é selecionado, pesado, analisado para que ele não corra risco nenhum.

Seu faro, que nos tempos pré-históricos tinha uma importância fundamental, não tem mais utilidade nenhuma, a não ser no jogo amoroso: a mulher se perfuma, e o homem sente o perfume da mulher.

O fato do homem gostar do perfume das flores é uma manifestação de puro amorismo e, por outro lado, o cultivador sacrifica o perfume para obter melhores formas, melhores tamanhos e cores mais vivas.

O ser humano ainda cultiva o paladar, mas para exclusivo gozo de alimentação.

Numa sociedade futura os sentidos possivelmente se tornarão mais e mais atrofiados e substituídos por uma organização protetora criada pelo cérebro.

A TRANSFORMAÇÃO EM CÉREBROS PUROS

Essa é uma constatação mais do que evidente: nosso instinto que não tem mais razões para existir, irá definhando e desa-

parecerá, como desapareceram as funções do terceiro olho e do apêndice.

Como será então a iniciação? Poderá ela ser desligada da sensibilidade e da percepção?

Isso é lógico e temos razões para acreditar que a evolução procederá da seguinte maneira: dos sentidos à inteligência, da percepção fugidia à compreensão mais clara.

Entretanto parece evidente que a totalidade do conhecimento não será dado ao homem e nem ao Iniciado. Sempre haverá pontos a serem adivinhados e percebidos, e quando estiverem desprovidos de faculdades sensoriais e instintivas para proceder mais adiante e mais fundo, terão que utilizar uma superinteligência.

Se essa hipótese é certa, a maior preocupação do Iniciado será o desenvolvimento de suas funções cerebrais.

Era essa a opinião de Moisés, que obrigava os hebreus a decorar tudo, e dos grandes rabinos dos sanedrins que julgavam que ser ignorante era uma injúria feita a Deus.

LIQUIDAR OS IGNORANTES

O Rabino Eleazer disse: "É permitido rasgar as narinas dos ignorantes no dia da expiação que cair num sábado".

Seus discípulos responderam: "Rabino, diga que é permitido matá-los a pancadas".

Ele disse: "Isso requer uma bênção, enquanto aquilo pode dispensá-la". (*Tratado Pesachim*, f. 49, pg. 2).

Um pouco mais adiante encontramos um decreto que proíbe a um israelita se casar com a filha de um ignorante, pois especifica que ela não vale mais do que um animal!

Encontramos ainda:

"Nossos rabinos ensinaram que um homem deve vender tudo que possuir para poder se casar com a filha de um sábio; se ele não achar nenhuma, terá então que casar com a filha de um grande homem, terá que procurar a filha de um chefe de congregação; se ele não achar nenhuma, que procure a filha de um homem caridoso. Se ele não achar nenhuma, que se case com a filha de um mestre de escola. Mas em caso algum ele poderá se casar com a filha de um iliterato, porque são todos animais. A respeito de suas filhas, está escrito: *Maldito seja quem se deitar com um animal.*

(Insero na coletânea de leis rabínicas intitulada *Schulchan Aruch* em "Hilchoth Peirah u Riviah": esse tratado tem valor de lei).

Mais adiante ainda, podemos ler:

"É permitido cortar em pedaços um homem vulgar como se fosse um peixe".

"Ao Amhaarez é proibido comer carne de qualquer animal, porque está escrito: aqui está a lei sobre animais e aves (Lev. XI, 46). Qualquer homem que se ocupa com leis pode comer a carne dos animais e das aves: mas quem não se ocupa de leis, está proibido de comê-la."

Todo israelita é obrigado a estudar as leis.

"Aquele que é obrigado a aprender, também está obrigado a ensinar."

A COPA DE BRAGA

Para compensar a falta dos sentidos e a perda de seu terceiro olho, é a inteligência que leva a criatura humana a se valer de alucinógenos.

Os *shamans* da Sibéria fabricam a *Braga*, uma espécie de cerveja de centeio na qual são colocados em infusão cogumelos venenosos: os tortulhos bravos.

Trata-se de um dos mais antigos alucinógenos conhecidos, pois já era usado pelo filho de Odin: Braga, deus da poesia, da eloquência e da sabedoria dos antigos povos nórdicos.

Na mitologia deles Braga era Apolo. Os caracteres únicos estavam inscritos sobre sua língua e jamais uma palavra feia poderia sair de sua boca.

Era o Iniciado típico.

Assistido pelo seu irmão Hermódio, tinha sido encarregado por Odin de receber os heróis que entravam no Walhalla (paraíso) com essas palavras de boas-vindas:

"Gozem da paz eterna e bebam o *meth* (néctar) com os deuses!"

A *copa de Braga*, ou *bragafiell* era um vaso cheio de *meth* ou de cerveja alucinógena que todo rei nórdico bebia quando de sua coroação, pronunciando seus votos solenes.

Bebia-se também a *Copa de Braga* em algumas cerimônias, durante os sacrifícios ou em memória daqueles que tinham morrido em combate.

A copa circulava entre todos os presentes e cada um, após sentir o efeito do alucinógeno, devia cantar ou pronunciar um elogio ao defunto.

A MEMÓRIA DA MATÉRIA

Já publicamos uma tese a respeito da produção científica dos fantasmas⁽¹²⁾, atingindo a estranhos fenômenos e aos universos paralelos.

Nos círculos científicos de além da Cortina de Ferro está sendo investigada uma hipótese, que parece mais de acordo com o Misterioso Desconhecido.

Num quarto em que se encontram cinco pessoas, um médium consegue materializar por meio de sua sensibilidade nervosa uma idéia-motora, ou seja, a formar uma *egrégora* com uma projeção subjetiva.

Dois assistentes especialmente receptivos percebem o fantasma; outros dois não enxergam nada e negam a realidade do fenômeno.

Nesse tipo de reunião sempre acontece essa mesma coisa.

Mais freqüentemente só uma pessoa recebe a projeção, e isso acontece mais facilmente em alguns lugares que têm fama de serem "habitados".

Os físicos agora parecem inclinados a acreditar nessas aparições de fantasmas.

Os cientistas soviéticos parecem convencidos de que qualquer manifestação do tipo eletromagnético pode encontrar circunstâncias favoráveis, manifestar-se em algum lugar e ficar ali gravada como numa ferrite (fita de magnetofone).

O aparelho gravador pode ser um prego de ferro imanado, plumas ou um ninho de pássaros, folhas de árvore, ou outro material como por exemplo pedra ferrosa.

A estrutura molecular da matéria assim chamada inanimada é pouco conhecida e é possível que ela se porte como uma ferrite e possa devolver o que ficou gravado quando se verificar certas condições naturais.⁽¹³⁾

(12) Livro do Misterioso Desconhecido, 1909, ed. R. Laffont, cap. XIII: "O Mistério dos Fantasmas".

(13) É divertido lembrar a esse propósito a lenda do rei Midas, que parece relacionada a um fenômeno de devolução de sons. Cansado de barbear um homem que tinha orelhas de burro, o barbeiro do rei, para sentir-se mais aliviado, foi até um lugar afastado, cavou um buraco no chão, aproximou a boca ao solo e disse: "O rei Midas tem orelhas de burro... o rei Midas tem orelhas de burro". Em seguida tampou o buraco com muito cuidado. No ano seguinte algumas roseiras cresceram naquele lugar e quando eram agitadas pelo vento, murmuravam: "O rei Midas tem orelhas de burro...!".

Nesse caso o meio assume o papel de um transistor.

Por ocasião de acontecimentos de grande importância, como um drama, um susto, um sofrimento extraordinário, os sentimentos podem provocar emissões especialmente intensas de ondas eletromagnéticas.

A maioria se perde, enquanto algumas se fixam em receptores que, estimulados de uma certa maneira, restituem a sequência de ondas que quase sempre encontra um meio próprio à conversão sonora ou luminosa, através de um sistema análogo ao da pena de ave, de coruja ou corujão se o acontecimento se produz à noite.⁽¹⁴⁾

Para os gregos antigos a coruja era o símbolo de Atenas, e durante muito tempo ela foi associada aos videntes e aos feiticeiros.

Uma hipótese mais fantástica atribue à matéria, a qualquer objeto, uma memória magnética pessoal análoga à dos cromossomos-memória.

No caso dos "fantasmas de Hiroshima" não se trata de uma hipótese, mas de um fato, que pode ser afirmado por 100.000 testemunhas.

OS FANTASMAS DE HIROSHIMA

Nossa correspondente e amiga Denise Larroque, de Numea, contou-nos que a alguns meses de distância da atomização da cidade uma visão fantástica se produziu em Hiroshima.

A informação foi dada por uma testemunha autêntica, o senhor G., suíço, adido de Embaixada que estava a 40 quilômetros do epicentro quando a bomba atômica explodiu, e que aliás morreu por causa da contaminação atômica.

— Durante certas noites, disse Denise Larrue, quando a cidade ficava na penumbra, a imagem das pontes destruídas aparecia sobre o rio, com os transeuntes e os carros e todo o costumeiro movimento.

Era como uma projeção cinematográfica que fazia ressurgir um passado com imagens de dois meses antes e assustava de maneira enorme o que restava da população.

(14) No cap. XVI, em "Imagens elétricas da sexualidade, as penas e as ondas sonoras", vamos explicar essa descoberta científica do relacionamento entre penas de aves e aparelhos emissores de ondas.

Carvalho com visgo. Esse é o único exemplar conhecido na França. A touceira de visgo é visível no alto do tronco da direita.
Foto do autor. →





Os membros da Embaixada da Suíça pensavam ter enlouquecido por efeito das radiações recebidas. O senhor G. nos afirmava — a mim e ao meu marido — que o fenômeno somente se produzia quando existiam certas condições atmosféricas. Ninguém porém podia prevê-las.

Era um ressurgimento do tempo, eram imagens-desejos, ou alucinações coletivas?

Não conhecemos a resposta, mas não é impossível que qualquer dia o gládio de um soldado romano, a relíquia de um santo, o estandarte de Joana d'Arc possam nos contar suas estranhas recordações, quando os biólogos ou os físicos conseguirem encontrar o meio de solicitar essas memórias cromossômicas e decifrar seu código.

A VINGANÇA DA CARVALHEIRA SAGRADA

Sempre a propósito da memória da matéria chamada inanimada, acho agradável contar uma história que os germânicos acreditavam ser autêntica.

É notório que os cristãos destruíram com verdadeira fúria todos os vestígios de nossa civilização céltica.

Na Bretanha ergueram cruzeiros no topo dos dólmenes, construíram igrejas acima dos túmulos e dedicaram nossas árvores druídicas à santa Virgem.

Entre 1351 e 1355, em Romuva, na Prússia, o Grande Mestre dos Cavaleiros da Cruz, solicitado pelo bispo João I, ordenou que fosse cortada uma imponente carvalheira, pois os lituanos costumavam se reunir debaixo dela para dizer orações.

O cronista cristão Simon Gruna afirma que as folhas daquela carvalheira se mantinham sempre verdes, até no inverno, "por influência dos demônios"!

Em 1258 o bispo Anselmo ordenou o corte de outra carvalheira sagrada em Sventamiestis.

O machado feriu mortalmente o homem encarregado da tarefa e a população julgou tratar-se de uma punição vinda dos antigos deuses celtas do lugar.

O bispo tomou pessoalmente do machado, mas não conseguiu sequer ferir a casca da árvore.

A fonte de Baranton, na floresta de Broceliande (Morbihan) foi o lugar de encontro do Mago Merlim e da fada Viviane.

Foto do autor.



Louco de raiva, mandou queimar a árvore sagrada que ninguém conseguia cortar, apesar de estar invocando Deus, Jesus e São Miguel.

O prelado pagou com a vida pelo sacrilégio: morreu no mesmo ano de um mal misterioso.

MILAGRE NA FLORESTA DE BROCELIANDE

As carvalheiras da floresta céltica tinham o privilégio de abrigar entre seus galhos o visgo sagrado que os druidas cortavam com um foicinho durante uma cerimônia em datas rituais.

Por motivos inexplicáveis, em nossos dias as carvalheiras providas de visgo se tornaram raríssimas e apesar de nossas buscas, estávamos a ponto de desistir de ver pelo menos uma (até na floresta de Broceliande) quando, muito por acaso, nosso amigo Henri Tournon informou que possuía uma, situada no bosque de Jollandrie, no município de Asnois, a 7 quilômetros de Charroux (Vienne).

Essa carvalheira com visgo pode ser a única que existe na França.

Procuramos inutilmente em toda a região central, baseados em indicações sem fundamento do serviço de Águas e Florestas.

A carvalheira de Jollandrie tem dois troncos saindo da mesma cepa, o seu visgo encontra-se aglomerado a mais ou menos 18 metros de altura: o tufo tem um diâmetro de pelo menos um metro e meio.

Infelizmente os druidas não estão mais oficiando, pelo menos debaixo das carvalheiras. Entretanto, na opinião de nosso amigo E. Coarer-Kalondan, de Nantes, eles ainda conhecem segredos poderosos, como por exemplo o de fazer chover quando o querem, utilizando as propriedades mágicas do "Perron de Merlin", uma grande pedra que pode ser encontrada perto da fonte de Baranton, na floresta de Paimpont.

Foi perto dessa fonte que a fada Viviana se encontrou com o mago Merlin.

E. Coarer-Kalondan, que é druida, escreveu-nos a respeito da grande pedra:

— Lastimo que as péssimas condições em que se encontram minhas pernas não me permitam caminhar durante quarenta e cinco minutos por uma trilha cheia de charcos, bu-

racos e vegetação rasteira, pois caso contrário teria gostado muito de convidá-lo a ir comigo até aquela extraordinária fonte.

Nesse caso ter-lhe-ia aconselhado a levar uma boa capa de chuva e chegando no local, teria despejado água por cima do *Perron de Merlin*, segundo o ritual.

Antes de passar meia hora, estaríamos então debaixo de uma chuva violenta.

Meus amigos (druidas) e eu já salvamos a floresta de incêndios por quatro vezes, em ocasião de grandes secas, agindo da forma que é necessária.

Antigamente os sires de Pontuz, ou Ponts, agiam da mesma forma. Em seguida, foram os reitores de Treorantec.

Após a Revolução, os Iniciados do celtismo voltaram a essas práticas.

Minhas afirmações são categóricas. Executei pessoalmente o rito, e confesso não compreender como tudo acontece, e quais leis físicas estejam envolvidas.”

Sendo um druida, o senhor E. Coarer-Kalondan não mente e mesmo se as chuvas foram fortuitas, precisamos reconhecer que os velhos deuses da Celtia lhe foram estranhamente favoráveis.

RADIESTESIA

Não se trata exatamente de radiestesia, mas parece que certas mulheres têm um dom e conseguem fazer virar um peso suspenso por um fio.

Esse peso pode ser um anel, um colar ou uma aliança.

Precisa suspendê-lo primeiro acima da cabeça e depois acima do ventre de uma futura mãe, que seja grávida de pelo menos três meses (o coração do bebê deve já estar batendo) e observar o sentido da rotação.

Se em ambos os casos o pêndulo vira na mesma direção, trata-se de uma menina; caso contrário, vai ser um garoto.

A explicação consiste na diferença das correntes bio-magnéticas irradiadas pelos dois organismos: o sexo da criança está sintonizado (de acordo) com o da mãe — daí o único sentido de rotação do pêndulo.

Os feiticeiros afirmam que a polaridade dos três primeiros dedos da mão, começando pelo polegar, está em oposição com a dos outros dois, que devem ser dobrados em certas operações ocultas, para conferir toda a força aos dedos levantados.

Robert Grand⁽¹⁵⁾ escreveu que os etruscos determinavam as zonas favoráveis à construção de uma casa com o auxílio do *Lituus*, o bastão recurvo dos áugures, parecido com o pastoral dos bispos.

Era dessa maneira que descobriam o sentido das correntes telúricas: as veias do dragão.

ASTROLOGIA

A opinião dos meios científicos a respeito da astrologia está mudando desde que os botânicos observaram a ação determinante dos micro-elementos sobre o crescimento ou a degeneração das plantas.

Doses microscópicas de oligo-elementos podem revitalizar cereais vitimados pela falta de boro, fósforo etc.

A vida das criaturas humanas também pode ser modificada de maneira sensível por interações eletromagnéticas do mesmo gênero.

Nessas condições parece que a influência de certas estrelas pode ter uma ação benfazeja ou prejudicial sobre a psicologia e a fisiologia de um recém-nascido, que se encontra num estado excepcional de receptividade.

Precisamos, é claro, distinguir as interações favoráveis e as outras que são desfavoráveis.

O problema complica-se ainda mais se considerarmos as forças telúricas e aquelas ambientais, que são mais maciças do que infinitesimais.

Nosso amigo, o astrólogo Philippe Vidal, tem uma opinião muito interessante a respeito:

— Se a influência astral, ele disse, cujo poder de orientação é conhecido, é inexorável para uma grande quantidade de indivíduo que poderíamos chamar de *mortais*, ela parece, por outro lado, ser menor, e às vezes inexistente, para uma pequena minoria que vamos chamar de *imortais*, pelo simples fato de eles se encontrarem no mais alto degrau da evolução.

Este princípio pode explicar os erros dentro da astrologia e as divergências de opiniões entre astrólogos.

O mistério não está na interpretação ou na influência caprichosa dos astros, mas na capacidade diferente de recepção dos indivíduos.

(15) *Clefs pour les tarots*, de Suzanne Agostini, Shorong e Robert Grand. Próxima publicação.

Seria portanto interessante determinar, com base numa série de dados complicados, o degrau de evolução das pessoas cujos temas devem ser examinados.

É isso que pensam também os físicos do Instituto de Florença, em cuja opinião a mecânica celeste tem uma influência indiscutível sobre todos os organismos vivos.

CAPÍTULO XII

A ÁGUA-MÃE E O ELIXIR DA IMORTALIDADE

A iniciação está à vanguarda das descobertas científicas, e as pesquisas dos cientistas quase sempre provam que os segredos transmitidos desde tempos imemoráveis e descobertos entre os mistérios desconhecidos da humanidade, já eram conhecidos e comprovados nos tempos de nossos Ancestrais Superiores.

Quando os alquimistas se encurvavam acima de seus alambiques, a maioria dos racionalistas com certeza julgava que a obra deles era empírica e portanto fadada ao insucesso.

A pedra filosofal, a panacéia, o ouro potável, o elixir da imortalidade: outras tantas quimeras, sonhos nebulosos de idealistas ingênuos!

Um belo dia um cientista soviético, também curvo sobre seu alambique que, porém, era muito mais aperfeiçoado, lançou um grito de triunfo e estupefação: acabava de descobrir algo que não era a pedra filosofal, mas assim mesmo se parecia enormemente com ela!

A descoberta inacreditável, milagrosa era água, H^2O , como a que sai da torneira, com uma pequena diferença na sua com-

posição natural, mas assim mesmo apta a produzir o mais grandioso milagre: a vida!

A POLYWATER

Desde os tempos mais antigos a água sempre excitou a imaginação dos homens e dos pesquisadores, que lhe atribuíam estranhos poderes.

Acreditava-se conhecer sua composição, sua natureza, sua função, mas sempre com uma reserva mental devida à dúvida, e a intuição de algum mistério sagrado parecia querer fugir dentro da transparência de cristal movediço.

Os químicos não se preocupam com o ocultismo, mas assim mesmo quando os cientistas russos Boris V. Deryagine⁽¹⁾ e N. Fedakine em 1962 e em 1967 conseguiram produzir em laboratório uma água sólida que, em vez de cristalizar, mantinha uma aparência de plexiglas, tiveram a sensação de quem se sente tocado pelas asas de um anjo meio extravagante.

O produto de suas pesquisas era extraordinário, rico de promessas sem fim no campo da pesquisa, sem dúvida nenhuma, mas tinha quase que um cheirinho de enxofre. . .

A água era análoga à água comum, H^2O , com a mesma fórmula química (H^2O), mas só chegava à ebulição a 600° e congelava apenas a -40° .

Em teoria, variando o sistema de prepará-la, calcula-se que seu ponto de ebulição pode atingir os 800° , 1.000° e 1.200° — talvez até mais!

Os químicos ingleses do grupo Unilever, os americanos Ellis Lippincott e Gerald Cessac da Universidade de Maryland, os professores Robert Stromberg, Warren e H. Grant do Instituto Nacional de Pesos e Medidas também fizeram revelações a respeito dessa água em 1970, e a batizaram *polywater*. É chamada também de *água anormal*.

Ela pode ser obtida somente em quantidades mínimas; sua densidade é de 40; sua aparência líquida é a de xarope incolor e seu vapor se condensa em água normal.

Trata-se de uma água normal, cujas moléculas são, porém, polimerizadas: as partes do corpo são inteiramente formadas pela repetição de uma mesma unidade diversamente modificada; acredita-se que as moléculas formam uma rede sextavada, em vez de serem encadeadas como acontece na H^2O normal.

(1) Boris Deryagine é professor da Academia de Ciências de Moscou.

A *polywater* é obtida aquecendo a água destilada durante dezoito horas em tubos capilares, a pressão reduzida, um fato que lembra estranhamente o procedimento dos alquimistas.

As quantidades obtidas são ínfimas, da mesma forma em que são encontradas na natureza, especialmente em algumas argilas, nas plantas e até, dizem, em nossas próprias células onde sua função ainda não parece bem definida, apesar de ter uma importância primordial na manifestação da vida.

“A alvorada do mundo obscuro” parece que dependeu do mistério da *polywater* que, nesse caso, seria a própria *água-mãe*.

Essa água nos deixa prever propriedades fantásticas, em relação às fontes sagradas dos Antigos, o mistério das cavernas, das Isis e das Virgens-Mães, de Afrodite, de Vênus, da água pura, da iniciação; talvez até das “águas da Juventude” ou águas da Imortalidade, das quais muito se falou sem que ninguém acreditasse nelas.

O CICLO DA ÁGUA

A água é uma combinação de hidrogênio (H) e de oxigênio (O), com uma fórmula de $H + H + O = H_2O$.

A água dos oceano em contínua evaporação serve para a formação de espessas camadas de nuvens que em forma de chuva umedecem os continentes e voltam ao mar, formando um ciclo praticamente eterno.

Esse era antigamente a resposta clássica a respeito das origens da água, e continua parcialmente certa; mas depois dos trabalhos de C. Louis Kervran⁽²⁾ a verdade fantástica chegou a ser conhecida: o ciclo fundamental da água não parte de uma combinação aérea de hidrogênio e oxigênio, mas se inicia na transmutação do calcário em água.

Em outras palavras, as reservas terrestres não caem do céu, mas se formam nas entranhas da terra; os imensos lençóis e as correntes subterrâneas vêm das massas calcárias que ao longo de milênios se transmutaram em água.

A *arkose* (uma rocha de tipo grosseiro, feita de detritos) é um produto das gredas costeiras dos antigos mares permianos (da era primária) após um ciclo aproximado de 200 milhões de anos.

(2) C. Louis Kervran: *Transmutações naturais não radioativas*.

Essa greda, ou argila, passa normalmente por um estágio de sílice hidratada, por uma fase de cal carbônica, da qual saem o alumínio e o ferro, depois volta a ser argila recorrente (recorrente = que volta ao ponto de partida) ou argila cíclica, fechando o circuito em 200 milhões de anos.

Durante esse ciclo, as matérias transmutadas quando reaparecem sob forma de hidrato de óxido de silício-alumínio, solucionam-se em água com deutério ou água com hélio, sob a alta pressão capilar dos interstícios minerais⁽³⁾.

Essa água, que já foi argila, fortemente ionizada, tem extraordinárias características físicas: ebulição a cerca de 600°, e congelamento a cerca de -40°, formas diferentes ou então nenhuma cristalização, dependendo da força das tensões internas devidas justamente ao grau de ionização, ou seja, de positividade-massa.

Em resumo, podemos dizer que as rochas e especialmente o calcáreo contém água, mas não de inclusão à alta pressão capilar, como se opinava não faz muito tempo⁽⁴⁾, mas na forma elementar de H e de O, em semimoléculas de água.

A transmutação do calcáreo em água se inicia a partir das moléculas elementares.

A vida celular e todos os gêneros de vida manifesta nascem na água e a partir da água.

A CRIAÇÃO DA VIDA

Em julho de 1970 os maiores biólogos mundiais se reuniram em Pont-à-Mousson para tentar determinar como e em que condições podia ter começado a vida celular.

Vou apresentar de forma muito condensada a tese admitida em geral, que pertence aos físicos Oparine, D. Todericiu, Miller, Pavlovskaja e Fox:

No início da era trrestre⁽⁵⁾, somente existiam os elementos minerais e os gases, ou seja: a terra, os mares e uma atmosfera à base de oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono.

Como consequência de descargas elétricas de muito grande poder (temporais), e levando em conta o ambiente, os vulcões em erupção, a radioatividade, os raios ultravioletas etc., os com-

(3) O que explica a presença de água-mãe nas células vegetais.

(4) *Que sais-je?*: L'Eau, par Clément-Duval N.º. 266.

(5) Christian Leourier acha que isso aconteceu há 3 bilhões de anos.

postos básicos se formaram espontaneamente⁽⁶⁾: aminoácidos (ADN, ARN), bases nucleais, açúcares simples, etc.

Os aminoácidos, ou agentes da vida, não puderam de qualquer forma nascer em meio que não fosse aquoso, quer dizer, *na água dos oceanos que era muito possivelmente uma água-mãe.*

Em outras palavras, podemos dizer que a energia propagada no meio químico disponível, composto pelos materiais planetários, determinou o desabrochar das moléculas fundamentais da vida.

A criação de proteínas elementares foi então o ponto de partida de uma organização celular sempre mais complexa, que se concluiu com proteínas autênticas.

Os vinte aminoácidos conhecidos podem compor um número infinito de estruturas, da mesma forma em que as vinte e seis letras do alfabeto podem formar uma seqüência infinita de frases.

Um universo inteiro pode ser formado por eles, com a condição de que *sejam batizados com a água-mãe da terra original.*

Os Iniciados sempre estiveram a par destes conhecimentos, muito mais antigos do que o Dilúvio Universal.

Essa tese, na realidade, não responde a todas as objeções que poderiam ser levantadas, mas ela parece estar chegando o mais perto possível da solução, roçando quase a verdade a respeito do desabrochar da vida na terra.

Permite ainda revelar que os “quatro elementos” muito ridicularizados pelos racionalistas clássicos, ou seja, a água, a terra, o fogo e o ar, correspondem perfeitamente à orientação científica mais moderna.

A GRANDE OBRA

Desse resumo muito restrito resulta que antes mesmo dos aminoácidos (ADN = ácido desoxyribonucléico e ARN = ácido ribonucléico), é a água, a fonte primordial em que se manifesta a vida.

Cientistas clássicos e esoteristas concordam nesse ponto.

A água originária de arkose argilizada é especialmente agressiva e se presta a múltiplas “reencarnações” num grande

(6) Pasteur negava a geração espontânea, enquanto criação viva partindo de elementos mortos. Essa porém é transmutação.

número de rochas evolutivas, mas se revela funesta para a alimentação das células vegetais e animais.

A água originária dos granitos e das rochas calcárias, ao contrário, e sobretudo a água originária das lavas e dos basaltos, contém os princípios vitais típicos, princípios que os físicos modernos denominam, faltando outro nome mais apropriado, de massa orbital de ligação molecular⁽⁷⁾.

Em física as forças de coesão são definidas pela sua função e não pela natureza, quer dizer que elas são de uma imaterialidade representada pelo simples impacto entre dois íons de signo inverno: H de um lado e OH do outro.

Essa situação era conhecida, ou pelo menos pressentida, pelos alquimistas de todos os tempos, pesquisadores de elixires de longa vida, de água pântica, de pedra filosofal líquida, de fonte de ouro, de alkaest ou solvente universal, de ouro potável, de quinto elixir ou orvalho alquímico.

A pedra filosofal, a transmutadora universal, com certeza *não é um mito*.

Resumindo, parece que Boris Deryagine e N. Fedakine descobriram os princípios da Grande Obra sonhada pelos alquimistas; a Grande Obra não tem nada a ver com a fabricação do ouro, mas se refere ao segredo da vida e por consequência ao segredo da criatura universal, ou seja, Deus.

Na água-mãe, fonte de todo nascimento, morte e ressurreição, estaria portanto a origem da vida, o que aliás está de acordo com todas as tradições mitológicas, e em especial modo com o batismo⁽⁸⁾, com o duplo mistério da Virgem-Mãe e da água destilada nas cavernas, que são ambas água primitiva virgem que dá a vida.

AQUELE QUE CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS

Afrodite nasceu da espuma do mar (e isso possivelmente é uma pudica metáfora), como a vida mineral, vegetal e animal, nasceu na água-mãe no início da criação.

Tudo começa pela água.

A Lua, um pequeno planeta que não possui a densidade de massa da Terra, esfriou muito depressa e não conseguiu reter sua atmosfera por causa de sua gravidade insuficiente.

(7) Também: força de coesão eletromagnética, também chamada coulombiana.

(8) No batismo celta o sacerdote de Teutates, deus do Nascimento e da Morte, celebrava-o numa bacia quadrada chela de água (quadrada como símbolo dos quatro elementos).

Sua composição externa porém (obsidiana, ou seja vidro de sílica sódica em sua maioria), era idêntica à da superfície terrestre quando ela saiu das águas. Um aguaceiro teria sido o suficiente para dar-lhe vida!

A própria existência do homem, em seu estágio fetal, é a de um verdadeiro *homo aquaticus*: a criança não vive em suspensão num meio aquoso antes de nascer, e isso não chama à memória, num sentido esotérico, os templos longínquos em que o ovo primordial flutuava sobre as águas da criação?

Na cosmogonia védica que é a mais sábia de todas, Brahma neutro (o Senhor que existe por si mesmo, inconcebível, fora do alcance de nossos sentidos) “resolveu em seus pensamentos de irradiar de sua própria substância a primeira criação material: em primeiro lugar produziu as águas, nas quais depositou um germe que se transformou num ovo brilhante como o ouro, luzidio como mil sóis, e dentro dele nasceu o próprio Ente Supremo em forma de Brahma masculino, ancestral de todas as criaturas”.

As águas foram chamadas *nârâs*, porque era o produto de *Nara* (o espírito divino) e o primeiro local de movimento (*avana*) de *Nara*, que por isso foi chamado *Nârâyana* (aquele que se movimenta sobre as águas)⁽⁹⁾.

OANNES, MELUSINA E O OVO PRIMORDIAL

Os fenícios (*História fenícia* de Sanchoniathon) fazem surgir a vida da água misturada com barro: o *Môt*, ou limo primitivo.

“Na época das gerações híbridas, na qual se inicia uma criação ainda insegura de suas obras” os caldeus (Gr. Dic. Univ. — *Cosm.* pg. 228) fazem sair os deuses-peixes do mar, e entre eles Oannes que é seu chefe, junto aos outros misteriosos deuses híbridos, como os Cabires dos fenícios, o Dagon dos filisteus, o Odacon dos babilônios⁽¹⁰⁾, a Ceto ou Dercetys

(9) A religião judaico-cristã de *Abrão-Sarah* (*Brahma-Sarasvati*) que se inspirou livremente em religiões ocidentais e orientais relata o início do mundo de forma parecida, mas menos científica e iniciática. Jesus imita o caminho de *Narayana* sobre as águas (N.T.), sem o verdadeiro sentido esotérico do símbolo. De qualquer forma, a exposição da *Gênesis* bíblica: “No começo, havia o Verbo”, se baseia em dados físicos incontestáveis, mas que atribuem um sentido físico ao Eterno.

(10) É interessante comparar os nomes dos deuses-peixes com *dagop*, santuário dos templos budistas. O *dagop* é o símbolo da *boia de água* que representava o corpo humano no espírito de Buda. É o *naos*, o santo dos santos, o *stupa*, a cúpula dos edifícios sagrados da Índia.

É também o ovo místico e o Grande Magistério dos Alquimistas.

dos sírios, que tem rosto de mulher e corpo de peixe, e a Melusina dos celtas de Poitou.

Todos estes deuses-peixes são o produto da água criadora, como explica a mitologia e tem uma ligação evidente com o trabalho alquimista, ou seja com o *ovo primordial*, a água de orvalho e outras águas maravilhosas que os alquimistas utilizaram enquanto eram transmutadoras de diferentes elementos.

A água-mãe de fato é transmutativa e a vida não passa de uma função transmutadora, como já foi comprovado por físicos e biólogos.

TU ES PÓ E ÁGUA

Apesar da deterioração do primitivo sentido iniciático por causa da ignorância dos sacerdotes, a identidade divina da água-mãe prevaleceu durante milênios a fio nas grandes religiões, apesar de noções falsas e falsos deuses⁽¹¹⁾.

Bêl-Myletta e Ishtar na Babilônia, Bel-Baaltis, Astarte e Adônis na Fenícia, Attys e Cybele na Frígia, Osiris e Isis no Egito, Teutates na Celtia antiga são duplas personificações divinas do princípio fecundador: a água.

Na religião-mãe dos celtas a água matricial era representada pela *Grande Deusa* que vence o princípio primitivo do fogo (o Agni dos arianos), que é sua origem e também seu fim.

Os antigos persas acreditavam que a Terra e todos os reinos da natureza tinham nascido da água primordial.

Em geral, porém, a criação da "vida" como matéria orgânica começa com a mistura da água com limo, da água com terra e da água com argila.

O primeiro homem, Adão, Man, Manou, feito de água, argila ou pó, não muda em nada o princípio fundamental, pois a argila que representa a crosta terrestre é um composto de água à altíssima pressão capilar.

O QUASE-SEGREDO DOS ALQUIMISTAS

Temos então uma relação natural entre a água original, fonte de toda a vida, ovo filosófico dos alquimistas e a água-mãe ou *polywater* (OH²)^a dos químicos russos e americanos.

(11) O batismo ou *segundo-nascimento*, que cancela o pecado, na religião cristã, é de fato um rito que relembra a criação original. O batismo maçom, mais próximo da verdade e mais iniciático, tem um sentido *criador e purificador*.

Os antigos alquimistas eram somente semi-iniciados.

Muitos confundiram a procura da fabricação do ouro com a busca da água vital, misturando e combinando enxofre, mercúrio, arsênico, prata, chumbo, cobre, fósforo etc., e muito mais ingredientes *abracadabrantés*.

Outros realmente procuraram o elixir de longa vida, sem porém duvidar de sua verdadeira natureza.

Entretanto tinham dela uma muito vaga percepção pois, sem mesmo conhecer sua composição, chamavam-na Água da Juventude, água da imortalidade e sabiam que os primeiros passos da Grande Obra consistiam em aquecer durante muito tempo a água dentro de um recipiente fechado!

Isso prova que o segredo já fora transmitido um vèz pelos legítimos Conhecedores!

A atração pela Grande Obra era tão mágica que os alquimistas se açularam, sempre inutilmente, mas atraídos pela miragem de uma verdade autêntica e sempre fora de seu alcance.

Foi o caso dos Templários alquimistas e de todos aqueles que tentaram fabricar o ouro venal.

Durante séculos e milênios se obstinaram a fazer ferver e referver a água em suas retortas e alambiques, sem encontrar com isso nenhuma panacéia milagrosa.

Conheciam perfeitamente o princípio da operação: aquecer a água, mas ignoravam o sistema dos tubos capilares.

Se algum dentre eles o soube — e isso não nos parece provável — ele não passou adiante sua descoberta, mas os conhecimentos atuais da metade do maravilhoso segredo provam a existência, num passado longínquo, de ancestrais com uma cultura e uma civilização superiores à nossa⁽¹²⁾.

Se assim não fosse, não poderíamos explicar a teimosia daqueles empíricos semi-iniciados, e o fato deles conseguirem a primeira parte de uma operação alquímica de extraordinária importância e cuja verdadeira finalidade eles bem conheciam.

Parece fora de qualquer dúvida que alguém, alguma vez em tempos idos, chegou a obter a água-mãe da imortalidade. O processo foi revelado, transmitido e finalmente acabou se deteriorando com o correr do tempo.

(12) A primeira vista a linguagem ininteligível dos alquimistas, os labirintos em que ocultavam seus pensamentos, provocam uma justificada desconfiança; em seguida, ficamos estupefatos vendo que eles passaram a pouca distância do sucesso. O filósofo cristão escrevia de maneira sibilina a propósito da *água divina*: "que ela é a explicação relativa ao *calcário*", chamando-a às vezes *água nativa* e às vezes *água de cal*! Zózimo mencionava uma *água do abismo* e é possível que o termo "multiplicação" queira significar "transmutação".

Sem dúvida o segredo se deteriorou em meio ao terror do Dilúvio Universal. Podemos também supor que os alquimistas iniciados soubessem como estimular suas memórias cromossômicas (alguns chamariam esse fenômeno de "vidência") para reconstruir parcialmente a operação, ou então serem guiados nesse sentido.

O SAPO DOS LIVROS DE MAGIA

Os Espiritualistas acreditam que os Iniciados sabem tudo, o que está errado, mas as conquistas da ciência no século XX, mostrando a justeza das tradições, comprovam também os fundamentos certos do conhecimento iniciático.

É sabido que os alquimistas aqueciam e reaqueciam a água em seus matrizes no intuito de encontrar a Pedra Filosofal, mas é muito importante atribuir a esse início de verdade mal transmitida mais uma noção bastante reveladora: o ovo filosófico, pela tradição alquimista, *continha um sapo!*

Os pseudo-iniciados que com muita facilidade distribuem piscadelas carregadas de subentendidos e de promessas, jamais duvidaram da ligação existente entre a água vital (alimento, gral e catalisadora de ADN) e o sapo de longa vida desenhado nos livros de magia dos alquimistas, ou os que se encontravam fechados em blocos de pedras, no fundo das pedreiras.

Somente os Iniciados sabiam que aquele gral era a água-mãe produzida pela transmutação não radioativa do calcário.

Eles sabiam que a *polywater* dos alambiques de tubos capilares associada ao símbolo do sapo dava uma doura explicação dos mistérios do batismo, das grutas de iniciação e das virgens-mães.

Uma explicação tão clara como a água das rochas!

O SAPO INICIADO

Nas rochas ressudantes podemos ver compridos e misteriosos rastos verdes.

Essa espécie de inflorescência é a geléia vital da clorofila produzida e alimentada pela rocha, e seu elixir de imortalidade.

Um animal manso, sábio e inofensivo conhece esse segredo: é o sapo que, prisioneiro involuntário, vive dentro dos blocos de calcário das pedreiras.

Muitas vezes aconteceu que quando um desses blocos, retirado de uma profundidade de dez, vinte e até trinta metros, foi quebrado, revelou em seu centro, dentro de um alvéolo que reproduzia exatamente a forma de seu corpo, um sapo vivo de tamanho normal e aparentando estar em perfeita saúde.

É evidente que o animal chegara ao centro daquele bloco de calcário permeável em estado de germe, arrastado pelas águas da chuva, possivelmente por alguma fissura que em seguida ficou obturada.

Esse fenômeno é conhecido desde os tempos mais antigos, e se explicava pela extrema sobriedade do sapo e sua capacidade de se adaptar a uma quantidade mínima de ar.

Às vezes era até chamado de fóssil vivo.

No século passado o engenheiro Seguin deixou escorrer gesso em cima de dez sapos, deixando-os petrificados durante uns dez anos.

Quando quebrou o invólucro de gesso que se amoldava completamente em volta dos animais, um deles ainda estava vivo.

A mesma experiência foi tentada em 1825 pelo geólogo inglês Buckland com blocos de calcário e de grés silicado, hermeticamente fechados.

Os sapos prisioneiros dentro do grés silicado impermeável morreram todos, mas os que estavam dentro do calcário poroso sobreviveram e alguns deles até se apresentaram crescidos e mais gordos.

Sabemos agora que esses animais sobrevivem graças aos gases rarefeitos contidos na pedra e às propriedades milagrosas da água-mãe destilada pelo calcário⁽¹³⁾, e acredita-se que eles talvez possam sobreviver durante séculos, ou talvez milênios.

O sapo, fechado em seu alvéolo como numa câmara de imortalidade, alimenta-se dos elementos componentes da pedra porosa que contém sua "água de pedreira" e a água produzida pela transmutação acelerada do calcário. A aceleração é produzida pelas pústulas acidificantes do batráquio.

O sapo absorve essa água? Está se produzindo uma osmose? Ele a transmuta?

Parece que a operação que se produz é análoga à das plantas, ou seja, uma fotossíntese.

(13) É necessário lembrar que o sapo consegue ficar numa espécie de hibernação, apesar da temperatura no interior da pedra sempre ficar por volta de 10°. Assim não se trata de uma hibernação legítima, mas de letargia.

Baseado na claridade do dia e na água absorvida pelas suas raízes, o vegetal elabora as matérias orgânicas indispensáveis à sua alimentação e seu crescimento: essa é a fotossíntese.

Baseando-se na água vital, o sapo das rochas deve também ter a capacidade de criar certas substâncias químicas e orgânicas que lhe são úteis e, especialmente, o ácido ribonucléico necessário à síntese das enzimas e proteínas.

O ELIXIR DA IMORTALIDADE

Partindo desse ponto, ou seja, do fato de que a água-mãe é uma água de imortalidade, ou, mais propriamente, uma água apta a manter a vida e o equilíbrio biológico humano, só falta mais um passo que porém seria ainda muito arriscado no ponto em que estamos.

Desde os tempos mais longínquos existiram pesquisadores obcecados pela idéia da existência de uma fonte da juventude em nosso planeta. Alexandre Magno foi procurá-la na Índia, Cristóvão Colombo na América e Ponce de Leon na Flórida.

O alquimista e filósofo hermético Artephius, que viveu por volta de 1130, garantia que já estava vivendo fazia 1025 anos, mas nunca ninguém conseguiu uma prova de suas afirmações!

Seu livro *De vita propaganda* e seu *Tratado da pedra filosofal* não oferecem nenhuma explicação séria a respeito do problema da longevidade, mas é surpreendente constatar que, como os alquimistas, ele também desenhava um sapo no centro do ovo filosófico!

Mais uma vez os cientistas do século XX concordam com os empíricos de outrora, apresentando a solução de um problema fascinante que parecia impossível de se resolver.

ÁGUA-MÃE DA ROCHA E PIAS BATISMAIS

O culto das fontes sagradas das grutas, praticado pelos homens da pré-história é mais um indício a favor dos segredos iniciáticos que vêm sendo transmitidos desde os tempos antediluvianos.

Acreditamos que eles estavam conservando, entre as brumas de suas consciências, a lembrança dos poderes milagrosos da água que saía diretamente da rocha-mãe, porque em

numerosas grutas e perto da base dos vastos abrigos rochosos de Eyzies existem grandes bacias cavadas no próprio calcário.

Essas bacias recolhem a água que destila, cheia de vida, e que se expande em sua forma clorofílica desde sua saída da rocha calcária da qual ela ressurda.

O homem de Cro-Magnon (Dordonha) de fato sabia confusamente que precisava beber a água das rochas, preferivelmente a de La Vezère, de La Tardoire e de La Charente.

O pré-historiador Escalon de Fonton explica que 5.000 anos atrás as chuvas tinham uma intensidade anormal sobre a Terra toda, ao ponto de os rios se tornarem excessivamente lodosos. Os homens que precisavam de água potável tiveram então a intuição de recuperar a água que gotejava nas cavernas.

Foi encontrado um bom número de recipientes que serviram para isso (gruta de Saint-Privat, perto do Pont du Gard).

O senhor Escalon de Fonton sugere que a consagração das fontes aconteceu possivelmente por essa razão.

Poderíamos rebater essa hipótese dizendo que o homem pré-histórico poderia ter recolhido facilmente a água que estava caindo do céu!

Precisamos também lembrar que em época de grandes chuvas a água das valetas e das conchas cavadas nas rochas torna-se límpida após um breve período de decantação.

Os sacerdotes dos tempos antigos sabiam que a água do batismo não era um simples símbolo.

O jardineiro também conhece o efeito que a água dos temporais tem sobre as plantas, e os últimos grandes Iniciados sabem explicar o mistério das fontes ditas sagradas de águas que ressurdam nas cavernas, das pequenas conchas célticas que nunca secam, das pias batismais que como se sabe, *deviam ser nascentes*, ou seja bacias de pedra nas quais a água-mãe destilada do calcário se forma de maneira natural, *sem secar jamais*.

É somente com a água dessas pias batismais que o batismo se reveste de todo seu significado religioso... completamente ignorado pelos sacerdotes cristãos!

Quando o sacerdote despeja a água sagrada sobre a cabeça do batizando, ele está simbolicamente evocando a mais antiga magia do mundo: ele está dando a vida; da mesma maneira em que o deus das mitologias dá vida às criaturas regando o saibro terrestre com a água-mãe.

Este é o sentido profundo e científico do batismo.

Segundo o Novo Testamento, Jesus começou a viver sua vida de Cristo quando João despejou a água do Jordão sobre sua testa.

A esse respeito podemos ler em Marcos, cap. I:

- [10] E tão logo saiu da água, viu os céus se entreabrirem e o Espírito em forma de pombo descer e ficar pairando acima dele...
- [11] E uma voz foi ouvida no céu: tu és meu filho bem-amado...

O SARCÓFAGO DE ARLES-SUR-TECH

No pátio da Abadia de Arles-sur-Tech (Pirineus orientais) encontra-se um sarcófago chamado "o santo túmulo dos corpos santos" que tem uma característica maravilhosa: ele produz água como uma fonte.

De fato ele se encontra num canto bastante escuro e úmido, mas de qualquer maneira o terreno é seco, e além disso o sarcófago encontra-se isolado do solo, pois está suspenso por dois dados de pedra de vinte centímetros de lado.

As dimensões do sarcófago são de 1,88 m de comprimento, por 0,50 m de largura e 0,65 m de altura: as paredes têm uma espessura de 10 cm.

Sua capacidade interna é de 230 litros, e daquele sarcófago se tiram entre 400 a 600 litros de água muito pura ao ano, e parece que essa água tem algumas propriedades medicinais.

A tampa em forma de lombo de burro está presa ao sarcófago por grampos de ferro bem apertados que garantem uma proteção suficiente para que não haja dúvida de algum embulho.

O túmulo de mármore cinza bruto é do século IX e foi encontrado entre as ruínas sobre as quais o abade Castellanus, o fundador do mosteiro, construiu sua cela. A tradição afirma que nela repousam as relíquias de São Abdon e São Sennen, padroeiros da aldeia.

A água que sai desse sarcófago é imputrescível e tem a característica de se renovar a toda hora, sem parar, mesmo em épocas de prolongadas estiagens.

O guia do sindicato de empresas locais explica que em ocasião de festas religiosas o cura da paróquia retira a água com



O sarcófago mágico de Arles-sur-Tech.

Foto de Le Marigny, editor.

um sifão, enfiando uma das extremidades numa pequena abertura na tampa do sarcófago.

Em 1951, do 1.º de junho até o 1.º de dezembro foram tirados de lá cerca de 600 litros.

Pela tradição, a primeira água apareceu com algumas partículas dos corpos dos santos, quando foram colocados no sarcófago.

A água não seca nunca e o povo acha que isso é devido a um milagre feito pelos bons padroeiros.

O sarcófago somente ficou seco quando as relíquias foram tiradas de lá em 1794, por obra de uma companhia republicana de Allobroges, mas a água voltou a aparecer logo que as relíquias foram novamente colocadas no mesmo lugar.

Enquanto o sarcófago estava sendo lavado para limpeza, a ressudação voltou a aparecer em todas as paredes, e a água começou a se recolher no fundo. Na noite daquele mesmo dia já havia uma polegada de água e quinze dias mais tarde, uns 25 cm.

Naquela mesma ocasião, em 1795, a tampa foi colocada no lugar e os grampos lacrados.

Boatos não controláveis afirmaram que a água ressuda em maior quantidade em tempo de estiagem do que em tempo úmido.

O sarcófago somente transbordou uma vez e foi durante um período muito seco.

Podemos observar esse mesmo fenômeno nas catacumbas de Roma e Bari, na Itália, onde a água ressuda faz mais de oito séculos. No Líbano, num lugar chamado Edhen, o túmulo dos santos Abdon e Sennen se encontra dentro de uma capela construída sobre uma rocha. Os maronitas celebram a festa dos santos no primeiro domingo de maio. "No instante da Elevação da hóstia e durante todo o dia seguinte um riacho de água surge debaixo do altar, escorrendo com o barulho de um trovão", explicou o príncipe Joseph Karan, que assistiu ao milagre.

Esses são os dados essenciais a respeito do sarcófago de Arles-sur-Tech, com a lenda se misturando às vezes com a realidade.

Os cientistas já se interessaram por aquela água milagrosa, mas não conseguiram uma explicação que, sem dúvida, poderia encontrar dados valiosos no processo acelerado da transmutação do calcário (o mármore) em água.

Em 1911 o cura depositou no cartório a soma de 1.000 francos-ouro a serem entregues a qualquer pessoa que encontrar uma solução do mistério.

A quantia está na caixa econômica de Perpignan.

PEDRAS COM FUROS

Em Linards (Haute Vienne), ao longo da estrada de Boulandie (de Linards até Brand-Bueix) existem quatro estranhas pedras, de uma qualidade que não se encontra naquelas paragens.

Elas são chamadas de “pedras de São Martim” (peyras sen Marti) porque dizem que o bom santo imprimiu nelas a marca de seus punhos e de seus joelhos, e isso teria produzido as depressões que ali se encontram.

Essas depressões, ou conchas, por um fenômeno extraordinário estão sempre cheias de água, mesmo em tempo de estiagem.

O mesmo acontece com uma concha na pedra que pode ser vista numa ilhota perto do moinho de Salas (Haute Vienne) “apesar da pedra estar bem acima do nível do rio, sempre está cheia de água no verão e no inverno”.

Aquela pedra é chamada “lo peyro randulhero”.

O mesmo fenômeno se verifica, sempre na Haute Vienne, com a pedra côncava da aldeia de Quenouille, perto de Beaumont, com a outra cavidade conhecida como o “passo de mula” em Bussière-Boffy e com as pedras chamadas “de chez Levraut”, município de Sant-Laurent-sur-Gorre, que todas têm a propriedade de conservar constantemente a água em suas conchas ou cavidades.

Todas essas pedras são graníticas: em sua superfície existem pequenas cavidades em forma de tigelas, e o pré-historiador Albert Goursaud explica seu aparecimento pela desagregação do feldspato da rocha devido à erosão. Em alguns casos, mas muito mais raros, pode-se ver que são obras do homem.

“Essas cavidades, escreve Albert Goursaud, possuem a extraordinária propriedade de conservar a água em todas as estações e quando muito raramente elas ficam secas podemos encontrar no fundo um pó parecido com a cinza de carvão.

Aquela água e aquele pó têm propriedades milagrosas para a saúde das pessoas e dos animais. Por esse motivo os camponeses recolhem a ambos e os conservam com muito cuidado.”

Essa água, praticamente inesgotável, parece ter alguma relação com a água-mãe da imortalidade.

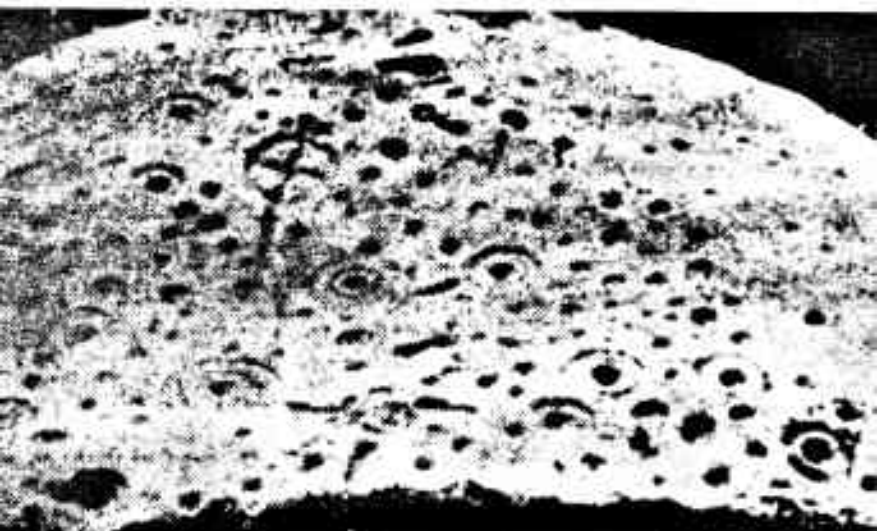
Na Idade Média existia a tradição de enterrar os mortos debaixo de uma ressudação de água — possivelmente na esperança que ressuscitassem.

Em alguns mosteiros os defuntos mais privilegiados eram enterrados por motivos misteriosos em lugares especiais, ou seja, debaixo de uma goteira.

É fácil adivinhar os motivos.

A PEDRA ASTROLÓGICA DE LA MERLIÈRE

Em 1905 na fazenda de La Merlière, no município de Poiré-Sur-Vie, na Vandea, o pré-historiador Marcel Baudoin



A pedra astrológica de La Merlière.

Foto do autor

descobriu um bloco de xisto granuloso, coberto por estranhos desenhos gravados pelos celtas.

“Essas esculturas, escreveu Marceu Baudoin, representam a escrita pré-histórica anterior aos hieróglifos egípcios.

Existem mais de duzentas perfurações, algumas delas contornadas por círculos.

Na fotografia da pedra que publicamos, o sul encontra-se no alto; o círculo central, perto da beirada norte, é formado por três sulcos circulares concêntricos, e dele saem dois sulcos profundos e retos em direção norte, que representam o meridiano norte-sul e a linha dos solstícios (ângulo de 60°).

Ao lado existe outro círculo de dois sulcos. Trata-se da configuração do sol ao meio-dia e do sol levante no solstício de verão.

Os outros círculos ou anéis são as estrelas principais, possivelmente da constelação das Plêiades.

Todos os buracos representam estrelas. Entre eles existem também uma dezena de cruzes, com uma das hastes bastante comprida.

Muitas são na linha do equinócio.

A maior dessas cruzes é um símbolo celeste pagão, uma representação da Ursa Maior, que em alguns países é chamada a Cruz do Céu."

Esses buracos em forma de pequena copa são receptáculos de água-mãe, mas acreditamos que, considerando sua posição, elas também representam uma tabela astrológica que deve ser, fora de qualquer dúvida, a mais antiga do mundo ocidental.

AS PEDRAS SOVADAS

Já falamos nos mistérios das pedras de granito sovadas de Cochabamba, na Bolívia⁽¹⁴⁾. Um nosso correspondente e amigo, o senhor M. de Saint-Cloud escreveu-nos a esse respeito, dizendo: "A solução do segredo é muito fácil. Leia as *Transmutações naturais não radioativas* de C. Louis Kervran.

Após estudar as doenças das pedras, Kervran demonstra que por efeito de certas bactérias (e de suas enzimas orgânicas) o granito se caoliniza. Uma camada de um ou mais centímetros de espessura é substituída por uma rocha mole que pode ser cortada com uma faca sem nenhuma dificuldade.

Seria possível deixar pegadas ou rastros nesse caulim, que em seguida teria se solidificado por transmutação inversa? Não podemos excluir a possibilidade. Podemos até considerar o fato

(14) O Livro dos Senhores do Mundo, de Robert Charroux, ed. B. Laffont, 1967, cap. XV.

que as enzimas orgânicas de certas plantas poderiam amolecer as rochas. . .”

O senhor M. de Saint-Cloud provavelmente está certo, pois já foi constatado o derretimento de canalizações antigas que estavam enterradas e que também foram facilmente cortadas com uma faca.

CAPÍTULO XIII

A REENCARNAÇÃO E OS UNIVERSOS PARALELOS

A reincorporação é o fenômeno pelo qual a alma de um corpo defunto passa para o corpo de um recém-nascido.

Essas transferências, também chamadas transmigrações, podem ocorrer de várias maneiras.

Se a vida de um homem foi pura, sua alma passa para um corpo nobre e não precisará reencarnar muitas vezes antes de chegar ao céu de Deus ou então à fase da perfeição.

Mas se acontecer o contrário, ele terá que fazer penitência, esperar bastante e cumprir um demorado ciclo de peregrinações purificadoras dependendo de suas faltas e de seus méritos passados, representados pelo *Karma*, que depende do encadeamento das causas⁽¹⁾.

(1) O *karma* é o fardo de nossos pecados, acrescido pelas dívidas contraídas por nossos antepassados; nesse caso, poderia ser também uma prova de que eles se reincorporam em nós (pelo menos, segundo uma certa interpretação).

A lei do *Karma*: todo pecado terá que ser expiado numa vida posterior. Pela doutrina dos Rosa-cruzes AMORC, "a lei do Karma é, junto à reencarnação, a única explicação racional e satisfatória da aparente injustiça das desigualdades na vida. Ela é universal e se aplica a todos os níveis da criação, do mais minúsculo ao maior de todos".

A reencarnação ou reincorporação é uma doutrina espírita adotada pelos espiritualistas.

Existem algumas variantes: a palingenesia, a metemempsicose e sobretudo a metempsicose (do grego: *Metempsukôsis*: transmigração de alma), cuja teoria se originou em tempos antiquíssimos.

OS EGÍPCIOS ACREDITAVAM NUMA REENCARNAÇÃO DIFERENTE

O espiritismo é fundamentado na existência dos espíritos e na realidade de suas manifestações para comunicar com os vivos.

Essa é uma arte *sui-generis* que utiliza a penitência dos espíritos ainda não reincorporados quando estão em período de espera no além, ou então ali residem em forma permanente.

Antes de surgir o termo reincorporação usava-se somente o termo metempsicose.

Heródoto afirma que a teoria da metempsicose começou no Egito:

“Os egípcios também foram os primeiros a mencionar a doutrina que ensina a imortalidade da alma humana. Na hora da morte corpórea, a alma transmigra, alojando-se numa outra criatura que está nascendo naquele mesmo instante.

Quando ela tiver cumprido a volta por todas as criaturas da terra, do ar e do mar, ela volta a se incorporar mais uma vez num corpo humano na hora de seu nascimento. Esse périplo se cumpre dentro de um ciclo de 3.000 anos.”

A nosso ver, essa teoria nada tem a ver com a dos espíritos e espiritualistas; de fato, ela menciona claramente um périplo através de todos os reinos da natureza. Para sermos mais claros, isso significa que qualquer coisa volta à totalidade do universo para começar um ciclo novo, e que após o fim do mundo (explosão e reestruturação do universo) este princípio-vida volta a animar um corpo humano.

Essa razão “aparente” mencionada por AMORC parece encobrir que as explicações também são “aparentes”. A reencarnação e o karma provavelmente têm um significado diferente na doutrina secreta

PITÁGORAS ERA INCRÉDULO

Essa teoria que, em si, representa uma cosmogênese, foi anotada por Pitágoras quando visitou o Egito e levada para a Grécia onde foi tentada sua interpretação.

Pitágoras é categórico: explica ele que as almas (e ele não pretende dizer: uma substância incorpórea) impregnam a totalidade da natureza, incluindo a matéria chamada inerte (areia, pedras, terra), os vegetais e as plantas, os animais e os homens⁽²⁾.

O Mestre não podia errar.

A metempsicose dos pitagóricos se repetia sem fim, sem ordem, sem finalidade aparente e sem normas fixas. Era o jogo da vida universal, pela lei do acaso, como opina o professor Jacques Monod.

Essa teoria, que não foi entendida, foi muito combatida pelos Epicureus. Eles objetavam (e, na opinião dos Enciclopédicos, tinham boas razões para isso) que se tivéssemos vivido uma vida anterior, estaríamos nos lembrando das nossas ações⁽³⁾.

A refutação também se apoiava nas características uniformes e permanentes dos animais.

Os leões, diziam eles, são sempre corajosos, os gamos são sempre tímidos, e seria absolutamente anormal se a alma de um gamo pudesse passar para o corpo de um leão.

AS BRINCADEIRAS DE PLATÃO

Platão, que também não queria compreender e que ao mesmo tempo era um aristocrata e até um racista convicto (vá reler sua *República!*) explicava a transmigração em oito pontos:

1. A alma perfeita entra no corpo de um filósofo ou de um sábio.

(2) Cícero anota (*De Nat. Deo*, XI, 27) que Pitágoras ensinava que Deus era uma alma espalhada em todas as criaturas da natureza e que dela se originavam as almas humanas.

(3) O professor André Bouguenec pergunta qual é a vantagem de uma reencarnação se não conservamos a memória da vida anterior. Se realmente estamos nos reencarnando, o passado fica bem oculto, logo não deve ser conhecido. A Natureza sempre revela o que é bom que os homens saibam. Por que não confiar nela?

2. Em um nível mais baixo, ela anima o corpo de um rei ou de um grande príncipe. (Platão está perdendo a sisudez).
3. Ela passa para o corpo de um magistrado ou do chefe de uma família poderosa (ele não pode se passar da aristocracia: uma família humilde não lhe serve!).
4. Passa para o corpo de um médico.
5. Em seguida para o corpo de um homem cuja tarefa é providenciar ao culto dos deuses.
6. Dali para um poeta.
7. Nova etapa: um artesão ou um operário.
8. Finalmente vai para o corpo de um sofista ou o de um tirano!

Por essa última brincadeira — pois os sofistas eram seus inimigos figadais — podemos ver que Platão não estava falando sério e não dava crédito nenhum a essa crença.

O PURGATÓRIO DAS ALMAS

Se a reencarnação às vezes interfere com a procriação e a transmissão dos traços hereditários (4), ou seja, se a alma do finado passa de imediato para um outro corpo, o que acontece com a alma pessoal da criatura recém-nascida?

Se a alma do defunto fica esperando em algum lugar — mas por que ela devia ficar esperando, se a finalidade da vida, no conceito da reencarnação, é de permitir um aperfeiçoamento das qualidades psíquicas, para mais rapidamente se identificar com Deus? — em suma, se a alma fica esperando, estamos a perguntar onde é que ela fica (5)!

Na opinião de Dante, a alma, após a morte, desce ao purgatório, para depois subir ao reino dos céus, e depois voltar à Terra para se reencarnar, ou melhor, para morar num corpo à maneira dos cucos, que botam seus ovos nos ninhos dos outros.

(4) Se os homens parassem de procriar (fim da espécie), não haveria mais possibilidade nenhuma de reencarnação humana.

(5) Os antigos lituanos acreditavam que havia uma relação entre a vida dos homens e das árvores. Se uma árvore preferida por um homem não secava após a morte deste, significava que sua alma tinha se alojado na árvore.

A REENCARNAÇÃO NÃO É CANÔNICA

A maioria das religiões admitem a reencarnação, menos as religiões cristã, israelita e muçulmana(*), apesar disso depender de interpretações.

Os primeiros textos sagrados hebraicos não mencionam o assunto; por outro lado os judeus não acreditavam na imortalidade da alma e nem em sua pré-existência.

Durante o cativeiro na Babilônia os teólogos hebreus adquiriram idéias dos caldeus e incorporaram a metempsicose na crença do povo.

Os fariseus ensinavam o dogma das existências sucessivas. Jesus, em sua época, não passava por ser o filho de Deus, de José ou de Maria, mas por uma reencarnação de João Batista, de Elias ou de Jeremias.

Criado entre os hebreus, Jesus herdou as crenças deles.

No Evangelho de Mateus podemos ler (cap. XI, vers. 11 e 14): "Eu vos digo em verdade que entre os filhos das mulheres nunca foi criado homem maior do que João Batista... e se vocês quiserem sabê-lo, ele é Elias que deverá chegar. ."

Os sociólogos acham que a teoria da reencarnação propalada e ensinada pela religião oficial é responsável pela situação lamentável da Índia, pelo seu atraso, no caminho da civilização, pela fome e a miséria que grassam ali num estado endêmico.

A teoria da transmigração (encarnação nas espécies inferiores) é ainda mais injusta. Ela demonstra um enorme desprezo pelas plantas e pelos animais!

Resta agora saber como é definida a reencarnação.

No Bhagavad-Gitá ela é o caminho da purificação espiritual e da união final com Deus. Podemos ler (vers. 2-22 e 2-27): "Como um homem que rejeita suas roupas usadas logo escolhe novas, assim a moradora do corpo, após rejeitar aquele que é usado, logo entra em outro que é novo. . ."

Pois é certa a morte de quem nasceu, e também é certo o nascimento de quem morreu. Por isso não se deve lamentar o que é inevitável".

(*) Pela antiga lei hebraica, o defunto descendia para o *scheol* onde continuava existindo de forma vegetativa, sem luz e sem sopro vital — o *ruah* — que Deus lhe emprestara de forma provisória durante sua vida terrestre.

No Livro de Job (XXXVIII 4,7,21) Deus pergunta ao profeta: "Onde estavas enquanto eu ia construindo a Terra? Fala, se teus conhecimentos são esclarecidos!... Se tu o sabes, é porque já tinhas nascido, e já contas vidas (dias) muito numerosas."

O *Alcorão* é mais matizado e aberto a muitas interpretações: "Deus engendra as criaturas e elas voltam em continuação até se identificarem com Ele", o que deve significar um fervilhar constante da vida, ou de todas as vidas até um enaltecimento geral, porque Maomé em seus ensinamentos não admite a reencarnação.

OS BIÓLOGOS DIZEM: NÃO

Dentro do princípio da reencarnação, a introdução de uma alma em ascensão⁽⁶⁾ no corpo de uma criança recém-nascida que efeitos produz sobre a alma do bebê, que fica roubado, despojado e espicaçado? De fato, existe uma alma conjunta ao seu corpo material, à sua personalidade já programada dentro do código genético herdado de seus pais, nos cromossomos-memória que levam seus traços hereditários.

É previsível que dentro do plano da evolução os biólogos daqui a pouco poderão modificar os gens, melhorá-los ou suprimir os da imbecilidade, da criminalidade, da crueldade, do egoísmo, do medo etc.

Os químicos já podem, valendo-se de drogas, gases ou estímulos elétricos, transformar um destemido em covarde e um covarde num deus da guerra. Já não é mais segredo o fato de que um certo tipo de tranquilizantes modificam completamente os indivíduos⁽⁷⁾.

Será que um dia veremos a reencarnação de um patife no corpo de uma criatura que os médicos poderão artificialmente transformar em boa e meiga para o resto da vida?

Em Paris, em Berlim, em Londres, em Nova Iorque, milhares de pessoas condicionadas pelos tranquilizantes estão levando uma vida honrada, quando, sem a intervenção do médico, ou seja, sem uma intervenção externa, independente de sua boa vontade, seriam criaturas associadas, irritadas e perigosas.

O cientista tomou o lugar de Deus? Está por acaso contrariando os planos de Deus? O cientista tornou-se mais poderoso do que Deus?

De qualquer forma, a teoria assim como ela é apresentada e compreendida, está agora bastante abalada, pois o médico, o biólogo, o químico tem hoje o poder de reduzi-la a zero.

(6) Ascese tomado no sentido de aperfeiçoamento.

(7) Injetando na parte lateral do hipotálamo um composto químico, o *carbachol*, pode-se transformar o indivíduo mais pacífico em criminoso.

O TEMPO TRABALHA CONTRA O SISTEMA

Está se aproximando a época em que o velho sistema capitalista será totalmente derrotado.

A alma do senhor Onassis ou de um bilionário americano que, em condições normais deveria se reincorporar num mendigo, talvez não encontre mais mendigo nenhum na sociedade futura, onde a ostentação da riqueza será proibida como também será proibida a miséria.

Poderíamos admitir que a alma do senhor Onassis possa se reencarnar no corpo de um metalúrgico soviético ou de um guarda vermelho chinês?

Se vivemos arrastando nosso *karma*, se somos meros invólucros para as almas de outros defuntos, qual é o significado dessa punição, dessas provações, quando nem nossa alma e nem nosso corpo tem consciência do fato?

Poucas pessoas acreditam nessa superstição, e as que nela acreditam não conseguem se lembrar de suas vidas anteriores!

Mesmo se existissem algumas exceções, ainda assim a regra permaneceria a mesma.

Finalmente, na eventualidade de um fim do mundo, o problema se tornaria ainda mais complicado: bilhões de almas teriam que ficar fazendo penitência durante milênios, à espera de corpos disponíveis, e isso seria profundamente injusto!

Não é assim, gritam os espiritualistas! As almas iriam ocupar os corpos de criaturas de outros planetas!

De qualquer forma, após o cataclisma, as almas dos sábios e dos cientistas deveriam se reincorporar em crianças da nova primavera, e isso poderia levar à existência de uma humanidade ideal.

Foi isso que aconteceu após o Dilúvio Universal?

Não, muito pelo contrário, especialmente se podemos julgar pelo que sabemos a respeito da pré-história.

Daí somos levados a deduzir que a reencarnação imaginada pelos espiritualistas não passa de um engodo e não oferece nenhuma prova baseada em fatos e menos ainda nas teorias dos biólogos.

Ao contrário, o que acontece dá a impressão de que as conquistas psíquicas dos homens, na hora da morte de suas consciências, voltam a se integrar mais uma vez na massa viva universal, em benefício de todos.

ESCATOLOGIA DE IDEALISTA

A perspectiva de poder dar aos menos favorecidos é, para o sábio, um ideal muito mais elevado do que esperar por uma recompensa pessoal.

Deus mesmo não se sacrifica para deixar a humanidade nascer?

Na cosmogonia assírio-babilônica Marduk e Bêl se sacrificam e oferecem seu próprio sangue para que a humanidade possa nascer. A argila empastada com esse sangue serve a formar os primeiros homens. Uranos é sacrificado por Cronos e do seu sangue brotam os Gigantes e as Fúrias, mas também a bela Afrodite. Atum, o deus dos egípcios, arranca de si mesmo e sem a ajuda de uma mulher, o primeiro casal divino. Do sangue do gigante Ymir nasceu a humanidade, acreditavam os antigos escandinavos, e na mitologia ariana o primeiro casal humano nasce do holocausto de Gayomart.

Outros deuses menores também se sacrificaram para a criação ou para a salvação dos homens: Orfeu, Adônis, Attis, Osíris, Zoroastro, Jesus, foram espedaçados e torturados. Todos foram sacrificados ou então se sacrificaram.

Eis algo que pode enaltecer e espiritualizar o homem: em vez de evoluir num sentido suspeito e egoísta, em direção a uma escatologia "capitalista e burguesa", o homem pode trabalhar e "alquimizar" em todos os níveis, em benefício dos menos favorecidos, dos "proletários" da natureza: o calcário das colinas, as flores do jardim e o jegue no pasto!

O homem se enobrece enquanto se sacrifica, se enaltece enquanto se humilha. Assim ele se identifica com Deus que é, ele mesmo, sacrifício e humildade.

Deus preocupa-se com o homem; o homem se preocupa com seu irmão, o seixo que jaz no caminho: imagens maravilhosas que santificam a evolução.

Não seria essa a doutrina secreta do Buda, aquela que não nasce do budismo esotérico, mas do próprio pensamento do Bodissátva que tanto amava se comparar ao seu irmão, o grãozinho de areia?

No século XX é difícil aceitar uma teoria que parece pertencer a épocas passadas, quando os mistérios da biologia ainda não estavam desvendados.

Os filogenistas, os fisiologistas e os biólogos não aceitam o princípio da reencarnação, a menos que não se pretenda

designar assim um fenômeno que devolve ao reino da natureza os componentes e até as forças e as qualidades psíquicas e elétricas humanas.

Sem dúvida é este o retorno a Deus, a comunhão com o Universo.

Deus-entidade, mônade ou espírito puro não precisa de nossa contribuição espiritual, pois é a expressão máxima do espírito; ao contrário, o Deus-Universo, em suas hipóstases — ou estados — de nível mineral, vegetal ou animal inferior, precisa de uma contribuição mais sutil, mais elaborada e mais apurada do reino superior, para que se cumpra a evolução, e para que sempre mais se levante o nível da noosfera (nível da reflexão).

O MEDO DO CARVOEIRO

Acreditar no purgatório e no inferno é uma conseqüência direta do conceito idealista de uma recompensa para o justo, de um castigo para os maus e, sobretudo, do medo que a morte inspira (instinto de conservação).

Esse sistema pressupõe a existência de uma verdadeira agência de despachos celestes, com garagens e salas de espera para as almas penadas. Sem dúvida, tudo isso deve estar dividido em três classes, como os vagões da antiga estrada de ferro nacional: 1^a. paraíso, 2^a. purgatório e 3^a. inferno.

Tanta minúcia parece mais o fruto da imaginação humana do que da ordem universal ou divina!

No início do mundo essas crenças foram elaboradas pelos fracos ou pelos Iniciados para conter a brutalidade dos poderosos.

Já era a supremacia da inteligência sobre a força!

Um espírito simples dificilmente pode aceitar como moral o fato que um homem mau possa continuar vivendo uma existência cheia de perversões sem que seja fatalmente castigado pela justiça divina.

Por outro lado, a que serve ser bom, justo e sociável? (complexo do egoísta: precisa ser bom, mas à condição de receber uma recompensa).

Trata-se de um sentimento humano digno de todo o respeito, mas que não leva em conta as leis universais (8).

(8) Toda agressão contra as leis do universo é um erro grave e até imperdoável que tem uma repercussão maléfica sobre a evolução geral, ou seja a sociedade humana. É um crime de lesa-divindade que rebaixa o

Deus é bom quando permite que uma igreja desabe em cima dos fiéis, ou quando permite que uma pessoa morra enquanto leva socorro aos outros?

A Natureza é boa quando destrói o sábio, dá um corpo raquítico a um recém-nascido ou seca os poços do deserto?

A jogar pela moral humana, a resposta é não; a lei universal, porém, não se preocupa com essa moral e obedece a uma inteligência superior.

Existe mais um sentimento que contribui a difundir a crença da reencarnação: é o medo.

O crente é capaz de qualquer compromisso para conseguir a *tranquilidade de sua própria consciência*.

Freqüentemente trata-se de um fracassado que procura teses que lhe ofereçam uma *garantia da estima* que ele ambiciona.

Ele se convence de possuir conhecimentos transcendentais e não pode aceitar que seu pequeno *eu*, insignificante na escala de valores da vida, possa desaparecer um dia, absorvido pelo grande magma triunfal da Natureza.

É um reflexo que está dentro da lógica humana.

Pitágoras, Albert Einstein, Salvador Dali, o biólogo, o matemático, o médico, o cidadão honesto cuja posteridade é garantida por uma bela e numerosa família, sabem perfeitamente que eles irão se reintegrar na natureza-mãe.

É um pensamento que não desperta temores de espécie alguma. Eles cumpriram suas tarefas, sabem que serão imortais pelos resultados de seus trabalhos ou pela sua descendência: pelo filho, ou no plano biológico, pelo neto que se parecerá com eles (9).

O homem que não conseguir algum sucesso na vida, digamos, por exemplo, o carvoeiro (no sentido de uma pessoa simplória e um pouco primária), se ele não tiver uma família numerosa (10), ele terá todo o interesse em acreditar nos ciclos de reencarnação que poderão lhe dar a oportunidade de eventualmente realizar suas aspirações numa outra vida.

nível médio e atrasa a elevação do que Teilhard de Chardin chama a *noosfera*, ou nível de reflexão.

(9) Uma criança tem maiores possibilidades de ter um código genético mais parecido com o de seu avô do que com o do pai. Pelo sangue e pelos genes, ele é mais próximo ao avô.

(10) Os que acreditam em reencarnações são essencialmente pessoas sensíveis mas que têm dificuldades em se integrar na sociedade. As vezes são associações e procuram um refúgio e um "existencialismo".

A REENCARNAÇÃO E OS UNIVERSOS PARALELOS

Todas estas considerações contrastam porém com alguns casos, pela verdade bastante raros, e negados pelos racionalistas: quero me referir a pessoas que afirmam ser a reencarnação de um ou outro personagem.

A realidade desconhecida dos fenômenos universais é a tal ponto fantástica que tudo o que imaginamos ser improvável dentro de nosso universo tridimensional, poderia talvez ser bastante possível em universos de quatro ou cinco dimensões.

A reencarnação, que não é admitida pelos lógicos, não é porém condenada em si: não há nada de insensato em acreditar na imortalidade da alma, mas sim em um Deus contador e nas estranhas interferências entre existências e ações que se perdem no tempo.

Em poucas palavras, se não aceitamos as crenças infantis dos partidários da reencarnação, concedemos entretanto nossa atenção a uma forma mais sutil e mais científica do fenômeno.

Considerando a hipótese muito admirável de uma interpenetração de universos, o conceito espaço-tempo não pode mais corresponder às nossas definições terrestres.

Pode existir uma possibilidade de ações, simultâneas ou não, comandadas por uma consciência alienada de nosso encadeamento de tempos, o que significa que ela pode se situar em outras épocas e em outros universos.

Esse potencial-consciência poderia então viajar dentro dos tempos e se transmitir através dos séculos de nosso mundo perceptível.

Nesse sentido, um *eu* em ubiqüidade ou que, mais propriamente, possa se desdobrar de maneira harmoniosa, poderia existir simultaneamente em diferentes universos, em vários encadeamentos de vidas, e entre esses *eus* separados existiria uma indução e uma cumplicidade inconsciente (11).

COMPAIXÃO COM OS ANIMAIS E COM AS PLANTAS!

Da forma que a entendemos, a reencarnação pode ser considerada uma evolução, limitada ao tempo de um universo permanente.

(11) É possível imaginar também vidas paralelas em outras galáxias, dependendo ou não dependendo das leis físicas que existem na Terra.

Ela se opõe à teoria do universo em pulsação, de expansão-contracção, e a um Deus-universo, exceto na teoria hindu do respiro de Brahma.

Ela sugere a idéia de um Deus juiz e árbitro, após ter criado o universo para o homem, com recompensas e castigos.

Qual seria o papel dos minerais, das plantas e dos animais inferiores dentro desse universo?

A iniciação de Buda — a história do abutre e do pombo: uma vida equilibra uma vida — seria nesse caso desprovida de fundamento.

Podemos duvidar, e por boas razões, do pseudo-budismo clássico, que o grande mestre oriental repudiaria indignado, mas é difícil duvidar de Buda e do valor de sua iniciação!

Nesse caso porém, se o universo das coisas, se os animais têm uma alma, porque lhes impingir a alma dos homens injustos?

Por outro lado, se eles não têm alma, como pode acontecer a transmigração de homem para animal?

No plano biológico não podemos admitir que haja mutação e evolução nas espécies inferiores se elas só devem servir de bodes expiatórios da evolução humana.

Não teriam elas sua própria ascese?

É possível imaginar que a evolução das espécies vegetais e animais esteja em dependência do comportamento de um comerciante desonesto, de um traficante de tóxicos ou de um cafetão de Pigalle?

Não podemos aceitar essas crenças sem nos colocar em violento conflito com os mais racionais dados da ciência e do bom senso, mas acreditamos que a reencarnação pode ser explicada ou especulada de maneira muito mais racional.

DEUS NÃO TRABALHA POR CONTRATO

Imaginar Deus lavrando autos e agindo como um conferente respeito às almas à espera numa zona indecisa do Misterioso Desconhecido do universo, é uma idéia caduca e inaceitável.

Em nossos dias a tese da reencarnação deve ser examinada com o espírito livre de preconceitos e de empirismos e, nos limites do possível, à luz de nossos conhecimentos científicos, apesar de sermos obrigados a escolher de maneira bastante arriscada para podermos prosseguir em nossa busca.

Um cristão não pode acreditar na reencarnação, em primeiro lugar por uma questão de princípio e, sobretudo, porque ele define Deus como uma entidade que se encontra fora da criação. Assim estando a situação, é bastante evidente que jamais poderíamos voltar a ele, por nunca termos sido parte integrante dele (12).

Nesse sentido tudo é matéria, continuará sendo matéria e o criador será o deus dos materialistas.

Por outro lado, o panteísmo é essencialmente espiritual: tudo está em tudo, a criação é uma projeção de Deus e Deus é o universo.

Os conhecimentos científicos de nosso século não nos permitem mais acreditar num Deus criador e sem eliminar o princípio divino, nos encorajam a dirigir nossas pesquisas em direção a hipóteses onde as forças elétricas agem em todos os níveis possíveis.

MUDAR DE ÓRBITA E DE UNIVERSO

Os universos paralelos não são simplesmente um assunto espiritual e uma hipótese de trabalho: os físicos já mostraram sua existência e com detalhes que ainda permanecem incompreensíveis.

Para quem é desprovido da necessária percepção, a reencarnação é um fato incrível e impossível, ou por outro lado desprovido de fundamentos razoáveis (13).

Já explicamos esses "estranhos fenômenos" (14) que acontecem no nível do átomo, com grande assombro dos cientistas: os corpúsculos mudam de órbita, apesar de ficarem, de um certo modo, em sua órbita inicial.

Certas ondas, estudadas por numerosos cientistas, entre os quais o professor Bernard d'Espagnat, do Colégio de França, possuem o dom da ubiqüidade e podem passar *em sua totali-*

(12) Essa interpretação pode ser contestada: precisamos porém lembrar que a diferença essencial entre o panteísmo e o deísmo está no fato dos panteístas integrarem Deus a toda a criação (era o princípio de Euda, Perécides e Pitágoras), enquanto os deístas acreditam em um Deus afastado da criação.

(13) Para colocar suas crenças em sintonia com as exigências do raciocínio, os teósofos e os hinduístas forjaram universos paralelos governados por leis espiritualistas e crenças empíricas que, em qualquer caso, só podem ser consideradas assuntos de fé. O conceito, de fato, não parece ser fundamentalmente falso, mas as explicações do fenômeno resultam numa deterioração de algo que devia ser uma realidade, e não respeitam absolutamente as leis da ciência.

(14) O Livro do Misterioso Desconhecido, cap. XIII.

dade por uma abertura enquanto, *ao mesmo tempo* e também *em sua totalidade*, *passam* por outro orifício paralelo.

Para darmos um exemplo, vamos usar uma imagem familiar: o fio da costureira pode passar ao mesmo tempo pelos dois buracos de duas agulhas que se encontram lado a lado!

Quando isso acontece parece que cada corpúsculo consegue ser um e duplo ao mesmo tempo, e isso foge às nossas elementares normas científicas.

Observações desse gênero que são frequentes em física teórica e em física nuclear levaram os Mestres a pensar no conceito de um ou talvez mais universos paralelos.

O que parece real para o átomo e para a molécula, estudadas de um ponto de vista matemático, poderia ser real em todas as fases da matéria organizada ou não: para o homem, para o animal, para a planta e para o objeto.

A ALMA

Essas particularidades somente estudadas em laboratório requerem, quando transpostas no plano do indivíduo humano, além de sua consistência material (corpo) e das qualidades dinâmicas intelectuais (vontade de se mexer, de evoluir, inteligência), também um terceiro elemento mais sutil, capaz de se integrar em todos os universos possíveis, em uma palavra, a nos ligar com o grande Tudo.

Acreditamos que esse terceiro elemento é o que os espiritualistas chamam de alma.

A alma é o único elemento na tríplice composição humana que possui uma indução permanente ou acidental com certos fenômenos chamados para-normais ou milagrosos.

Sendo de natureza imaterial, ela pertence ao mesmo tempo ao nosso mundo tridimensional e aos outros cujos sistemas funcionam em quatro, oito ou N dimensões.

A autenticidade de um mundo paralelo que penetra em nós e que nós não percebemos — ou talvez percebemos de maneira confusa — é reconhecida de maneira unânime por todos, do empírico ao matemático.

Continuamos a avançar sempre mais dentro desse sistema graças ao desenvolvimento fantástico das ciências, especialmente no campo das ondas eletromagnéticas e radioelétricas, da televisão e da radiofonia.

Todos sabemos que quando aparecemos numa emissão televisada, inúmeros *eus* povoam, sem que disso possamos ter consciência, a totalidade do espaço, mantendo-se invisíveis, imponderáveis e ao mesmo tempo reais. Eles se deslocam em direção a milhões de lugares distantes, ao mesmo tempo, para viver uma existência aparentemente idêntica àquela que estamos vivendo dentro do estúdio.

A reencarnação que vamos considerar é um processo de ordem elétrica que pode ser imaginado de forma aproximada com o funcionamento *inverso* da televisão.

No caso normal, a imagem que aparece em nosso televisor é originada num estúdio onde se encontram personagens em carne e osso, ou seja, com vida material.

Na hipótese do caso inverso, os personagens iriam, em forma de ondas radioelétricas, de nosso televisor à antena externa e dali para o estúdio, onde se encarnariam.

QUATRO... OITO... OU N DIMENSÕES

O homem nasce, vive, morre dentro de um universo total⁽¹⁵⁾, sendo que sua consciência e suas faculdades sensoriais somente podem lhe dar uma imagem incompleta dele, ou seja, a imagem externa — se é assim que poderíamos chamá-la — ou talvez, seria até mais exato dizer: a imagem cujas cores e formas externas em geral podem ser vislumbradas pelos seus sentidos primários.

A essência, o interior do universo constituem o Misterioso Desconhecido.

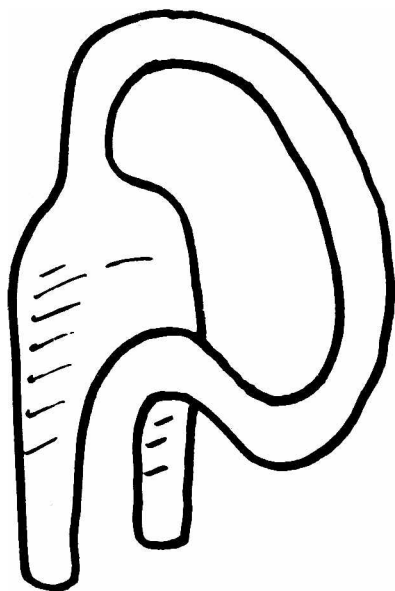
Esse Misterioso Desconhecido, muito provavelmente regido por um sistema de quatro, oito ou *n* dimensões, é dinamizado por fenômenos que dentro de nosso universo a três dimensões seriam, sem dúvida nenhuma, considerados milagres.

Aliás, dentro de um universo a quatro dimensões, assim como nós chegamos a imaginá-lo, um homem trancado numa prisão hermeticamente fechada, poderia sair dela e voltar, completamente à vontade. Temos uma representação disso através de uma distração intelectual: uma garrafa “sem dentro e sem fora”.

(15) Os termos científicos são cheios de contradições e contra-sensos. O átomo, ou a menor partícula imaginável, ainda comporta subdivisões. O Universo, ou o grande tudo dos físicos, teria um diâmetro de 20 bilhões de anos-luz e seria composto de um sem-fim de outros grandes todos. Por isso usamos o barbarismo: universo total — todos os universos!

Dentro de um universo a cinco dimensões seria provavelmente possível viver consciente e simultaneamente na Idade Média e no século XX.

Com seis dimensões um homem poderia ao mesmo tempo estar morto, estar vivo, caçar auroques num vale pré-histórico



Garrafa sem interior e nem exterior.

Foto do autor.

e dirigir uma espaçonave a caminho de Sírio, transmutando-se pela força do seu pensamento.

Num universo a oito dimensões tudo poderia ser permitido, a partir de uma viagem dentro do tempo e do espaço, até a integração nos diferentes reinos da natureza.

Universos desse tipo não têm necessariamente a estrutura daquele que conhecemos (mais ou menos). É possível que o universo a oito dimensões, por exemplo, seja análogo a uma equação de álgebra ou ao reino da idéia onírica.

Especulações desse tipo a respeito do desconhecido têm nomes diferentes. Dependendo da personalidade da criatura que está pensando, podem ser chamadas de ciência, magia, espiritualismo, conhecimento ou loucura.

OS UNIVERSOS PARALELOS E O UNIVERSO TOTAL

Em nosso universo a noção espaço-tempo é dada por um movimento contínuo que parece estar se desenvolvendo do passado ao presente e ao futuro.

Parece que de fato essa noção está estreitamente condicionada pelas três únicas dimensões de nosso sistema, e os cientistas e espiritualistas pensam que num nível mais elevado, ou seja o da inteligência universal ou Deus, o tempo está eternamente no presente.

Essa conjectura pressupõe a existência de uma infinidade de harmônicas⁽¹⁶⁾ do que nós chamamos o presente, com uma infinidade de "eu" que vivem simultaneamente todas as fases da vida em outras cadeias de ondas de comprimento infinito.

É o que, por analogia, aconteceria num aparelho de rádio não seletivo, em que uma transmissão num comprimento de, por exemplo, 100 metros poderia ser captada em todas as múltiplas de 100, teoricamente até o infinito.

Mencionamos essa hipótese a respeito da viagem no tempo⁽¹⁷⁾.

Essas harmônicas são "duplos", fantasmas da vida real; podem ser captados em radiofonia mas não são percebidos pelos nossos sentidos, e por causa disso, constituem universos paralelos.

O universo total a quatro, oito ou n dimensões, ou Inteligência Suprema, é infinitamente mais complexo do que o nosso.

Com certeza ele não é mais vazio de matéria ou de energia, aliás pelo contrário, pois contém nosso mundo e sem dúvida também uma infinidade de outros.

Precisamos então pensar que esse universo tem sua própria existência e que é povoado por formas de vida e de habitantes que desconhecemos.

Nosso conceito das realidades objetivas leva-nos a acreditar que os habitantes — forças, idéias-forças ou criaturas convencionais — daquele universo não são constituídos (como as imagens da televisão ou as ondas de rádio) de uma matéria física de densidade igual à nossa, pois no plano científico os estágios da matéria evoluem do mais grosseiro ao mais fino.

(16) As harmônicas são ondas com frequências múltiplas da onda inicial.

(17) *História Misteriosa dos Homens depois de 100.000 anos*, cap. X.

Essa matéria poderia existir até em forma de energia pura, imponderável e etérea.

Nesse caso, um universo povoado de almas de natureza sutil que participam de todas as dimensões universais não seria um conceito alienado, mas ao contrário, seria dos mais lógicos.

Sem sairmos da linha científica, chegaríamos então a conceber um *eu* que é um duplo persistente, vivo dentro de um outro mundo, após acontecer o que costumamos chamar a morte de nosso corpo físico.

A MATÉRIA MORRE E A ALMA FICA DISPONÍVEL

Quando se verifica essa morte e o corpo volta aos elementos que o constituem e à dança dos ciclos universais, não é comprovado que ele arraste para a dissolução todos os princípios sutis que o compõem.

Os Espiritualistas têm bons motivos para pensar que as regiões da alma que interferem com os universos paralelos e com o universo total passam para o outro mundo, ou então lá permanecem provisoriamente.

Nas harmônicas, que se encontram sempre no tempo presente, os duplos do corpo físico continuam uma existência eternamente viva e presente, mas dentro dos limites de um universo desconhecido onde nosso *eu* consciente não pode entrar.

Em nosso universo a três dimensões a matéria perde qualquer probabilidade de ressuscitar ou reviver, mas a alma continua disponível, indefinidamente, suscetível a se deixar captar como uma emissão radiofônica, toda vez que o receptor esteja ligado na frequência certa.

Estabelecer uma comunicação entre os outros mundos e o nosso seria abrir o caminho da "reencarnação".

A reencarnação, examinada nesse plano para-científico, é portanto um fenômeno radioelétrico, sendo que nosso corpo no mundo de três dimensões age como transmissor, e as almas são ondas que povoam os universos harmônicos, ou então o universo total.

O mecanismo da transferência é, de certa forma, uma viagem dentro do tempo.

QUANDO O INICIADO SE REENCARNA

A iniciação, com toda certeza, não é um privilégio ou uma graça que uma pessoa pode receber ao acaso.

É algo que deve ser merecido pelo trabalho, pela meditação e uma extraordinária comunhão com o universo.

Acreditamos, todavia, que a chamada "frequência" e o código genético de Buda e de Pitágoras, para darmos um exemplo, não poderiam coincidir com a frequência e o código de uma criatura vulgar.

Buda não poderia ser um grande general e Pitágoras não poderia ser um mercador de escravos; qualquer pessoa que tenha a mesma "frequência" e o mesmo código genético já tem, por esse fato, a garantia de uma aura muito luminosa, de um legado cromossômico rico de conhecimentos, e ainda, o desejo e os meios para amplá-los.

Podemos deduzir que nesse caso a migração é valorizada por um material da melhor qualidade e em condições ótimas, com a fusão natural de duas almas e de todas as suas características.

Quando, ainda por cima, entra no jogo a lei de Mendel, a reencarnação torna-se quase absoluta e o resultado produz um Mestre Desconhecido ou um Iniciado do mais alto grau.

Em se tratando de um nível inferior, o neófito pode alcançar o conhecimento superior por intermédio de seu trabalho e de seus méritos, adquirindo um código genético e especificações de Mestre através de uma alquimia biológica no consciente e no inconsciente.

Pelas tradições e pela opinião do *Mestre de Omonville*, os Mestres desconhecidos da Agartha são reencarnações dos grandes Iniciados da antiguidade.

De fato, nenhum defunto ressuscita para se reencarnar: a alma, que nunca foi carne, não pode voltar a sê-lo; mas aquela alma pode passar de um suporte inanimado a outro bem vivo, animando-o juntamente à alma pessoal do novo proprietário.

Esse sistema não requer nem purgatório e nem inferno, aliás não precisa de espera nenhuma num outro mundo, *porque a nossa noção de tempo possivelmente não tem significado nenhum dentro dos universos paralelos.*

Em suma, a alma do filósofo Taletes poderia ter emigrado para o corpo do matemático Henri Poincaré, passando *instantaneamente* do ano 548 antes de Cristo ao ano 1912 de nossa era.

Se a transmigração tivesse acontecido, poderíamos ter deduzido que os dois sábios tinham o mesmo código genético, as mesmas simpatias, os mesmos ímpetos, as mesmas fobias e a mesma "frequência".

Henri Poincaré poderia ter sido Taletes sem sentir a menor perturbação, mas com, talvez, uma certa regressão de sua própria personalidade quando a consciência-Talete se tornava mais enérgica.

Essa tese supõe uma certa dualidade, onde prevalecem sucessivamente a alma do suporte legítimo e a alma "reencarnada", com talvez uma maior duração da primeira e simples rasgos esporádicos da segunda.

Nesse caso a reencarnação adquire características de intensidade e de identidade ainda maiores.

É isso, sem dúvida nenhuma, o que acontece com os grandes Iniciados.

UM PROCESSO CIENTIFICO

Resumindo, uma parte de nosso *eu* permanece ligada à aventura cíclica terrestre de nossos elementos constitucionais; uma outra parte, a alma parece obrigada a mudar de órbita no momento da morte, como as estranhas partículas da coroa atômica, para se reunir com o duplo de nosso *eu* que já se encontra num outro universo paralelo ou total.

O fenômeno da transmigração, de ordem puramente científica e radioelétrica, pode ser explicado de maneira aproximada em relações-imagens:

1. A alma ou uma harmônica de qualquer criatura viva está morando num outro universo cujo número, dimensão, leis e estrutura ainda não conhecemos. Para um crente, esse universo é o pensamento, o verbo, o sopro de Deus, o respiro de Brahma. Para um físico, poderia ser o magma de todos os universos possíveis, ou então o universo total.
2. Quando uma criatura morre uma parte de sua alma continua junto a seus elementos constitucionais, enquanto a outra parte passa para um universo paralelo onde reforça sua harmônica.
3. Qualquer corpo e qualquer alma tem características próprias, *análogas* a uma frequência, que confere à criatura a sua personalidade.

4. Qualquer corpo físico (ou suporte) é um receptor afetado em sua "frequência" pessoal.
5. Quando nasce uma criatura com características idênticas à de uma alma que se encontra no universo paralelo, pode então captar aquela alma que se junta à sua.
6. A pessoa pode aparentar algumas diferenças físicas a respeito do primeiro suporte da alma, mas tendo o mesmo código genético e a mesma *freqüência*, torna-se um duplo do defunto, com uma inteligência e uma alma idênticas.
7. Os Iniciados têm poderes para favorecer e acelerar esse fenômeno de identidade.
8. A coincidência não pode ser absolutamente perfeita. Existem interferências que conferem uma prioridade, às vezes, à alma da própria criatura, e às vezes à alma transmigrada, o que pode explicar a dualidade que existe na pessoa.
9. Os Mestres Desconhecidos são os descendentes e a reencarnação dos Grandes Iniciados da Antiguidade.

APOCALIPSE

CAPÍTULO XIV

A CONTESTAÇÃO

“Não sou um homem que pretende pedir teu dinheiro ou a mão de tua filha: por isso vou te dizer a verdade”.

(Provérbio árabe).

Os tumultos de 1968 não surpreenderam as pessoas que tinham estudado com atenção as tendências gerais da evolução social.

Para compreender os acontecimentos precisamos lembrar as grandes revoluções que agitaram a humanidade no passado, as contestações estudantis de 1407 e, mais recentemente, o manifesto do surrealismo de 1927.

Naqueles tempos, André Breton e outros filósofos da extrema-esquerda, preocupados em querer derrubar a ordem dos valores de uma sociedade que já estava em decomposição, introduziram na elite das artes uma maneira nova de julgar a pintura e as estruturas pictóricas.

Em resumo, tratava-se de mergulhar o “burguês” numa atmosfera de apocalipse, para desconcertá-lo e influenciar a política do Governo.

O surrealismo conseguiu se impor no plano artístico, mas não trouxe as esperadas revoluções sociais.

Os tempos ainda não estavam maduros.

TRES CICLOS SOLARES

É bem possível acreditar que em 1966 e em 1967 uma conspiração muito secreta teve o pressentimento que a época era propícia para renovar a tentativa de 1927.

De fato, com ou sem aquela conspiração, a evolução mundial teria que tomar uma direção decisiva por muitas razões: as duas principais delas eram, primeiro, que o abscesso estava maduro e em ponto de estourar e, em segundo lugar, porque intervenções de ordem cósmica iriam necessariamente precipitar a aceleração da história.

O ano marcado pelo destino foi 1968, e naquele ano conjunções solares iam perturbar de maneira irrevogável o campo eletromagnético dos homens, dos animais, dos vegetais e mesmo da matéria chamada inerte.

Em 1968 aconteceu um fenômeno realmente muito raro: três conjunções de ciclos solares se verificaram mais ou menos ao mesmo tempo.

O ciclo de onze anos (de 10 a 12 anos) é muito bem conhecido pelo efeito de seus ventos.

Um outro ciclo, de 400 a 500 anos, aumenta de intensidade durante 400 anos e depois enfraquece durante os 400 anos seguintes.

Um ciclo de 2.500 anos está em correlação com os períodos de avanço de glaciação e com os em que a atividade solar está em seu mínimo.

Como primeira consequência, o campo magnético terrestre ficou profundamente perturbado.

Como efeito secundário, suas variações influenciaram de maneira considerável o comportamento eletromagnético humano.

Como consequência, estava absolutamente dentro da ordem natural das coisas que as geleiras, a terra, os vegetais e todas as espécies animais sentissem a repercussão do fenômeno.

De fato tivemos avalanches, terremotos, perturbações celulares, fisiológicas e psíquicas.

A indução elétrica entre o campo magnético terrestre e os complexos elétricos humanos levou os homens a se tornarem irascíveis e a contestar.

Tudo o que tem a ver com líquidos foi gravemente afetado em todos os campos: o sangue (infarto do miocárdio), a irrigação sanguínea, a linfa, a produção de seda, dos nylons e das viscosas.

Os fabricantes de seda de Lyon tiveram que enfrentar estranhos e às vezes inexplicáveis acidentes.

O clima elétrico era propício a toda espécie de violências: furtos, assassinatos, estupros, guerra e talvez mesmos aos grandes empreendimentos e, de qualquer forma, de um gênero normalmente imprevisível.

As contestações eclodiram em todas as partes do mundo, até mesmo em países onde ninguém estava esperando a menor reação: nas universidades do Senegal, do Gabon e do Madagascar.

Naquela época estávamos em Cuzco, no *altiplano* peruano, a uns 3.500 metros de elevação.

Ali, os cidadãos mais civilizados já conhecem a roda, que porém ainda é um objeto tabu para os habitantes do campo. Uns e outros ainda não sabem ler ou escrever — pelo menos, em sua maioria —, mas apesar disso no dia 3 de maio assistimos a uma reunião de contestadores no cinema da cidade.

O que estavam contestando? Ninguém sabia de nada, mas o ar estava carregado de turbulência.

Aconteceu uma contestação capitalista: os capitalistas franceses saíram para o estrangeiro; uma contestação religiosa, no Vaticano e entre os bispos; uma contestação comunista russa contra os israelitas; uma contestação nas forças armadas onde, pela primeira vez, os soldados descobriram que tinham problemas de consciência.

A CONTESTAÇÃO DOS ANIMAIS

Fizemos uma pesquisa entre os veterinários que lembraram que em maio de 1968 os animais estavam agitados, angustiados e difíceis de tratar.

Nos circos, os domadores tiveram que se esforçar ao máximo para obrigar os animais a obedecer e na Sibéria aconteceu um fato excepcional: bandos de lobos saíram das florestas, o que nunca acontece naquela época do ano.

Os vegetais também se ressentiram com a perturbação.

Árvores novas morreram sem motivo aparente. Outras árvores que estavam se sentindo ameaçadas, deram safras extraordinárias pela quantidade, mas de frutos muito miúdos.

Aconteceu com as macieiras.

Nas montanhas, as avalanches foram especialmente catastróficas, sobretudo na França, e os terremotos do Chile, da China e do Peru e, mais recentemente, o maremoto do Paquistão, foram calamidades nacionais.

Na Argentina, um descarrilhamento fez 300 vítimas, o submergível francês *Minerve* afundou no Mediterrâneo no dia 27 de janeiro de 1968, seguido dois anos mais tarde pelo *Eurydice*, da mesma classe e nas mesmas condições misteriosas.

Os conflitos armados tornaram-se ainda mais ferozes, seja no Egito ocupado como no Vietnã.

TEMPOS DE APOCALIPSE

A influência do campo magnético terrestre não repercutiu somente entre os jovens: todas as forças vivas, todos os povos foram colocados num estado de revolução.

Os sociólogos, os cientistas, todos os mestres do espírito que, de fato, estão governando o mundo lançaram suas senhas, suas doutrinas filosóficas capazes de perturbar a sonolência e o tranqüilo egoísmo dos Sibaritas do Ocidente.

Os professores Jacob, Jacobson, Lhéritier, Lévi-Strauss, Monod etc., imaginaram o estruturalismo e as novas modalidades de pensamento do mundo. Os matemáticos inventaram novas matemáticas e desse jeito, de nível em nível, de escalada em escalada, todas as hierarquias e todos os valores aceitos foram colocados em discussão.

Agitados e perturbados pelas conseqüências da última guerra e da Resistência, pela invasão de tóxicos, pelo fenômeno *hippie*, pela falência das religiões e dos valores sociais, sacudidos pelo erotismo que chegava da América e da Escandinávia, contaminados pelo cinema, pela televisão, pelo rádio, pelo livro escolar falsificado e a imprensa amordaçada, perseguidos durante as vinte e quatro horas do dia por péssimos cantores, por músicas agressivas e informações tendenciosas, os estudantes acreditaram que dentro deles estava nascendo uma vocação irresistível de reformadores.

A deterioração do Ocidente coincide naturalmente com a explosão de poderosas fúrias universais.

Nossa civilização judaico-cristã está sem dúvida em seus estertores nos olhos de todos aqueles que ousam estudar o passado e especular a respeito do futuro.

Foi marcada a ferro em brasa pelos hebreus e pelos católicos, marcada com o ferro e com o sangue pelos genocídios e pelos privilégios, e ao mesmo tempo por um milagroso desabrochar de catedrais e de um modo de viver que teve muitas facetas admiráveis e pitorescas.

O AMOR: UM CONCEITO SATANICO

A maior revolução que chegará do Oriente será a abolição do conceito de amor, aquele amor que estava à base da filosofia cristã.

O amor não é fundamentalmente prejudicial, muito pelo contrário, mas se torna tal quando se transforma num sistema social, porque implica no privilégio.

Tomamos a exemplo um pai rico e poderoso que tem um filho único.

Esse filho é um crápula, uma criatura sem nenhuma bondade, sem moral, podemos até chegar a dizer que é um assassino. Apesar disso o pai deixará para ele sua fábrica e ao mesmo tempo o destino de centenas ou milhares de operários, porque aquele pai ama seu filho.

O resultado será uma avalanche de infelicidades, injustiças e ruínas.

No pai, prevaleceu a noção do amor.

Se tivesse prevalecido a noção da justiça não deveria ele eliminar a ovelha doente em benefício da maioria saudável? Não teria ele que confiar a direção de sua fábrica ao melhor e ao mais qualificado?

A noção do amor é baseada num privilégio que pode ser entregue a qualquer um, e na maioria dos casos à pessoa errada.

Amamos a uma mulher, a uma mãe, até mesmo se ela roubou, mesmo se ela cometeu um assassinato, e por isso vamos tentar protegê-la contra tudo e contra todos (1).

(1) É admissível amar a mãe neste caso, mas precisa também amar os que ela matou. Neste ponto o conceito de amor mostra seu lado fraco.

Parece bastante evidente que o conceito de justiça deve intervir quando o amor ameaça prejudicar a sociedade.

A justiça contém o amor, mas não se pode dizer o contrário.

O homem justo deve, em primeiro lugar, ter amor ao que é universal e humano. Todos os homens são nossos pais e nossos irmãos, e todas as mulheres são nossas mães e nossas irmãs.

O amor, em sua essência mais profunda, deve se expandir por todos os reinos, alcançar todas as formas, desde o grão de areia até a criatura à qual somos mais sentimentalmente ligados.

Nesse sentido o grão de areia não poderá ser sacrificado e essa norma de honestidade receberá então o nome de *Justiça*.

Deus não se acanha fazendo considerações sobre o amor quando quer fazer explodir uma *nova*, quando deixa que o inverno siga o outono, quando faz surgir uma ilha ou afundar um continente.

A Lei é a Lei, feita para todos os universos, como o único intuito de estabelecer a ordem e a justiça.

O HOMEM NO JEGUE E O HOMEM NO ROLLS-ROYCE

Na época da primeira Cruzada, que foi a de Urbano VII e de Pedro o Ermitão em 1096, 60.000 camponeses, clérigos, crianças, monges, salteadores e prostitutas, seguidos logo por 200.000 fanáticos do mesmo gênero, se dirigiram para a Hungria e Turquia, onde foram todos massacrados.

Alguns cronistas relatam que o primeiro grupo era composto de 40.000 clérigos (estudantes) e crianças, e que por isso recebeu o nome de "Cruzada das Crianças".

Esses cruzados bacharéis ou adolescentes eram de fato uns contestadores, que tinham escolhido aquela modalidade para protestar contra a covardia dos senhores que não desejavam se arriscar naquela aventura e contra a Igreja que estava às ordens dos ricos e dos poderosos.

É um fato que, por onde passaram, tudo saquearam como fizeram os contestadores de Nanterre, mas mostraram com seu sacrifício a que ponto chegava a deterioração da sociedade daquele tempo.

O pintor boliviano Benjamin Mendoza y Amor que tentou matar o Papa que desembarcava em Manila, quis provar a mesma coisa.

— Eu queria apagar nesse mundo a superstição cristã e a hipocrisia do Papa, disse Mendoza à polícia.

Outros contestadores que tinham a mesma idéia vaiaram Paulo VI que aceitou a hospitalidade do rico, poderoso e suntuoso bispo de Manila, quando desceu de seu Rolls-Royce para fazer *a pé* uma visita “reconfortante” ao moradores das favelas do subúrbio.

Um vaiador teve o espírito de seguir o carro do Santo Padre até a cidade, no lombo de um jegue “para dar uma lição de humildade ao homem da Rolls”.

OS CONTESTADORES DE 1407

Os acontecimentos se repetem. A contestação dos estudantes no século XX teve outros precedentes na história da França, além da Cruzada das Crianças.

Durante a Idade Média a Universidade exerceu grande influência política e religiosa.

As ciências profanas ficavam relegadas a um segundo plano, e a noção da autoridade — “o Mestre falou” — tinha a força de lei, como nos tempos de Aristóteles.

Na Universidade de Paris, chamada por Carlos V “*a filha primogênita dos reis de França*”, os teólogos davam, em 1398, “*aos demônios os poderes necessários para fazer, de vez em quando, coisas maravilhosas com o auxílio de Deus*”.

Em 1407, no reinado de Carlos VI, Guilherme, *sir* de Tignonville e preboste de Paris, mandou prender dois estudantes da Universidade acusados de latrocínio.

Ofereceu à Universidade o privilégio de julgá-los, mas como a Universidade se recusou a reconhecê-los como seus, condenou-os à força e a sentença foi executada.

O duque de Borgonha, que odiava o preboste por motivos pessoais, instigou os estudantes da nação Normanda⁽²⁾, à qual pertencera um dos assassinos.

Não demorou muito e a Universidade se revoltou, reclamando contra a violação de seus privilégios.

(2) No século XIII a Universidade estava dividida em cinco províncias: a nação Picarda, com 5 tribos; a nação normanda; a nação alemã, com 2 tribos; a nação dos continentes, dividida em duas províncias, e a nação dos insulares, que compreendia as Ilhas britânicas.

As escolas foram fechadas e como o rei parecia estar aprovando o procedimento do preboste, a Universidade declarou que sendo suas franquias violadas, a *Filha do Rei* perseguida e ultrajada em sua honra iria procurar asilo no Estrangeiro.

Carlos VI ordenou então que o preboste fosse pessoalmente retirar os cadáveres da forca, os beijasse na boca e pagasse as despesas do enterro. Em seguida o preboste foi destituído de seu cargo.

O privilégio escandaloso conferido à Universidade se originava em suas características "universais", instituídas não por Carlos Magno como geralmente se pensa, mas por Felipe Augusto, que lhe conferiu direitos inalienáveis e o nome de *Universidade*, porque havia nela a universalidade das artes e das ciências e a universalidade dos Mestres e dos estudantes.

A Universidade e seus estudantes, como também a Igreja, tinham impunidade frente à justiça secular em qualquer ação criminal.

Felipe Augusto ordenou que todos os burgueses denunciassem e até prendessem quem ousasse bater num estudante: a sede da Universidade foi declarada inviolável.

Esse costume caiu em desuso no fim do século XVI, mas os estudantes contestadores de 1968 pretendiam reestabelecer o costume.

O "PRE-AUX-CLERCS" E O BAILE "DES QUAT'ZARTS"

Sabemos por Dubarle que desde os tempos mais antigos a Universidade possuía um grande prado conhecido como o Pré-aux-Clercs (Prado dos estudantes) que era o ponto de encontro dos jovens e servia a suas recreações.

O Pré-aux-Clercs ia desde o Bourg St.-Germain até o Sena, e da atual rue des Saints-Pères até os Inválidos.

Aquela grande extensão de terreno várias vezes transformou-se em teatro de lutas sangrentas entre os monges que pretendiam se apoderar dela e os estudantes que defendiam seus direitos.

Em 1278 os vassallos dos monges, ao grito de "Mata! Mata!" assassinaram alguns estudantes. A Universidade protestou com o Rei e com o Legado Pontifício e obteve ganho de causa.

O preboste dos abades teve que fazer uma penitência de cinco anos e pagar 1.000 francos de indenização aos parentes dos mortos.

Os privilégios não estavam mais sendo respeitados no fim do reinado de Carlos VI e a Universidade se aliou aos ingleses, jurando fidelidade ao duque de Bedford, regente e tutor de Henrique VI da Inglaterra.

O jovem príncipe confirmou os privilégios em 1431 e isso explica em parte o papel lamentável da Universidade no processo de Joana d'Arc.

Durante as audiências do processo a Universidade foi repetidamente consultada e no dia do suplício da donzela, escreve Pasquier, "a Universidade de Paris quis mostrar a importância de seu papel e mandou fazer uma procissão geral em Saint-Martin-les-Champs, onde um frei dominicano fez um pronunciamento contra a pobre moça, declarando que todas as suas obras tinham se inspirado no Diabo e não em Deus".

Possivelmente é nessa procissão de maio de 1431 que está a origem do baile "des Quat'zarts" (das Quatro Artes) que consiste num desfile carnavalesco de enredo, que muda a cada ano. Durante o desfile os alunos das Belas Artes, escoltados pela "Guarda Negra", podem ir a qualquer lugar de Paris, fazendo todas as excentricidades possíveis e a festa termina com uma orgia bastante pitoresca, que durante muito tempo se desenrolou na Sala Wagram ou então no Coliseum.

Em todas as épocas os estudantes fizeram manifestações turbulentas que sempre alcançavam o auge no bimestre, para eles fatídico, de maio e junho (3).

Em 1488 os abusos e a licenciabilidade provocaram a proibição de danças, cantos e máscaras dentro do recinto da Universidade.

RABELAIS E OS CONTESTADORES DE MONTPELLIER

Antes de tornar-se o ilustre autor de *Pantagruel* e *Gargantua*, François Rabelais era médico, e estudou na Universidade de Montpellier.

(3) A procissão contra Joana d'Arc foi em maio; em junho, foi organizado o Bal des Quat'zarts; a revolta dos contestadores de 1468 eclodiu em maio. É uma data com razões ocultas, ligadas à "memória cromossômica" dos séculos e da localidade.

No dia em que chegou à Universidade, um candidato estava defendendo uma tese, e sem dúvida o estava fazendo de maneira muito grosseira, porque mestre François não conseguiu se controlar e manifestou sua reprovação com uma mímica muito expressiva.

O decano acabou percebendo as caretas e o interrogou, com a evidente intenção de colocar o calouro no devido lugar.

Rabelais nunca estivera inscrito numa Universidade, mas assim mesmo tinha conhecimentos tão vastos que ganhou a admiração dos professores e recebeu imediatamente o título de bacharel!

Com o tempo transformou-se em verdadeira sumidade no campo da medicina e alguns anos mais tarde foi encarregado de ir a Paris, para protestar com o chanceler du Prat contra as violações dos privilégios da Universidade de Montpellier.

Partiu após preparar um discurso muito erudito que, porém, não conseguiu pronunciar, pois o chanceler se recusou a vê-lo.

Mas o imaginoso François não se deixou desanimar por tão pouco.

Conseguiu uma fantasia de Armênio, colocou-se em frente à residência do chanceler e fez um discurso terrível numa língua ininteligível; o chanceler mandou um criado ver quem estava fazendo tanto barulho.

Rabelais respondeu em latim e o criado voltou sem conseguir trazer uma resposta satisfatória. Du Prat mandou um outro criado.

Rabelais falou em grego!

Quando chegou o terceiro criado, Rabelais estava discursando em hebreu. A esse ponto o chanceler, intrigado, mandou que o estrangeiro fosse trazido à sua presença, porque deseja interrogá-lo pessoalmente.

Rabelais estava esperando por isso e prontamente entregou sua súplica. Du Prat teve bastante senso de humor para dar boas gargalhadas e despachar favoravelmente o assunto.

BEETHOVEN E O PETOMANIACO

A contestação ataca qualquer princípio de autoridade.
O Sol está iluminando a Terra? Pois então, provém!

Sem chegar ao ponto de negar a evidência, podemos convir que a hierarquia dos valores humanos não passa de uma farsa de compromissos.

Os “grandes” pintores da atualidade, os “grandes” prêmios literários distribuídos pelos “júris” bem intencionados e perfeitamente desodorados a escritores bem intencionados e ainda mais desodorados, os “grandes” pontífices da imprensa, do rádio e da televisão só encontram seus pares equivalentes nos célebres desconhecidos que — salvo raríssimas exceções — estão sentados na Academia francesa, que sem dúvida nenhuma é a instituição mais mascarada de nosso país.

Em 27 de novembro 1970 foi leiloada em Londres uma tela de Velasquez. Foi adquirida pela admirável quantia de 30.500.000, ou seja 3 bilhões e 50 milhões de francos velhos, pelo senhor Wildenstein, de Paris e Nova Iorque.

Um contestador genial, que é um pintor pelo menos à altura de Velasquez, Salvador Dali, foi a única pessoa a fazer um comentário cheio de bom senso a respeito da “tela mais cara do mundo”.

“É um quadro pessimamente pintado, cafona e banal. Pode agradar somente aos esnobes esquizofrênicos e aos amadores de arte e de caldo de carne em cubinhos.

Seu preço está em razão direta com a sua total falta de interesse”.

Contestador e agente provocador, Salvador Dali diz alto e de bom som o que milhões de pessoas mais tímidas “pensam baixinho”.

Mas a hora já chegou e podemos gritar bem alto nossa indignação em ver que Racine, Molière e Corneille ainda estão incluídos nos programas escolares.

Os contestadores não se acanham em dizer que eles não passam de “plagiadores” e outras coisas piores, que Rembrandt é uma m. . . , que Courbet é um goiaba, e Ingres uma tábua de passar roupa!

Não existem muitos “gênios” que lhes agradam!

Leonardo da Vinci é um inepto congênito da pintura, Miguel Ângelo um pederasta que desenha homens avantajados, e depois acrescenta seios e cabelos para disfarçá-los em mulheres (é verdade!); César, Frank, Bach, Beethoven e os outros fabricantes de cerveja melódicos são para a facção burguesa o que o petomaníaco da Exposição de 1900 era para as massas populares.

Tudo é exatamente como proclama Salvador Dali, que explica com sua admirável lógica daliniana:

— Desde minha primeira infância acostumei-me ao vício de me considerar e me comportar ao contrário de qualquer outra criatura mortal. Desde então estou fazendo sucesso.

A contestação dentro de um mundo em que a gente sempre vence quando caminha com os pés no forro, não é um sinal clínico de degeneração, mas muito mais um sinal de despertar de um senso crítico.

Salvador Dali — a gente só empresta dinheiro aos ricos — deu essa definição: “A contestação, como o erotismo, é o princípio monárquico que, de maneira cibernética, escorre nas estruturas moleculares do ácido desoxiribonucléico!”

O grande filósofo chinês Confúcio falou de forma muito mais simples:

— Um pai deve ter um filho que discuta (4).

(4) Citado por Frida Wion em *Os símbolos da China*, ed. Le Courrier du Livre, Paris.

CAPÍTULO XV

O EROTISMO

A palavra *lingam* (atributo sexual masculino) tem a raiz sânscrita: *lag, lang*, — golpear, de onde vem *lung* — o dardo que fere, e *langne* — a lança.

Na Índia o *lingam* é adorado pelos Sivaístas.

Na teogonia (genealogia dos deuses) hindu, “quando quatorze mundos foram formados, com o eixo que os atravessa, e o monte Kailaça a encimá-los, apareceu no topo deste o triângulo *yoni* (a vulva) e dentro do *yoni* estava o *lingam*”.

Esse *lingam* é apelidado pudicamente de “árvore da vida” nas outras religiões.

A ARVORE DA VIDA

A *Bíblia Cristã*, dita Vulgata, em sua tradução aproximada (Gênesis, cap. II, 17) fala da árvore do conhecimento do bem e do mal. Na Gênesis cap. III, vers. 3 e 5, encontramos o detalhe: essa árvore se encontra no centro do paraíso, e se Adão e Eva comerem de seus frutos, seus “olhos ficarão aber-

tos" (perderão a ingenuidade) e se tornarão iguais aos deuses que conhecem o bem e o mal.

A *Bíblia dos hebreus*, traduzido no texto original pelos membros do conselho dos Rabinos franceses, é mais explícita e podemos ler o seguinte:

Gênesis II, vers. 9:

"O Eterno Deus mandou que surgissem do solo toda espécie de árvores, agradáveis à vista e apropriados à alimentação; e a árvore da vida no centro do jardim, com a árvore da ciência do bem e do mal".

Gênesis III, vers. 3:

"Mas a respeito do fruto da árvore que está no centro do jardim, Deus disse: Vocês não o comerão, sob pena de morte".

Vers. 4:

A serpente disse à mulher: Não, vocês não irão morrer. . .

Vers. 6:

A mulher julgou que a árvore era boa para a alimentação, agradável aos olhos e preciosa para a inteligência: colheu seu fruto e o comeu.

A continuação é notória: o bom Deus ficou zangado; Adão, trouxe e chorão, acusou a bela Eva:

G. III, 12 — A mulher — que tu me deste por companheira — foi ela quem me deu o fruto. . .

Eva, por sua vez, não hesita em culpar a serpente muito falante:

G. III, 13 — A serpente me tentou e eu comi.

Apesar da água, do açúcar e das manipulações, a verdade crua da aventura aparece, iluminando a inteligência e a história geral de todas as civilizações.

A Bíblia, de fato, relata que bem ao centro do Paraíso, que tem a forma de um homem de braços e pernas abertas, existe uma espécie de menir fálico vivo, sob forma de serpente⁽¹⁾.

(1) No centro do paraíso, que é um lugar cheio de volúpias, se encontra a árvore da vida em forma de falo; do paraíso saem quatro rios: as pernas e os braços:

Em Tiabuanaco, por exemplo, existem numerosos menires em forma de falo enfeitados com uma gravação em forma de serpente.

Deus Eterno declara, muito tolamente, vamos admiti-lo! — que aquela pedra é tabu.

Adão, que é um bom sujeito, possivelmente teria obedecido à injunção, mas Eva já tem toda a sutileza e astúcia das lindas mulheres, e, além disso, ela é mais instintiva, mais animal, mais voluptuosa do que o companheiro, e ela tem a necessidade inata de pecar.

Ela não está pensando em gerar filhos, e não se preocupa com a posteridade... nada disso: ela simplesmente acha que a árvore da vida é bonitinha, boa para comer e formidável para a inteligência.

O PECADO ORIGINAL

Em resumo, a bela Eva é composta de ingredientes melhores do que obediência servil e endoutrinação judaica-cristã: ela tem bom senso, ela tem brios, ela tem personalidade. E comete o verdadeiro pecado original.

Adão não entende nada de nada. É um sujeito meio devagar.

Ele nem sequer compreende ser o primeiro marido traído da história mundial. Ele continua "em plena aleluia", como dizem pelos lados de Manosque e Forcalquier!

E disso tudo, que mais parece uma anedota ou uma historinha impertinente de Sade ou La Fontaine, acabou de sair a idéia mestra e a mitologia fundamental das civilizações do mundo inteiro: o culto e o emblema do falo progenitor e engendrador de toda a vida animal, e da *Mater*, cuja vulva fecunda será representada pelas grutas, pelas conchas e pela *Amêndoa mística*, da qual sairá a humanidade.

Entretanto, com base em uma inacreditável aberração, na teologia cristã a *Amêndoa mística* é o símbolo da *virgindade* da santa Virgem, e aparece em volta de sua figura sempre bem aberta e contornada de raios.

Possivelmente essa amêndoa foi a origem da idéia do arco gótico.

A tradição cristã afirma que "o sentido místico atribuído à árvore de Jessé, que floresce durante uma noite e é encimada por uma amêndoa, deve ser considerado como o originador desse símbolo".

De fato, é bastante simbólico, mas não esclarece nada a respeito da primeira história de amor de nosso mundo: se não foi Adão, quem foi o cúmplice de Eva no pecado? A serpente menir?

Alguns exegetas pensam isso mesmo e observam com bastante senso de humor que se a serpente *falava*, isso significa que ela, junto a todos os outros animais, possuía uma inteligência desenvolvida como a do homem, e muito mais rica de experiência porque era mais vivida.

Eva realmente pecou com um animal, como aconteceu com Orejona (com uma anta) que assim criou a humanidade para o reino dos pré-incas?

Essa hipótese ridícula — mas, muito menos ridícula do que parece — poderia explicar, com uma velha lenda mal contada, a história enigmática dos monstros meio-homens e meio-animais, do Deus ciumento dos hebreus que pretendia preservá-los de fornicações infamantes e prejudiciais ao gênero humano, e também poderia conferir um sentido plausível ao *pecado original*.

O LINGAM

Pelas escrituras sagradas da Índia, “o lingam, a árvore da vida, tinha três cortiças: a primeira, e mais externa, era Brahma; a do meio era Vishnu, e a terceira e mais oculta era Siva.

Quando os três deuses se afastaram, no triângulo do monte Kailaça só ficou o tronco despojado, guardado por Siva.

Na montanha de ouro está uma mesa quadrada, enfeitada por nove pedras preciosas, com o *padma* (lótus) ao centro, que mostra em seu interior o triângulo, origem e fonte de todas as coisas.

Do triângulo surge o lingam, deus eterno que lá escolheu sua eterna morada”.

Na Índia, os templos mais venerados são os de Siva, sempre dedicados ao lingam vital, mas às vezes Vishnu chega a prevalecer, como em *Khajuraho* e em *Konarak*.

Os hinduístas afirmam que somente os espíritos grosseiros acham que os templos de arquitetura erótica parecem glorificar o ato sexual como a mais sublime expressão da vida.

No seu sentido mais profundo, a dança do amor do homem e da mulher é explicada, mais do que pelos altos-relevos de *Khajuraho*, nesse texto ambíguo de Raja Rao:

“O homem também procura se aproximar progressivamente do seu *eu* mais íntimo: partindo da periferia da cidade, toma o caminho real, entra pelas portas do templo, passa debaixo da abóbada, atravessa a antecâmara, a segunda antecâmara e chega no saguão principal (*gardbhagriha*).

Quando ele chega ao fim, não se depara com deus, mas com seu próprio *eu* (2).

No Ocidente nossos sentidos, muito mais calejados, não saberiam distinguir essas sutilezas, e se às vezes, durante nossas especulações, a matéria se mistura intimamente ao espírito-ener-

(2) *Os Templos de Khajuraho*, prefácio de Raja Rao, texto de Marcel Flory.

Esse menir de Tiahuanaco é uma síntese da Árvore da Vida do Paraíso Terrestre. É ao mesmo tempo um menir, um falo e uma serpente. Na mitologia, Tiahuanaco era “o umbigo do mundo”, ou seja, o paraíso dos primeiros homens.

Foto do autor.



gia, isso não acontece no linguajar santificado dos poetas, mas no linguajar profano dos cientistas.

É extraordinário ler nos *Templos de Khajuraho* como a refinada Parvati conversa a respeito do amor com seu esposo Siva.

SUTILEZA ORIENTAL

Falando ao seu Senhor e Deus, ela disse: "Vós que viveis no mundo que só vê a Si mesmo, não conheceis as infelicidades do homem. O homem sofre, o homem agoniza pelos seus fracassos e a mulher por causa de suas aspirações.

Senhor, vós os fizestes *dois*, para que a dualidade não exista, todavia a dualidade persiste, e a pluralidade também, e nem o homem, nem a mulher conhecem a sabedoria secreta da saciedade. . .

O homem perdeu a linfa da felicidade por causa da paixão, e a matriz abandonada da mulher geme. . .

— Muito bem, retrucou o Senhor Siva, que sabia de tudo, mas que falava como se a inocência morasse em sua língua recurva. Teremos uma quinta Veda, que dará ao homem virilidade pela sabedoria, e fará as mulheres macias como gavinhas de betel. Em verdade, sua sabedoria será total.

— O que vai acontecer, perguntou Parvati em tom de súplica, com a beleza do gamo, da ovelha, do peixe, cuja essência palpável deve ser tão doce para a língua, como a vagina o é para o falo?

Siva acalmou a esposa preocupada que formulou uma última pergunta:

— O que aconteceria se o homem *viesses a se lembrar* de seu passado, de seu espírito e de seu porvir (3)?

— Oh, disse o Deus de coração generoso, vamos dar-lhe uma bebida parecida com néctar, parecida com ambrosia que, purificada pelos ritos e pelas cantigas, será parecida com a própria essência da imortalidade.

— A imortalidade, cantarolou Parvati. Vós lhes dareis a imortalidade em suas formas mortais!

(3) Parece que Siva decidira abolir a vida humana eterna dando em troca o amor sexual e os prazeres da procriação.

Alto-relevo do templo Devi Jagadamba, em Khajuraho: núpcias absurdas.

Foto extraída do livro "Kama Kala" de Mullk Raj Amand. →
(ed. Najel).





— Em verdade, afirmou Siva, o homem nasceu com a imortalidade como a luz nasce com o sol. O homem conhecerá a mulher, e por ela conhecerá o Sol.

— Maravilha, meu Senhor, maravilha! Que aconteça essa ciência!

Foi assim que nasceu a *Tantra Shastra*'.

Chegou a ser, ao mesmo tempo, o estatuto do amor, com o néctar da vida distribuído durante os ritos sagrados da luta, e o cântico de palavras com gosto de carne e de mel.

Um néctar destinado a escorrer do + ao —, como diria o sábio do Ocidente.

KHAJURAHO

Essas lutas esculpidas e cinzeladas na pedra, em Khajuraho e Khonarak, esses homens rijos e essas mulheres abertas até o coração, estariam eles cantando a vinda do néctar?

Em parte nenhuma do mundo os alto-relevos e os afrescos representam o erotismo com um vigor tão másculo e monstruoso, em posturas tão ágeis, lascivas e fantasiosas.

Para falar mesmo a verdade, a gente acaba duvidando um pouco da pureza espiritual da intenção, que devia ser a de simbolizar a união da alma com a divindade (4).

Khajuraho se encontra no norte da Índia, a noroeste de Agra. Naquele local, nos séculos X e XI, existiam 85 templos jainistas e brâmanes.

O templo de Khonarak se encontra nas dunas do golfo de Bengala ao sul de Calcutá, à beira-mar.

Os alto-relevos representam cópulas licenciosas como as de Khajuraho, "para simbolizar princípios separados", mas também, como explicam para a gente com uma piscadela, "porque o amor é a distração preferida dos deuses".

É um conceito muito oriental!

(4) Do ponto de vista ocidental, os alto-relevos de Khajuraho são tão licenciosos quanto o Cântico dos Cânticos da Bíblia. Mas a finalidade última não é a de sublimar o que é vulgar e grosseiro? As cenas de dois, três e quatro personagens "interpenetrados" de Khajuraho "frisam o desinteresse dos sábios pelos prazeres da carne".

A cerimônia da União no templo do Grande Gênio Kandariga, em Khajuraho.

← Foto extraída do livro "*Kama Kala*" de Mullk Raj Anand. (ed. Najel).

A ESTRANHA DEVOÇÃO A SIVA

Em *Sisupatyam*, uma das portas de acesso à cidade ostenta seis brâmanes nus e ajoelhados, com seus olhos fixados em Sita, a casta esposa de Rama, oferecendo-lhe sua virilidade.

Entre Pondichery e Madras existia um pagode célebre onde havia um lingam enorme que, como uma cobra, envolvia os corpos de várias mulheres.

Em *Rama-Eswurim*, perto do cabo Comorim, existe o mais venerado templo de Siva.

Os mendigos sivaitas pedem esmolas ao longo da estrada, segurando o lingam com a mão.

Em algumas partes da Índia as moças vão ao templo para oferecer sua virgindade ao ídolo.

Duquesne relata que em Goa as moças, antes de se casarem, oferecem as primícias do casamento a um ídolo de ferro, que é o instrumento do sacrifício.

Em outros lugares o sacerdote, incumbido dessa tarefa, age por conta do ídolo.

Em *Calcutá*, o rajá entrega a moça com quem vai se casar a um Brâmane durante uma noite.

Em *Jaggrenat* as moças são entregues por uma noite aos sacerdotes do templo.

Pela mitologia hindu, Siva criou as diferentes espécies de criaturas tomando as várias posturas de yoga (*âsana*, realizações, ou *Siddhasâna*).

No culto sivaita o lingam é a representação mais abstrata, mais pura do princípio criador. A cópula é uma maneira de aperfeiçoamento interior, de auto-realização e de contato com o sobrenatural⁽⁵⁾.

O mundo não passa de um enorme sacrifício; criatura nenhuma pode existir sem devorar outras criaturas. A própria matéria só existe pela combustão e o sol é o símbolo do sacrifício cósmico.

Os "Sábios" proclamam que as representações eróticas na Índia têm um valor mágico e educacional: elas oferecem uma imagem do mundo cósmico!

A tradição proclama que se um templo não tiver esculturas eróticas será destruído pelos raios.

Da mesma maneira, as representações eróticas nas fachadas das casas afastam o mau-olhado e os malefícios!

(5) Ver *Erotismo divinizado*, de Alain Danielou, ed. Buchet-Chastel.

Sutileza, perversão ou hipocrisia? Ou, quem sabe, as três coisas juntas?

Sem dúvida, a alma oriental é quase impenetrável, e dificilmente compreendida pelos europeus, mas não é tão difícil assim, para tomarmos alhos por bugalhos!

A ARVORE DE JESSÉ E A MULHER ESCARLATE

O piedoso tradutor da Bíblia chama o falo de “verga” e também de “árvore”, mas isso não muda muito o aspecto das coisas, como aliás os gravadores da Idade Média entenderam perfeitamente.

É claro que em se tratando de erotismo, de práticas imbecis ou suspeitas, é de bom tom traduzir palavras, idéias e intenções envolvendo tudo no mistério com folhas ornamentais e papel de seda.

Quando o Senhor ordena Ezequiel a “comer” um livro (Ez. III, 1), existe ali um sentido recôndito.

E por que não? Afinal, Deus tem todo o direito de usar um palavreado bem claro, pois todas as palavras se originam no Verbo!

Quando ordena que comam pão, quase não dá para acreditar no que se lê nas escrituras sagradas, que declaram:

“Em sua frente os cobrireis com a imundície que sai do homem.

Os filhos de Israel, disse o Senhor, comerão assim seu pão todo sujo entre as nações, em cuja direção eu os caçarei.” (Ez. IV, 12).

Louvado seja o Senhor por não ter imposto aos franceses um sanduíche assim suculento!

Haveria algum esoterismo naquela recomendação malcheirosa? Sem dúvida: a Bíblia sempre tem três sentidos possíveis, mas seria preferível se fossem mais sutis, mesmo quando Deus acrescenta: (cap. IV, 15).

“Ides, darei-vos excremento de vaca em vez daquilo que sai do corpo do homem, e fareis assar vosso pão debaixo daquele esterco. . .”

A “verga” ou “árvore” de Jessé (ver o desenho) é sem dúvida uma árvore genealógica, mas pela decência teria sido preferível que a genealogia fosse pendurada numa carvalheira em vez de em um lingam.



A árvore de Jessé.

Foto do autor.

O relato do Apocalipse, dito de S. João, é bem mais suspeita, e a gente chega até a duvidar do que está lendo quando vê o seguinte no cap. XI, vers. 1:

“Deram-me então uma cana, parecida com uma verga, para medir e me disseram: Levanta e meça o templo de Deus, o altar, e os que o estão adorando. . .”

Se em nossos dias um padre tivesse o escrúpulo ou a inconsciência de começar a medir tudo isso com um objeto parecido, acabaria trancafiado no manicômio!

Como acontece em Khajuraho e em Khonarak, somos obrigados a pensar em fúria histérica e devaneio de doente mental, ao ler as besteiras tingidas de um erotismo duvidoso do cap. XVII, vers. 3 e 4:

“E vi uma mulher sentada em cima de um animal escarlate, cheio de nomes blasfemos, que tinha sete cabeças e dez chifres.

Essa mulher estava vestida de púrpura e escarlate; estava enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas e segurava em sua mão um vaso cheio de abominações e das impurezas de suas fornicções. . .”

A diferença essencial entre o erotismo brâmane e o erotismo cristão: O líquido do sêmen imortal é um néctar para o primeiro, e a “impureza” da fornicção para o segundo. . .

O CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O Cântico dos Cânticos do Antigo Testamento deixa-nos ainda mais estupefatos.

Dizem que foi composto dez séculos antes de nossa era, por ocasião de um dos numerosos casamentos do rei Salomão, e os cristãos o consideram como o símbolo do casamento de Jesus Cristo com a Igreja!

A Bíblia canônica (Vulgata) dá as seguintes explicações como subtítulos desse hino de amor:

“Desvelo da Igreja ao receber Jesus Cristo; beleza e perfeição de Jesus Cristo; a Igreja é o único objeto de amor de Jesus Cristo.

Amor da Igreja por Jesus Cristos, etc. etc..

Na realidade, trata-se unicamente de uma história de amor carnal entre Salomão (o Esposo) e a Bem-Amada (a Esposa).

Vejamos alguns trechos do texto:

A Esposa:

Que ele me dê um beijo com a boca dele... sou negra mas sou linda, ó filhas de Jerusalém! Sou negra como as tendas de cedro e bela como os pavilhões de Salomão... pois foi o sol quem tirou minha cor.

Meu bem-amado é para mim como um ramo de mirra que ficará entre meus seios.

Durante as noites procurei em minha cama aquele que é o amado por minha alma: procurei-o e não o achei.

O Esposo:

Ó tu que és minha bem-amada, eu te comparo com a beleza de minhas éguas atreladas ao carro do Faraó!

Que lindos seios tens, minha irmã, minha esposa! Teus seios me agradam mais do que o vinho, e o cheiro de teus perfumes é melhor do que todos os aromas!

Teus lábios, ó minha esposa, são como um raio que destila mel! o mel e o leite estão debaixo de tua língua, e o cheiro de tuas vestes é igual ao cheiro do incenso...

As juntas de teus quadris são como colares trabalhados pela mão de um excelente ourives. Teu umbigo é como uma copa trabalhado no torno, onde jamais falta o licor. Teu ventre é um montão de trigo contornado de lírios. Teus dois seios são como os filhotes gêmeos de uma cabrita...

Tua cintura se parece com uma palmeira e tuas mamas com dois cachos de uvas...

Eu disse: vou subir na palmeira e colher seus frutos, e teus seios serão como cachos de uvas e o cheiro de tua boca como o das maçãs.

Minha irmã, minha esposa, é como um jardim fechado; ela é um jardim fechado e uma fonte lacrada.

A Esposa:

Que meu bem-amado venha para o meu jardim e coma as frutas das árvores..."

Convenhamos, tudo isso é bem engraçadinho e meio besta, mas onde, raios, poderíamos encontrar um ponto de contato entre Jesus Cristo e a Santa Igreja em toda essa aventura galante?

O TOURO APIS

O erotismo, ou a procura de sensações sexuais, só se torna uma perversão quando chega aos limites do perigo no sentido fisiológico ou moral.

Nossos ancestrais, os celtas, honravam o falo enquanto o consideravam o símbolo da reprodução, da continuação da vida, e seus menires esculpido de maneira tosca eram freqüentemente órgãos masculinos que surgiam da terra, como se pensa em geral, ou então estavam *fincados* nas entranhas da Terra.

Esse culto tinha facetas eróticas? Não o acreditamos, mas não temos comprovantes.

O erotismo é, de fato, uma sofisticação que está fora do alcance intelectual de povos bárbaros, mas que aparece em todas as civilizações adiantadas.

Os gregos celebravam as *Afrodísias* em honra da ardente Afrodite, e as festas tinham um cunho claramente licencioso, mencionado pelos antigos autores, especialmente as "fúrias Afrodísias de Corinto e Pafos".

Com certeza, no começo, o culto do falo além de ser uma saudação à vida devia ser uma festa em honra da feliz hibridação trazida pelos "anjos vindos do céu" que procriaram com as belas moças da Terra.

Os primeiros Iniciadores deviam ser, sem dúvida, criaturas com altos conhecimentos, mas também eram machos que engendraram heróis que se tornaram deuses.

Foi por isso que lhes foram devotados cultos, que em seguida foram desviados para animais reprodutores: o touro, o gamo, o bode, o galo.

O "boi" *Ápis* dos egípcios que era, de fato, um touro, era a representação terrestre de Osíris, o deus chifrudo, sua reencarnação.

Ápis tinha que ser preto e ter duas manchas brancas: uma, triangular, na testa; a outra em forma de crescente, no flanco direito. Tinha que ter um nó em forma de escaravelho debaixo da língua, pelos da cauda de cores diferentes etc. Um total de vinte e nove características bem definidas.

Essa superstição muito análoga à do *Buda Vivo* no Tibet (Dalai Lama) indica que ela é contemporânea ao culto de Baal, de Cernunos, ou seja: da época final da iniciação do Egito, entre a X^a. e a XVIII^a. dinastia.

O touro *Ápis*, após ser identificado, era conduzido com muita pompa até Nilópolis, onde somente as mulheres tinham

o direito de se aproximar dele — para pedir que lhes desse a fecundidade.

Com essa finalidade suspendiam suas roupas em frente ao animal, fingindo lhe oferecer o sexo aberto.

A FEIRA DO SEXO

A deterioração moral de nossa civilização, a corrupção dos costumes e da justiça desencadearam na Europa do século XX uma série de reações, e uma delas é o erotismo exacerbado.

Os contestadores *hippies* lançaram um movimento que se concretizou na produção de peças de teatro e filmes licenciosos.

O burguês assustado, hipócrita e precavido só reage fracamente a essa ofensiva.

Entretanto o *Exército da Salvação*, protestante e puritano, organizou comandos de protesto especialmente contra a peça *Hair*, onde os atores se apresentam nus no palco, entregando-se livremente à loucura.

Precisamos reconhecer, a esse respeito, que pelo menos na França quem se divertiu não ficou do lado dos censores, mas tanto faz, porque é lógico que o abscesso deve amadurecer e estourar para que o organismo saia purificado da doença.

Em Turim, na Itália, a polícia teve que interromper missas negras, onde havia moças brancas e nuas, deitadas em esquifes, em devoção a Satã.

Na Alemanha a sexualidade está no auge; no mês de outubro de 1969 em Kopenhagen, na Dinamarca, se inaugurou a primeira "Feira do Sexo" com cenas de estátuas vivas e venda de acessórios sado-masoquistas.

Uma enorme multidão se precipitou para assistir àquela manifestação onde o mau gosto imperava entre os estandes dos cinqüenta e quatro expositores, todos de nações ditas "civilizadas".

Os melhores clientes da Feira foram os dinamarqueses, os alemães, os suecos, os americanos e os japoneses: os povos mais racionais do globo, justamente aqueles cujas qualidades físicas e esportivas sempre prevalecem em todas as Olimpíadas!

"O Ministro da Justiça da Dinamarca, senhor Testrup — escreveu o repórter de um vespertino — austero como um pastor luterano... não esconde sua satisfação pelos resultados alcançados: tudo que diz respeito ao sexo perdeu para os dina-

marqueses o paladar delicioso do fruto proibido. Para deixá-los estupefatos, agora precisarão de doses de elefantes!”

Os químicos, aliás, já fizeram uma descoberta decisiva no campo do erotismo: a *serotonina*, hormônio cerebral, que tem um papel importantíssimo no comportamento sexual.

Não vai demorar, e estarão fabricando-a nos laboratórios.

Dá quase para imaginar que o mutante do futuro será o próvio deus Siva!

A sexualidade tem, com certeza, um papel, aliás, vital na existência dos homens, e um puritanismo burguês e prejudicial colocou durante muito tempo toda espécie de empecilhos ao honesto e corajoso exame desse problema.

Como conseqüência, muitas vezes a mulher ficou obrigada ao papel subalterno de parideira, de empregada doméstica, em suma, de escrava.

Os casais não conseguiam se sintonizar e ambos os indivíduos ficavam separados sem nenhuma esperança de compreensão.

As religiões acentuaram mais ainda a falta de entendimento e os antigos cultos orientais só conseguiram oferecer soluções ridículas às pessoas esmagadas por ideologias ultrapassadas e por superstições.

A sexualidade devia ser estudada por cientistas autênticos em sua natureza fisiológica mais recôndita, por um esquema eletromagnético que ela produz em volta dos corpos: o eletro-aurograma.

CAPÍTULO XVI

A IMAGEM ELÉTRICA DA SEXUALIDADE

Em fevereiro de 1967 os biólogos Pavel Guliaev, Vladimir Jabotine e Nina Schlippenbach, da Universidade de Leningrado⁽¹⁾, revelaram os resultados de seus trabalhos a respeito do "componente elétrico do campo eletromagnético" gerado pelas bio-correntes do músculo cardíaco.

A gravação e a medição do campo elétrico que se estabelece em volta do corpo humano, ou seja, no espaço que envolve o corpo, foi denominada *eletro-aurograma*⁽²⁾.

Em poucas palavras, aquela pesquisa serviu para mostrar que a atividade dos tecidos vivos é relacionada às bio-correntes (correntes elétricas biológicas) que são produzidas naturalmente e que podem aparecer quando os tecidos são ligados a aparelhos que medem as tensões elétricas (em milivolts).

Os cientistas soviéticos, baseando-se em experiências dos cientistas americanos Barr e Mauro, conseguiram estudar o campo elétrico do cérebro a uma distância de 25cm. durante

(1) O senhor Pavel Guliaev é chefe do laboratório de cibernética fisiológica da Universidade Estadual de Leningrado. O estudo foi publicado nos *Relatórios da Academia de Ciências da URSS*, vol. CLXXX, n.º 6, 1968.

(2) *Aurograma*, do latim *aura*, sopra; e do grego *gramma* = letra: *aurograma*, escritura do sopra, da irradiação.

alguns milésimos de segundo, que foi o tempo necessário para que os impulsos emitidos pelo aparelho pudessem atravessar o órgão.

Tiveram então uma surpresa, constatando que *a forma do campo era condicionada pelo ambiente*, ou seja, pela forma e a natureza dos objetos que se encontravam em proximidade.

ENFEITES E PEDRAS PRECIOSAS

Se perto do cérebro, do coração ou de outro órgão existe uma placa metálica ou outro condutor, enquanto está se fazendo o aurograma, o efeito será de defletor.

Acontece o contrário em se tratando de um dielétrico (isolante) como a ebonita, material plástico, madeira etc..

Podemos dizer, em resumo, que a atividade dos tecidos vivos e dos órgãos do corpo é influenciada pela natureza ambiental imediata, sendo que os impulsos elétricos são defletidos pelos metais e absorvidos pelos dielétricos.

As mulheres que usam diademas na cabeça, redinhas, pontes, óculos, colares sobre o peito, pulseiras e assim por diante, criam com isso um ambiente elétrico que condiciona seu equilíbrio fisiológico.

O ouro, o aço e o cobre defletem.

Os minerais, a madeira, o material plástico absorvem e por isso mesmo ficam carregados.

As pedras preciosas são isolantes, e por isso aptas a ficarem carregadas sem defletir nossos influxos.

Entre as pedras preciosas o diamante (carbono puro), a opala (sílice hidratada), a ágata e o ônix (calcita e quartzo) ficam em acordo perfeito com nosso campo eletromagnético; a ametista (quartzo colorido pelo óxido de manganês) pode provocar ligeiras perturbações que se acentuam com outras pedras mais ricas de sais minerais: a esmeralda, o rubi, a safira e o topázio.

EXPLICAÇÃO DA TELEPATIA

Os físicos da Universidade de Leningrado conseguiram desenvolver o esquema fotográfico dos principais campos elétricos humanos.

O eletro-aurograma conseguido mostra que os campos mais importantes são em primeiro lugar o cérebro, e em seguida os joelhos e o coração⁽³⁾.

O campo da musculatura humana tem uma configuração complicada e pode ser deformado pelo menor movimento do corpo; o campo do cérebro aumenta de volume com o mero



Aurograma do homem.

Foto do autor.

pensamento de um movimento, ou por causa de sonhos ditos ideo-motores.

Esse detalhe proporciona uma explicação racional da telepatia e da adivinhação, sendo que os desejos reais, mas não

(3) É estranho constatar que o sexo não está no centro de uma emissão. Qualquer que seja o valor da experiência soviética, estamos pessoalmente convencidos de que os dois principais centros motores humanos são o sexo e o cérebro.

formulados de uma pessoa, podem ser captados por outra ultrasensível⁽⁴⁾.

Isso acontece com os médiuns da categoria de Wolf Messing e Michel Kuni.

Em teoria, a gravação dos pensamentos e dos atos ideomotores, com o auxílio de máquinas eletrônicas, não está mais fora do alcance. É possível que algum dia possamos chegar a telecomandar com o pensamento um robô que age à distância, por exemplo em lugares praticamente inacessíveis: o deserto, o pântano, o espaço interplanetário.

O campo eletromagnético propaga-se à velocidade da luz e (em termos de especulação) poderíamos imaginar que todos os homens da Terra estão estreitamente relacionados uns com os outros, não somente pelo músculo cardíaco, mas sobretudo pelo cérebro.

As "idéias que se propagam pelo ar", os fenômenos messiânicos, as contestações podem ser parcialmente explicados por essa telepatia.

O cientista americano L. Falkington acredita que os pombos-correio encontram o caminho certo porque são capazes de *ver a paisagem eletromagnética da Terra*.

AS PENAS E AS ONDAS SONORAS

Uma experiência extraordinária foi tentada e teve êxito num laboratório: um microfone feito com uma asa de pássaro, ou com um pedaço de pele de morcego, foi ligado a um amplificador⁽⁵⁾.

A pessoa que estava executando a experiência falou nesse microfone e a voz, muito clara, saiu do dínamo-amplificador instalado numa outra sala.

Suprimindo a asa ou a pele de morcego não se ouvia mais nada.

De fato, o microfone carregado de eletricidade emitia ondas eletromagnéticas na frequência de ondas sonoras, que eram captadas pela sonda.

(4) As ondas que aparecem no eletro-aurograma agem como um radar, projetando-se contra os obstáculos e produzindo um eco. Pessoas ultrasensíveis conseguem reconstruir a forma dos objetos pelos ecos. Num nível mais elevado, essas irradiações (e as seqüências de ondas eletromagnéticas) estabelecem possibilidades de escolha para avaliar a verdade, com uma velocidade igual à dos ordenadores.

(5) Um dínamo elétrico foi ligado a uma instalação clássica, paralelamente a um oscilógrafo.

É bastante provável que os chilreios do rouxinol sejam percebidos pelos seus congêneres antes mesmo que o som chegue aos seus ouvidos.

As penas do pássaro são responsáveis pelo fenômeno: elas têm o efeito de um microfone e transformam os chilreios numa seqüência de ondas eletromagnéticas que se propagam com a velocidade da luz (quer dizer, mais rápidas do que o som), teoricamente em todo o espaço cósmico.

Os cientistas russos conseguiram dessa maneira a gravação dos eletro-aurogramas de zangões, de abelhas, de vespas, de moscas, de pernilongos, de borboletas e de taturanas.

Uma expedição científica conseguiu gravar na região de Novgorod a paisagem elétrica natural: as vozes elétricas dos insetos, das árvores, do capim, e sinais de perturbações vindas do cosmo.

Foi também possível estabelecer que o sistema pilífero das criaturas humanas, ou seja a barba, os bigodes, os cabelos, os pelos, a penugem etc., podia atuar como microfone e emissor, da mesma forma que as penas dos pássaros⁽⁶⁾.

Essas observações e experiências trazem esclarecimentos imprevistos ao mecanismo das percepções dos médiuns, dos videntes, dos iniciados e uma parte dos mistérios desconhecidos que pareciam ser insolúveis do ponto de vista científico e racionalista.

OS COLARES SÃO CONDENSADORES

O fato dos metais agirem como defletores nas aurografias ainda não significa que tenham um papel prejudicial no plano biológico.

O cobre é o melhor condutor conhecido: sua grande condutibilidade lhe proporciona a faculdade de absorver o excesso da eletricidade.

Por motivos de equilíbrio biológico é indispensável estabelecermos um contato direto e quase permanente entre nosso

(6) Os feiticeiros usam roupagens com peles de animais, e mais frequentemente, com penas de aves por essa razão, ou seja, as transmissões pré-sonoras ou simplesmente ideo-motoras. As roupas dessa maneira funcionam como um rádio transmissor que permite uma comunicação à distância de dezenas ou centenas de quilômetros. O feiticeiro fala, dança e se agita, colocando-se em transe, para carregar as roupas de eletricidade. As palavras não chegarão ao destino, mas a mensagem sob forma de seqüências de ondas chegará. Os grandes Iniciados conhecem esse sistema de telecomunicações.

corpo e a terra-mãe. O contato ideal acontece quando caminhamos descalços.

Os povos africanos, apesar de suas deficiências de organizações médicas, terapêuticas, sociais etc., são bastante resistentes às doenças porque andam descalços e usam enfeites de cobre.

Quando um negro progride na vida, ele abandona seus costumes ancestrais tornando-se assim, na maioria das vezes, muito vulnerável às doenças desconhecidas na África.

Os homens e as mulheres da pré-história usavam colares que eram uma espécie de condensadores.

A escolha das jóias e dos enfeites mais favoráveis ao nosso equilíbrio elétrico e psíquico pode ser feita de forma empírica.

A HARMONIA SEXUAL

Os especialistas da Universidade de Kazan observaram um estranho fenômeno: quando dois sujeitos são aurografados ao mesmo tempo, os dois aurogramas se modificam, contrastam ou se conjugam.

Dessa maneira é possível estudar as compatibilidades e incompatibilidades entre o homem e a mulher, sendo muito mais fácil encontrar as melhores soluções de acasalamento, ou para expressarmos-nos em outras palavras, a alma gêmea ou segunda metade de cada indivíduo.

Em se tratando simplesmente de afinidades amorosas, ficou claro que se um dos centros é mais forte que o outro, poderá então cobrir o outro com a sua zona de influência (a primeira esfera consegue captar a outra numa espécie de intercâmbio elétrico, e esse fato contraria todas as leis de física clássica).

Esse fenômeno pode explicar a simpatia, e a rejeição aurográfica demonstra a antipatia elétrica dos sujeitos.

Essas observações levaram os cientistas russos a pensar que o *swapping*, ou clube de intercâmbio no plano sexual (onde a mulher tem toda liberdade de trocar de marido e o marido pode fazer o mesmo com a mulher, durante um período de tempo pré-estabelecido) poderia concorrer para reequilibrar os indivíduos, harmonizando seus aurogramas.

O SWAPPING

A maré de erotismo que está agora se alastrando pelo mundo consciente (enquanto as províncias e os países subdesenvolvidos são ainda bastante protegidos) começou nos países nórdicos, frios, socialistas e quase totalmente livres de moral religiosa.

O erotismo ou, para melhor definir esse fenômeno, a necessidade de espairer e de infringir o código da decência burguesa é a consequência lógica de um século de hipocrisia.

Essa explosão de forças viris até a obscenidade será seguido por um ciclo de pudicícia, da mesma forma em que às Melindrosas se seguiram ao ciclo das assim chamadas esposas-modelo de 1900.

Na realidade, desde a alvorada dos tempos, os maridos traem suas esposas e vice-versa, a tal ponto que o bom senso popular indica a profissão da cortesã como a mais antiga do mundo.

Não temos a intenção de tecer comentários a respeito, mas vamos tentar compreender porque tantos casais estão mal casados e porque acontece o desentendimento sexual que provoca os dramas, as brigas e as infelicidades.

Podemos propor, em breve, três explicações fundamentais:

— Não existe acordo sexual elétrico entre o marido e a mulher.

— A criatura humana consciente e intelectual precisa se reequilibrar.

— A criatura humana tem uma tendência natural à multiplicidade de experiências amorosas (necessidade de mudanças).

Por consequência, era bastante lógico pensar no *swapping* como sistema terapêutico. Está sendo adotado em nossos dias pelos suecos, os noruegueses e dinamarqueses.

O *swapping*, que já é admitido nos meios científicos russos, poderia ser responsável por uma revolução sexual, moral e religiosa, se ele for adotado pelo resto do mundo.

O CHEIRO SUI GENERIS E O AUROGRAMA

O aurograma apresenta o campo eletromagnético humano (algo parecido com a *aura*) e parece que o de todo indivíduo tem um relacionamento estreito com o olfato, ou seja, com os perfumes e os cheiros.

Quando para um casal o cheiro, sobretudo quando ele for *sui generis* (de uma certa espécie, que só pertence àquele indivíduo) é agradável e até mesmo excitante num sentido afrodisíaco, podemos constatar que os aurogramas harmonizam. Podemos então ter certeza que a harmonia sexual será perfeita.

Esse cheiro poderia ser uma simples sensação com bases materiais ou poderia ele ter uma organização esférica?

A questão está sendo estudada e se supõe que o campo de emanção das partículas odoríferas se identifica com a forma do aurograma, sendo talvez propagado pelas ondas aurogrâmicas.

Entretanto, no Congresso de Fisiologia de Cannes em 1967, os professores Knut Larsson, da Universidade de Göteborg, Jacques Le Magnen, do Colégio de França, o dr. Azémar de Avignon se declararam favoráveis à opinião de que os cheiros não excitam diretamente os centros motores sexuais.

A excitação seria uma ação psicológica com reflexos condicionados.

O PERFUME SEXUAL E ANIMAL

Por outro lado, os fisiólogos de Cannes confirmaram as constatações repetidamente expressas pelos escritores: as partes do corpo humano que mais influem no surgimento do desejo são as partes peludas: sovacos, cabelos, púbis, e além disso o hálito.

Resumindo, o ato sexual depende completamente dos componentes mais animais da criatura humana.

Os fabricantes de perfumes conhecem bem essa característica e sempre escolhem como base de seus produtos as substâncias de origem animal: o almíscar extraído de uma glândula de um cabrito montês asiático e do períneo do almiscareiro, um pequeno carnívoro africano, e a mais o âmbar pardo que se encontra no intestino dos cachalotes.

Algumas mulheres e especialmente as loiras gordotas e voluptuosas segrejam naturalmente um suor *sui generis* perfumado e afrodisíaco que sempre exerce uma profunda atração sobre os homens.

R. Harari⁽⁷⁾ relata que a ciência dos odores foi curiosamente associada à arquitetura na construção da mesquita de Tauris, no Irã. A argamassa foi misturada com almíscar e sob

(7) R. Harari — *O olfato e a sexualidade*, Science et Vie, jan. 1968.

o calor forte do sol as paredes irradiam um forte cheiro almiscarado que, segundo a lenda, inebria os namorados.

A mulher, muito mais que o homem, é sensível aos cheiros afrodisíacos, especialmente na hora da ovulação, e tem uma atração absolutamente sexual para roupas feitas com peles. Isso poderia indicar que seus instintos animais são mais fortes do que os do homem.

Essa porém não é a opinião de J. Marcireau⁽⁸⁾ que escreve o seguinte:

“Uma análise atenta do mais antigo dos ritos, a saber, a cópula bestial (Eva e a serpente), faz surgir uma hipótese surpreendente a respeito das origens da humanidade.

As mulheres, as primeiras criaturas humanas, poderiam ter tido relações sexuais com animais, responsáveis pelo nascimento de híbridos. A eliminação progressiva desses monstros, por uma subsequente seleção, poderia ter produzido aos poucos nossa espécie, completa de dois sexos.

Nesse caso o sexo masculino seria fisiologicamente posterior ao sexo feminino”.

J. Marcireau observa muito justamente a respeito dos ritos sexuais que “a prostituição sagrada, o direito da pernada, o culto do lingam e do yoni, a circuncisão, são vestígios dessas práticas misteriosas cuja difusão já foi universal e cujo papel foi importantíssimo na formação das religiões e das sociedades”.

O NARIZ DO HOMEM PRÉ-HISTÓRICO

É bastante interessante notar que um homem, apesar de distinguir perfeitamente um cheiro estranho, tem o olfato como que atrofiado em se tratando de seu próprio cheiro pessoal, e sobretudo de seu hálito⁽⁹⁾.

Trata-se de uma curiosidade da natureza, originada por uma necessidade vital. De fato, se a criatura humana percebesse seu próprio cheiro, ele a impediria de sentir o cheiro das outras, e evidentemente já existiu uma época em que pressentir o cheiro do inimigo foi uma questão de vida ou de morte.

É isso o que acontece com um grande número de animais selvagens.

(8) Jacques Marcireau: *História dos ritos sexuais* (próxima publicação, ed. Robert Laffont, coleção “Les Enigmes de l’Univers”).

(9) Dificilmente uma criatura humana percebe o fedor de seu hálito e em qualquer caso se acostuma muito bem com qualquer mau cheiro vindo dela mesma, mesmo quando a percebe.

O sabujo ao qual se cortam os pelos do focinho não consegue mais achar o rasto das presas; o gato, nas mesmas condições, torna-se lerdo e impossibilitado de caçar os ratos.

O texugo emite cheiros fétidos para afastar um eventual ataque de outro animal, mas não se incomoda com eles, pois para ele não são desagradáveis.



Gravura sobre osso, de Isturitz (Baixos Pirineus): um homem segue uma mulher pelo rasto.

Foto da autor.

O fato que o homem tem o mesmo privilégio é sem dúvida uma razão muito forte a favor de sua ligação com um reino animal inferior, pelo menos no caso dos autóctones terrestres, por que existem povos — e não ousamos escrever raças — que não possuem um cheiro *sui generis* caracterizado.

É o caso dos povos que descendem diretamente dos hiperbóreos: os escandinavos, os egípcios, os berberes etc..

Parece que em épocas pré-históricas os homens das regiões mais atrasadas tiveram um nariz (e especialmente as ventas) mais desenvolvido que os narizes dos atuais povos civilizados. Aliás, é um fato que essa característica pode ser encontrada ainda hoje entre os povos da Nova Guiné, da África Central e da Austrália.

Um desenho esculpido num osso encontrado na gruta de Isturitz (Baixos Pirineus) representa um homem que rasteja seguindo o rasto de uma mulher nua com aros nos tornozelos.

O homem estica os braços como querendo apanhar sua presa e seu nariz muito proeminente aponta em direção à fêmea

cobiçada, que ele parece estar farejando como o sabujo faz com a presa.

Os especialistas estão se perguntando se a diminuição do nariz e das narinas no curso dos milênios não chega a significar um enfraquecimento notável de uma faculdade que outrora influenciava sensivelmente o comportamento social e amoroso.

A interação entre o campo eletromagnético humano e os cheiros parece trazer novos elementos até agora desconhecidos para o estudo do comportamento erótico e o equilíbrio dos homens.

A VIOLÊNCIA LEGÍTIMA

Os estados eróticos foram comparados a cargas elétricas.

Uma criatura insatisfeita, dinamizada pelos desejos eróticos, é sobrecarregada e deseja descarregar seu alto potencial energético para reconquistar sua calma e seu equilíbrio.

Suas faculdades intelectuais podem ficar aguçadas, mas sua agressividade também está ao paroxismo e quase sempre chega a provocar situações dramáticas.

Os jovens de nossa época frequentemente se encontram nesse estado de superexcitação.

Os que se entregam ao erotismo perdem suas características agressivas e se tornam *hippies*. A relação sexual tem o efeito de cansá-los e temos então um escoamento de + para o —.

Os que conservam suas cargas elétricas partem para a violência.

Os biólogos sabem que uma mulher que tiver relações sexuais durante o período de ovulação tem maiores probabilidades de ser fecundada pelo amante do que pelo marido.

Também já foi constatado que a maioria das mulheres tem uma preferência física pelos amores adúlteros, sobretudo quando o companheiro é um desconhecido, e que elas têm mais ainda uma obscura e selvagem atração pelo estupro. Em cem por cento desses casos elas ficam grávidas, e dão à luz a um varão.

As crianças nascidas em consequência a um estupro são quase sempre excepcionalmente fortes e muito mais inteligentes que as crianças legítimas: os bastardos dos reis de França eram mais equilibrados e física e intelectualmente mais dotados do que os filhos legítimos que lhes sucediam no trono.

Esses fatos eram conhecidos também na antiguidade e dizem que na Idade Média os feudatários levavam isso em grande conta.

Frequentemente um barão pedia à jovem esposa para ela passar a noite de núpcias afastada dele, no castelo de vizinhos, assegurando que ele próprio ficaria em seu domicílio.

Durante a noite o barão recém-casado, irreconhecível em seu disfarce, com a cumplicidade de seus amigos, penetrava no quarto da jovem esposa para violentá-la, para que a criança pudesse se beneficiar de todos os dotes atribuídos aos bastardos.

A MARCA

A marca do primeiro macho continua se manifestando na descendência futura?

Essa questão é muito controvertida, mas parece que já está comprovada pelos fatos.

A criança nascida de pais legitimamente casados pode ter traços físicos e psíquicos parecidos com os do amante que a mãe conheceu antes de se casar com o pai.

De qualquer forma é necessário que a mulher tenha ficado grávida do amante para que a marca se perpetue, a ponto de perturbar o resto de sua descendência.

O fenômeno não é explicável pela biologia clássica, mas admite-se sua existência⁽¹⁰⁾, talvez com base em uma modificação do espectro cromossômico, devido a uma profunda impressão psíquica resultante de uma relação sexual com um orgasmo extraordinariamente forte.

Nesse sentido, a marca ou impregnação seria de natureza eletromagnética.

Os bastardos ou as crianças nascidas após uma guerra mostram características parecidas com os soldados.

Os contestadores de 1968 eram frequentemente filhos de *partisanos* ou de prisioneiros de guerra, e suas características eram uma violência que chegava ao vandalismo, ou então debilidade mental, frouxidão, índole mansa e sonhadora.

Os bastardos de soldados que estão se retirando têm uma tendência a se ressentir profundamente de humilhações. São revoltados, teimosos e contestadores, mas sempre inteligentes.

(10) O dr. Antonio Ferreira demonstrou a autenticidade desse fenômeno durante o Congresso de medicina psicossomática e obstetrícia em Paris em 1962. Os puígões acasalados ficam impregnados por muitas gerações.

Os bastardos dos soldados invasores têm inclinações à autoridade, ao equívoco e à fraude. As características da mãe parecem não servir para moderar às do pai, mas para exacerbá-las.

EM 1986 AS MOÇAS SERÃO LINDAS

Enquanto estava grávida, à espera de Napoleão, Leticia Ramolino se envolveu em batalhas cruentas ao lado de Paoli, o libertador corso.

Todos os seus filhos e especialmente Napoleão ficaram marcados pela admiração que ela sentia pelo herói e mostraram ter a fibra de Paoli.

As moças que foram concebidas por volta de 1968, na época do apogeu de Brigitte Bardot, serão excepcionalmente lindas e sexy em 1986 se durante a relação sexual o homem estivesse se lembrando da atriz de cinema.

A impregnação, de fato, depende da ação da psique e dos "cromossomos psíquicos" que, possivelmente, só existem no inconsciente, nas profundezas desconhecidas das criaturas humanas ou nos universos paralelos.

Hipócrates mencionou esse fenômeno e podemos encontrá-lo também, aliás muito bem explicado, num texto chinês do ano 1000 de nossa era: o *Ho Kung*.

O filósofo italiano Dellaporta enunciou a teoria do traumatismo pré-natal, ainda no século XVI.

Kenelm Digby (1603-1655) acreditava que a verdadeira fobia que Jayme I, filho da Rainha Maria Stuart, tinha por armas brancas era devido ao fato que a mãe dele, quando ainda grávida, tinha assistido ao assassinato de seu amante Rizzio, morto a golpes de espada⁽¹¹⁾.

O processo bio-elétrico da marca parece ligar-se ao das manchas pigmentadas, manchas de fígado etc., que são frequentemente provocadas por distúrbios da vesícula.

A influência poderá ser ainda maior se durante a relação sexual o casal chegar a um orgasmo simultâneo.

No século XVIII os médicos franceses e ingleses aconselhavam a seus clientes da alta sociedade a ficar olhando para

(11) Digby, um filósofo inglês amigo de Descartes, casou-se com a bela Venetia Anastásia e obrigou a esposa a se alimentar de capões engordados com víboras, porque acreditava que esse tratamento tinha virtudes milagrosas. Escreveu livros interessantes, nos quais porém, mostra ser excessivamente ingênuo, como em: *De como cicatrizar ferimentos com pó de simpatia* (1658).

pinturas que representavam querubins, para que as crianças nascessem bonitas.

O fenômeno da impregnação é sem dúvida muito mais forte do que a influência astral propalada pelos astrólogos.

Baseados nela, podemos até um certo ponto bancar os profetas.

A moda dos discos voadores que andou se acalmando sem motivos aparentes por volta de 1967, vai voltar mais uma vez por volta de 1973-1975, ou seja, quando as crianças que nasceram entre 1953 e 1955 chegarão a ter vinte anos.

Queremos ainda mencionar, a título de crônica, o estranho relato que podemos encontrar no Antigo Testamento (Gen. cap. XXX, vers. 32 a 41) onde podemos ler que Jacó influenciava à vontade a cor dos filhotes de suas ovelhas, condicionando as mães no período da gestação.

CAPÍTULO XVII

OS EVANGELHOS FORAM REMANEJADOS

Durante os primeiros séculos de nossa era apareceu um número considerável de Evangelhos.

A Igreja somente considera canônicos (ou seja, conforme as normas da Igreja) os Evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos e João.

O mais antigo é o Evangelho de Mateus, inspirado diretamente no Evangelho dos hebreus.

Precisamos frisar um ponto: os apócrifos e os mais ou menos cinquenta evangelhos que existiam e que foram destruídos em seguida a maquinações, e mais os que ainda existem, são todos unânimes em reconhecer que Jesus viveu no tempo de Pôncio Pilatos e de Tibério⁽¹⁾.

(1) Não existe nenhum relato histórico conhecido que comprove a autenticidade da existência de Jesus. Dizem que ela estaria comprovada pelas *Atas de Pilatos*, governador da Judéa. As *Atas* contariam, sob forma de relatórios enviados ao Imperador, a vida e a morte de Jesus, os crimes a ele imputados pelos judeus, sua crucificação e até sua ressurreição. Se essas *Atas* existiram, foram sem dúvida fabricadas pelos cristãos, e de qualquer maneira nada sobrou delas. Foram também fabricados numerosos falsos relatórios de Pilatos, mas a Igreja não reconheceu a autenticidade de nenhum deles.

AUSÊNCIA DE DOCUMENTOS AUTÊNTICOS

Já não existe muita unanimidade a respeito do texto, no relato dos acontecimentos, e acerca da própria pessoa de Jesus.

Alguns Evangelhos conferem ao Cristo um rosto, uma doutrina e um estado de espírito diametralmente oposto a quanto dizem Mateus, Lucas, Marcos e João.

Os próprios relatos de Mateus e de Lucas muitas vezes são contrastantes com os relatos de Marcos e João, e às vezes se contradizem um com o outro.

Todas as reticências e nebulosidades neles contidas explicam o motivo que levaram, durante séculos, à proibição da leitura dos Evangelhos por parte dos fiéis, leitura que era reservada exclusivamente ao clero.

Documentos autênticos devem ter existido; talvez até haja ainda algum na biblioteca do Vaticano.

A esse respeito o dr. Spencer Dawis, Imperador dos R + C, escreveu em *A Vida mística de Jesus*(²):

“Nós (³) sabemos que os Padres da Igreja primitiva tiveram acesso a documentos secretos porque, durante os Concílios da primitiva Igreja cristã e durante as discussões que aconteceram entre as mais altas autoridades da Igreja Primitiva, foram feitas alusões a certos lotes de manuscritos e de documentos oficiais que se referiam à crucificação e a outros acontecimentos da vida de Jesus, que agora estão escondidos ou que foram destruídos. (P. 181).

Uma das maiores preocupações dos Padres da Igreja, entre os séculos VII e XII, foi a caça a todos os manuscritos e às obras que se encontravam nas preciosas coleções dos países do Oriente e que poderiam conter informações diferentes dos que estavam em poder deles. (P. 182)”.

João, o Apóstolo, que se tornou bispo de Efeso, deveria ser o autor do quatro livro, mas sabe-se e admite-se que esse pseudo-Evangelho foi composto muito mais tarde por hábeis teólogos.

De qualquer forma, não é de autoria de João, cuja existência aliás não está historicamente comprovada.

(2) *A vida mística de Jesus*, do dr. Spencer Lewis — Ed. Rosicruciennes — 1959.

(3) Nós, os atuais Iniciados da Grande Irmandade Branca que está se perpetuando desde o faraó Amenhotep IV (Akhenaton) e à qual teriam pertencido Jesus e os Essenianos...

CEM EVANGELHOS

Entre o sem-número de evangelhos que apareceram entre o II^o e III^o século (4), e que parecem ter sido de cinquenta a cem, as comunidades cristãs adotaram, para evitar confusões, os relatos de Mateus, Lucas, Marcos e João, considerando-os em igual medida sagrados e autênticos, apesar das lacunas neles existentes e de suas contradições.

Sendo os Evangelhos livros "inspirados" pelo Espírito Santo, eles não podem, em princípio, serem criticados, duvidados ou discutidos.

Em nossos dias essas considerações já não são muito levadas a sério e os teólogos admitem francamente que os evangelhos devem ser interpretados e mesmo corrigidos "no bom sentido".

"Somente quatro evangelhos podem ser admitidos, escreveu S. Jerônimo: todas as bobagens dos apócrifos (outros evangelhos) só servem para ser contadas a hereges mortos e jamais a crentes vivos".

"Absolutamente, retrucam os adversários de Jerônimo; as bobagens, as contradições, os fatos irredutivelmente opostos se encontram em vossos evangelhos canônicos. . ."

Para conseguir uma certa uniformidade entre os relatos, a Igreja modificou, aliás, remanejou as Escrituras.

Taciano, discípulo de Justino, fez até uma tentativa de arrumar tudo escrevendo o "Evangelho segundo os quatro", uma espécie de coordenação dos relatos de Mateus, Lucas, Marcos e João.

Por outro lado, como não ficar confusos pelas diferentes genealogias de Jesus apresentadas por Mateus e Lucas?

Mateus explica que Jesus é filho de José, e descende sucessivamente de Jacó, de Nathan, Eleazar, Eliud, Achim, Sadoc, Azor etc., até Salomão, Davi e Abrão (cap. I-1-2-3 até 16).

Lucas afirma que Jesus é filho de José, mas descende de Heli, Nathan, Levi, Melchi, Janna, José, Matatias etc., até Abrão, Sem, Noé, Enoque e Adão (cap. III, 23-24 até 38).

(4) Vamos citar os evangelhos mais conhecidos: os dos hebreus, dos Ebionitas, de Mateus, de Lucas, de Marcos, de João, de Tomás o israelita, de Jayme o Menor, de Nicodemos, de Marcião, da Natividade de Maria e da Infância do Salvador, da Infância, do Povo, dos Doze Apóstolos, de Bartolomeu, de Barnabeu, de Cerinto, de Pedro, de Basílides, da Verdade, de Eva, da Perfeição, de Felipe, dos egípcios, dos Gnósticos do Egito, de Judas, de Paulo etc.

Por outro lado, é curioso observar que, apesar das divergências fundamentais, os evangelhos de Mateus, Lucas e Marcos são chamados de “parecidos”.

SANTO AGOSTINHO GARANTE

Lemos em Santo Agostinho: “Não é permitido dizer, e nem mesmo pensar, que qualquer um dos evangelistas mentiu” (*fas non est evangelistarum aliquem mentitum fuisse nec existimare nec dicere*).

Por outro lado, afirma o bom santo, em se tratando de teses totalmente contraditórias — como por exemplo, a genealogia de Jesus — *precisa-se acreditar que elas são conciliantes, mesmo sem saber como!*

João, cujos relatos são muito suspeitos, está em formal contradição com Mateus, Lucas e Marcos, na questão da cronologia da Semana da Paixão. Nenhum deles está de acordo com os outros com respeito a data da Páscoa.

João afirma que Jesus não foi crucificado na sexta-feira, mas no sábado, vigília da Páscoa.

As divergências tornam-se maiores ainda quando se trata da ressurreição, ou mais exatamente, da aparição de Jesus.

— Mateus afirma que as duas Marias (Maria a Mãe e Maria Madalena) estavam presentes.

— Lucas e João afirmam que somente Maria Madalena estava lá.

Não existe nenhuma prova da autenticidade dos Evangelhos.

Por outro lado a Igreja, sempre muito prudente, os “atribui à...” e os apresenta como escritos *segundo* Mateus, Lucas etc.

Nos séculos II e III da nossa era, os eruditos e os doutores da Igreja, como Irineu, Clemente de Alexandria e o ardente Tertuliano pensavam que tinham sido escritos pelos apóstolos e que além de serem testemunhos oculares, eram também prova de inspiração divina.

O DUVIDOSO EVANGELHO DE JOÃO

Policarpo que, ao que parece, foi ordenado bispo de Esmirna por João Evangelista no ano 80, foi o mais digno e mais acreditável dos santos.

Contrariamente a quanto fizeram os apóstolos que renegaram Jesus, Policarpo preferiu o suplício à vergonha de se tornar um renegado e morreu queimado vivo na fogueira, sem se queixar e sem sofrer como Jesus, pois estava escudado em sua fé.

Exatamente da mesma maneira que os bonzos que se suicidam ateando fogo a si mesmos!

Policarpo é autor de uma epístola aos habitantes de Filipi a respeito dos escritos (contestados) de Inácio Teóforo (o primeiro santo Inácio) que se reputava (sem fundamento) ter sido ordenado por São Pedro ⁽⁵⁾.

Policarpo fala muito bem dos três primeiros evangelhos, mas não menciona o de João!

Vai daí, o evangelho de João ainda não existia no começo do século II!

A primeira menção desse evangelho foi feita por Teófilo de Antióquia, no ano 180!

Em poucas palavras, está acontecendo o seguinte: desde alguns séculos o evangelho mais louvado, mais "iniciático", como proclamam os tolos, é aquele escrito por S. João, a "Águia", que dormia entre os braços de Jesus e, por fim, no Gethsemani, ficou entre Pedro e Jayme... e acontece que justamente esse evangelho é um falso notório, composto entre os séculos II e III, para suprir a falta de conteúdo teológico dos outros três primeiros evangelhos!

Dizem que não é um evangelho de "fatos", mas de "idéias".

O CURIOSO SENHOR CERINTO

Para encontrarmos algum sentido em toda essa confusão, precisamos antes de mais nada ter algumas noções da situação que existia 2.000 anos atrás no Egito e na Ásia Menor, ou seja, na parte oriental da bacia do Mediterrâneo.

O gnosticismo — como, aliás, em nossos dias com os espiritualistas, os teósofos e os crentes nas revelações divinas — era a base de todas as religiões e de todas as seitas.

Cerinto era o chefe de uma seita que se originara no cristianismo, mas que não reconhecia o caráter divino do Cristo.

(5) O fato é bastante curioso: parece até que fez de propósito, declarando ter sido ordenado por um apóstolo!

Acontece porém, que não existe nenhum documento histórico para comprovar as lendas, que poderiam aliás comprovar a autenticidade de Jesus e dos apóstolos.

Vamos transcrever algumas notas do *Grande Dicionário do século XIX* para entender qual era o estado de espírito dos homens do século I.

“Cerinto admitia a existência de dois princípios opostos: não o Bem e o Mal, mas um princípio essencialmente ativo, que existia por si mesmo: Deus; e de um princípio passivo e imperfeito, que não existia por si mesmo: a Matéria.

O criador do mundo não era Deus, pois este não podia entrar em contato com a matéria: o criador pertencia a uma das últimas classes de subespíritos inferiores, ainda chamados por Teodoro *forças* e *anjos*, mas que tinham neles algo do Ser divino. . .

A mesma coisa valia para o *éon* (*) criador da legislação mosaica. . .

Jesus não era o filho de Deus; um *éon* chamado Cristo tinha se juntado a ele na hora de seu batismo nas águas do Jordão, abandonando-o no dia da crucificação.

Cerinto, que era judeu de nascimento, acreditava que a lei mosaica era obrigatória e que o povo judeu futuramente dominaria o mundo. . . Os cerintianos usavam o Evangelho dos hebreus”.

Um discípulo de São Paulo, chamado Caio, publicou um Apocalipse, sob o nome de um dos Apóstolos, dizendo que fora inspirado pelos *éons*.

Alguns exegetas, aliás, acreditam que o Apocalipse dito de São João foi na realidade escrito por Cerinto.

OS PAPAS E CARLOS MAGNO REVISARAM O EVANGELHO

Nosso amigo, o escritor Kronos, em seu *Ensaio de meditações imateriais*, relata que sob os papas Gregório VII e Inocêncio III a Igreja achou mais prudente editar um dos Evangelhos muito à água de rosas para o uso dos sacerdotes, no qual foram incorporados os ritos e as orações de cada dia.

Era isso, e ainda hoje é, o *Breviário*.

Queremos ainda frisar que outrora era proibida a tradução dos Evangelhos, “pelo receio que pudesse surgir um erro simples ou um contrasenso”.

(*) *Éon*, do grego *aíón*, tempo. É o espírito, emanção do intelecto de Deus, mensageiro de Deus entre os homens.

É bastante difícil acreditar nesses escrúpulos piedosos, pois sabe-se que os concílios, os papas e os monarcas cristãos concorreram várias vezes para modificar de forma descarada as "santas Escrituras", inclusa a tradução feita por São Jerônimo no século IV, ou seja, a Vulgata, que é a única reconhecida pela Igreja de Roma!

"As modificações mais radicais datam do concílio de Nicéia, escreve Kronos, e foram motivadas pelo acordo entre o papa Dámaso I e o Imperador Constantino.

Nessa ocasião os mais antigos Evangelhos e, mais especialmente o *Evangelho dos hebreus* (o evangelho primitivo de São Mateus), foram declarados secretos (*apokruphos*, apócrifos).

Em seguida foram feitas adições, subtrações e modificações nos quatro Evangelhos restantes, que muito admiraram São Jerônimo que foi encarregado de fazer a tradução para o latim.

A admiração dele foi tanta enquanto acabava de verter para o latim o Evangelho dos hebreus, que logo em seguida recebeu a ordem de não mais considerá-lo autêntico!

Em seguida São Victor, bispo de Tumona, na África, relatou que no fim do século V, o papa Anastácio II mandou examinar, criticar, expurgar e revisar mais uma vez as santas Escrituras.

Carlos Magno, poucos anos antes de morrer, fez a mesma coisa (veja: Duchesne, *Historiae Francor scriptores*) em seguida limitado pelo papa Sixto V (1585-1590) que coroou a obra de seus predecessores para agradar ao Imperador Carlos V.

Naquela época, a Igreja fabricou uma epístola de São Pedro que mais tarde foi rejeitada pelos teólogos e um documento relativo a uma doação atribuída ao Imperador Constantino, para encorajar Carlos Magno a doar à Igreja um reino temporal na Itália (?).

GUTENBERG E OS EVANGELHOS

Foram feitos ao todo alguns milhares de remanejamentos e o papa acabou ameaçando de terríveis anátemas qualquer pessoa que no futuro ousasse revisar os textos... mas logo em seguida fez mais uma revisão que de uma vez só modificou mais de duzentas passagens!

(?) Citado por Guy Fau.

O papa Clemente VIII (1592-1605) alguns anos mais tarde fez novas correções que felizmente foram as últimas, pois acabava de ser inventada a impressão!⁽⁸⁾

Qual era a razão de tantas modificações? A resposta é simples: a maioria dos dogmas estava em contradição com os livros sagrados, e daí era necessário reorganizar as escrituras para que concordassem com os dogmas!

Era também necessário que entre Deus e o homem existisse a Igreja, obrigando dessa feita os homens a se submeter à própria, porque, sem a Igreja, qualquer contato com Deus estava proibido.

Entretanto, o Cristo dissera: “Deus está em qualquer lugar”, mas isso não passava de um panteísmo muito perigoso! Não se podia correr o risco de deixar que o homem adorasse Deus em sua criação!

Somente a Igreja ditava as vontades de Deus!

Aliás, essa palavra “vontade” é contrária ao livre-arbítrio que o Criador nos deu: os evangelhos primitivos somente mencionavam os desejos de Deus que conta com todas as criaturas e sobretudo com os homens para vê-los realizados”.

A VERDADEIRA ORAÇÃO CRISTÃ

Em resumo, o Evangelho é uma fonte de erros e de contradições, mas além disso estabeleceu-se uma cumplicidade entre os padres e os fiéis, para adulterar algo que deveria ser considerado a essência do dogma e da santidade: a oração.

Todo mundo participa no jogo, apesar de estar sabendo qual é a verdade.

— *Façam* suas orações toda manhã e toda noite! recomenda o bom cura.

E o devotado cristão realmente *faz* suas orações... mas sem dizer a verdadeira!

Fazer vem do latim *facere*, que significar: fazer, fabricar, construir e combinar.

(8) Cada bispo, cada mosteiro, mandava copiar seus evangelhos de qualquer maneira, arrumadinhos dependendo das idéias pessoais do copista e em seguida corrigidos pelo bispo ou pelo superior do mosteiro. Os textos do arcebispo de Bordeaux não se pareciam com os do arcebispo de Estrasburgo, os de Avignon eram diferentes dos de Cambrai. Era muito fácil esquecer ou falsificar um texto! Quando foi inventada a impressão com caracteres móveis (1436) qualquer embrulho tornou-se impossível e os evangelhos tiveram que ser todos iguais a um original.

Em matéria de fabricações e combinações Deus não pode se queixar!

De fato, podemos constatar facilmente que os cristãos e os padres, seja na intimidade de seus quattros, seja em público, ou na Igreja, *inventam, fabricam* uma oração que sem dúvida nenhuma os levará para o inferno!

“A esmola é a melhor das orações: ela sempre atinge o alvo”, dizia Fenelon, arcebispo de Cambrai!

“Qual é a oração que poderia ser mais grata do que enxugar as lágrimas dos pobres”, dizia Bossuet. . . que muito provavelmente não estava se lembrando da pecadora que enxugava suas próprias lágrimas sobre os pés de Jesus.

Em seu Evangelho, São Mateus, no capítulo V, vers. 9 até 13, indica aos cristãos a maneira de honrar a Deus:

- [9] “Então rezareis desse jeito: Pai nosso que está nos céus, santificado seja vosso nome,
- [10] Venha a nós o vosso reino, seja feita vossa vontade, assim na terra como no céu;
- [11] Dai-nos hoje o pão nosso de cada dia;
- [12] *E perdoai nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores;*
- [13] E não nos abandonai à tentação e livrai-nos de todo o mal. Amém”.

OS VASTOS DESERTOS DO PARAISO

É uma oração magnífica, digna da maior admiração, pelo menos por parte de hereges que somos.

Tomaríamos o maior cuidado para não mudar uma palavra sequer (*).

Infelizmente os cristãos a esvaziaram de seu conteúdo mais rico, suprimindo a parte mais importante do texto: “*E perdoai nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores*”.

Isso sim que poderia ter sido um magnífico desejo de despreendimento, de caridade, de vontade de agradar a Deus para finalmente entrar no reino Dele.

(*) Poderíamos eventualmente fazer uma ressalva a respeito do nome de Deus, que não deveria ser conhecido e nem deveria ser jamais pronunciado.

Lucas (XVIII, 25) de fato esclareceu:

“É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha do que um rico entre no reino de Deus”.

Isso é claro, limpo, respeitável, em oposição à hipocrisia sacrílega dos pseudo-cristãos, burgueses egoístas e capitalistas, de deliberadamente omitem em suas orações qualquer coisa que atente diminuir o volume de suas gordas carteiras (10)!

De fato, é apenas uma breve sentença, mas se a sociedade humana modificasse seu comportamento, observando-a, poderia mudar radicalmente o aspecto do mundo inteiro!

O que vemos em nossos dias é que a oração dita nas igrejas está mutilada: deve existir alguma cumplicidade entre os sacerdotes e os fiéis para “esquecer” toda essa história de dívidas!

Os judeus, da mesma maneira, “se esquecem” da lei de Moisés que ordena a todo Justo, a todo Crente, libertar seus escravos a cada cinquenta anos, abonar as dívidas e devolver a seus primeiros donos todas as terras alienadas.

Ironia do acaso ou premonição?

Mateus, no VIIº. capítulo de seu Evangelho, talvez prevendo o sectarismo, as guerras de religião, a Inquisição, a simonia, o racismo etc., admoestava expressamente:

[20] “Vocês as (boas árvores) reconhecerão pelos seus frutos.

[21] “Os que me dizem: Senhor, Senhor, não entrarão todos no reino dos céus: mas *somente* (grifo no texto) entrará aquele que cumpre a vontade de meu pai que está nos céus”.

Deve haver muito poucos cristãos nos desertos sombrios e aterradores do Paraíso, muito poucos homens de todas as humanidades e de todas as religiões, se tivermos que acreditar no Evangelho!

(10) Existe também a omissão por ignorância: a maioria dos “Cristãos” nunca leram a Bíblia ou os Evangelhos. A Igreja cristã de nossos dias é a igreja dos ignorantes, e isso justifica a necessidade de uma revolução cultural.

Pedimos ao leitor, no que diz respeito ao emprego repetido dos termos: “burgueses egoístas e capitalistas” para não ver neles uma declaração de fé política, ou a marca de nossa lealdade a um partido específico, pois achamo-lo tão repugnante quanto todos os outros! No sentido costumeiro da palavra, “burguesia” parece-nos a mais desprezível de todas as condições humanas.

CAPÍTULO XVIII

A BÍBLIA FOI FALSIFICADA

Moisés recebeu os Mandamentos no monte Sinai e a *Lei* foi escrita pelo próprio Deus (Êxodo, cap. XXXII).

[15] Moisés voltou então do topo da montanha, trazendo em sua mão as duas tábuas do testemunho, escritas dos dois lados.

[16] Eram elas obra de Deus; da mesma forma em que a escrita gravada nessas tábuas também era *da mão* de Deus.

Parece inconcebível que os crentes ousem contestar e falsificar o que de mais sagrado e divino existe na *Lei*: os Mandamentos de Deus.

Entretanto . . .

OS QUINZE MANDAMENTOS

Os mandamentos de Deus, ou Decálogo, estão na Bíblia canônica dita Vulgata, em Êxodo, cap. XX.

Podemos ler o seguinte:

- [1] Em seguida o Senhor falou a Israel dessa maneira (1):
- [4] Não fareis imagem nenhuma esculpida e nem qualquer figura de tudo o que está em cima, no céu, e embaixo, na terra, nem de nada de que está nas águas debaixo da terra.
- [5] Não as adorareis e não lhes dedicareis o culto *soberano*. Pois eu sou o Senhor, vosso Deus, o Deus forte e ciumento que se vingará da iniquidade dos pais nos filhos destes até a terceira e quarta geração de todos aqueles que me odeiam.
- [6] E que faço (*sic*) misericórdia durante *mil gerações* a todos os que me amam e que observam meus preceitos.

Tudo isso é bem claro, preciso, autoritário: o segundo mandamento proíbe formalmente desenhar ou formar imagens de Deus, dos anjos, dos Santos, de Jesus, de Maria, de Gabriel, e assim por diante. Da mesma maneira estava claramente proibido reproduzir a imagem de qualquer coisa que estivesse no céu, na terra ou debaixo dela.

O crucifixo é sem dúvida nenhum um sacrilégio, e o mesmo vale para as estátuas da santa família, dos apóstolos, pelas imagens de santos que se enfiam no missal, para a Bíblia repleta de desenhos e fotografias, para a imprensa ilustrada editada por judeus ou católicos.

Tanto vale explicar logo que os diretores de jornais já estão com cadeira cativa no inferno, junto aos seus colegas da televisão.

Vamos frisar que os Mandamentos não são numerados, mas que podemos agrupá-los em quinze preceitos principais:

1. Não tereis nenhum deus estrangeiro (vers. 3, cap. XX, Êxodo) (2).

(1) Está perfeitamente claro que o Senhor é o Deus dos israelitas, o povo santo, mas também é o Deus dos outros povos. Podemos ler o seguinte (Êxodo, cap. XIX, v. 5): Se então ouvireis minha voz e conservareis minha aliança, sereis o único entre os povos que possuireis como meu próprio, pois toda a terra me pertence.

V. 6 — Sereis meu reino, e um reino consagrado pelo sacerdócio: sereis a nação santa.

Os Mandamentos de Deus são mencionados com importantes variantes em Deuteronomio V, v. 6 a 21.

(2) Em Deuteronomio, cap. V, v. 7, lemos: "Em minha presença não tereis deuses estrangeiros". Essa passagem indica que o próprio Deus admite a existência de outros deuses, que até autoriza seu culto, mas não em presença dele. De fato, o deus dos hebreus sabe que ele governa unica-

2. Não fareis nenhuma imagem (vers. 4).
3. Não adorareis as imagens (vers. 5).
4. Não pronunciareis em vão o nome do Senhor (vers. 7).
5. Santificareis o dia do sabá (vers. 8).
6. Honrareis vosso pai e vossa mãe (vers. 12).
7. Não matareis (vers. 13).
8. Não fornicareis (vers. 14).
9. Não furtareis (vers. 15).
10. Não testemunhareis o falso (vers. 16).
11. Não desejareis a casa do vosso próximo, nem sua mulher, e nem os bens dele (vers. 17).
12. Não fareis deuses de prata e nem de ouro (vers. 23).
13. Levantareis para mim um altar de terra (vers. 24).
14. Se fizerdes um altar de pedras, não o construireis com pedras talhadas, pois se tornará impuro se usardes do buril (vers. 25).
15. Não subireis até meu altar por degraus (vers. 26).

A ACHINCALHAÇÃO DA LEI DE DEUS

Constatamos com constrangimento a achincalhação de 12 entre 15 Mandamentos por parte da própria Igreja, que de fato somente respeita os Mandamentos 1 e 4: não ter deuses estrangeiros e não blasfemar.

Faz-se pouco caso do próprio Deus, porque desobedecê-lo, matar, roubar e construir catedrais não significa honrá-lo!

O papa Alexandre VI — para citar somente um exemplo — ampliou ainda mais o sacrilégio: teve cinco filhos com Rosa Vanozza, que era casada, e dois destes foram os famigerados César e Lucrecia Borgia!

Esse papa que sozinho chegava a violar os quinze mandamentos, morreu em 1503, ao que parece envenenado por uma

mente os hebreus, que é o próprio povo dele, e ele é um deus ciumento; mas sabe também que existe o deus dos celtas, o dos fenícios, dos gregos, dos egípcios...

O deus vencedor será o que conseguirá impor a dominação de seu próprio povo.

bebida “que tomou por engano, pois tinha mandado prepará-la para um cardeal cujos bens cobiçava”.

Resta-nos saber se Deus foi bem inspirado em entregarnos aqueles mandamentos em sua maioria muito sábios: alguns deles, infelizmente, parecem bastante desatualizados.

Foi, sem dúvida, devido a essa consideração que os homens os corrigiram, censurando o Evangelho: quer dizer, eles corrigiram a palavra de Deus e a palavra de Cristo.

DEUS EXCOMUNGADO

Durante o 3º Concílio de Nicéia, que foi o 7º Concílio da Igreja e durou de 24 de setembro a 23 de outubro de 787, trezentos e setenta e sete bispos da Grécia, da Trácia, da Sicília e da Itália, reunidos na catedral de Santa Sofia em Constantinopla, baixaram o seguinte decreto contra os iconoclastas:

“Decidimos que as santas Imagens em cores ou de peças trabalhadas, ou de qualquer material conveniente, devem ser expostas nas igrejas, sobre os vasos, nas vestimentas sagradas, sobre os muros, nas casas e nas ruas; de fato, quanto mais frequentemente vimos as imagens de Jesus Cristo, de sua santa mãe e dos santos, mais facilmente poderemos nos lembrar dos originais para amá-los.

Essas imagens receberão a saudação e adoração honorífica, mas não a verdadeira latria (adoração) que somente convém, pela nossa fé, à natureza divina.

Apesar disso será permitido aproximar daquelas imagens o incenso e as luminárias, como é costume fazer com a cruz, os Evangelhos e *os outros objetos sagrados*; tudo isso segundo o piedoso costume antigo, porque a honra é rendida ao original que elas representam.

Esta é a doutrina dos santos Padres e da tradição da Igreja católica; *ordenamos que sejam depostos os que ousarem pensar de forma diferente, sejam eles bispos ou clérigos, e serão excomungados se forem monges ou leigos*”.

Essa foi, sem dúvida nenhuma, a mais importante decisão jamais tomada pelos homens, porque ela declarava *Deus deposto e então o excomungava*, dependendo se fosse considerado clérigo ou leigo!

De fato, Deus em seus mandamentos proibia claramente gravar, desenhar ou imprimir qualquer imagem! E assim levou uma séria admoestação dos teólogos de Nicéia!

Só nos resta saber se Deus não existe mais, ou se foi excomungado pela Igreja!

O primeiro concílio de Nicéia foi em 325 e reuniu 2.048 bispos, que, em sua maioria, lá foram para negar ou discutir a divindade de Cristo.

O Imperador de Bisâncio, Constantino I, conseguiu embrulhá-los e impôs a divindade de Cristo ameaçando os contestadores "de desterro" caso insistissem em não querer aceitar "*o julgamento da maioria*"!

A maioria, como aconteceu com os grevistas da Renault e da Peugeot, somava 318 Padres; a "minoria" dos contestadores chegava a 1.500, pelo menos no começo.

As ameaças conseguiram reduzir o número para apenas vinte e dois, entre os quais o sacerdote Ário e Eusébio, bispo de Cesaréia, que foram todos excomungados.

Os livros de Ário foram queimados e o concílio decretou a pena capital a ser aplicada a todos que continuassem a possuir exemplares deles.

A BIBLIA É UMA NOVELA

É evidente que não podemos negar todo o valor da Bíblia, mesmo se tudo que diz respeito aos hebreus e aos seus privilégios é falso e desprovido de fundamento.

Por exemplo, o Êxodo não passa de uma fábula pura e simples, ou então uma aventura grosseiramente exagerada de uma tribo nômade.

Nenhum egiptólogo acredita naquela perambulação rocambolesca, e nenhuma menção dela pode ser encontrada nos manuscritos e nos hieróglifos.

Durante um programa televisado no segundo canal, no dia 30 de julho de 1970, o senhor Jean Leclant, titular da cátedra de egiptologia da Sorbonne, o senhor Shafik Allam, Mestre de conferências da Universidade de Tübingen, o senhor Labib Habachi, diretor do Serviço de Antiguidades do Cairo e o senhor André Caquot, diretor dos estudos da Escola Prática de Estudos Superiores, especializado na Bíblia, concordaram que a Bíblia é mesmo uma novela.

O senhor Labib Habachi afirmou que, nos tempos de Moisés, no Egito somente havia *poucas centenas de antepassados* dos hebreus. Eram eles os restos nômades de diferentes nações.

Na opinião do professor A. Caquot, a criação artificial do povo hebreu não é anterior a três mil anos atrás.

Essas afirmações demonstram que o relato do Êxodo pelo deserto do Egito até a pseudo-entrada na Terra prometida é falso, possivelmente elaborado no tempo de Salomão.

A célebre passagem pelo Mar Vermelho fica assim no reino da ficção, ainda mais porque os clérigos egípcios da Casa dos Escribas, que estavam sempre atentos a anotar o menor acontecimento que fosse dentro de um império em que praticamente nunca acontecia coisa alguma⁽³⁾, não teriam perdido a oportunidade de anotar o roubo dos vasos do templo por parte dos hebreus, sua fuga pelo deserto, a saída do exército do Faraó e o fato que em seguida foi tragado pelas águas do mar.

Pois bem: todos os arquivos históricos e todas as tradições do Egito ignoram esses acontecimentos!

O professor Caquot, apesar de estar convencido de que nada do relatado aconteceu, é da opinião que talvez toda aquela história mentirosa seja simbólica, representando assim a vitória de Deus sobre as águas e a vitória de Israel sobre o Egito.

Israel e a Bíblia seriam, portanto, em sua mais profunda essência, simples manifestações artificiais, fabricadas e inventadas, como o são os escritos de outros povos e de outras religiões.

O próprio deus Yahwé (Jeová) foi tomado emprestado aos beduínos do deserto.

JEOVÁ NÃO ERA O DEUS DOS HEBREUS

M. Caquot afirma: "A parte inferior das colunas da sala hipóstila do templo núbio de Soleb⁽⁴⁾ é coberta de brasões que trazem os nomes dos povos da Ásia e da África, vencidos pelos egípcios.

Todo brasão é encimado pelo torso de um homem em baixo-relevo, cujas mãos são amarradas atrás das costas.

A escrita em muitos brasões começa pela fórmula *t3 s3-s-w* = "país dos Shabu (Beduínos) de..." e um deles leva a seguinte indicação:

t3 s3-s-w y-h-w3-w;

(3) Eles anotavam qualquer coisa: passagens de aves migratórias, expedições contra os salteadores, qualquer enchentezinha do Nilo, excesso ou escassez das safras etc..

(4) Construída por Amenophis III no começo do século XIV

w3-w possivelmente tinha o som wo, de maneira que esse brasão menciona os "Beduínos de Yahwo".

É extraordinariamente tentador encontrar assim o mesmo nome do deus da Bíblia, pois há muito tempo está se duvidando que a pronúncia original do tetragrama devia ser *Yahwo* e não *Yahwé*.

Nesse documento porém, y-w3-w não é um nome divino. Pelo significado dos outros brasões, poderíamos acreditar tratar-se possivelmente do nome de um lugar, do país daquele povo que os egípcios chamavam de Shabu (nômades que viviam ao leste do istmo de Suez).

De qualquer forma, egiptólogos competentes como S. Herrmann e J. Leclant não hesitam em admitir uma identidade entre o nome divino israelita e esse nome de um lugar situado ao leste do Egito.

É muito provável que o nome do deus de Israel teve sua origem num nome de localidade, quem sabe, o nome de uma montanha que poderia se encontrar na região da qual, segundo alguns textos bíblicos, veio YHWH (5).

YSR'L, DEUS DOS FENICIOS

Em Soleb não se encontra o nome de Israel. Encontra-se mais tarde, na estela do Faraó Merneptah (cerca de 1230) como sendo o nome de um povo da Síria.

Esse nome é cercado pelo mistério: é um nome de pessoa bastante conhecido nos idiomas semíticos, composto por um nome divino 'el (deus) precedido por um verbo no presente-futuro que começa pelo prefixo verbal que indica a terceira pessoa singular, masculina: y (i).

O problema consiste em saber o significado do verbo cujo esqueleto consonântico é s (ש י א ר)

G.A. Danell, em seus *Estudos a respeito do nome de Israel no A.T.* Upsala, 1946, escreveu uma tese a esse respeito.

Em seguida foi encontrado um *ysr'l* (Israel) nos textos de Ras Shamra, usado como nome de pessoa, e que se parece bastante com aquele em que estamos interessados, mas assim mesmo não conseguimos progredir...

(5) Deuteronomio, XXXIII, 2: "O Senhor veio do Sinai, ergeu-se acima de nós de Seir..."

Juízes, V, 4. "Senhor, quando saístes de Seir e passastes pelo país de Edom..."

Essas declarações são realmente de extrema importância porque o professor André Caquot é reconhecido no mundo inteiro como o mais eminente especialista nessa questão.

Gostaríamos de lembrar que *El* nas lendas de Ras Shamra, inscritas em tabuletas com letras cuneiformes, é o supremo e mais antigo deus dos Semitas ocidentais, e de maneira especial dos fenícios.

É o deus Bêli dos antepassados pré-celtas, o Bêl dos assírios-babilônios, o Baal fenício que na realidade não passa de uma máscara do deus desconhecido, ou pelo menos do Senhor, cujo verdadeiro nome só era conhecido pelos Iniciados.

Também é Elohim, do qual se apropriaram os hebreus dando-lhe uma identidade plural em que já aflora a Trindade.

Mas *El* é também o deus do Ys, nórdico, gaélico, o Senhor das flexas e da água, em suma alguém totalmente estranho para os hebreus, alguém tipicamente "pelasgo" (vindo dos mares do norte) como os ancestrais arianos que após o Dilúvio se deslocaram das planícies iranianas até a bacia do Mediterrâneo.

OS HOMENS PARECEM SABER MAIS DO QUE DEUS

Dessa forma, os mandamentos de Deus não são mais válidos: esculpir imagens na pedra, fazer imagens de tudo quanto existe no céu, na terra e na água não é só permitido, é muito recomendado, aliás, bastante apreciado.

Isso chegou a tal ponto que durante mais de mil anos a Igreja cristã monopolizou e controlou a produção dos arquitetos, dos entalhadores, dos escultores, dos iluminadores e dos pintores.

Os judeus ortodoxos, mais respeitadores da verdadeira lei, repudiaram durante muito tempo a profissão de arquiteto, escultor, retratista, pintor, e já em tempos mais próximos, de fotógrafo.

O Deus dos hebreus, o terrível e cruento Jeová — que também é o Deus dos cristãos — estava certo em proibir as artes que copiam a natureza?

Teria sido intenção dele encaminhar a humanidade, por intermédio dessa proibição, em direção ao abstrato, fazendo-a progredir de três mil anos em sua evolução?

Teria ele desejado guiar o curso da história por caminhos diametralmente opostos aos que os homens seguiram?

Qual teria sido nossa civilização nesse caso? A quais formas de pensamento e de vida social teríamos chegado?

Não podemos sabê-lo, e é difícil imaginar o que poderia ter acontecido (6).

Os homens decidiram resolutamente modificar as ordens de Deus; foi um ato ousado e arriscado, mas também fartamente discutido e examinado, e nós acreditamos que os papas, os bispos, os monges e os abades heréticos que escolheram esse caminho e decidiram percorrê-lo, deram prova de civismo e sem dúvida também de sabedoria.

(6) A proibição de entalhar pedras, de esculpir, pintar, desenhar, copiar a natureza, ou seja, essa obrigação de *se dedicar à especulação puramente intelectual* pode ser comparada à proibição feita aos maias e incas de reproduzir e utilizar a roda.

Esses povos respeitaram o tabu e acabaram tendo formas de civilizações religiosas que foram vitimadas por uma espécie de leucemia. Foram destruídas ou então definharam por causa da apatia e da impotência. Os tabus da imagem entre os judeus-cristãos e da roda entre os maias e os incas serviam, de fato, como defesas contra a bomba atômica e a autodestruição que parecem ter sido o fim dramático e inevitável de todas as civilizações parecidas com a nossa. Essa medida comprova a existência de Ancestrais Superiores que já tinham utilizado a roda e a imagem e que finalmente mereceram o castigo e o Dilúvio.

CAPÍTULO XIX

O CASO DE JUDAS

Como não dispomos de nenhum comprovante histórico, é fácil imaginar Jesus e seus apóstolos com feições de galileus (gauleses) loiros, de Semitas barbudos e morenos, e também (por que não?) como Negros ou Amarelos.

Os historiadores organizaram com isso um verdadeiro festival, e o homem de Nazaré, nas várias versões, foi um profeta, um *hippie*, um chefe de um bando armado, um conspirador ou um príncipe de sangue real reivindicando seu direito ao trono.

JESUS, REI POLITICO

Santo Agostinho e Mateus (que a nosso ver é o evangelista menos suspeito) têm a certeza de que Jesus era de origens reais além de divinas e que ele deveria governar efetiva e politicamente na Palestina (1).

(1) Essa tese se baseia unicamente num ato de fé e em relatos que nada têm de histórico, pois datam de uma época de vários séculos posterior à suposta existência de Jesus. Podemos, porém, levá-la em consideração.

Entretanto, parece equívoco que nenhum historiador do século I tenha mencionado o fato, se realmente Jesus teve ambições políticas.

“Nosso Senhor Jesus Cristo, ele escreveu, é o único verdadeiro rei como também o único verdadeiro sacerdote, para nos governar e purificar.

Mateus se destaca sobretudo por considerar o poder real de Jesus; mostra que descende de Davi, pelos três herdeiros daquele príncipe, e descreve os Magos vindos do Oriente para saudar nele o recém-nascido rei de Israel.

Ainda segundo Mateus, Herodes, tetrarca da Galiléia, estava querendo destruir com Jesus um eventual novo rei que ele temia”.

Santo Agostinho continua ainda:

“É próprio dos reis não poder ficar sem companheiro.

Foi por isso que ele que se propôs à tarefa de nos apresentar a real personalidade do Cristo teve como companheiro...”

O historiador Flavius Josephus em sua *História da guerra dos judeus contra os romanos e da destruição de Jerusalém*, e em suas *Antiguidades Judaicas* conta a história da nação judaica desde a criação do mundo até a rebelião contra Nero (ou seja, após a morte de Jesus) mas não menciona essa sucessão real pretendida por Jesus.

Aliás, nem fala no próprio Jesus e, apesar de ter vivido entre o ano 37 e o ano 97, não faz alusão nenhuma à existência dele, nem aos milagres, nem às perturbações que provocou e que finalmente o levaram à crucificação.

Esse deve ser, sem dúvida alguma, a razão pela destruição dos livros de Flavius, que ficaram desaparecidos durante toda a Idade Média (?).

De fato nas *Antiguidades Judaicas* existe uma menção de Jesus numa certa passagem... mas os próprios teólogos e os historiadores concordam em considerá-la uma interpolação, uma “piedosa mentira”.

Nosso bom Santo Agostinho, que não se acanha por uma pequena contradição, termina dessa forma sua tese:

“Pelo que já foi dito, resulta claramente que os três evangelistas Mateus, Marcos e Lucas consideraram sobretudo a humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual ele é rei e sacerdote.

(2) Em 1969 e 1970 o livro *O Enigma de Jesus Cristo*, de Daniel Massé, ed. du Siècle, P. 1926, não pôde ser achado na Biblioteca Nacional de Paris. Foi impossível consultar esse livro que nos registros resultava eternamente na seção de encadernação, ou então emprestado.

A tese da missão política e real de Jesus foi sustentada não só por Mateus e Santo Agostinho, mas também por Robert Ambelain em *Jesus, ou o Mortal Segredo dos Templários*, ed. Robert Laffont

Marcos, que tem muitas afinidades com Mateus, parece ser seu companheiro; isso acontece porque, como já explicamos no primeiro livro, um personagem real não anda sem ser acompanhado. . . ”

É claro que o epíteto de “real” é atribuído a Mateus (que era um cobrador de impostos chamado Levi) a quem Santo Agostinho transfere a honra que teria sido de Jesus.

O EVANGELHO DOS HEBREUS

O Antigo Testamento foi modificado tantas vezes quantas o foram os Evangelhos. Apesar disso apresenta, às vezes, passagens poéticas, fala na formosura da natureza, das árvores, das flores, da mulher, do amor e consegue até chegar ao erotismo, como no Cântico dos Cânticos.

“Nos Evangelhos que sobraram, escreve Kronos⁽³⁾, o texto se apresenta absolutamente seco, sem deixar transparecer em nada o esplendor do lago de Tiberíade contornado por caneleiras, por ninfêias e lótus, e nem a beleza quente dos bosques de oliveiras centenárias em que as orações do Cristo não perturbavam o canto das cigarras entre os mil perfumes das plantas aromáticas.

Que diferença entre os Evangelhos que sobraram e o Evangelho dos hebreus, que possivelmente é o original do evangelho de São Mateus!

Transcrevemos três fragmentos, traduzidos por São Jerônimo:

Capítulo XIII, 2.

Após pronunciar essas palavras o anjo mandou parar o animal, pois já tinha chegado o momento de dar à luz e disse a Maria para apear e entrar numa gruta subterrânea onde não havia nenhuma luz; estava sempre cheia de sombra porque a luz do dia não chegava até ela. Mas com o ingresso de Maria, a gruta se iluminou e começou a resplandecer como se estivesse entrando o próprio sol e a luz divina iluminou a gruta como na sexta hora do dia; e por todo o tempo em que Maria ficou na

(3) Transcrevemos a tradução do Evangelho dos hebreus feita pelo nosso colega Kronos, autor de três brochuras intituladas: *Ensaio de meditações imateriais*: I. *Hipótese entre dois infinitos*; II. *Ensaio sobre as religiões eternas*; III. *Os extraterrestres*. Ed. P. Fleisch, 1967.

caverna ela ficou iluminada por aquela luz divina, tanto de dia como à noite, sem interrupção.

JESUS E OS LEÕEZINHOS

Capítulo XXXV.

...E Jesus estava com oito anos de idade e saiu de Jericó e foi caminhando em direção ao Jordão. E havia uma caverna perto do rio Jordão, naquele lado do caminho, onde uma leoa estava alimentado seus filhotes: ninguém podia tomar aquele caminho em segurança. Então Jesus, vindo de Jericó e sabendo que uma leoa tinha dado cria naquela caverna, entrou nela à vista de todos. Mas no instante em que os leões se aperceberam de Jesus, correram ao seu encontro e o adoraram. E Jesus ficou sentado na caverna e os leõezinhos corriam para cá e para lá em volta de seus pés, acariciando-o e brincando com ele. Os leões velhos, entretanto, se mantinham longe e de cabeça baixa; e o adoraram e mexeram vagarosamente suas caudas em sua frente. Então o povo que estava se mantendo afastado, não vendo Jesus voltar, disse: "Se ele não tivesse cometido graves pecados, ele ou então os pais dele, ele não teria se oferecido como pasto aos leões". E enquanto o povo fazia esses pensamentos e se deixava dominar pela tristeza, eis que de repente Jesus saiu da caverna, e os leões o precediam, e os leõezinhos brincavam em volta de seus pés. Os pais de Jesus também ficaram ao longe por causa dos leões e não ousavam se aproximar deles. Então Jesus disse ao povo: "Como valem mais do que vocês estes animais selvagens, eles reconhecem seu Mestre e o glorificam, enquanto vocês, homens, criados por Deus à sua própria imagem, continuam ignorando-o. Os animais me reconhecem e se tornam mansos; os homens me vêem e não me reconhecem".

Capítulo XXXVI.

Logo após, Jesus atravessou o Jordão com os leões à vista de todos, e a *água do Jordão separou-se*

para a direita e a esquerda. Então disse aos leões de maneira que pudesse ser ouvido por todos: "Fiquem em paz e não façam mal a ninguém; mas que ninguém prejudique vocês até que voltem ao lugar de onde saíram". E eles o saudaram, não com a voz, mas com a atitude de seus corpos e voltaram para a caverna.

E Jesus voltou para perto de sua mãe.

JESUS E O MESTRE DA ESCOLA

Capítulo XXXIX.

1. Pela primeira vez os judeus pediram a Maria e a José para levar com muito carinho a criança até um outro mestre, para que recebesse instrução. E Maria e José, temerosos do povo, da insolência dos príncipes e das ameaças dos sacerdotes, levaram-no mais uma vez para a escola, apesar de sabermos que ele nada poderia aprender daquele homem, pois tinha recebido de Deus uma ciência perfeita.

2. Quando Jesus então entrou na escola, guiado pelo Espírito de Deus, tomou o livro das mãos do Mestre que estava ensinando a Lei e em presença de todo o povo que o via e o ouvia começou a ler não o que estava escrito no livro deles, mas falou com o espírito do Deus vivo, como se uma torrente de água surgisse de uma fonte, e como se a fonte continuasse ficando sempre repleta. E estava ensinando ao povo as grandezas do Deus vivo com tamanha força que o próprio mestre caiu ao chão e o adorou. Mas o coração de todos os presentes que o tinham ouvido ficou estupefato. E quando José soube do fato, veio correndo para perto de Jesus, temeroso de que o mestre morresse. Vendo-o, o mestre disse: "Tu não me deste um discípulo, mas um mestre; e que sabe discutir suas palavras".

Em nosso Evangelho, segundo São Lucas, o mesmo episódio é relatado assim (cap. II, 46, 47):

"Foi encontrado no Templo, sentado entre os Doutores, ouvindo-os e interrogando-os, e todos que o ouviam ficavam estupefatos pela sua inteligência e suas respostas".

Como esses Evangelhos oficiais são áridos! Quanta emoção singela encontramos entretanto nos Evangelhos primitivos! Provocam em nós a impressão de flores recém-colhidas, com todas as suas cores e seus perfumes, enquanto as sobras que as Igrejas nos deixaram não passam de um montinho de plantas mortas e secas, como as que tiramos de um herbário para uma demonstração”.

UMA CORTINA DE FUMAÇA EM VOLTA DOS APÓSTOLOS

Mateus, apesar de suas origens modestas, devia saber ler e escrever, por ser um cobrador de impostos.

Os outros apóstolos eram pessoas de condição humilde, em sua maioria pescadores, iliteratos e de um nível intelectual muito raso.

Os teólogos acreditam que todas as escrituras deles foram ditadas e não redigidas pessoalmente pelos autores.

Assim pensava também Bossuet quando dizia:

“Enquanto Jesus Cristo estava com seus apóstolos, a tosca inteligência deles não compreendia os mistérios”.

“Os apóstolos transformaram um mundo de crimes, de paixões, de superstições num mundo de fé e de santidade”, disse o teólogo Pierre-Claude Frey de Neuville.

Isso não corresponde completamente à verdade, mas também não é de todo falso, porque desde a Operação Jesus-Apóstolos-Evangelhos já se passaram dois mil anos de civilização.

Que os personagens e os acontecimentos sejam autênticos ou não, é uma fato que a história do Ocidente se passou como se tudo isso fosse verdade.

Tanto assim, que em nossos dias, mesmo numa fase em que a Igreja cristã se desgasta e desmorona por causa do peso de seus próprios erros e de suas próprias contra-verdades, podemos concluir que o fato de suas bases terem sido verídicas ou não, é desprovido de importância.

Falta qualquer dado histórico a respeito de Mateus, como aliás a respeito dos outros Apóstolos cuja existência é baseada unicamente nos relatos dos Evangelhos e nas tradições cristãs: as Atas dos Apóstolos e as Epístolas.

O mesmo vale por Paulo que, ao que parece, viveu aproximadamente entre o ano 11 e o ano 66, e foi bispo de Efeso,

mas sem deixar rasto nenhum que possa comprovar a realidade histórica de sua existência⁽⁴⁾.

Os Evangelhos, aliás, não estão de acordo a respeito dos nomes e do número dos apóstolos e nem sobre seus feitos.

A pseudo-traição de Judas pode servir como exemplo.

O CASO DE JUDAS

É já muito difícil formar uma opinião a respeito do verdadeiro Jesus; o que poderíamos portanto dizer desse personagem de melodrama que foi o maior traidor da história, o infame Judas?

Pobre Judas, que foi tão injuriado, vilipendiado, desprezado... apesar de existirem todas as possibilidades dele ser inocente e alvo como a neve dentro dessa aventura evangélica, ou então de ter sido um herói, contrariando os relatos de todas as falsas testemunhas.

Ventilou-se até que o mito da traição fora inventado para permitir a Paulo entrar na roda dos doze companheiros de Jesus.

Por isso mesmo teria sido necessário excluir um deles. Seria esse o motivo de uma intriga que, porém, não deu resultado no que diz respeito a Paulo, pois a facção judeu-cristã elegeu Matias em vez dele.

Essa afirmação parece comprovada pelo fato de Paulo, em seus escritos, e João, em seu Apocalipse, *ignorarem da maneira mais absoluta a existência de um traidor entre os Apóstolos*... como se nada tivesse acontecido. O que não deixa de ser bastante engraçado!

Se a traição realmente foi consumada, estaríamos mais propensos a acreditar que os motivos teriam que ser outros, de natureza política e muito mais respeitáveis!

(4) Somente a história eclesiástica fala em Saul, que tornou-se Paulo na religião cristã. Os milagres relatados nos Atos dos Apóstolos não são acreditáveis e a história verdadeira frequentemente desmente os acontecimentos da vida de São Paulo e, de especial modo, as discussões de Paulo com os magistrados de Jerusalém, o motim provocado contra ele, a conversão de Sêneca etc. Nenhuma crônica histórica traz a menor referência a tudo isso. O autor dos Atos dos Apóstolos é desconhecido e as Epístolas (de Paulo, Pedro, João, Lucas, Judas etc.), não são consideradas autênticas pelos mais eminentes teólogos. As outras, que parece foram ditadas e não escritas, também não oferecem maiores garantias. Apesar disso, Renan acreditava nelas. As Epístolas de Paulo aos hebreus e a Timóteo (a segunda) são com certeza apócrifas.

JUDAS, O INICIADO

O papel de Judas Iscariota, assim chamado porque dizem que era originário de Iscariot, uma aldeia da Palestina próxima da Samaria esseniana, é extremamente perturbador.

A tribo de Judá foi a primeira e a mais famosa das 12 tribos de Israel, e Judas possivelmente foi o mais instruído e o mais inteligente dos discípulos, porque estava encarregado da administração da comunidade.

São João afirma que se tratava de um ladrão, fato esse que não depõe a favor do discernimento de Jesus, e os outros onze discípulos teriam sido unânimes em castigar aquele *que foi o único a não renegar seu mestre*⁽⁵⁾.

Vamos resumir tudo o que se sabe a respeito de Judas Iscariota, através dos quatro Evangelhos canônicos.

Conta São João que Marta, Maria e Lázaro, o resuscitado, estavam em Betânia, oferecendo um banquete em honra de Jesus quando Maria, irmã de Marta, despejou sobre os pés de Jesus (Mateus afirma que foi sobre a cabeça) "uma libra de óleo perfumado, nardo legítimo, que custava muito caro; ela o despejou sobre os pés de Jesus e em seguida secou-os com seus próprios cabelos, e a casa inteira ficou recendendo pelo perfume". (Cap. XII, vers. 3).

[4] Então um dos discípulos, a saber, Judas Iscariota que devia traí-lo, disse:

[5] Por que esse perfume não foi vendido por 300 moedas que poderíamos ter distribuído aos pobres?⁽⁶⁾

(Mateus escreve: Quando seus discípulos viram isso, se zangaram e perguntaram: Por que esse desperdício? E Marcos afirma: Alguns deles ficaram indignados. Lucas não menciona o banquete).

[6] Disse isso não porque se importasse com os pobres, mas porque era ladrão e como guardava a bolsa, carregava o dinheiro que nela era colocado.

(Os outros evangelistas não dizem nada a esse respeito. Mas todas as observações de João a respeito de Judas são repletas de veneno, de ressentimento e de inverdades *como se ele estivesse com ciúmes*).

(5) Judas morreu por Jesus cumprindo assim a profecia de Oseias a respeito da primazia da tribo de Judá sobre todas as outras: "Que pelo menos Judá não caia no pecado". (Oseias, IV, 15).

(6) Trezentas moedas eram mais ou menos o equivalente de 60 francos em 1970.

[7] Mas Jesus disse: Deixem que ela o faça, porque ela guardou esse perfume para o dia de meu enterro.

[8] Pois sempre haverá pobres em vosso meio, mas eu não ficarei sempre entre vocês”.

Eis então Jesus que, pelo seu insensato orgulho, acha normal que alguém lave seus pés com um perfume muito caro, e deixa que uma mulher os enxugue com seus cabelos. . . (7)

A todo instante Jesus se proclama Filho de Deus, pretende que ninguém pode chegar ao Pai a não ser por intermédio dele, previne que terá imitadores e declara (Lucas, XXI — 8): Eu é que sou o Cristo.

Jesus difama Moisés e Davi, anuncia que se tornará imortal na memória do mundo; em poucas palavras, sua megalomania o leva a acreditar ser tão grande quanto o próprio Deus:

Jesus disse: Agora o Filho do homem está glorificado e Deus está glorificado nele (João, XIII — 31).

Mas continua tratando seus discípulos de débeis mentais e até o fim repete que não tem confiança neles (Lucas, XXII, 32), que eles o renegarão, especialmente aquele palerma do Pedro, que por sua vez não agüenta o João.

Foi um efeito daquela situação desagradável?

De qualquer forma, sabendo que será preso e justicado, o próprio Jesus parece perder a fé em si mesmo, em sua coragem, em sua missão e em Deus.

Chega então no jardim da torrente de Cedron (o monte das Oliveiras) e pede aos seus três melhores “discípulos” que o estão acompanhando, para ficar vigiando enquanto ele pretende rezar durante uma hora.

O muito cauteloso João não conta o incidente, e precisamos lembrar que o nome dele não consta do relato de Marcos, no ponto em que Jesus os censura!

Que Apóstolos esquisitos! Que Messias estranho este que só sabia encontrar gente daquela espécie!

Seus três melhores discípulos, Pedro, Jaime e João fazem algo que nem os piores simplórios fariam: aproveitam do fato do Senhor estar se preparando ao suplício, para tirar uma soneca!

Só este detalhe, contado por Mateus, Marcos e Lucas (mas silenciado por João!) mostra o pouco caso que os pseudo-discípulos faziam do Mestre, aliás poderíamos dizer até: quanto

(7) Da mesma forma achou normal que uma criatura de vida ilicenciosa (Lucas, IV, 37-38-44-45-46-47) molhasse seus pés de lágrimas enquanto almoçava na casa de um Fariseu, que a coltada os enxugasse com seus cabelos, os beljasse e finalmente molhasse com perfume.

o desprezavam... se realmente os fatos aconteceram como estão sendo contados!

JESUS SE RECUSAVA SER O SALVADOR

Um personagem se sobressai em meio àquela esquisita turminha de doze apóstolos.

Ele pertence à mais nobre das tribos hebraicas e sem dúvida é o único que sabe realmente ler, escrever e fazer as contas: é Judas.

Ele é o único que poderia ter escrito o verdadeiro Evangelho. Ele o escreveu, mas o livro *desapareceu misteriosamente*.

Judas não renegará Jesus e *será o único a morrer ao mesmo tempo*.

Se podemos acreditar no que conta João, ele também é o único a ficar indignado com o pseudo-Mestre que deixa que Maria lhe lave os pés com algo que em nossos dias corresponderia a um perfume de Coty, de Molyneux ou de Chanel, ou seja, um produto cujo preço vale muitas vezes o salário diário de um trabalhador.

Ele percebe que Pedro, João, Jaime e os outros praticamente suam sangue no esforço — inútil — de compreender Jesus; vê que eles se empanturram de alimentos terrestres, que são para eles os mais digeríveis, para depois roncar como sineiros sob os olhares cheios de desprezo do Mestre.

Ele sabe, porque já foi vaticinado, que aqueles odres cheios de lavagem acabarão por traí-lo; sente, ainda mais, que Jesus está fraquejando: talvez ele não tivesse a fibra e o gabarito de um Cristo ou, quem sabe, estaria ele reconhecendo seu evidente fracasso com seus discípulos?

Em breve, tudo pode dar para trás, e então não haverá Cristo, nem religião cristã e permanecerá o caos.

Então Judas, desanimado, indignado, mas consciente, decide forçar a decisão do indeciso em se tornar o Salvador, mas assim mesmo ele se recusa a renegar àquele que ele bem conhece — que ele conhece bem, bem demais!

De fato, se considerarmos a situação de maneira honesta, e se ao mesmo tempo nos lembrarmos do comportamento indecente dos discípulos e das reticências evidentes dos evangelistas a respeito da decisão do Mestre em se sacrificar, *é muitíssimo provável que Jesus, antes de ir para o monte das Oliveiras, já estivesse decidido a recusar o sacrifício*.

Compreende-se então, nessa hipótese, porque Pedro, Jaime e João se abandonam ao sono: não há mais nada a temer por ele, eles sabem que ele mudou de idéia, que teve medo!

Ele reconheceu — talvez só em seu íntimo, mas é possível que o tenha feito até em público — que ele não passa de um pobre iluminado, sem instrução maior que a de seus discípulos, e não mais filho de Deus do que eles próprios!

Tudo estava acabado e aquela pequena aventura ia afundar no esquecimento e no tédio.

Mas Jesus era uma espécie de Iniciado, e o mundo da antiguidade estava precisando dele; Judas então forçou a mão do destino, foi procurar os soldados e entregou o indeciso ao suplício e à crucificação.

Foi por dinheiro?

Não, e isso está fora de dúvida! Mesmo os cristãos mais ferrenhos reconhecem que 30 moedas de prata (a décima parte do preço de um frasco de perfume) era uma quantia tão irrisória que não podia tentar ninguém.

Como poderíamos, aliás, duvidar do despreendimento dele, já que sabemos — pela tradição — que ele jogou o dinheiro maldito no templo, testemunhou que Jesus era inocente e finalmente, tomado pelo desespero, se enforcou?

JUDAS, O RUIVO

A análise do ato que se presume ser uma traição prova que os acontecimentos foram mal relatados pelos evangelistas.

Jesus nunca fizera milagre nenhum, passara completamente despercebido na história da Judéia e era completamente desconhecido para Pôncio Pilatos que, de fato, não tinha motivo nenhum para prendê-lo.

Tudo isso *está formalmente admitido nos Evangelhos*, porque para indicar quem deve ser preso, Judas o identifica beijando-o!

Ninguém poderia acreditar que Jesus não seria reconhecido em Jerusalém, se de fato ele fosse um perturbador da paz.

Seria a mesma coisa que dizer que para prender Cohn-Bendit, Geismar ou qualquer outro desordeiro, seria necessário que um contestador fosse lhe dar um beijo na face para que a polícia o identificasse!

Parece portanto indiscutível que Jesus não era conhecido pela polícia, mas que suas idéias revolucionárias tinham chegado ao conhecimento dos sacerdotes judeus.

Pôncio Pilatos não tem por que censurá-lo; são os “príncipes dos sacerdotes” que o perseguem e o acusam de ser um blasfemo, e, do ponto de vista deles, as coisas estavam assim mesmo.

O procurador romano está tão convencido da insignificância do personagem que não lhe presta nenhuma atenção especial e “lava suas mãos” para indicar que não pretende assumir nenhuma responsabilidade sobre o crime que vai ser perpetrado.

Em suma, trata-se de um acerto de contas entre sectários religiosos que teria ficado ignorado pela história se um século mais tarde os Iniciados não tivessem criado o caso.

Naquela ocasião porém, o Iniciado n.º 1 era Judas.

Sem Judas, Jesus não teria existido.

Judas era de estirpe pura e tinha cabelos ruivos, afirma a tradição, e desde o século II os Cainitas e outros Gnósticos viram nele o instrumento da Providência, necessário à redenção do homem.

Foi um verdadeiro herói da história que forçou Jesus a se tornar o Salvador e que aceitou o papel de traidor, um papel que é desmentido pelas suas palavras, pelo seu despreendimento, pelos seus escrúpulos e pelo dramático fim após cumprir sua missão.

Segundo uma tese que encontra uma certa aceitação foi assim que correu o processo de Jesus e foi esse o verdadeiro rosto de Judas.

Entretanto, uma revelação encontrada nos *Manuscritos do Mar Morto* traz mais um esclarecimento convincente a respeito do pseudo-traidor do Evangelho: os essênianos eram apelidados de *Judas* pelos seus inimigos figadais, os hebreus, muito tempo antes do nascimento de Jesus.

Por isso podemos compreender a confusão que se manifestou no espírito dos cristãos dois séculos após os fatos! Nesse sentido porém, Judas não teria existido e sua aventura seria pura obra de ficção.

CAPÍTULO XX

HIPÓTESES SACRÍLEGAS

A existência histórica de Jesus torna-se um problema muito delicado para os exegetas, para os historiadores e para as pessoas cultas que sabem até que ponto o Antigo e o Novo Testamento foram falsificados.

Se a santa Bíblia e os santos Evangelhos são documentos duvidosos — e Deus sabe que eles são mesmo altamente suspeitos! — o que poderia se pensar desse personagem que para uns foi um simples profeta e para outros um homem-Deus, e cujo nome seria Jesus de Nazaré?

O PENSAMENTO RACIONALISTA

Nenhum documento histórico confirma sua existência.

Nenhum escritor daquela época, como o historiador Flavius Josephus, Plínio (1), Sêneca, Filão de Alexandria, Justo da Tiberíade e outros mais, faz menção dele, nem mesmo Sue-

(1) Plínio o Velho (23-79), mencionou todos os acontecimentos políticos e sociais insólitos, mas não falou em Jesus. Mencionou os essênios, que foram os autores dos Manuscritos do Mar Morto.

tônio (69-125) que em sua *Vida dos Doze Césares* (Cláudio, XXV) escreveu que “os judeus provocavam contínuas desordens em Roma, instigados pelo agitador Crestus”, mas não podemos pensar que o epíteto (ou nome) Crestus significa o Cristo: nesse caso Jesus ainda estaria vivo no ano 41 de nossa era, ou seja, onze anos após ter sido crucificado!

“Jesus não passa de um mito, análogo ao de Osíris, Adônis, Attis, Mitra, Hermes ou Apolo (2), explicava o racionalista Prosper Alfarié na Sorbonne no dia 17 de dezembro 1946.

Afirma o escritor Guy Fau (3) que o papa Leão X (4) (1513-1521) teria feito a seguinte surpreendente e inacreditável afirmação ao cardeal Bembo:

“Faz séculos que sabemos até que ponto a fábula de Jesus Cristo tem sido proveitosa para nós e todos os nossos”.

“Ainda mais concisa, explica G. Fau, é a declaração de don Diego Hurtado de Mendoza, escritor e embaixador da Espanha no Vaticano, a respeito do papa Paulo II (1534-1549):

“Sua falta de religião levava-o até a afirmar que o Cristo outra coisa não era do que o sol adorado pela seita de Mitra, ou então Júpiter Ammon representado no paganismo em forma de ovelha. Ele explicava as alegorias de suas encarnação e de sua ressurreição através do paralelo de Cristo e de Mitra (que lera em São Justino). Dizia que a adoração dos Magos outra coisa não era senão a cerimônia pela qual os sacerdotes de Zoroastro levavam suas oferendas ao seu deus, o ouro, o incenso, a mirra, os três atributos do astro da luz.

Objetava que a constelação da Virgem, ou melhor a de Isis, que corresponde àquele solstício e que presenciou ao nascimento de Mitra, fora igualmente escolhida para o nascimento do Cristo e na opinião do papa isso era suficiente para demonstrar que Mitra e Jesus eram o mesmo deus.

Atrevia-se também a dizer que não existia documento nenhum de irrepreensível autenticidade que provasse a existên-

(2) Osíris: deus egípcio da Natureza, em seguida dos mortos, análogo ao Dionysos dos gregos. Adônis: o Osíris dos fenícios e o Adonai dos hebreus; Attis: outro deus grego análogo a Adônis; Mitra: deus dos persas, associado a Ahura-Mazdá; Hermes: na Grécia, deus dos rebanhos, e no Egito deus da Ciência, das Artes e das Letras, identificado com Thot; Apolo: deus hiperbóreo dos gregos.

(3) Leão X foi um papa profundamente culto, protetor de Rafael, de Miguel Angelo, do Correggio, do Ariosto, que porém não desdenhava os amores, chegando até a excesso de licenciosidade. Era brincalhão, mas brilhante em política e na filosofia, e é bastante possível ele ter feito aquela observação a Bembo, mesmo como uma brincadeira.

(4) *A fábula de Jesus Cristo*, de Guy Fau, ed. Union Rationaliste.

cia de Cristo como homem e que na opinião dele (do papa) ele jamais existira”.

Não temos certeza nenhuma de que Paulo III tenha realmente feito tais observações heréticas, porém a versão favorável a Jesus é conhecida no mundo inteiro, propagada e ensinada faz dois séculos — frequentemente de maneira abusiva — e achamos interessante conhecer o ponto de vista dos racionalistas, dos ateus e dos historiadores de opinião contrária.

DESCONHECIDO EM SUA ÉPOCA

Plínio, o Jovem (62-120), escreveu que os cristãos da Bitínia celebravam o culto ao deus Cristos no ano 112, mas não fala num homem terrestre chamado Jesus.

Juvenal (42-125), Tácito (55-120), Plutarco (45-125), Dion Cassius (155), Pausânias (cerca de 170) nada sabiam a respeito de Jesus.

Celso, filósofo platoniano, inimigo do cristianismo, menciona Jesus no século II, mas afirma que era um feiticeiro e o chefe de assaltantes.

O Talmud dos hebreus, numa data indeterminada, porém posterior a Jesus, afirma que “era filho de uma prostituta chamada Maria e de um soldado romano do exército de ocupação”.

É bastante evidente que essa afirmação é totalmente desprovida de fundamento e somente reflete a animosidade dos hebreus contra o chefe de um cisma em sua religião.

Os *Manuscritos do Mar Morto* porém, cuja parte mais recente data de 69 após Jesus Cristo, não fazem referência nenhuma a alguém chamado Jesus e nem aos seus pseudo-apóstolos e menos ainda às perturbações por eles provocadas na Judéia.

Até o muito católico escritor Daniel-Rops confessa que a autenticidade de Jesus falta de comprovantes.

“Se acreditarmos somente nos documentos romanos, ele escreveu, não poderemos demonstrar a rigor o fato da existência de Cristo (5)”.

Compreendemos a suavidade do escritor cristão. De qualquer forma, para observar um rigor elementar, bastava dizer que a operação Jesus era pura e simplesmente uma questão de fé!

(5) *Jesus em seu tempo*, de Daniel Rops, pg. 8.

PIAS INVENCIONICES E FALSOS TESTEMUNHOS

Poderíamos ter grifado essa longa lista de piedosas interpolações e de documentos falsos, fabricados para ser enxertados à força na verdadeira história para dar uma aparência de autenticidade a um episódio que justamente não o era!

— Foi fabricada uma correspondência entre o filósofo Sêneca, que realmente existiu, e o pseudo-apóstolo Paulo.

— Um monge do século XV falsificou a obra do filósofo (e cônsul) Cornélio Tácito, interpolando um manuscrito provavelmente apócrifo do erudito e humanista italiano J. F. Le Pogge.

— As “Atas de Pôncio Pilatos” podem dar uma boa idéia da imperícia de certos falsários: os relatórios de Pilatos foram endereçados ao Imperador Cláudio que reinou de 41 a 54.

Pôncio Pilatos, porém, se aposentou no ano 36!

— A “Carta de Lentulus”, do assim chamado “governador” de Jerusalém, ao Senado e ao Povo de Roma poderia provar a existência de Jesus... mas o cargo de “governador de Jerusalém” nunca existiu, como não existiu o tal de Lentulus...

A história daquela época menciona somente C.C. Lentulus Getúlicus, cônsul durante o reino de Tibério e seu filho Cnéius Lentulus, cônsul e conspirador, e nenhum desses dois teve algum encargo em Jerusalém.

Até os teólogos cristão denunciaram estes documentos como fraudes. O mesmo vale pela interpolação nas *Antiguidades Judaicas* de Flavius Josephus, um trecho da qual está reproduzido mais abaixo.

UMA FRAUDE EM FLAVIUS JOSEPHUS

“Naqueles tempos apareceu Jesus, um homem sábio, se é que podemos chamá-lo homem, porque fazia coisas maravilhosas: doutrinava os homens que recebiam a Verdade com alegria, arrastando ao seu séquito muitos judeus e outros, vindos do helenismo.

Ele era o Cristo.

Quando Pilatos, por causa de uma denúncia apresentada pelos notáveis de nossa nação, condenou-o a ser crucificado, os que o amavam a ele se mantiveram fiéis.

Ele apareceu no terceiro dia, vivo mais uma vez, como tinha sido anunciado pelos profetas divinos que também vaticinaram mil outras maravilhas a seu respeito.

A raça dos cristãos que dele recebeu o nome ainda existe em nossos dias.”

Essa falsificação muito mal ajeitada nunca enganou ninguém, ainda mais que esse trecho não existia nos primeiros volumes das *Antiguidades Judaicas*: sem dúvida nenhuma foi obra de Eusébio, bispo de Cesaréia, ao qual somos muitíssimo gratos por ter salvo do esquecimento a preciosa “História fenícia” de Sanchoniathon.

Essa gratidão porém, não chega ao ponto de esquecermos que o bom Eusébio, em sua *Demonstração Evangélica* escreveu um capítulo cujo título já é um programa: *Até que ponto podemos usar a mentira como remédio, frente àqueles que podem ser convertidos pelo uso dessas mentiras!*

Resumindo, todos os teólogos cristãos reconhecem que o trecho de Flavius Josephus é uma fraude, mas alguns observam que ainda por cima a fraude perpetrada é um contra-senso, sem dúvida devido à piedade, porque Flavius Josephus era um bom judeu e por consequência teria falado horrores de Jesus!

Este é, em poucas palavras, o ponto de vista dos racionalistas e dos historiadores.

Poderíamos até chegar à conclusão de que Jesus não existiu, mas isso seria muito categórico, considerando-se que a história freqüentemente não toma conhecimento e, às vezes de propósito, de acontecimentos da maior importância.

De qualquer forma, autêntico ou não, *Jesus existe agora, pois o FENÔMENO Jesus é um fato estabelecido que se inseriu na história.*

UM HIPPIE CHAMADO JESUS

Os ensinamentos do fenômeno *hippie* dos anos 1968-1971 podem esclarecer de certa forma os mistérios e as contradições que encontramos no Evangelho.

O verdadeiro Jesus era, sem dúvida, um dos inúmeros místicos que proliferaram no Oriente Médio no começo de nossa era.

Podemos imaginá-lo como um contestador, um *hippie* moderno: cabelos compridos, barbas compridas, roupas compridas, pés descalços ou metidos em sandálias, fazendo discursar

so às vezes inflamados e às vezes pingando xarope pacifista e flores.

É claro que não usava na frente de sua túnica um grande botão com um *slogan* incisivo, tipo: "Eu amo você" ou então "Odeio você", mas ele os substituiu por uma senha muito análoga: "Amai-vos uns aos outros".

Com certeza vivia com um grupo (seus Apóstolos) como Cohn-Bendit e Geismar; talvez compusesse música ou improvisasse danças.

APÓSTOLOS EXTRAVAGANTES

Ficamos realmente sobressaltados ao analisar o esquisito comportamento dos discípulos favoritos quando Jesus vai ao monte das Oliveiras para se preparar ao suplício.

Vamos ler o que diz a respeito São Mateus, cap. XXVI:

- [36] Jesus então chegou com eles num lugar chamado Gethsemani; e disse aos seus discípulos: Sentai-vos aqui enquanto eu me afasto para orar.
- [37] E levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu (Jaime e João) começou a se acabrunhar e a ficar muito aflito.
- [38] Então disse a eles: Minha alma está triste até a morte; ficai aqui e velai comigo.
- [39] E indo um pouco mais longe, prosternou-se com o rosto no chão, rezando, e disse: Meu Pai, se isso for possível, afastai de mim esse cálice; de qualquer forma, não aconteça a minha vontade, mas a vossa.
- [40] Voltou então para os discípulos; encontrando-os adormecidos falou a Pedro: Como! Não conseguistes velar nem uma hora comigo?

Jesus volta a se afastar para rezar e mais uma vez volta até onde se encontram os discípulos:

- [43] Voltou para onde estavam e os encontrou adormecidos. . . os olhos deles estavam pesados pelo sono. . .

Marcos diz no capítulo XIV:

- [37] Chegou então perto dos discípulos; vendo que estavam dormindo disse a Pedro: Simão, estás dormindo! Como não conseguistes velar pelo menos uma hora?

Lucas, no capítulo XXII, explica as coisas de forma um pouco diferente:

[44] E saiu dele um suor como gotas de sangue e escorreu até o chão.

[45] Levantou-se após terminar sua oração e voltou até seus discípulos que estavam adormecidos por causa da tristeza que os estava dominando...

João por sua vez, esquece por completo de mencionar aquela estranha aventura, porque seu papel não foi muito brilhante!

O DUVIDOSO SÃO JOÃO

O Jesus dos Evangelhos tem fraquezas evidentes frente ao seu "bem-amado discípulo". Admoesta Pedro-Simão, mas não censura sequer com uma palavra aquele que é o mais culpado de todos, porque é, entre todos, o preferido.

Qual era realmente o papel de João no bando de Jesus?

Ao nosso espírito se apresentam as soluções mais equívocas.

Os *hippies* 1968-1971 também viviam sem trabalhar, fumando hachiche e maconha. Tinham suas mulheres-escravas para enrolar seus cigarros, preparar a comida, conseguir o desprezível dinheiro e se fosse necessário, até matar.

Seria de pasmar se as rameiras e os bonecos de Baker Ranch, de Paris ou de Hollywood daqui a alguns séculos se transformassem em heróis, e se Manson, o Jesus-Satã do caso Sharon Tate, se tornasse um verdadeiro Messias.

Mas não é impossível.

João, o dorminhoco satisfeito do monte das Oliveiras, não se transformou na *águia* para os teólogos e os pseudo-iniciados?

OS RONCADORES DO MONTE DAS OLIVEIRAS

O estudo destes trechos suspeitos do Evangelho desperta nossa atenção para a indiferença, para não dizermos o desprezo dos Apóstolos com respeito a Jesus.

Todos eles o traem, exceto talvez Judas, e mesmo quando o Mestre com o rosto molhado de um suor de sangue prepara-se para ir ao suplício, eles levam a inconsciência ou então a monstruosidade além de qualquer limite conhecido na selvagem história da humanidade: eles mais uma vez dormem!

Não são os menos conhecidos, os mais obscuros, aqueles que jamais conseguem entender alguma coisa, mas são os preferidos: Pedro, Jaime e João, os que freqüentemente descansavam contra o peito de Jesus!

Eles dormem e roncam como sineiros, não porque ignoram o perigo que Jesus está correndo mas, segundo as escrituras, perfeitamente conscientes de que ele está se preparando para a morte.

De nada adianta que Jesus chame a atenção deles, menos a do equívoco João, porque voltam a dormir tão logo ele vire as costas, e o Mestre durante sua breve vigília fúnebre teve que ouvir os roncos de Pedro e Jaime e também os do lindo efebo...

Quase não dá para acreditar o que lemos nas santas Escrituras!

Na vida real uma traição desse gênero não poderia acontecer.

Os apóstolos ou os acólitos de Pierrot-le-Fou e dos bandidos do submundo, os de Hitler, de Stalin, de De Gaulle, de Mussolini poderiam ter cedido ao sono se soubessem que seu Mestre estava se preparando para morrer fusilado, esquartejado ou crucificado?

Não! Mil vezes não!

Nenhum entre aqueles jagunços ou capangas aceitaria se rebaixar até esse ponto!

Homem nenhum jamais se rebaixou até esse ponto: não temos nenhuma notícia a respeito em toda a história.

Mas um drogado, ou o *Indeferente* de Watteau (6) poderia chegar a perpetrar um tamanho abuso de confiança, uma tamanha covardia em parte porque sua vontade estaria embotada pela droga e em parte porque sua abjeção moral não lhe deixaria compreender o horror da situação.

Aquela vigília no monte das Oliveiras sugere de maneira irresistível que os Apóstolos estavam abusando de drogas, e essa é a única justificação para um tal comportamento.

Jerusalém se encontra na rota das especiarias, mas até em nossos dias ela também se encontra na rota da maconha e do paraíso de Benares, de Kabul e de Katmandu.

(6) O *Indeferente*, do pintor Watteau, é um quadro que representa um personagem de sexo indefinido.

OS APOSTOLOS DROGADOS

É impossível não estabelecer uma comparação entre o bando de Jesus como descrito nos Evangelhos e as turmas de *hippies* acampados nos barrancos do Ganges em Benares?

É um fato que os Apóstolos, esses vadios que viviam não se sabe como e moravam só Deus sabe onde, *tinham uma estranha propensão a dormir.*

Sabe-se com certeza que na Antiguidade usavam-se muitos tóxicos na vida social e também entre os sacerdotes, os profetas e os artistas.

Os Apóstolos estavam então drogados? Se podemos confiar nos Evangelhos canônicos, os fatos poderiam indicá-lo.

Esses *hippies* que viviam sem trabalhar não podiam estar lá muito cansados. *Mas Jesus acha normal que eles estejam com vontade de dormir.*

Ele devia estar sabendo o motivo.

Por outro lado a covardia, a total ausência de qualquer impulso moral, de afeição e até de compaixão em Pedro, Jaime e João são indícios que mais uma vez indicam a presença da droga.

Estariam eles usando o nepente mencionado por Homero?

O NEPENTE DE HOMERO

Transcrevemos a tradução de um trecho que menciona esse narcótico:

“Entretanto a filha de Júpiter, a bela Helena, lembrou-se de algo que foi de grande ajuda: ela misturou ao vinho que era servido na mesa um pó que suavizava o luto, acalmava a ira e fazia esquecer todos os males. Quem tomasse esse pó misturado com sua bebida *não versaria uma lágrima por um dia inteiro mesmo que seu pai e sua mãe tivesse morrido, ou que tivessem morto seu irmão em sua frente, ou seu único filho.*

Tamanho era o poder daquela droga que lhe fora dada por Polidamna, mulher de Thonis, rei do Egito, cuja terra fértil produz uma quantidade infinita de plantas boas e ruins, e onde todos os homens são ótimos médicos e foi de lá que chegou a raça de Peão”.

Pelo que lemos na Bíblia e mesmo nos *Manuscritos do Mar Morto*, Jerusalém tinha se tornado a Grande Prostituta.

Entre suas sombras floresciam a idolatria, a luxúria, a pederastia e, por consequência, a droga.

Sendo iniciados e *hippies*, os Apóstolos sem dúvida tentaram aguçar suas faculdades intelectuais e manifestar sua contestação pelos atos com o uso de alucinógenos.

Os *hippies* de Los Angeles, de Paris, de Amsterdam e de Katmandu fazem assim.

As pitonisas, os adivinhos, os profetas e os outros vaticinadores sempre agiram assim para exercer seu ofício.

As videntes de nossos dias lêem o futuro contemplando a borra do café, mas isso não acontece por acaso: antes de lê-lo elas tomam uma beberagem propiciatória, e não se trata de uma xícara só!

O cânhamo indiano, o nepente, o ópio, a buglosse, a borragem, o *Hyosciamus datura*, o banguê do Oriente e muitas outras plantas e drogas que em nossos dias são desconhecidas (as espécies ficaram extintas) eram muito usadas na Antiguidade.

Naqueles tempos os profetas e os iniciados não recebiam a iluminação sem uma beberagem iniciática!

Em nossos dias a história começa de novo, ou melhor, continua e termina no signo da droga e da iniciação, o que significa: o apocalipse.

Um autêntico Messias não vai demorar a aparecer, para dizer aos povos estupefatos:

— Em verdade eu voz digo, a história santa e a história clássica não se passaram bem na maneira em que acreditais. . .

Jesus, em suma, não foi o que nós acreditamos, e se não podemos afastar a hipótese *hippie* sugerida pelos Evangelhos remanejados, pensamos seriamente que Jesus, uma criatura digna da mais alta estima, era em realidade um membro de uma seita judia dissidente que precisamos investigar mais profundamente: os essênios.

CAPITULO XXI

OS EVANGELHOS AUTÊNTICOS

Se entre os Evangelhos há um que deve ser considerado autêntico pelo menos por parte dos exegetas honestos, trata-se então do *Evangelho dos Ebionitas* (1), dito também Evangelho dos Nazarenos ou então *Evangelho dos Hebreus*.

Os ebionistas, que alguns identificam com os nazarenos, eram puristas apaixonados pelo ideal e convencidos de que somente os pobres poderiam ser salvos. Eles negavam a divindade de Cristo, consideravam-no um simples profeta, observavam as leis de Moisés, e afirmavam que somente o Evangelho dos hebreus trazia a verdade.

O BATISMO DE JESUS

Nesse evangelho a lenda da concepção milagrosa de Maria, a vinda dos Reis Magos, os milagres e os acontecimentos com características taumatúrgicas não eram mencionados, em favor de um relato lógico e natural.

Entretanto, os ebionitas reconheciam que Jesus tinha sido penetrado pelo Espírito Santo, ou seja, que foi inspirado por

(1) Etimologia: de Ebion, estóico judeu; ou talvez, de *ebionim*: humildes, pobres e miseráveis.

Deus, no dia em que foi batizado por João dentro do rio Jordão.

Num sentido esotérico batizar significa unguir com água lustral, significa *nascer*.

A vida chega com a água lustral.

Eis a confirmação dessa tese no relato do batismo de Jesus, no Evangelho dos hebreus:

“O povo já estava batizado e Jesus se aproximou também e foi batizado por João.

Enquanto saía da água, os céus se abriram e ele viu o Espírito Santo de Deus descer em forma de pombo e entrar dentro dele.

Uma voz que vinha dos céus falou: “Tu és meu filho bem-amado e em ti convergem minhas afeições”.

A voz ainda acrescentou: ‘Eu te engendrei hoje’, e logo se viu bilhar uma luz muito forte”.

É interessante comparar o relato esotérico do batismo de Jesus segundo são Mateus, e o relato esotérico do Evangelho dos hebreus (2).

No livro dos ebionitas foi valorizado o caráter presumido autêntico de Jesus, Mestre de Justiça.

Nos evangelhos canônicos Mateus diz, a respeito dos sacrifícios, que ele (Jesus) “chegou não para abolí-los, mas para cumpri-los”.

Considerando que um sacrifício é um assassinato ritual, ficamos bastante admirados de ver tais palavras sair da boca de alguém que passa por ser o Deus do amor!

No Evangelho dos ebionitas Jesus, ao contrário, declara:

“Vim para abolir os sacrifícios: se vocês não pararem de sacrificar, a cólera de Deus continuará pesando sobre vocês”.

Parece evidente que o Jesus dos cristãos que aprova os sacrifícios cruentos, se situa num nível inferior ao Jesus dos ebionitas.

EBIONITA = ESSÊNIO

Os ebionitas eram essênios da Samaria — como explica o erudito Michel Nicholas (3) — e da Bíblia só reconheciam o Pentateuco.

(2) Somente Mateus e Marcos dão um relato aproximado do batismo de Jesus.

(3) Michel Nicholas, escritor protestante, autor de “Estudos sobre os evangelhos apócrifos (1965)”.

Suas regras e seus ritos tinham características peculiares dos cristãos primitivos e do judaísmo: a circuncisão, o batismo, o respeito austero do sabá, das disciplinas ascéticas, da eucaristia e do jubileu.

Eram pobres, sinceros e caridosos, e criam a impressão de ter representado o de que mais puro existia na religião judia e na cristã.

É possível que eles acreditassem que Jesus era o Mestre de Justiça anunciado pelas antigas escrituras e pelos essênios.

O espírito de justiça e a probidade moral dos essênios levou-os a serem detestados pelos judeus e pelos cristãos, que acabaram por declará-los heréticos.

Os ebionitas tinham as mesmas regras que os nazarenos, ou primeiros cristãos ou cristãos primitivos.

O buliçoso São Paulo tremejou contra aquele evangelho e aqueles fiéis:

“Se alguém vos anunciar um outro evangelho, diferente do que eu vos anunciei, mesmo em se tratando de um anjo descido dos céus, seja ele anátema”. (Ep. Galates, I-9).

O Evangelho dos hebreus trazia tamanhos esclarecimentos a respeito da vida desconhecida e a personalidade de Jesus que acabou sendo retirado da Bíblia a partir do século IV — como o foi o Livro de Enoque.

Estamos em posição de afiançar que ambos os livros, como por outro lado os manuscritos essênios do Mar Morto, descobertos em 1947 sempre foram e continuam sendo severamente censurados.

Dizer a verdade pode ser muito perigoso.

O Evangelho dos hebreus e o Livro de Enoque que se encontram em nossa propriedade são muitíssimo interessantes, apesar de que o texto se encontre muito corrigido e falsificado pelos tradutores e pelos monges.

Todos os livros da seita dos ebionitas desapareceram misteriosamente, como aliás desapareceram todos os livros de história do século I. . .

O EVANGELHO DE KHENOBOSKION

Na realidade, existem muitíssimos “evangelhos segundo Tomás”, muitíssimos evangelhos egípcios e um número considerável de evangelhos dos gnósticos.

O livro de Khenoboskion porém não é idêntico ao "Livro de Tomás o israelita, filósofo que escreveu a respeito dos atos do Senhor quando ainda era criança", que é um livro conhecido a partir do século XV.

O autor e egiptólogo Jean Doresse⁽⁴⁾, o dr. Pahor Labib, H.-Ch. Puech, G. Garitte e L. Cerfaux apresentaram traduções do evangelho de Khenoboskion, que talvez foi remanejado, mas pelo menos tem o mérito de ter uma consistência física, pois o manuscrito que foi escrito em copto sobre papiro pode ser visto, analisado e avaliado em parte no Instituto Jung de Zurich, enquanto sua maior parte se encontra no museu copto do Cairo.

JESUS, UM ESSÊNIO

Vamos transcrever, na tradução de Jean Doresse, e pela ordem do livro, as passagens que podem nos dar uma idéia do verdadeiro rosto de Jesus.

- [7] Jesus disse: "Afortunado o leão que o homem comerá, de forma que o leão se tornará homem.
Mas amaldiçoado o homem comido pelo leão, de maneira que o leão se tornará homem!"
(É praticamente um reconhecimento da reencarnação).
- [17] "Com certeza os homens pensam que cheguei para trazer a paz ao universo. Eles não sabem que vim para semear a discórdia, o fogo, as espadas, as guerras..."
- [27] "...E se vocês fizerem o macho e a fêmea num só, para que o macho não mais seja macho e a fêmea não mais seja fêmea... então entrareis para o Reino..."
- [29] "...Aquele que tem ouvidos, compreenda!
Se existe uma luz no interior de uma criatura luminosa, então ela ilumina o universo inteiro; mas se ela não o ilumina, então ela é uma treva."
- [30] Jesus disse: "Ama teu irmão como tua própria alma; cuida dele como da própria menina de teus olhos."
- [42] "Quando vos desnudareis sem sentir vergonha, quando tirareis as vestes colocando-as antes de vossos pés como fazem as criancinhas, e pisareis em cima delas, então sereis os filhos do Deus vivo..."
- [60] Jesus disse: "Aquele que não sentirá ódio de seu pai e de sua mãe não poderá ser meu discípulo; e se ele não

(4) *O Evangelho segundo Tomás, ou as Palavras de Jesus*, de Jean Doresse, ed. Plon.

odiar o irmão e a irmã e não carregar sua cruz igual a mim, ele não se tornará digno de mim!”

[61] “Aquele que conheceu o mundo caiu em cima de um cadáver; e aquele que caiu em cima de um cadáver, o mundo não é digno dele!”

[83] “. . . Afortunados o ventre que não ficou prenhe e os seios que não amamentaram!”

[105] “Aquele que, como eu, nunca chegou a detestar o pai e a mãe não poderá ser meu discípulo, e aquele que amou o pai e a mãe como ele ama (a mim?) não poderá ser meu discípulo.

Minha mãe, de fato (lacuna no texto) porque em verdade ela me deu a vida.”

[116] “Desventura à carne que depende da alma, e desventura à alma que depende da carne!”

[117] “O Reino do Pai se expandiu pela Terra e os homens não o estão enxergando”⁽⁵⁾.

[118] Simão-Pedro disse a eles: “Que Maria saia do nosso meio, porque as mulheres não são dignas de viver.”

Jesus disse: “Então, eu vou atraí-la para torná-la um macho, para que ela também se torne um espírito vivo igual a vocês, os machos!

Porque toda mulher que se tornar um macho entrará no reino dos céus.”

A tradução do papiro de Khenoboskion ainda não está terminada, mas esses poucos trechos são realmente reveladores.

É um evangelho análogo ao de Mateus, Marcos, Lucas, mas com um texto muito mais vigoroso e isso significa que ele não foi expurgado pela Igreja.

Como naqueles outros Evangelhos, os sentimentos externados por Jesus o identificam como um justiceiro, como aliás eram todos os essênios, e monstruosamente desprovido de humanidade.

(5) Esse pensamento insinua a crença em um paraíso na Terra, ou seja uma vida igual à do Paraíso. Parece invalidar a existência do além.

CAPÍTULO XXII

O VERDADEIRO JESUS

“Os estudiosos que examinaram os Manuscritos do Mar Morto nunca disseram o que havia no texto.

Eram eles, de fato, sacerdotes, sobretudo Jesuítas, e ficaram temerosos ante as coisas que descobriram. Trata-se de algo muito mais sensacional do que eles imaginavam. É uma verdadeira bomba que faria estremecer as religiões cristãs em seus alicerces.”

JOHN MARCO ALLEGRO

professor da Universidade de Manchester.

(Um dos maiores especialistas mundiais no que diz respeito aos *Manuscritos do Mar Morto*).

De quinhentas a seiscentas pessoas no mundo inteiro sabem quem era Jesus e qual valor deve ser atribuído à Bíblia, mas *todas elas continuam caladas*.

Esses *Conhecedores* são cristão ou judeus, e são professores eméritos de Universidades leigas.

Uns não podem falar por motivos de ordem religiosa, e outros não se atrevem a fazer revelações que poderiam ter repercussões terríveis em suas carreiras e em suas vidas de cada dia.

O que estamos publicando nesse capítulo é, pelo que sabemos, o primeiro estudo sério e documentado que já foi publicado a respeito do verdadeiro Jesus.

Nossa tese possivelmente não é a expressão muito exata de uma verdade que não saberemos nunca, mas acreditamos que ela chega muito perto da verdade.

Examinando o enigma à luz muito suspeita do Novo Testamento não era possível chegar a uma solução razoável.

Os *Manuscritos do Mar Morto*, desde o início de sua tradução em 1960, e apesar de que nem tudo tenha chegado a público, trazem esclarecimentos definitivos a respeito do personagem Jesus.

JESUS, O INCENDIARIO

Lendo-se o Evangelho é fácil perceber através das contradições do texto dois Jesus absolutamente opostos.

Um é Jesus *Deus do amor e da paz*: Amai-vos uns aos outros.

Podemos ler no livro de Mateus:

“Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus (V-9).

E eu vos digo para não reagir ao mal que vos querem infligir: e se alguém bateu em sua face direita, apresentai também a esquerda (Mat. V-39).

Dê àquele que está pedindo e não afaste aquele que pretende pedir emprestado... (V-42).

Amai a vossos inimigos, fazei o bem aos que os odeiam e orai por aqueles que vos perseguem e caluniam (V-44). Honrai vosso pai e vossa mãe... E aquele que falará de maneira ultrajante com o pai e a mãe seja punido com a morte (XV-4)”.

O outro Jesus é um Mestre de Justiça.

Podemos ler em Mateus:

Segundo a tradição oriental, seria este o retrato de Jesus pintado por Anan, secretário de Abgar V, rei de Edessa, na Síria.

Foto do autor.





“Não vim trazer a paz na Terra; não vim trazer a paz, mas a espada.

Vim para separar o homem de seu pai, a moça da mãe, e a nora da sogra. . .

Aquele que ama seu pai e sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim: aquele que ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim.” (X-34-35-37).

Em Lucas, Jesus é mais severo ainda:

“Cheguei para espalhar o fogo pela terra, e que mais poderia eu desejar, a não ser que ele se acenda?”

Vocês acreditam que eu vim trazer a paz à Terra?

Não, eu vos garanto, *mas pelo contrário*, a divisão etc. . . (XII-49-51).

Se alguém se aproxima de mim e não odeia seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, e até sua própria vida, ele não poderá ser meu discípulo.” (XVI, 16).

Qual desses dois Jesus é um impostor?

Seria aquele que diz: Amai-vos uns aos outros, ou aquele que ordena odiar o pai e a mãe e que pretende incendiar as casas e os celeiros?

Graças aos *Manuscritos do Mar Morto* e aos verdadeiros Evangelhos dos quais tiramos alguns trechos, é fácil reconhecer o verdadeiro Jesus.

Não é aquele que prega a perigosa filosofia do amor, ou seja, do privilégio, do favoritismo e da injustiça.

O verdadeiro Jesus é aquele que pretende castigar os crimes, que só quer deixar sobreviver os justos, aquele que diz: Precisa odiar o pai, a mãe e a família.

Este é o verdadeiro Jesus, pois até o segundo Jesus dos Evangelhos detesta sua mãe terrestre, despreza todas as mulheres e tem ojeriza ao amor.

Ele é, fora de qualquer dúvida, um essênio: possivelmente justo, mas também duro, sem gentileza e sem piedade.

Este era o verdadeiro Jesus, odiado por seus Apóstolos, odiado pelos judeus que sempre flagelava, e finalmente crucificado por eles para dar um castigo exemplar.

Sem dúvida, o amor é uma noção prejudicial, mas nesse caso a justiça não é muito mais terrível?

Quando tiveram que escolher, os conjurados do ano 1 escolheram o amor, porque esse conceito apesar de ser detestável, podia ser aplicado e assimilado pelos povos da época, desde o primeiro século.

O Jesus dos Evangelhos nesse caso é um anticristo, uma espécie de negativo.

A partir desse ponto começa a se perfilar a verdadeira história secreta do cristianismo.

OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Um único documento pode esclarecer as autênticas origens do cristianismo: os *Manuscritos do Mar Morto*, cujos primeiros rolos foram descobertos em 1947 pelo beduíno Mohammed ed-Dib, num penhasco em proximidade de Qoumrân.

Sabemos agora que em meados do século I de nossa era três seitas estavam disputando a supremacia filosófica, social e religiosa do Oriente Médio: os *essênios*, os *hebreus bíblicos* e os *cristãos*(¹).

Pela história tradicional sabemos o que eram os hebreus e o que eram os cristãos, mas suas verdadeiras características secretas são reveladas de maneira rigorosa pelos escritos queranianos.

Os essênios eram puros e incorruptíveis, eram ascetas inimigos do pecado, da riqueza, das mulheres e da própria vida.

Precedendo nesse sentido os Cathares, eles querem que somente existam os Justos, ou Filhos da Luz: os malvados devem ser exterminados.

Segundo Plínio, o Velho, o grande "laure" (ou loja, ou comunidade) deles se localizava nas margens do Mar Morto, exatamente ali, em Qoumrân onde foram encontrados os famosos manuscritos (?).

Esses manuscritos descobertos numa gruta da Palestina em 1947, perto do Wadi Qoumrân se compõem principalmente de: *O rolo de Isaías de São Marcos*, do século II antes de Cristo; do *Manual da Disciplina*, de 100 anos antes de Cristo; *O Comentário de Habacuc*, que é do ano 20 após Cristo; o *Rolo de Lamech* (cuja extraordinária tradução foi por nós publicada no *Livro dos Segredos Traídos*).

(1) Os essênios eram hebreus, como o eram os primeiros cristãos. Vamos estabelecer uma convenção: chamaremos de hebreus, ou hebreus bíblicos, aqueles que em princípio reconheciam a autoridade do Sanedrín, o tribunal dos antigos judeus de Jerusalém.

(2) Os *Manuscritos do Mar Morto*, do prof. Millar Burrows, da faculdade de teologia da Universidade de Yale.

Os *Manuscritos essênios do Mar Morto*, de André Dupont-Sommer, membro do Instituto, prof. do Colégio de França e da Sorbonne.

O *Rolo da Guerra*, o *Rolo dos Salmos de Ação de Graças* e o *Rolo de Isaías* são da primeira metade do primeiro século após Jesus Cristo.

Millar Burrow escreve a respeito dessas avaliações de datas:

“O resultado de todas as pesquisas feitas para estabelecer a idade dos manuscritos encontrados nas grutas pode ser resumido de maneira muito breve”.

Foram todos escritos antes do ano 70 depois de Cristo, e todos os historiadores concordam nesse ponto.

OS VERDADEIROS ELEITOS, O POVO ELEITO, O POVO PREDESTINADO

O fundador da seita dos essênios era um Superior Desconhecido chamado o *Mestre de Justiça*.

Os essênios, que se opunham ao sacerdócio oficial, tinham rompido com a “Congregação dos homens perversos” (os hebreus) para organizar uma seita de verdadeiros eleitos, bem no meio daqueles que se diziam ser o “Povo Eleito”.

Esses fanáticos estavam prontos para perpetrar os piores excessos como podemos ver pelo *Rolo da Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas*, onde se lê que todos que não são essênios serão exterminados.

Os *Verdadeiros Eleitos* tinham fatalmente que entrar em choque com o *Povo Eleito!*

Podemos observar a esse respeito que todos os povos que têm uma tendência à hegemonia sempre proclamam ser o Povo Eleito ou então o povo predestinado por Deus!

Foi o caso dos judeus, dos japoneses e dos alemães nazistas.

A maioria das outras nações, porém, teve uma ou outra característica do mesmo quilate: os romanos instituíram a *pax romana* no Oriente Médio e no Ocidente, os espanhóis impuseram o jugo militar e religioso à América do Sul inteira, os ingleses se sentem muito à vontade em qualquer lugar, os franceses, de maneira muito imbecil, acreditam ser os homens mais inteligentes da terra. . .

Dois mil anos atrás, quando os romanos estavam dominando o mundo com suas armas e suas leis, o verdadeiro domínio futuro de todos os povos estava sendo disputado entre os *Verdadeiros Eleitos* essênios, o *Povo Eleito* judeu, e o *Povo Predestinado* cristão.

OS ESSENIOS

Os essênios conheciam perfeitamente a Lei, não admitiam as mulheres como membros da comunidade, mas toleravam sua presença, e dentro da comunidade tudo pertencia a todos.

A doutrina deles tinha estágios de iniciação: os grandes Iniciados eram os *Rabinos* (os Mestres, ou os Perfeitos).

Consideravam a oração a "oferenda dos lábios" e não observavam o culto no Templo, pois a seita saíra de Jerusalém quando, pelo ponto de vista deles, Israel profanou o templo com hipocrisias e perversidades.

No plano mágico, veneravam três letras misteriosas: A, M e N, ou seja, aleph, mem e nun, que foneticamente pode aproximá-las de maneira estranha ao AUM dos hindus...

Trata-se do *nun* mencionado por A. Dupont-Sommer.

Como no Zend-Avesta, eles dividiam a humanidade em duas tendências: a dos filhos da Luz (os Justos, os homens de Deus) e a dos Filhos das Trevas (os malvados, os homens de Belial).

Os grandes sacerdotes eram os Mestres de Justiça.

O último do qual temos notícia foi executado entre os anos 65 e 63 antes de Cristo; o próximo chegará no fim do mundo, em sua qualidade de Messias.

Uma outra fonte⁽³⁾ afirma que "os essênios não eram de origem judia mas pitagórica(?) e tiveram entre os hebreus características especiais e nacionais" (*sic*).

A regra dos essênios impunha o cultivo da terra, a prática da caridade e da hospitalidade. Praticavam a medicina, mas não se ocupavam de política, não tinham criados e não se casavam entre eles.

Viviam em comunidades regidas pelo princípio fundamental da assistência aos necessitados.

CAMPEÕES DA VERDADE

O *Livro de Tobias* apresenta um relatório interessante sobre as regras da Comunidade, que estão no mesmo molde das do *Espírito de Damasco* e dos pseudo-epígrafes.

(3) *A morte de Jesus, revelação histórica a respeito da verdadeira morte de Jesus*, traduzido do latim para o alemão, e do alemão para o francês por Daniel Namée (1864) com base em escritos de um irmão da ordem dos essênios, dos tempos de Jesus. O documento não teve sua autenticidade comprovada.

Os essênios exigiam o respeito da verdade a qualquer custo. O professor Dupont-Sommer afirma que o horror à mentira era uma influência das religiões da Pérsia e da Índia.

“Os Persas, dizia Heródoto, ensinam a seus filhos a partir da idade de cinco anos e até os vinte, três coisas essenciais: montar a cavalo, atirar com o arco e falar a verdade... Na opinião deles a coisa mais vergonhosa é mentir, e em segundo lugar é fazer dívidas; pensam dessa forma por muitos motivos, o principal sendo que quem está endividado chega infalivelmente à mentira”. (*Histórias*, I, 36).

Todo o espiritualismo mazdeano e o próprio personagem de Zoroastro que foi o Jesus do ano 600 antes de nossa era são caracterizados por esse ardente culto da verdade.

Ele também está incluso na ética pitagórica e A. Dupont-Sommer relata, baseando-se em Porfírio, que Pitágoras sabia pelos magos que a alma de Ormuzd (do deus Ahura Mazda) se parecia com a verdade.

O profundo sentimento místico é com certeza uma das razões principais que levaram os essênios a odiar os hebreus, sempre pouco escrupulosos: eles deformavam a história em seu próprio proveito, anexaram Adão e Eva, honravam patriarcas do tipo de Abrão que por ser bem recebido pelos egípcios quando foi solicitá-los “declarou que sua esposa Sarai era sua irmã, entregando-a assim aos libidinosos admiradores”, escreve A. Dupont-Sommer, analisando a Gênese (XII, 10, 20).

Abrão agiu desse jeito na presença do faraó que o censurou pelo seu “comportamento tortuoso”, mas sem envergonhar o “nobre patriarca” que, pouco tempo depois, repetiu a façanha, apresentando mais uma vez sua própria esposa como sua irmã em presença do rei Abimelech (G., XXI, 18).

O bom Isac, para não ficar atrás, age da mesma maneira com respeito à sua mulher Rebeca, quando vai a Gerara (G., XXVI, I, II).

Muito pior ainda é o abuso de confiança perpetrado por Jacob e sua mãe Rebeca em prejuízo de Isac — que, precisamos reconhecê-lo, não atribui ao fato nenhuma importância — e de Esaú, que fica espoliado, roubado e caçoado, perdendo seu direito de primogenitura (G., XXVII).

O fato mais grave em todas aquelas histórias sombrias e imorais é que Jeová, o deus dos hebreus, aprova e abençoa todas as mentiras e todos os embrulhos.

“Todos os povos da Terra serão abençoados em você” ele diz a Abrão pouco antes do caso do Egito!

É com a chantagem e a usurpação do direito de primogenitura que Jacob consegue o privilégio de se tornar o chefe de toda a nação eleita!

A Bíblia está apinhada de exemplos desse quilate sendo que a mentira aparece como um sistema com seu corolário de genocídio e de injustiça.

Os essênios, muito impressionados com tanta imoralidade, romperam com os hebreus "bíblicos" que julgavam corruptos, ímpios e mentirosos.

O VERDADEIRO MESSIAS: MELQUISEDEC

Baseando-se num dos textos qoumranianos da gruta XI, o professor holandês Van der Woude (4) escreveu que Melquisedec, esse misterioso personagem repetidamente citado na Bíblia, foi o Messias encarregado de trazer a boa palavra e a salvação.

"No cristianismo primitivo, escreve Dupont-Sommer, a *Epístola aos Hebreus* inclui uma demorada demonstração (cap. VII) na qual o sacerdócio de Jesus, o Messias da religião cristã, é relacionado ao misterioso sacerdócio de Melquisedec, um sacerdócio transcendente cuja superioridade sobre o sacerdócio levítico é proclamada e demonstrada pelo autor da epístola".

O eminente professor do Colégio de França parece convencido de que Melquisedec é mesmo o Salvador, e essa era também a opinião dos essênios.

Daí chegamos a uma conclusão assustadora: o verdadeiro Messias, o Salvador, o Cristo, era Melquisedec!

Os hebreus aboliram esse *cristo* (ungido), esquecido por ser de uma história muito antiga mesmo, e os cristãos lembraram-se dele no momento favorável, apelidando assim Jesus, o personagem encarregado de assumir o papel de sacerdote de Salem.

"A escassez de informações fornecidas pela Bíblia judia a respeito do personagem de Melquisedec, explica A. Dupont-Sommer, nos obriga a supor a existência de especulações intertestamentárias entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, pelas quais o rei-sacerdote de Salem (Jerusalém) devia ser exaltado até o ponto em que, segundo os próprio termos da Epístola aos hebreus (VII, 3) ele se tornaria mais ou menos a *figura exata do Filho de Deus*.

(4) *Oudtestamentische Studiën*, de M. Van der Woude, 1965, pg. 354-373.

Os exegetas honestos da Bíblia e dos *Manuscritos do Mar Morto* partilham essa mesma opinião. Temos aqui mais uma prova do remanejamento operado na Bíblia e do fato que o Evangelho nada mais é do que uma reaparição de mitos e de fatos muito mais antigos para reforçar a idéia de um Messias segundo os cânones cristãos.

Os Mestres de Justiça e a seita dos essênios foram influenciados pelas correntes espirituais dos Sábios da Grécia, pelos Magos da Pérsia e pelos gimnosofistas da Índia (5), como escreveu Filão de Alexandria.

Essa observação prova mais uma vez que as religiões da Europa, do Oriente Médio e da Ásia têm todas um fundo mítico comum, e que é uma ilusão querer encontrar nelas uma expressão absolutamente nova original e fundamentada em tudo que diz respeito às suas verdades próprias.

O MESTRE DE JUSTIÇA

Para lutar contra a mentira e a corrupção dos hebreus e os privilégios que eles se atribuíam, um Mestre de Justiça que era ao mesmo tempo grande sacerdote, legislador e profeta, provocou o cisma essênio por volta da metade do segundo século antes de Cristo, enquanto os *Kittim* (romanos) ocupavam a Palestina.

Os saduceus de Aristóbulo II e os fariseus de Hircão II estavam lutando pelo poder da monarquia, sendo os fariseus apoiados pela maior parte do povo judeu.

Os comentadores essênios chamavam o rei Aristóbulo II de *Manassé* e o rei Hircão II de *Ephraim*.

Saduceus e fariseus estavam aliados contra Judá, ou seja, como explica o professor Dupont-Sommer", contra a seita dos essênios (que na opinião de seus adeptos era a única verdadeira representante do judaísmo autêntico) e contra seu chefe, o Mestre de Justiça".

O caso da traição de Judas no Evangelho foi sem dúvida inspirado pelo ódio dos judeus pelos essênios, ou seja, Judá.

Os essênios não queriam reconhecer nem Aristóbulo e nem Hircão como um possível rei judeu, e a esse propósito

(5) Os gimnosofistas hindus eram espiritualistas dedicados ao ascetismo, ao celibato, ao vegetarianismo e à nudez física. Sua influência espiritual chegou até o mundo ocidental, passando pela Arábia, o Egito e a Grécia. Sua doutrina era uma espécie de panteísmo imaterialista. Acreditavam na metempsicose.

Diodoro da Sicília relata que na opinião dos membros da seita “a nação não deveria ser governada por um rei, mas por um grande sacerdote”.

O Mestre de Justiça era, de fato, um grande sacerdote e aos olhos dos essênios ele era o único realmente digno de governar os judeus enquanto expoente do ideal republicano.

“Dois textos do *Espírito de Damasco*, afirma A. Dupont-Sommer, expressam clara e cruamente esse sentimento republicano e antimonárquico: o rei é a Assembléia (VII, 16-17); as serpentes são os reis dos povos (VIII, 10).

Isso parece colocar um ponto final nas argumentações dos que viam em Jesus um pretendente ao trono de Davi. Jesus, se ele era realmente um essênio, e parece que esse ponto não é controverso em geral, era um republicano e não poderia, por consequência, aspirar a realeza!

Os essênios, estes democratas, foram quase aniquilados por volta do ano 63 antes de Cristo durante as terríveis perseguições de que foram alvo. A comunidade de Qoumrân, refugiada nas grutas, possivelmente foi aquela que resistiu por mais tempo: aproximadamente até o ano 80 de nossa era.

O *Comentário de Habacuc* (XI, 4-8) revela que o Mestre de Justiça foi torturado e executado.

“Mas na época do dia de descanso do Dia da Expição, ele apareceu para engoli-los (os inimigos, ou seja, o sacerdote que o perseguira) e para fazê-los estremecer no Dia do Jejum, no sabá de descanso”.

O Mestre de Justiça era, por consequência, o Profeta esperado pelos judeus o sucessor de Moisés, “a quem Deus esclarecera todos os Mistérios das Palavras de seus criados, os Profetas” afirma o *Comentário*.

O Mestre de Justiça morreu provavelmente crucificado, e isso lembra-nos de maneira estranha quanto aconteceu com Jesus.

Essa impressão torna-se ainda mais robusta pelo fato de que o Mestre de Justiça tinha seu evangelho, e nos escritos qoumrânicos “ele se apresenta como o pregador do evangelho, ou seja, o que traz a boa palavra”.

A MULHER, ESSA DIABÓLICA CRIATURA

O Evangelho dos essênios é dominado pelo conceito do pecado e da penitência.

A tarefa do Mestre de Justiça é de “censurar a criatura de barro pelo seu comportamento e pelos erros cometidos pelos natos de mulheres”. (Hinos, XVIII, 12-13).

Podemos reencontrar essas mesmas palavras nos evangelhos cristãos e nos evangelhos dos gnósticos do Egito nos quais Jesus, mais que em qualquer outro escrito, parece expressar sua repulsa pelas mulheres e sobretudo pela sua própria mãe.

Obcecados pela idéia do pecado e da profanação, os essênios julgavam todos os prazeres uma emanção satânica, especialmente os prazeres do amor, sem porém condenar formalmente o casamento e a procriação.

Para eles a mulher era “o começo de todas as perversões, um perigo diabólico para todos os homens e sobretudo para os Eleitos da Justiça (6)”.

O sectarismo e a intransigência os levavam até a qualificar a mulher de “prostituta”, e davam a esse epíteto um sentido generalizado.

Os *Manuscritos do Mar Morto* são, em sua maioria, muito anteriores aos Evangelhos, e é evidente que estes, da mesma forma que o Apocalipse atribuído a São João, são simplesmente plágios, e podemos encontrar neles as idéias dominantes dos preceitos essênios.

É o caso de Jesus, de maneira especial, inimigo da mulher, contestador e puritano, segundo o caso, chefe de comunidade e pregador que tropeja contra os “burgueses” de sua época.

A grande prostituta e a “Mulher Escarlate” do Apocalipse são derivações diretas do pensamento essênio.

Como já acontecera em outros tempos com os Pitagóricos e com os Republicanos, que tinham seus sinais e suas senhas, os essênios também se reconheciam pela saudação: “A paz esteja contigo”, e esse fato levou alguns exegetas a classificá-los como antepassados dos maçons.

Um documento encontrado no século passado por um membro da Sociedade comercial francesa na Abissínia, na biblioteca de um velho prédio que já fora ocupado por monges gregos, traz mais um esclarecimento apesar de duvidoso, a respeito do do papel dos essênios no século I e a respeito da morte de Jesus (7).

(6) *Manuscritos do Mar Morto*, Documento da gruta IV, publicado por J. Allegro em *Palestine Exploration Quarterly*, I-8 e I-14.

(7) Entre os trabalhos apócrifos a respeito de Jesus, assinalamos *A vida de São Issa*, ou a vida desconhecida de Jesus Cristo, de Nicolas Notovich — 1855 — segundo os relatos de mercadores vindos da Judéa no ano 33 depois de Cristo. Os manuscritos, rolos escritos em idioma páli, seriam originários do mosteiro de Himis, no Tibet. Algumas traduções e alguns rolos da

SISMO NO GÓLGOTA

Eis um resumo do relatório.

O pergaminho não traz data e explica que Jesus, nascido em Nazaré, era um essênio.

Era reconhecido por certos sinais: batismo, quebra do pão, apresentação do cálice.

Fora batizado por outro irmão chamado João.

Segundo uma "carta do Ancião dos essênios de Jerusalém ao Ancião dos essênios de Alexandria", Jesus foi levado de Jerusalém para o monte Gólgota.

Os romanos e os acólitos do Sanedrim tinham escolhido esse lugar para erguer sua cruz.

Prepararam para ele a bebida dos condenados, cujo efeito era de embotar os sentidos e diminuir os sofrimentos. Essa bebida era chamada *poska*, e era feita com vinho avinagrado e absinto.

Jesus recusou-se a morrer embriagado.

"A cruz sobre a qual foi crucificado tinha o eixo perpendicular bastante maior do que o travessão horizontal.

(A cruz cristã realmente é muito mais comprida no sentido vertical do que no sentido horizontal: o ponto de encontro acha-se a mais ou menos $3/4$ do eixo vertical, no alto. Reunindo com um traço as quatro pontas da cruz teremos a letra *i* do alfabeto templário, em forma de flecha cuja ponta está em direção ao chão (o polegar virado para baixo=morte). A cruz invertida com o braço horizontal cortando o eixo perpendicular a $2/3$ da altura, embaixo) representa geometricamente o número 1 dos Templários, e o sinal de crescimento de geração. A cruz cristã por consequência é um signo de morte.)

Jesus tinha os braços e os pés amarrados, com pregos nas palmas das mãos, mas não tinha pregos nos pés, porque não era esse o costume.

Quando a noite chegou a gente foi se dispersando, ainda mais porque o calor era sufocante.

"Os irmãos essênios, diz o texto, sabiam que ia acontecer um terremoto, como já acontecera antes, nos tempos de nossos pais.

Quando anoiteceu, a terra tremeu com violência.

O centurião romano se assustou e rezou para os deuses que ele costumava venerar, porque achou que Jesus devia ser um dos favoritos deles".

Biblioteca de Lhaassa, datados do ano 200 depois de Cristo, estariam num mosteiro do monte Marbur (Tibet).

Quando o povo fugiu João levou Maria até os pés da cruz; Jesus estava no limite extremo de suas forças mas ainda estava vivo.

“Após ele ter recomendado a João para cuidar da sua mãe, a noite ficou mais escura, apesar de ser lua cheia e dela ter que iluminar a terra. . .”

O nevoeiro começou a subir do “mar de Asfalto”; ouviu-se um forte barulho: eram os mugidos que sempre precedem os sismos.

Em seguida a montanha tremeu. . .

“Meus muito queridos irmãos, vocês nos censuraram por não termos salvo nosso amigo do suplício e da Cruz, através de nossos poderes ocultos.

Bastará eu dizer o seguinte: em primeiro lugar nossa lei proíbe qualquer ação pública; em seguida, dois de nossos irmãos, muito poderosos e providos de experiência da vida, trabalharam arduamente e em segredo, para convencer Pilatos e o Conselho dos judeus da inocência de Jesus.

Todas as tentativas ficaram sem resultado porque o próprio Jesus estava querendo morrer pela virtude e pela verdade, para assim cumprir a Lei.”

JESUS NÃO ESTAVA MORTO

José e Nicodemo chegaram até os pés da cruz onde João estava velando.

Nicodemo disse a José que iria ressuscitar Jesus, mas que João não podia saber nada a respeito.

A lei não permitia que um condenado ficasse durante a noite amarrado ao patíbulo, e também mandava que se quebrassem suas pernas para ter certeza de sua morte.

Em seguida devia ser enterrado.

Pilatos consentiu em entregar o corpo a José; mas Jesus não estava morto.

“Nicodemo preparou compridas tiras de bisso embebidas de unguentos líquidos e fortificantes que levava consigo e que pertenciam aos segredos de nossa Ordem.

Envolveu com elas o corpo de Jesus. . .

O corpo foi depositado numa gruta ao lado, que pertencia a José. Queimaram dentro dela aloé e outros cheiros fortificantes e excitantes.

Quando o corpo ficou deitado em cima do musgo, a entrada principal da gruta foi fechada com uma pesada laje de pedra,

chamada *gothal*, para conservar em seu interior todos os vapores da defumação.

Durante aquela noite a terra voltou a tremer.

Um irmão essênio, vestido com suas roupas de festa, como fora decidido pela Comunidade, dirigiu-se ao sepulcro.

Enquanto estava se aproximando através das brumas matinais, espessas e sufocantes, os criados de Cáifas, que estavam vigiando aquelas cercanias, acreditaram que um anjo estivesse descendo pelas rochas e fugiram”.

Vinte e quatro essênios chegaram então à gruta onde Jesus tinha voltado à vida. Foi transportado até a Comunidade, mas quando ele se sentiu melhor quis ir embora a qualquer custo e alguns dias mais tarde apareceu em frente a seus discípulos e adeptos que pensaram que estavam vendo alguém que tinha ressuscitado.

“Em seguida Jesus desapareceu de Jerusalém e morreu em consequência dos esforços feitos”.

OS HEBREUS BIBLICOS

Acreditamos que é necessário convir que todo esse relato não parece muito autêntico, e somente torna mais espesso o mistério que envolve a vida e a morte de Jesus.

Entretanto, ele nos traz alguns pormenores suplementares a respeito dos essênios que não divergem muito do que já aprendemos através dos *Manuscritos do Mar Morto*.

Caracterizados através de seus próprios escritos, os essênios cuja influência sobre a Antiguidade foi tão profunda que acabou por condicionar todo o desenvolvimento do mundo ocidental.

Para dizermos a verdade, estes ascetas ásperos eram personagens perigosos, sectários, primários e asquerosos pela falta de humanidade de sua doutrina.

Se todo mundo os tivesse ouvido, a humanidade teria acabado de existir por falta de procriação: podemos por isso dizer que eles estavam muito provavelmente errados e ainda por cima sacrílegos com respeito a Deus, aos homens e ao Universo.

Os inimigos mais acirrados da seita, os hebreus bíblicos, não eram muito mais simpáticos: eles sabiam lidar com os imponderáveis da vida, mas em compensação tinham idéias de megalomaniacos, nefastas para a paz e para a moral.

Os hebreus observavam a lei, pelo menos aparentemente, mas de fato eles a torciam em sua própria vantagem.

Estavam querendo impor ao mundo, e a qualquer preço, sua supremacia, e se apropriaram de maneira unilateral de Deus-Jeová-Yahwé, deus único, ciumento e exclusivista, que iria levar seu povo à vanguarda de todas as nações, com a única condição de que o povo a ele se mantivesse fiel.

Era um deus de amor, ou seja, de privilégios, vingativo e terrível. Para concretizar esse destino prometido, os hebreus não queriam ser contaminados pelos não-hebreus: por isso praticavam uma política racista, casavam-se somente entre eles, mas quando foram finalmente desmascarados pelos seus correligionários dissidentes, os essênios, optaram por uma solução tipo Josué: ou seja a destruição das comunidades e o massacre dos adversários.

Tinham um único objetivo: tornar-se a nação eleita que iria guiar todas as outras raças e nações pelo caminho da salvação, em nome de um Deus ciumento.

OS CRISTÃOS

Ao lado dessas duas facções que se odiavam profundamente nasceu um novo movimento, cujas raízes estavam sem dúvida no judaísmo tradicional, mas que apesar disso estava abrindo as portas do céu a todos os povos do universo: *o cristianismo*.

Através de sua fé e de suas reais e nobres qualidades, os cristãos primitivos transformaram o equilíbrio das forças, mudaram a aparência do planeta e modificaram a própria essência do mundo ocidental.

Por causa deles, o mundo se cobriu de monumentos admiráveis: igrejas, catedrais, mosteiros; a moral evoluiu controlando o egoísmo e a barbárie, as artes floresceram e continentes desconhecidos surgiram das trevas dos oceanos; os pobres, os humildes, os deserdados receberam sorrisos e promessas num céu entreaberto para eles.

Era assim que o cristianismo se apresentava no primeiro século de nossa era, e foi ele que, de fato, se tornou a religião mestra do mundo civilizado.

Toda aquela magnífica aventura, todo aquele movimento admirável se baseou, não tanto no primeiro século, mas com certeza a partir do segundo, numa falsificação de textos e

numa pura e simples invenção de personagens e de fatos pseudo-históricos.

Quando o cristianismo edificou sua estrutura, ele se abasteceu *conscientemente* no oculto falsificado, fabricou falsos documentos e escritas "sagradas" e apoderou-se de aventuras e de heróis tomando-os do antigo repertório religioso e mítico.

Para justificar essa estranha política existiam duas razões principais:

O Deus dos cristãos era universal e misericordioso;

A situação social da época justificava aquele procedimento.

O MESTRE DE JUSTIÇA CHAMAVA-SE JESUS

Agora já é muito difícil duvidar de que o Mestre de Justiça era o Cristo anunciado pela Bíblia, o Ungido pelo Senhor, ou então de que ele alimentava a ambição de se tornar o Cristo.

Foi preso, julgado, executado: o *Comentário de Habacuc* afirma que ele ressuscitou, mas o fato que, na opinião do professor Millar Burrows, aconteceu por volta de 65-63 antes de nossa era, não encontrou nenhuma ressonância nos anais históricos antes do ano 1957.

Os hebreus de um lado, por uma questão de hostilidade religiosa, e os cristãos do outro lado, pelo fato de que aquele profeta crucificado se parecia um pouco demais com Jesus, destruíram qualquer coisa que pudesse se relacionar com o acontecimento.

Os hebreus, da mesma maneira com que não viram as pirâmides e os templos do Egito — apesar de alegarem ter morado durante séculos naquele país — afetaram um total desconhecimento de seus inimigos mortais, os essênios!

Uma única vez a Bíblia alude timidamente a essa seita, chamando-os "os Numerosos".

Flavius Josephus, que jamais mencionou Jesus, escreveu demoradamente a respeito das três grandes seitas judias: os *saduceus*, que gozavam a vida; os *fariseus*, hipócritas e fingidos; e os *essênios*, puros e sem fraquezas.

Os cristãos não conseguiriam impor o Jesus deles a não ser com grandes dificuldades, se por acaso tivessem deixado transparecer a existência do Mestre de Justiça, cujas características e morte foram por eles aproveitadas.

De fato, Jesus e o Mestre de Justiça se confundem de tal forma que é bastante razoável supormos que o crucificado do ano-63 (63 A.C.) pudesse se chamar Jesus.

Aliás, isso é bastante provável.

JESUS, CONTESTADOR ESSEÊNIO

Não pode existir nenhuma dúvida a respeito do fato de Jesus pertencer à seita dos essênios, porque isso aparece a todo instante nos Evangelhos canônicos e mais ainda nos apócrifos e no Evangelho dos Gnósticos do Egito.

Jesus agiu como contestador quando anunciou aos "acomodados" da religião que os tempos se tornariam difíceis para eles, quando estigmatizou os ricos e quando declarou que os últimos seriam os primeiros.

Mas seus arroubos líricos de democrata não lhe criaram nenhuma dificuldade e, bem no fundo de seu coração, ele continuou sendo um essênio duro e misógeno. Apesar de declarar que os últimos seriam os primeiros, ele não liberta a mulher de seu estado de servidão, muito pelo contrário!

Quando falou nela em termos gerais, disse: "Ela precisa se tornar um macho", e isso não é uma promoção, mas uma anulação pura e simples da espécie feminina; recusou ver sua própria mãe e até declarou que não havia entre eles parentesco de sangue.

Deixou que as mulheres enxugassem seus pés com os cabelos e disse: "Envergonhe-se quem foi engendrado nas entranhas de uma mulher".

Essa atitude penosa e ultrajante é incompatível com o espírito de contestação que deveria tê-lo incitado a elevar a mulher, devolvendo-lhe o lugar que ela ocupava na época do matriarcado: ou seja, o primeiro.

Jesus, ao que parece, não estava venerando a Mater!

A CRIATURA HERMAFRODITA

Quando Jesus disse (Evangelho de São Tomás) que a mulher deveria tornar-se macho⁽⁸⁾, ele pareceu concordar com a tese que colocava a origem da humanidade numa criatura hermafrodita, ou seja, ao mesmo tempo macho e fêmea.

(8) Mateus, cap. XIX, disse: "Você não leu que aquele que criou o homem nas origens, criou-os macho e fêmea?".

Ver também a criação pré-adâmica em Gênesis, I, 27.

Esse conceito da criação do homem se baseia no fato que ele conserva a cicatriz de seus seios e a possibilidade de nascer, às vezes, com ambos os sexos, o que se deve à sua natureza original e fundamental.

No atual estado de evolução em que se encontra, a fecundação do homem pelo homem é impossível, mas a natureza nos oferece exemplos de hermafroditismo ativo: por exemplo, nas sanguessugas, nos caramujos, nos moluscos acéfalos, nas plantas etc⁽⁹⁾.

De fato, segundo a Bíblia (e a maioria das escrituras sagradas também apresentam teorias análogas), Adão era hermafrodita, porque Eva foi retirada dele.

Lemos em Gênesis, II:

[21] E quando Adão ficou dormindo, Ele tirou uma das costelas dele, e colocou carne em seu lugar.

[22] E o senhor Deus formou a mulher com a costela retirada de Adão, e levou-a para Adão.

Alguns comentadores afirmam, porém, que houve um mal-entendido na tradução e que na realidade precisaria substituir *um lado* por *uma costela*.

Nesse caso teríamos:

[21] E quando Adão ficou dormindo, ele tirou um lado dele, e colocou carne em seu lugar.

[22] E o Senhor Deus formou a mulher com o lado tirado de Adão...

Nesse sentido a mulher realmente é *a metade* do homem, como afirma o povo, e compreende-se porque o macho procura sem parar a mulher que o tornará UM, porque as dualidades sexuais persistem em certos indivíduos e finalmente porque o corpo animal, segundo a tese de Etienne Serrés, é formado por duas metades simétricas que se desenvolvem, num certo sentido, *de maneira independente*.

No caso do hermafroditismo isso explica também a disposição dos órgãos sexuais diferentes: os masculinos de um lado do corpo e os femininos do outro lado.

(9) Em certas criaturas humanas hermafroditas foi possível constatar a existência de uma vulva, uma vagina, de testículos e de um pênis; faltavam porém o útero e os ovários. Em outros casos a vulva, a vagina, o útero, os ovários e o pênis são aparentes, mas faltam os testículos, enquanto o pênis não passa de um clitoris muito desenvolvido. Acredita-se que esses fenômenos resultam da permanência de uma fase transitória do feto, ou então de um desequilíbrio hormonal e cromossômico. A célula porém, pode desenvolver-se em todos os sentidos, assegurando todas as funções biológicas do indivíduo: nesse sentido o hermafroditismo é uma possível solução humana e biológica.

Os conhecimentos desses detalhes, ou talvez simplesmente a interpretação primária da criação bíblica incitara, acreditamos nós, os essênios e Jesus a reivindicar ou a procurar o estado físico do hermafrodita para mais se assemelhar à criatura original, formada pelas mãos do Senhor, criatura essa que eles imaginavam ao mesmo tempo macho e fêmea.

INICIAÇÃO OU ERRO

Um grande número de espiritualistas e de pessoas que assim se intitulam, e de pseudo-iniciados veneram em Jesus o Grande Iniciado e também à Mater, cujos símbolos são múltiplos e a nosso ver impregnados do mais profundo esoterismo.

Parece, porém, irreconciliável que se venerem ao mesmo tempo dois conceitos fundamentalmente opostos e que se anulam mutuamente.

Se Jesus fosse um iniciado — e o fato é altamente improvável, pois não passava de um essênio duro, amargo, misógino e tosco, ele estaria certo ao acreditar no hermafroditismo original⁽¹⁰⁾, desaprovando a evolução da espécie animal e preconizando a volta às origens, isto é, ao estado primitivo⁽¹¹⁾.

Nesse caso o culto da Mater (a mãe da humanidade) não pertenceria à verdadeira iniciação, como não lhe pertenceriam o culto e os símbolos da gruta, da Virgem-Mãe, da Virgem Negra, de Isis, das conchas, da água das cavernas, da amêndoa mística, da vulva, das cicatrizes de Géia, da Deusa-Mãe, fundamentais em todas as religiões pagãs.

Dentro desse conceito seria sacrílego enfeitar de uma auréola que não lhe pertence uma Mater que nunca nos engendrou.

O culto portanto deveria ser dirigido ao Hermafrodita, ou talvez à Afrodite fenícia, parenta próxima da Afrodite barbuda venerada em Cipro.

(10) Não podemos excluir a possibilidade do homem original ter sido um hermafrodita reprodutor. Entretanto, as teses mais recentes de biologia indicam que a criação das espécies foi mais devida ao acaso do que propriamente a uma evolução lógica e regulamentada.

(11) Essa volta ao estado primitivo de suposta pureza, porque criada diretamente por Deus, é um absurdo. Deus sempre é o criador, não somente de um início de espécie, mas de todas as evoluções da espécie. Está sempre presente num tempo presente. Este é um dogma iniciático irrevogável. A evolução, por outro lado, pertence aos planos desconhecidos da Providência e a uma necessidade universal: nada continua intacto, mas tudo se deteriora e evolue. A nuvem do tempo original não se manteve imóvel no céu, tornou-se chuva, que se transformou em elemento fertilizante, em planta, em animal que come a planta, em homem que come o animal etc., em continuação dentro de um ciclo sem fim.



Nascimento de Eva, numa gravura antiga.

Foto do autor.

Essa tese que se relaciona necessariamente ao mito de Jesus-Iniciado não pode ser admitida, e nós a repudiamos formalmente, ou seja, *nós recusamos considerar Jesus um Conhecedor*.

Por outro lado acreditamos nos significados profundos sugeridos pela Mater, pela gruta, pela Grande Deusa dos celtas e finalmente pela água mãe, Mater da vida celular, em suma, da Vida.

O conceito dos essênios e de Jesus misógino está em oposição frontal com o princípio universal da vida e com o mandamento da Bíblia: Crescei e multiplicai.

E realmente, para um Iniciado digno desse nome, a Mater é a água, virgem, primitiva, original, simbolizada pela fonte lustral e o batismo, virgem e ao mesmo tempo prenhe de toda a vida celular, de todas as vidas possíveis.

É exatamente por essa água virgem estar grávida que ela se identifica com a Virgem-Mãe.

Jesus provava uma repugnância instintiva pela Virgem-Mãe (Maria), pelas mulheres em geral, e alguns acreditam ver nessa característica uma indicação dele pertencer ao mundo do erro, e quem sabe das trevas.

Nos capítulos que se referem à iniciação e às origens da vida, os essênios e Jesus representam a superstição e a ignorância, apesar deles serem justificados pela fé e pelas boas intenções.

Jesus sem dúvida poderia ter encontrado a revelação em Maria Magdalena, mas ele recusou voluntariamente essa possibilidade.

Da mesma forma que isso aconteceu com os essênios, e com outras raras seitas de ascetas, os Cathares, em outra época, negaram à mulher seu magnífico e primordial papel: o de engendrar a vida da humanidade.

Dois mil anos atrás, confrontados pelo egoísmo megalomaniaco dos hebreus e o ascetismo bárbaro dos essênios, alguns Iniciados ou então uma seita de Iniciados judeus acharam necessário e benéfico criar a Operação Jesus.

A OPERAÇÃO JESUS

Acreditamos que essa conspiração tinha um alvo e um alto ideal fundamentado em três pontos principais: reformar as leis morais, dar a todos os homens um deus universal e difundir as idéias democráticas e sociais favoráveis aos derrelitos.

Sem dúvida a seita original tinha um nome secreto que não chegou até nós, mas quando começou a se ampliar tomando as dimensões do mundo ocidental, sua filosofia tomou um impulso prodigioso e tornou-se o cristianismo.

Os cristãos, ou Iniciados católicos (*katholikos* = universal) não eram rigorosos, nem intratáveis e nem ascetas como os essênios. Também não eram racistas e ímpios como os hebreus.

Queriam que o mundo continuasse e que Deus estivesse ao alcance de todos os homens.

Três deuses iriam disputar o favor da humanidade: um deus terrível dos essênios; um deus ciumento dos hebreus bíblicos, e um deus universal dos católicos.

Naquela época, após o declínio da influência grega, o pensamento filosófico é sobretudo judeu, e por isso os Iniciados judeus remodelaram o mundo, dando-lhe sua religião universal.

O movimento se beneficia de fatores favoráveis: os hebreus massacraram os essênios, a conspiração se valeu de um Jesus essênio transformado em deus do amor, e os cristãos souberam morrer e se sacrificar.

Os tempos, aliás, eram propícios a uma reforma: os deuses egípcios estavam mortos e substituídos pelos deuses greco-romanos, pela metade homens e pela metade deuses, que já estavam caindo no descrédito.

O mundo da bacia do Mediterrâneo estava em condições de aceitar o único deus que poderia satisfazer suas aspirações: o Senhor universal e misericordioso do qual precisava.

É dessa forma que começou a operação Jesus, talvez com um autêntico Mestre de Justiça crucificado pelos judeus, pelo fato dele ser essênio, reformador e católico.

A SUBSTITUIÇÃO DE JESUS

Nada sabemos realmente a respeito desse Jesus cuja verdadeira identidade foi cuidadosamente camuflada pela Conspiração.

Foi ele realmente um verdadeiro Mestre de Justiça, um profeta essênio?

Temos motivos para acreditá-lo porque afinal, apesar de transformado em apóstolo do amor, o Jesus dos Evangelhos deixa transparecer a todo instante sua natureza essênia.

É um fato que ele transformou o deus ciumento de seus correligionários num deus universal; é um fato que mitigou de maneira notável sua moral desumana, mas ainda assim não conseguiu liberta-se de sua desconfiança — e tanto vale dizer, de seu desprezo — com respeito às mulheres.

Freqüentemente seu temperamento de asceta explodiu, sua boa vontade de cristão excedeu-se, e foi então que apareceu aquele Jesus dos Evangelhos, armado de uma espada e de uma tocha incendiária, o Jesus que humilhava as mulheres, desde a prostituta até sua própria mãe, com uma monstruosidade caracteristicamente essênia.

As contradições observadas nas Escrituras só podem ser claramente explicadas desse jeito.

Podemos imaginar esse mesmo Jesus enquanto prega na Judéia, fazendo talvez alguns milagres — ou coisas que pareciam milagres — mas somente dentro de um grupo restrito de pessoas.

Se os milagres tivessem acontecido em frente a uma multidão, se ele tivesse se sobressaído entre os profetas de seu tempo, Tácito, Flavius Josephus, Justo, Plínio, o Velho, e Suetônio, não teriam deixado de mencioná-lo.

Finalmente foi crucificado pelos hebreus... para grande alívio de todo mundo!

Os cristãos aproveitaram dessa circunstância para transformar aos poucos o Jesus inconstante, despreparado para o seu papel, às vezes bonachão e às vezes trovejando ameaças, num Cristo que abençoa, irradia luz e prega o evangelho do Deus misericordioso.

O Mestre de Justiça foi substituído por Jesus, Mestre de Amor.

Os Evangelhos foram redigidos de maneira conforme e sem dúvida foi um trabalho muito árduo, cem anos depois dos acontecimentos, traçar uma biografia decente e lisonjeira de um personagem que, de fato, tinha suscitado pouquíssimos comentários!

Os livros de Mateus, Marcos, Lucas e do pseudo-João foram corrigidos, para eliminar todas as arestas, acrescentar bons preceitos e expurgar qualquer coisa que não estivesse à altura, acentuando sempre o amor de Jesus, para apagar qualquer impressão essênia, contestadora e misógina.

A imensa e radical evolução que se produziu desde a conjura dos Iniciados judeus do século I até a conspiração dos

teólogos do segundo milênio, inverteu os alicerces e os alvos da religião primitiva.

O papa, paramentado de ouro e pedras preciosas, sentado em seu trono dourado no luxuoso palácio do Vaticano, recebendo, abençoando e recompensando os ricos e os poderosos do mundo, representa de maneira perfeita tudo aquilo que Jesus denunciava como ímpio e satânico.

Os judeus e os cristãos possuem a totalidade das riquezas da terra, e o potencial de destruição, repressão e reconstrução do mundo (com a exceção da Rússia e da China), junto às bênçãos de Jeová e Jesus.

O crucificado, firmemente pregado em sua cruz de madeira para que não possa sair dela, ergue os olhos ao céu como a chamá-lo a testemunhar que jamais antes vira coisa parecida. . .

E um Mestre de Justiça no Oriente está se preparando para uma nova aventura.

O MESSIAS MAO TSE-TUNG

A cada milênio, de fato, os valores começam a caducar e devem ser substituídos (12).

Jesus sucedeu a Moisés, o segundo deus substituiu o primeiro, e agora em nossos dias, a civilização judeu-cristã atingiu seu alvo e está chegando ao seu fim.

Um terceiro deus aparecerá quando a Igreja cristã desapparecer.

As contestações em todos os níveis, ou seja, dos estudantes, dos homens políticos, dos operários, dos camponeses e dos intelectuais anunciam a alvorada de mais um ciclo, de uma nova era caracterizada pelo surgimento de um deus mais verdadeiro e mais abstrato, de uma justiça mais universal e de uma noção de amor desprovida de seus atributos de exclusividade e de privilégio (13).

Amar ao pai é uma coisa muito boa, se nós o amamos da mesma maneira como amamos o desconhecido do outro lado

(12) Aliás, não podemos nos esquecer da aceleração da história. A filosofia do ano 2000 possivelmente já terá caducado no ano 2500.

(13) A criança não é boa: seu egoísmo só arrefece frente à justiça. Quando ela se torna adulta, seus reflexos emocionais e sua especulação intelectual a levam a dar uma importância exagerada ao amor e ao privilégio. Mais tarde, "voltará à infância" concedendo a preponderância à noção de justiça. A mesma coisa acontece com os povos. A China está em sua fase de justiça juvenil e terrível. Antes de desaparecer terá que passar pela fase do amor e do retorno à justiça.

do globo, o irmão negro e o irmão amarelo, o irmão animal, a irmã árvore e o grão de areia no deserto.

O conceito de amor que de Deus se expande para a família, da família aos amigos, aos conventículos e por ordem decrescente, a todos os homens do globo, terá que ser substituído pelo amor universal como foi pregado por Buda.

Essa noção de justiça e de universalidade, mal compreendida pelos cristãos, mal aplicada pelos marxistas e pelos hitlerianos, poderia encontrar seu profeta no Mao Tse-Tung dos Amarelos.

A deterioração do reinado branco, salientada pela revolução de 1968 — que foi muito mais profunda de quanto parece — é o sinal precursor do advento do povo amarelo.

As doutrinas maoístas, apesar de sua aparência monstruosa, têm extraordinários pontos de contato com as doutrinas do Jesus essênio de Tomás, e até com o Jesus dos cristãos.

Os evangelistas contaram como Jesus se recusou a receber sua mãe e seus irmãos: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E olhando para aqueles que estavam sentados ao seu redor: Eis minha mãe, eis meus irmãos. (Mateus, cap. XII, 48-49, Marcos, cap. III, 33-34). Chegou até a recusar ver sua própria mãe (Lucas, cap. VIII, 21).

Essa é a doutrina de Mao Tse-Tung e da Guarda Vermelha.

DEUS

A única maneira válida de venerar Deus é viver da maneira mais natural, sem deteriorar as tradições hereditárias.

Qualquer outra maneira resultaria em masoquismo e em devoção ao diabo.

Os verdadeiros espiritualistas estão convencidos disso, em contraposição aos materialistas que perdem seu tempo, suas energias e sua dignidade em genuflexões, promessas, orações, ladainhas e outras momices parecidas, e que afetam respeitar dogmas infantis e uma moral jamais observada.

O homem em paz com Deus é saudável, jovial, feliz e justo; tem lindos filhos para perpetuar a vida e honrar a Natureza universal.

Quando um homem não fica a perder tempo dedicando-o a um Deus imaginário, fruto de sua fé e de seu medo, ele pode dedicar seu tempo aos outros homens.

A boa religião consiste em respeitar em primeiro lugar o Deus que existe em nosso próximo e em todo o universo.

Seria engraçado imaginar uma de nossas células devotando um culto ao nosso eu humano!

Que a célula cumpra suas funções de célula, o homem seu papel de homem, e Deus-universo ficará satisfeito.

COISAS ESTRANHAS

CAPÍTULO XXIII

ARSÊNICO E VELHAS HISTÓRIAS

Um capítulo do *Talmud*, intitulado "Traição da Escola de Elias" (Sanedrim, fol. 97, col. 1) afirma que o mundo durará 6.000 anos.

Haverá dois mil anos de confusão, a Lei será imposta durante mais dois mil anos e em seguida virão "os dias do Messias".

Talvez os antigos desejavam chegar a viver todo esse tempo: de qualquer maneira eles recorreram à magia na tentativa de prolongar suas existências.

RECEITAS DE LONGA VIDA

Ovídio relata como aconteceu o rejuvenescimento do velho Esão, pai de Jasão, rei da Tessália, amado por Medéia, a rainha feiticeira.

"Quando ele a suplicou, ela usou seus conhecimentos dos astros, dos minerais e das plantas: Esão ficou envolvido numa grande quantidade de plantas aromáticas e ervas aquecidas e

regadas com licores específicos. Foi por intermédio de seus sucos que Medéia lhe fez recuperar sua primeira mocidade”.

Em sua *História de pessoas que viveram durante vários séculos e que remoçaram*, o senhor De Longueville Harcourt contava, em 1735, alguns extraordinários casos de longevidade.

“Thomas Parke, um inglês que morreu sem dores com 169 anos, quando tinha apenas 101 anos foi obrigado a fazer uma penitência pública na porta da igreja por ter engravidado uma moça, o que era um sinal da força de seu organismo numa idade tão avançada”.

Plínio e Solin informavam que na Índia Oriental existiam povos que viviam até aos 400 anos de idade, pois somente se alimentavam de víboras.

Na Escócia oriental, nas ilhas Hébrides, os ilhéus têm uma vida tão longa que corre o boato que aquele povo tem a crueldade de matar os anciões entre 150 e 200 anos de idade, quando pelo fato de serem caducos já se tornam inúteis.

É sabido que o famoso Paracelso se vangloriava de conseguir transformar uma velha em uma moça, com o uso de seu *Mercúrio da vida*, com a mesma facilidade com a qual transformava o ferro em ouro; apesar disso, e apesar de prometer aos outros uma longa existência, ou seja, pelo menos os 300 anos de Nestor, ele próprio acabou morrendo com apenas 37 anos de idade.

MINISTÉRIO DO AR EM 1740

Antes mesmo que os aviões fossem inventados, o duque de Argenson criou, em 1740, um Ministério do Ar. Transcrevemos esse curioso trecho de suas Memórias:

“Essa também vai ser mais uma idéia minha tachada de loucura: estou convencido de que uma das primeiras descobertas a serem feitas, e que talvez se concretizará ainda nesse século, é a arte de voar.

Assim os homens poderão viajar mais depressa e mais comodamente, e também será possível transportar grandes quantidades de mercadorias em navas voadoras.

Haverá também forças militares aéreas. Nossas atuais fortificações se tornarão inúteis. A segurança dos tesouros e a honra das mulheres e das moças estarão em perigo até que não sejam construídas fortificações aéreas.

Entretanto os artilheiros aprenderão a atirar contra os navios voadores e será necessário criar, dentro do reino, um novo encargo de secretário do Estado para as forças aéreas”.

O CRIME PERFEITO DE LEONARDO DA VINCI

Se podemos prestar crédito ao que disse a Voisin⁽¹⁾, o escritor Racine envenenou a bela atriz Thérèse de Gorla, dita a Duparc.

O fato é possível: Racine era capaz de qualquer coisa; era um ladrão de rimas, um ladrão de glórias, um ladrão de mulheres. Derrubou o pobre Molière tirando dele a Duparc, que instalou no teatro do Hotel de Bourgogne.

O servilismo e o abuso de confiança estavam entre suas características, por isso acreditamos sem dificuldade nas acusações feitas pela Voisin.

É muito menos notório que também Leonardo da Vinci era um adepto do “caldo das onze horas”, e por consequência, da feitiçaria.

Aqui está o que se conta a respeito.

O grande pintor sabia perfeitamente preparar os venenos.

Foi um precursor na técnica das “passagens” na química biológica.

A técnica é a seguinte: administra-se o veneno a um animal, e o animal morre; em seguida as vísceras do animal, impregnadas de veneno, são recolhidas: o fígado, o baço, os pulmões etc., e com eles prepara-se um extrato que se administra a um segundo animal que também morre.

A toda “passagem” aumenta a força do veneno.

Da Vinci estudou esse procedimento nas plantas. Injetava debaixo da cortiça dos pés compostos de cianureto de potássio em doses sempre maiores.

Os frutos da pereira, do pessegueiro, da cerejeira e da macieira estavam evidentemente envenenados, mas somente continham uma quantidade mínima de cianureto.

Precisava comê-las durante semanas até que fizessem algum efeito.

Durante um banquete oferecido por Ludovico II Moro, os frutos do jardim de Leonardo da Vinci foram oferecidos a Gian Galeazzo Sforza que lutava pela união dos estados italianos.

(1) A Voisin era uma cúmplice da Brinvilliers. Foi queimada viva em Paris em 1680 por ser uma feitiçeira e envenenadora.

Nos dias seguintes foram-lhe mandados outros frutos, até que Gian Galeazzo morreu⁽²⁾.

O RIO DEBAIXO DE PARIS

Os geólogos sabem que debaixo de Paris passa um rio subterrâneo cujo volume de águas é muito maior do que o Sena.

Parece que está localizado a uma profundidade entre 800 e 1.200 metros, sendo alimentado pelos lençóis subterrâneos que por meio de nove nascentes paralelas se originam no maço do Jura. Daí seu nome: o rio *Jura*.

O rio entra no oceano entre o norte da Irlanda e a Escócia, perto do estreito chamado justamente de estreito de Jura, que separa a ilha escocesa de Jura da península de Cantyre.

Esse mesmo rio passa debaixo do Morvan, na França, da região de Morven na Escócia, perto de Inverness e do Loch Ness, célebre pelo seu monstro: Nessie.

Não sabemos se Nessie realmente existe e não sabemos se não se trata de um habitante daquele rio Jura que parece estar em comunicação com o Loch Ness, mas a esse respeito é muito curioso salientar que o animal lendário do Jura é outra serpente fabulosa: a Vouivre!

Há mais uma coincidência: etimologicamente, Jura significa "animal selvagem".

Isso nos leva a acreditar que essas lendas têm uma origem comum e autêntica.

A ROCHA COM PÉS

Para poder ver a mais estranha rocha da França é necessário subir até uma elevação de 2.900 metros nas cercanias de Lanslevillard, na Sabóia.

Transcrevemos da revista *Phénomènes inconnus*: essa rocha é um grande bloco irregular situado na parte plana de um anfiteatro glaciário entre os sopés do Grand Roc Noir e do cume de Pisselerand.

Como a rocha céltica de Poiré-sur-Vie, o bloco está coberto de pequenos buracos, de depressões e de pegadas, que pare-

(2) Esse episódio foi relatado também por Merejkowski, escritor russo, autor de uma biografia de Leonardo.

cem de pés femininos, porque medem entre quinze e vinte e cinco centímetros de comprimento.

Existem mais ou menos cinquenta pegadas que parecem ter-se aprofundado dois centímetros na rocha, feitas talvez numa época em que o bloco era de lava pastosa e não suficientemente endurecida.

Outras rochas menores cobertas de pegadas estão em volta da pedra grande, e todas as pegadas indicam a mesma direção.

Parece que houve uma intenção de indicar uma direção, um caminho.

Foram mulheres? Ou talvez homens pequenos? Possivelmente nunca saberemos ao certo.

Rochas iguais existem também em Chantelouve, perto de Lanslevillard, em Susa, na Itália, e tem mais uma pedra em Amelie-les-Bains (Pirineus orientais) com impressões de mãos.

A MISSA NA LUA

Os projetos russos e americanos não preocupam somente os físicos, os biólogos e os químicos, mas também os teólogos.

Na época da primeira alunissagem americana os espectadores ficaram um pouco surpresos de perder de vista por alguns instantes o cosmonauta Edwyn Aldrin, o primeiro homem a pisar na Lua.

Sabemos de fonte limpa que Aldrin se afastou por vontade própria do campo visivo da câmara para proceder a um rito minuciosamente ensaiado: concentrou-se, fez o sinal da cruz e fez uma oração ao Deus dos cristãos e, quem sabe, até rezou uma pequena missa.

Os cosmonautas escolhidos para a primeira alunissagem foram selecionados entre os mais bem preparados, isso é fora de dúvida, mas também, a pedido do papa e de outras autoridades religiosas, entre os mais bem-pensantes.

A razão principal para apressar a conquista de nosso satélite foi sobretudo o intuito de desembarcar ali um cosmonauta cristão em primeiro lugar.

Jamais poderia se permitir essa façanha a um russo ateu.

Evidentemente houve também razões militares, políticas e de prestígio, e de qualquer forma a soma das razões provocou na Terra um atraso de dez anos no campo científico. O sistema de propulsão tipo "bomba atômica" de fato não era o mais indicado para as grandes viagens espaciais, por ser pouco rendoso.

A ESQUERDA É OBSCENA

Nossos antepassados arianos — os celtas, os etruscos, os fenícios etc., faziam muita fé na interpretação, que nós agora achamos bastante empírica, de sinais, de presságios e de acontecimentos.

Tudo que acontecia à direita era considerado favorável, e o que acontecia à esquerda era julgado funesto.

É bastante curioso observarmos a esse respeito que a palavra "obsceno" e que significa contrário ao pudor, tem sua origem naquelas antigas credenças.

O grande lingüista suíço Adolphe Pictet⁽³⁾ explica muito bem as razões da péssima reputação da mão esquerda, ou obscena: *obscaevinus* de *ob*, ir, mexer-se, e de *scaevinus* = esquerda.

Em tempos antigos uma certa função fisiológica, que não é necessário definir melhor, apresentava certos "perigos" para as mãos que estavam sendo usadas — perigos que já não existem, depois da invenção das toalhinhas e do papel chamado higiênico.

Para evitar inconvenientes, a *Lei de Manu* mandava utilizar três torrões de terra que, nos países árabes, ainda em nossos dias se traduz com três punhados de areia.

No país árido dos gregos a terra era substituída por três pedras ásperas ou quatro pedras polidas.

Os antigos árias, conscientes da inferioridade natural da mão esquerda, entregavam a ela a tarefa necessária, mas pouco gloriosa.

Segundo Manu, para purificar a mão esquerda precisava limpá-la, com a ajuda da mão direita, com dez torrões de terra, e continuar a limpeza com mais sete torrões de terra para purificar a mão direita que tinha contribuído na limpeza da mão esquerda (livro V, v. 136).

A *Lei de Manu*, que chegou no Ocidente muito antes que os sumeros e os gregos desenvolvessem suas civilizações, foi a causa primeira da reputação nefasta atribuída aos presságios e à mão esquerda.

Entre os povos da Guiné a mão direita serve para os trabalhos nobres e a mão esquerda para os serviços imundos.

Por essa razão, durante a Antiguidade era sinal de péssima educação apresentar a mão esquerda para uma saudação.

(3) Adolphe Pictet, 1799-1875, *Origens européias, ou os arianos primitivos*, ensaio de paleontologia lingüística.

Era considerado de bom tom escondê-la atrás das costas e apresentar a direita em sinal de honra para qualquer boas-vindas.

Em nossos dias temos uma proliferação absolutamente anormal de canhotos, o que está a indicar uma perturbação que afeta as próprias raízes de nosso sistema biológico.

O SÁBIO SALOMÃO ERA UM MAGO

Salomão, rei dos judeus, filho de Davi e Bethsabá (1.000 anos antes de Cristo) ficou famoso pela sua sabedoria e seus enormes conhecimentos; acreditamos porém, que se a segunda qualificação lhe assenta bem, a primeira suscita sérias dúvidas.

Para subir ao trono ele mandou à morte seu próprio irmão Adonias e todos os seus partidários e mandou para o desterro o grande sacerdote Abiathar, que era favorável a Adonias.

Dizem as lendas que Salomão mandou sacrificar mais de mil cavalos em honra do Senhor, e que o Senhor, bastante lisonjeado com essa chacina, deu-lhe o privilégio da sabedoria!

De qualquer forma, a sabedoria foi bastante dúbia porque, diz a crônica, Salomão mergulhou "no abismo dos vícios", teve mil mulheres em seus haréns, mandou construir altares e ordenou que se venerassem Baal, Moloch, Astarte, Balzebuth etc..

"Com suas turpitudes desonrou um reinado que começou com assassinatos, mas que também se destacou por esplendores cuja lembrança perdura até hoje."

Atribuem-se a ele muitas obras escritas com o nome de Soliman-ben-Daud (filho de Davi). Também são dele o Eclesiaste, o Cântico dos Cânticos ou Cântico de Salomão, os Provérbios, o Livro da Sabedoria que, todos, fazem parte do Antigo Testamento.

O ANEL DE SALOMÃO

Segundo o Alcorão, "os demônios tinham escondido debaixo do trono de Salomão os livros de magia que o ajudaram, com a ciência neles contida, a submeter os homens, os gênios e os ventos".

O trono do rei, construído pelos gênios, era sustentado por dois leões deitados e encimado por duas águias.

Quando Salomão sentava em seu trono, os leões esticavam suas patas e as águias abriam as asas para lhe dar sombra.

Segundo a lenda muçulmana, oito anjos de Deus entregaram ao rei dos israelitas uma pedra preciosa que lhe dava todos os poderes sobre eles mesmos e sobre os ventos, quando a pedra estava virada para o céu.

Quatro anjos trouxeram-lhe uma pedra que, colocada sobre a cabeça, dava-lhe poderes para mandar em todas as criaturas que viviam na terra e nas águas.

Um outro mensageiro divino trouxe uma terceira pedra que lhe conferia o poder de achatar as montanhas, de secar os mares e os rios para transformá-los em terras férteis, enquanto as terras continentais se transformavam em mares e lagos.

Uma quarta pedra deu-lhe finalmente todos os poderes no mundo dos espíritos bons e maus, que moram entre o céu e a terra.

Salomão mandou confeccionar um anel com aquelas quatro pedras, e por meio delas conseguiu exercer seu poder a qualquer hora sobre o mundo inteiro.

O SAMUR QUE CORTA A PEDRA E O BRONZE

Para construir o templo em honra de Jeová, Salomão conseguiu mobilizar, através de seu anel mágico, todos os *djins* construtores.

As esposas daqueles gênios preparavam iguarias que ficavam dispostas em cima de mesas que ocupavam uma milha quadrada e todo o povo de Jerusalém era convidado a participar daqueles monstruosos banquetes.

Os *djins*, porém, faziam um barulho ensurdecedor martelando, serrando e cortando as pedras e os metais, e o rei, chateado, perguntou se não havia um meio de eliminar toda aquela confusão.

— Somente o poderoso gênio Sachz poderia fazê-lo, respondeu um *djim*, mas ele conseguiu escapular à tua autoridade.

O *djim* foi finalmente capturado perto de uma fonte no país de Hidjz, e a quarta pedra do anel real obrigou-o a obedecer.

— Alguém te enganou a respeito de minha capacidade, ó rei, disse Sachz, mas o corvo podera te ajudar.

Apanha os ovos no ninho dele e coloque-os debaixo de um vaso de cristal e verás o que o corvo fará para quebrá-lo.

Foi feita a prova e todos viram o corvo sair voando e voltar em seguida trazendo em seu bico uma pedra chamada *samur* (4).

A ave tocou o cristal com aquela pedra e o cristal se partiu sem o menor barulho.

Salomão mandou logo um grupo de *djins* procurar pedras *samur* "em cima de uma montanha no Ocidente".

Daquele dia em diante os construtores do templo puderam continuar os trabalhos sem fazer o menor barulho.

HISTÓRIA DO TAPETE VOADOR

Durante a construção, Salomão fez uma viagem até Damasco, levado nas costas dos *djins*, mas aquela maneira de viajar cansou-o muito e para voltar, mandou que os gênios tecessem fortes tapetes de seda, bastante espaçosos para que ele pudesse sentar neles com todo seu séquito.

Em seguida, pelo poder mágico do anel, ordenou aos ventos para levantar os tapetes e fazê-los voar.

Sentado em seu trono, Salomão dirigia a marcha como um cocheiro dirige seus cavalos. Acima deles voava um grande número de aves que com suas asas abertas os protegiam do sol.

Segundo as lendas, foi essa a primeira experiência de viagem aérea e é também a origem de todas as lendas árabes a respeito dos misteriosos *tapetes voadores*.

O anel mágico que concretizou aquele milagre não ficou sempre no dedo de Salomão: de fato, quando ele ia tomar banho, tinha o costume de deixá-lo com uma de suas esposas.

Um dia um *djim* se apoderou do talismã e sentou-se no trono no lugar do rei; foi então, que desprovido de seus poderes extraordinários, Salomão perdeu seu reino e foi obrigado a ir de um país para o outro.

Felizmente um pescador encontrou no mar o anel que o *djim* deixara cair inopinadamente, e daquele dia em diante Salomão conseguiu recuperar sua autoridade, seu trono e seu reino.

(4) Uma lenda a respeito diz que o corvo trouxe ervas que tinham o poder de amolecer as pedras. Uma outra lenda afirma que Asmodeu, príncipe dos demônios, foi obrigado por Salomão a construir o templo sem martelo, sem serrate e sem qualquer instrumento de ferro, usando "somente uma certa pedra que tinha o poder de cortar as outras como o diamante corta o vidro".

A MORTE DE SALOMÃO

Após um reinado de quase um século, o rei dos israelitas viu que estava se aproximando o anjo da morte que tinha seis rostos.

Uma lenda ouvida pelo escritor Gustave Weil⁽⁵⁾ relata da seguinte maneira os últimos instantes daquele fabuloso rei:

“Com meu rosto da direita, disse o anjo, vou recolhendo as almas dos habitantes do Oriente; com o rosto da esquerda, as almas dos habitantes do Ocidente; com o rosto de cima, as almas dos habitantes do céu; com o rosto de baixo apanho os *djins* nas entranhas da terra; com meu rosto de trás, as almas dos povos de Judjudi e Madjudi; e com o rosto da frente recolho as almas dos crentes, e a tua está entre elas.

— Deixa-me viver até meu templo estar terminado, suplicou Salomão, porque após minha morte os *djins* irão largar o trabalho.

— Tua hora chegou; não está em meu poder prolongá-la de um segundo sequer.

— Está bem. Siga-me até minha sala de cristal.

O anjo consentiu. Salomão fez uma oração, em seguida apoiou-se à sua bengala e convidou o mensageiro de Deus a tirar sua alma enquanto estava naquela posição.

Foi assim que ele morreu, e durante um ano a notícia de sua morte ficou secreta.

Os *djins* somente a souberam quando o templo ficou acabado, e quando a bengala comida de vermes caiu sobre o chão de cristal junto ao corpo que estava sustentando.

Os anjos levaram o corpo de Salomão junto com seu anel mágico até uma gruta secreta, onde ficarão vigiando-o até o dia do Juízo Final”.

(5) *Legendas bíblicas dos muçulmanos*, 1845.

FEITIÇARIA

CAPÍTULO XXIV

OS FEITICEIROS DAS TERRAS MARAVILHOSAS

Existe uma diferença muito pequena entre a feitiçaria, a magia e os fenômenos supranormais, ou seja, inexplicáveis, e é fácil fazer confusões.

Existe uma aldeia na Bavária onde moram duas belas siti-antes que têm uma terrível reputação de bruxas: a maioria das pessoas que se aproxima delas acaba se suicidando sem razão aparente.

A ALDEIA DAS DUAS BRUXAS

A aldeia chama-se Oberbucha, perto de Straubing, e as duas irmãs têm respectivamente os nomes de Thérèse e Anne.

Elas são generosas em todos os sentidos, e ainda duas ótimas moças, e por esse motivo os homens da região não deixam de cortejá-las.

Um homem, Joseph X... de 28 anos, era o amante de Thérèse. Uma manhã foi encontrado morto, enforcado em seu próprio celeiro.

Wilhelm Z. . . de 55 anos, sucedeu-lhe ao lado da moça e poucos dias mais tarde, se enforcou.

O jovem Karl, de 21 anos, também freqüentava uma das irmãs, ou talvez ambas, e ele também se suicidou, ou foi vítima de uma fatalidade, enopando-se de gasolina.

Max, de 33 anos, se enforcou após apaixonar-se por Anne, e Konrad, de 45 anos, se afogou após uma aventura amorosa com a mesma moça.

Não precisava de mais nada para que as duas sitiantes conseguissem uma terrível reputação de bruxas — e precisamos convir que as coincidências são realmente exageradas.

Apesar disso, qual seria o sentido e como poderiam elas ter feito os malefícios? A polícia não conseguiu encontrar a menor prova contra elas.

Existe mais um fato tenebroso naquela terra, mas que dificilmente poderia ser provado como diabólico: em 1435 o duque Albrecht de Bavária apaixonou-se por uma bela plebéia, Agnès Bernauer, que também tinha fama de marcar encontros com o diabo.

O pai do duque, sentindo-se ultrajado por aquele casamento desigual, mandou codenar Agnès como bruxa e a infeliz moça foi jogada no Danúbio.

PONTOS NEGROS SOBRE A TERRA

Em vista daqueles dramas, os ocultistas parecem concordar num ponto: a região de Straubing é aparentemente funesta para seus habitantes.

As coisas acontecem como se “as veias envenenadas do Dragão” tivessem um ponto de emersão naquelas paragens, trazendo perturbações ao seu campo eletromagnético e ao do céu.

De fato, esse fenômeno é comprovado: as correntes telúricas condicionam o comportamento do indivíduo e dependendo de sua natureza e de suas interações com o campo eletromagnético da terra, podem ser benfezas ou então, ao contrário, suscitar terríveis perturbações de caráter nervoso.

Apesar de todos os pesares, a Itália sempre será o país do bom gosto, da arte e do assassinato, a França sempre será leviana, dedicada às artes e às contestações, a Espanha continuará ardente e dramática, a Alemanha continuará ordeira e científica, a URSS será submissa e pródiga, os EUA autoritários e generosos, e a China cruel e genial.

Em Straubing sempre haverá suicidas e amores trágicos.

Na rodovia (da França) que leva para o sul, em Courtenay, perto de Montargis (Loiret) existe outro ponto negro onde os carros têm uma terrível tendência a saltos perigosos e a capotamentos.

A rodovia é reta e bonita, mas em fevereiro de 1968 Patrick Dautreau morreu ali com mais sete pessoas; em 23 de junho 1969 cinco motoristas morreram exatamente no mesmo lugar.

Isso não deixa de ser bastante estranho.

Já falamos a respeito do plátano e do marco 88,4 da rodovia Nacional 5, entre Pont-sur-Yonne e Paris, do marco 23,9 da rodovia entre Bremen e Bremerhaven, da Nacional 7, mortal para os Michelin entre Briare e Montargis (1); esses dramas não têm explicação possível, mas existem coincidências demais para que possamos pensar que tudo não passe de um acaso.

Porém, não se trata de feitiçaria: é simplesmente um fenômeno natural, geofísico e elétrico.

A MAGIA TELÚRICA DE NANTERRE

A magia e a feitiçaria ainda tem umas terras prediletas: são os países chamados subdesenvolvidos, e as províncias mais atrasadas dos países mais civilizados.

Em Lagos, na Nigéria, um feiticeiro matou uma garotinha da aldeia de Keffi, porque ela se transformara numa cobra e a lei não proíbe de matar cobras.

O tribunal reconheceu parcialmente as razões do feiticeiro e condenou-o somente a três anos e oito meses de cadeia.

Em setembro de 1969 um homem de Nova Delhi foi sacrificado por um hindu que pretendia desse jeito exorcizar sua esposa.

Na região de Compiègne em 1969 sucederam-se as mortes e os casos de loucura, por causa de um "mago" que de fato era um péssimo feiticeiro.

O cronista parisiense *Médecus* criticou asperamente esses casos de possessão e de (por que não dizer?) de loucura coletiva num grande cotidiano da capital, pois uma região inteira estava defendendo o feiticeiro:

"A coisa mais extraordinária no caso de Compiègne, escreveu *Médecus*, não é que a imbecilidade de testa estreita,

(1) *História misteriosa dos Homens depois de 100.000 anos*. Os Michelin parecem ter sido vítimas da maldição dos Templários.

a burrice mais cega e a superstição enfeitada de orelhas de burro estejam se manifestando a 80 km. da Capital. O que realmente é desanimador e intolorável é que elas vicejam em nossa própria capital, como em Nova Iorque, em Londres, em Moscou”.

Médecus está certo, mas assim mesmo ele não falou de um certo ponto negro do subúrbio parisiense: Nanterre, onde, por razões misteriosas para qualquer racionalista e mágicas para qualquer empírico, existem, um ao lado do outro, um matadouro, um asilo de velhos e uma universidade que é o berço incandescente da contestação estudantil.

Entretanto, aquele lugar outrora já foi consagrado ao culto druídico, mas em seguida foi cristianizado; após aquela operação fatal Nanterre foi o teatro de atrocidades terríveis, em 1411, entre os armagnac e os bourguignon, e em 1815 entre franceses e prussianos. Todo mundo sabe o que aconteceu ali entre 1968 e 1970.

ENCANTAMENTOS PARA CONQUISTAR CORAÇÕES

Você pode procurar a explicação que você quiser. O fenômeno é muito conhecido em nosso interior e é largamente usado pelos caçadores, pelos mediadores de gado e pelos açougueiros — ou seja, por todos aqueles que sabem lidar com os animais: existem “mágicas” que conquistam e conservam o carinho.

Qualquer cachorro irá atrás de você e será “seu”, mesmo se for muito afeiçoado a seus legítimos donos, se ele aceitar e comer logo um pedaço de “gruyère” que você tenha mantido por uns dez minutos debaixo do sovaco, em contato com a pele.

Esse passe de mágica é muito usado por caçadores de poucos escrúpulos que o usam para ganhar a afeição de algum cachorro com a reputação de bom sabujo... e que naturalmente pertence a algum vizinho.

Da mesma forma você poderá amansar — e somente para você — os bois bravios (e as vacas) se você conseguir que eles comam um punhado de sal enquanto sua mão fica apoiada no nariz do animal.

Quando um touro entra na arena, entra geralmente correndo e pára de repente num certo ponto que o toureiro anota com precisão: *ele nunca deverá provocar o animal quando ele estiver naquele ponto.*

Terá ainda que levá-lo a um ponto posto para poder fazer seus volteios mais perigosos, e matar o touro num ponto a meio caminho entre os dois lugares.

Você poderá domar um cavalo rebelde se você lhe der de comer um pouco de feno sobre o qual você tenha urinado. Precisa repetir essa operação algumas vezes para não indispor o animal.

Na África equatorial as mulheres usam uma mágica parecida à do "gruyère", só que é dirigida ao marido.

Para que o homem se mantenha fiel, elas costumam guardar um pedaço de carne entre as coxas durante vinte e quatro horas; em seguida preparam com ela um bom guisado, e o maridinho nunca mais olhará para uma outra mulher.

Isso não é nenhuma brincadeira: essas feitiçarias muito freqüentemente conseguem o efeito requerido, e por isso mesmo gozam de um certo crédito.

O touro quando entra na arena traça seu próprio círculo mágico e seu ponto de comando. O toureiro em seguida terá que encontrar o ponto certo para o holocausto.

Não enfrente jamais um patrão ou um homem de negócios quando está sentado em sua poltrona atrás da escrivaninha. E não enfrente uma mulher rebelde num local que não é conveniente para você.

O alimento que fica macerando no suor e que se impregna do cheiro *sui generis* de uma pessoa exerce sem dúvida o efeito de um encantamento sobre outros indivíduos, que o cheirem ou que o comam.

A ERVA DOS BRUXOS

Como acabam de ver, é bastante fácil tornar-se um feiticeiro sem gastar muito.

Parece que a melhor receita de todas foi a da famosa *erva dos feiticeiros*, ou erva do diabo, uma planta conhecida com o nome de *datura* ou estramomo, que pode ser facilmente encontrada na França (2).

Tomado em forma de chá, o *datura* proporciona uma leve embriaguez e provoca um relaxamento da consciência. As pessoas sentem-se lânguidas, sem vontade de contestar, e por isso são levadas a acreditar em qualquer sugestão que esteja recebendo.

(2) O chá de *datura* deve ser preparado com muito cuidado, e deve ser muito leve. Um erro de dosagem provoca irremediavelmente a morte.

Ao mesmo tempo torna-se vítima de alucinações agradáveis, muitas vezes até de tipo erótico.

Antigamente o feiticeiro embriagava com esse chá a pessoa que desejava assistir ao sabá.

Isso propiciava-lhe a oportunidade de influenciar a imaginação do neófito, forjando cenas baseadas em geral em credições estereotipadas, mas era também vantajoso para sua própria reputação pessoal suscitar acontecimentos específicos que em seguida proporcionavam o ensejo de chamar o neófito a testemunho.

“Você viu quando o senhor Satã ordenou à sua vizinha para se entregar a ele debaixo do altar paramentado de vermelho?”

“Você viu quando a Vincentina foi embora voando a cavalo no cabo de vassoura... você viu, não é mesmo?”

O coitado em seguida estava pronto a jurar que as coisas tinham se passado realmente dessa maneira.

Era também um meio de segurar uma mulher, ou de obrigá-la a se manter fiel ao marido ou ao amante, ameaçando-a ao mesmo tempo de que Satã a levaria para o inferno se ela quebrasse o pseudo-juramento feito em sua presença e assinado com o sangue de ambos.

Os *Encantadores da Idade Média* agiam da mesma maneira: mandavam um casal de amantes conscientes beber o tal chá de datura, e lhes proporcionavam um gozo incrível, maravilhoso... e *parcialmente imaginário*.

Podiam da mesma forma mandá-los viajar em países de sonho, durante um tempo que eles sugeriam ser muito comprido, e que conseguiam dividir em dias e noites, e às vezes em meses e anos.

Os amantes então se convenciam de ter visitado Veneza ou Nápoles, de ter atravessado o deserto, de ter navegado por mares tempestuosos, de ter escapulado de naufrágios e de ter reinado como monarcas de países paradisíacos.

Os “encantados” tornavam-se dependentes do chá e pagavam boas quantias em escudos sonantes para poder mais uma vez viver aquela vida paralela que os afastava da banalidade de suas vidas reais.

Era lógico que essas pessoas acreditavam em feitiçarias.

Na realidade, tratava-se de uma verdadeira magia que durante muitos séculos abusou da credulidade de pessoas supersticiosas.

O AMIGO DOS JACARÉS

Não podemos porém, pensar que a feitiçaria e a magia sejam inexistentes.

Sem dúvida, algum dia os químicos, os biólogos e os físicos poderão encontrar uma explicação racional, mas por enquanto os fenômenos continuam quase inexplicáveis.

Por exemplo, eles ficam perplexos frente à aventura incrível e autêntica de um médico estrangeiro e que aconteceu depois da guerra 1940-1945.

Esse médico cujo nome era Babor, trabalhava num campo de concentração onde sua tarefa era encurtar a existência dos prisioneiros gravemente enfermos, injetando-lhes ácido fênico no coração.

Quando a guerra acabou o doutor Babor achou por bem afastar-se de seu país para não ser submetido a um julgamento e se refugiou na Abissínia, onde continuou exercendo sua profissão.

Um dia um de seus antigos colegas o encontrou ali e percebeu — com bastante atraso, ao que parece — que o dr. Babor tinha um temperamento cruel e sádico.

O único lugar em que ele se sentia à vontade era à beira de uma lagoinha infestada por jacarés que ele conseguiu amansar e com os quais costumava brincar como se fossem cachorros.

Quando se viu obrigado a voltar ao seu país, para se justificar de sua ações durante a guerra, Babor decidiu suicidar-se e dirigiu-se até a lagoinha com um revólver na mão.

Entrou na água até a cintura, acariciou os jacarés que se apinhavam em sua volta sem sequer pensar em atacá-lo, e deu-se um tiro na cabeça.

O cadáver do doutor Babor ficou intacto durante muitos dias. Nenhum jacaré fez a menor tentativa de devorá-lo.

Acreditamos que entre o homem e os animais tenha se estabelecido uma relação de simpatia no plano biológico, uma espécie de aliança entre uma criatura cruel e outras criaturas do mesmo temperamento.

Esse caso é muito parecido ao de um Jesuíta que no século XVI costumava acariciar impunemente os pumas da Cordilheira dos Andes.

Ele amava os pumas, e como já tinha matado pessoalmente alguns homens, sentia-se ligado aos pumas por uma estranha identidade psicológica.

O RITO DO SANGUE

Acredita-se que o sentimento de inimizade entre dois indivíduos depende da sensação de que eles são "estranhos" um ao outro. Essa sensação provocaria portanto uma rejeição, uma repulsa.

Os negros não evoluídos sentem esses mesmos sintomas quando se aproxima um homem que não é da tribo deles, que não é do mesmo sangue. Por esse motivo ele se torna um inimigo biológico.

As relações humanas são, em geral, baseadas em simpatias ou antipatias: você é do meu mesmo sangue, meu irmãozinho, ou então você não é nada disso!

A troca ritual de sangue, como era feita outrora, não tinha outra finalidade a não ser a de confirmar uma afinidade biológica.

O filho do rei sucedia ao pai no trono, ou então esse lugar era ocupado por outro *príncipe do sangue*.

Muitos casamentos foram celebrados entre os monarcas da França, da Espanha e da Itália, para estabelecer uma consangüineidade que devia criar um clima favorável de mútuo acordo entre os soberanos.

ESCOLA DE MAGIA NEGRA EM PARIS

Soemond Sigfusson, o autor da antiga Edda, era, segundo as tradições, um literato escandinavo originário da Islândia.

No começo do século XII ele foi cura da paróquia de Oddi, a primeira a ser criada em sua ilha.

Dizem os Sábios que Soemond veio para a Europa continental e chegou a Paris onde parece foi discípulo numa escola de magia negra: Existe, porém, uma dúvida bastante bem fundamentada a respeito dessa lenda: parece que ela foi inventada pelos sacerdotes cristãos que desejavam desacreditar um escritor e uma mitologia que não pode ser comparada a nenhuma outra no mundo inteiro, exceto talvez os *Romances da Mesa Redonda*, traduzidos em versos franceses pelo Normando Robert Wace, em 1155, com o título: *Le Brut*.

De qualquer maneira, vale a pena contar essa história da escola parisiense de magia negra.

O curso de feitiçaria, que durou de três a sete anos, era ministrado numa cripta tão profunda que a luz do dia não podia penetrar até lá.

Durante o curso os alunos não tinham o direito de subir até a superfície da terra; todos os dias recebiam sua alimentação trazida por “uma mão peluda e preta, e estudavam a magia em livros escritos com letras de fogo”.

O Mestre, que era o próprio Diabo, não aparecia nunca; seus ensinamentos eram apresentados de maneira mágica, e o lucro dele consistia no direito de tomar o corpo e a alma do discípulo que era o último a sair da cripta no fim de toda prova anual.

Quando Soemond terminou seus estudos e chegou o dia de sair da escola, ele escolheu sair por último para salvar seus colegas.

Vestia ele uma grande capa branca somente apoiada em seus ombros e confiava em sua própria esperteza e rapidez para poder escapular do Diabo.

Ele fez tudo tão direitinho que o Diabo, quando quis apanhá-lo, ficou somente com a capa dele, mas a porta da cripta que era de ferro se fechou tão rapidamente atrás dele que acabou por esfolar seu calcanhar.

Uma outra tradição afirma que no dia em que saiu da escola, o sol brilhava de maneira tão ofuscante que o Diabo, cego, só conseguiu capturar a sombra de Soemond que, daquele dia em diante, nunca mais teve sua sombra ao lado.

SOEMOND, O MAGO

Vamos continuar contando a história de Soemond, como é relatada pelo dr. Konrad Mauser⁽³⁾. Soemond aprendeu a verdadeira magia com um astrólogo que “morava num país do Sul da Europa”.

Estava com muita vontade de voltar para a Islândia, apesar de ter recebido a proibição de fazer isso, e uma noite fugiu com a cumplicidade de um bispo.

Mas o astrólogo era um homem muito erudito, e consultando o céu ele viu, pela posição dos astros, onde se encontrava Soemond. O aluno tinha aproveitado bastante as aulas e consultando os astros viu o perigo que o ameaçava.

“Meu Mestre está a caminho, disse ao bispo, e ele sabe onde nos encontramos.

Apanhe meu sapato, encha-o de água e coloque-o em cima da minha cabeça...” A mágica teve um efeito imediato. O Mestre parou de persegui-los e disse aos companheiros:

(3) *Tradições populares da Islândia* — Leipzig, 1860.

“Más notícias, meus amigos! O homem que estamos perseguindo acaba de se afogar, porque estou vendo em sua estrela o sinal da água! Podemos voltar para casa”.

Os fujões continuaram o caminho, mas o Mestre consultou mais uma vez o céu e viu que a estrela de Soemond brilhava tranqüila. Decidiu mais uma vez persegui-lo.

Soemond percebeu novamente que um perigo o ameaçava:

“Lá vem o astrólogo mais uma vez, ele disse ao bispo. Depressa, apanhe sua faca e faça um corte em minha coxa. Em seguida coloque meu sapato cheio de sangue sobre minha cabeça”.

O Mestre que continuava consultando os astros parou e disse:

“Agora estou vendo sangue na estrela daquele que estamos procurando. Com certeza foi morto por aqueles que o levaram a fugir, e assim recebeu o castigo por me ter abandonado”.

Virou o cavalo e os perseguidores voltaram para casa. Quando o astrólogo decidiu consultar pela última vez os astros do alto de sua torre, viu que a estrela de seu aluno brilhava clara e pura. Compreendeu então que Soemond já estava à sua altura em todas as ciências e que era justo que ele fosse viver sozinho com os grandes conhecimentos adquiridos.

A COLUNA INFAME

Em 1630, a peste grassava na Itália e aquela epidemia foi a causa de um dos mais horripilantes capítulos da história da feitiçaria, porque, como de costume, o “feiticeiro” era uma pessoa totalmente inocente e o Inquisidor era um verdadeiro discípulo de Satã.

Naquele ano a população de Milão estava morrendo, dizimada pela doença que também estava se expandindo pelo interior. Não havendo trabalhadores capazes de trabalhá-la, a terra ficou sem ser cultivada.

Logo a fome foi se juntar à doença e ambas trouxeram o terror e as piores atrocidades, porque dizem que a população esfomeada começou a comer carne humana.

“Quem tivesse um tumor na virília ou no sovaco era um homem morto” relata um cronista da época.

Os padres, assustados pelo contágio, não ousavam mais levar os últimos sacramentos aos agonizantes.

A população estava se lembrando o que tinha ouvido a respeito da epidemia de peste do século XIV que, diziam, tinha

vitimado 25 milhões de pessoas (alguns diziam até 100 milhões), e finalmente a psicose da morte, do contágio e finalmente da maldição diabólica tomou conta de todos os espíritos.

As pessoas que estavam na França durante a época cheia de perturbações da “ocupação” primeiro, e da “liberação” depois, entre 1940 e 1945, poderão mais facilmente imaginar como era o ambiente em Milão, fazendo as devidas transposições.

Vizinhos que alimentavam rugas, inimigos políticos ou religiosos, aproveitaram da situação caótica para tirar suas desforras e finalmente a superstição tomou conta de tudo, e a população começou a acreditar nos “untori” (homens que andavam untando), que de noite marcavam as paredes das casas com uma graxa infecta para sempre mais difundir a epidemia.

Uma megera, precursora das famigeradas “tricoteseuses” de 1973 e das denunciadoras de 1945, acusou um pobre homem chamado Piazza: disse que o tinha visto enquanto ele untava de graxa infecta os muros de sua casa.

Evidentemente era uma acusação estúpida e sem nenhum fundamento, mas assim mesmo foi levada em consideração pelos juízes do senado milanês e pelas autoridades religiosas, que são sempre prontas a ver a mão do demônio nos males que flagelam a humanidade.

A Inquisição logo começou a usar suas práticas abomináveis.

“Vencido pelos sofrimentos e por uma promessa de indulto, Piazza acusou o barbeiro Mora, que entre atrozes sofrimentos confessou ser culpado.”

Os infelizes ainda acusaram um terceiro cúmplice que para se livrar dos algozes, acusou um grande número de pessoas entre as quais estavam um capitão espanhol, um mestre de armas e um rapaz muito jovem.

Estes três, apesar dos mais terríveis sofrimentos, continuaram a protestar e se declarar inocentes: foram libertados após dois anos de cadeia.

Somente os outros foram executados, em meio a uma pompa espantosa.

Os juízes milaneses estavam tão convencidos de ter levado o inquérito e o julgamento de maneira impecável que quiseram perpetuar sua lembrança, erguendo uma coluna no lugar onde antes se encontrava a casa do coitado do barbeiro Mora, que fora destruída.

Esse monumento, apelidado “coluna infame” teria que lembrar aos transeuntes a suposta infâmia de Mora e dos outros inocentes executados.

“Nossa Santa Mãe Igreja, disse um cronista da época, inquiriu os criminosos feitiçeiros, e mais que a tortura dos borzeguins e do chumbo fundido despejado nos ouvidos, foi a própria vontade de nosso Senhor que mandou os infames confessarem seus crimes (4)”.

Toda a história da feitiçaria se baseia nesse erro primordial: o feitiçeiro (ou a bruxa) era geralmente uma pessoa inocente, ou então doente, e quem a julgou e castigou em nome do Senhor ou da justiça dos homens era realmente a criatura maléfica, impulsionada pelos demônios.

Os demônios realmente existem, mas não estão lá onde querem nos convencer que eles estão, com perversa segurança!

(4) A história da coluna infame foi relatada pelos escritores italianos Manzoni (*Storia della Colonna Infame*), Ripamonti, Nani, Muratori, Farini e Verri.

OS MISTÉRIOS DO CÉU

CAPÍTULO XXV

OS ESTRANHOS QUE VIERAM DO CÉU

É quase certo que a Terra é o único planeta do sistema solar habitado por criaturas que raciocinam.

É pouco provável que homens *idênticos* a nós existam dentro de nossa galáxia ou então no cosmo, mas é possível que haja outros *análogos* ao homem terrestre.

Desde 1968 diminuiu de maneira considerável a moda dos OVNI⁽¹⁾ e dos discos voadores, como se os que têm o hábito de observar os céus durante a noite tivessem se deixado dominar pelo cansaço.

O PONTO DE VISTA RACIONALISTA

Apesar disso ainda não representar um triunfo, os racionalistas estão se agarrando solidamente em opiniões que valem a pena conhecer.

Na opinião do professor François Le Lionnais, o fenômeno dos DV (discos voadores) não é uma alucinação, mas uma ilusão coletiva.

(1) OVNI — Objeto Voador Não Identificado.

O senhor Paul Muller, astrônomo, acha que na maioria dos casos trata-se de nuvens lenticulares, ou seja, com a forma de lentilhas.

O Dr. René Held, psiquiatra, opina com sua lógica austera: "Faz 3.000 anos que as pessoas enxergam coisas esquisitas no céu, e até hoje não aconteceu nada de novo, ficamos sem dados adicionais. Quando raciocinamos de maneira científica, podemos errar, recuar, voltar a nos entusiasmar, tentar, liquidar com tudo, começar de novo, mas sempre fica algo valioso para guardar. Sempre existem dados adicionais".

Nada de parecido pode ser constatado no fenômeno dos OVNI's, ou dos fantasmas, de Deus, dos elfos e assim por diante.

É fácil chegarmos a uma conclusão a respeito.

Os incrédulos dizem que na percepção de objetos esquisitos existe uma intensa participação subjetiva. Para conhecer melhor o problema seria necessário estudar a fundo a psicologia dos observadores de OVNI's.

Possivelmente eles têm posições afetivas, e alguns deles são poetas que projetam em seus céus adultos as fantasias que os acompanham desde a infância.

NÃO HÁ MAIS OVNI EM ISRAEL

Em Israel, onde a população e os radares mantêm uma vigilância de vinte e quatro horas, pois a vigilância ali é uma questão de vida ou morte, todo cidadão tem a obrigação de avisar as autoridades competentes tão logo perceba no céu um objeto não-identificado.

Mas se a alerta for falsa, pior para ele!

Se o mesmo indivíduo vê um OVNI pela segunda vez sem que haja um resultado positivo, recebe uma admoestação.

Se ele alega ter visto um OVNI pela terceira vez e os aviões de caça não encontrarem nada, o torcedor dos discos voadores é mandado para uma clínica psiquiátrica.

O resultado dessa política é extraordinário: o número de OVNI e DV vistos em Israel de 1966 a 1969 é igual a zero.

Na região do Tchad, na África, os indígenas nunca tinham ouvido falar em discos voadores ou em Extraterrestres.

Em seguida chegou o rádio (e quem sabe, até a televisão) anunciando que no mundo inteiro os guardas de fronteira, os agricultores e os motoristas estavam vendo centenas de discos voadores por dia, contendo dezenas de marcianos.

Resultado: em nossos dias todos os habitantes do Tchad, como os habitantes do resto do mundo, conseguem ver seus OVNI's, seus DV's e os Extraterrestres nanicos ou gigantes, às vezes até andando dois a dois.

Os racionalistas apoiam suas teses em mais uma argumentação importante: Buda, Pitágoras, Descartes, Pasteur, Niess Bohr, o professor Monot e Joliot-Curie jamais viram um disco voador.

OS ESTRANHOS VINDOS DO CÉU

Todas essas observações são honestas e largamente justificadas, mas apesar disso o problema continua, devido a coincidências exageradas e a tradições que são impossíveis de se eliminar em bloco.

Para os doutores da Igreja e para os povos antigos "os anjos de Deus são os *pilotos* dessas espaçonaves pujantes e luminosas que se movimentam no céu".

Podemos ler no Antigo Testamento:

"Todos esses santos morreram na fé... confessando que eles eram *estrangeiros* e viajantes nessa terra". (Hebreus, cap. XI, 13).

Na primeira Epístola de Paulo aos Coríntios encontramos uma curiosa exégesis:

— Vers. 45 — Adão, o primeiro homem, foi criado com uma alma viva, e o segundo Adão recebeu um espírito vivificador.

— Vers. 47 — O primeiro homem é o *terrestre*, formado com a terra, e o segundo é o *celestre*, *que veio do céu*.

Precisamos de fato notar que na Bíblia (Gênesis, I, 27 e II, 7) há duas criações humanas, mas contrariamente a quanto diz São Paulo, está explicado que a segunda é *terrestre*, feita com o barro da terra.

Se aplicarmos a esses textos a teoria da pluralidade dos mundos habitados, poderíamos entender que houve uma raça humana autóctone e mais uma raça, vinda de um outro planeta, além de todos os anjos que desceram para a Terra para se casarem com as belas terrestres.

Segundo o Alcorão, Adão não nasceu na Terra, mas em um outro lugar.

No céu, Deus fala com os anjos e diz (Surata, II, 28): "Vou estabelecer um vigário na Terra".

Os anjos protestam, mas Deus apresenta a eles o vigário: "Adão, que conhece os nomes de todas as criaturas".

Todos os anjos, exceto Eblis, então adoram Adão.

Está claramente especificado que essa cena acontece num lugar que não é na Terra.

Em seguida Adão e "sua esposa moram no jardim" e se aproximam da árvore proibida. Eles recebem seu castigo e são condenados a *ir morar na Terra*:

— Vers. 34 — "Desçam desse lugar: serão inimigos uns dos outros e a Terra será seu abrigo e sua propriedade temporária".

Um nosso correspondente, o sr. Gerard Guillet, observou que em sânscrito as palavras *Marte* e *Mongol* se escrevem da mesma maneira, e esse detalhe é bastante curioso se o aplicarmos aos Filhos do Céu.

De fato, no Oriente, muito mais do que no Ocidente, fala-se em relações interplanetárias.

OS VIMANAS DO SAMARANGANA SUTRADHARA

Nos seus *Ensaio de meditações imateriais* Kronos-Paul Fisch cita uma página de Louis Dubreucq, membro da Associação astronômica que se refere a um manuscrito védico:

"Trata-se do *Samarangana Sutradhara* que nos dá uma descrição pitoresca das máquinas voadoras que existiam entre os povos civilizados, para garantir as comunicações entre os continentes, ou manter a ordem, ou talvez até assegurar o sucesso das grandes expedições interastrais. . .

Esse manuscrito, continua Paul Fisch, dedica duzentas e trinta páginas ao sistema de construção dos *vimanas* (espaçonaves) e ao seu emprego.

Essas máquinas se elevavam verticalmente, voavam por milhares de quilômetros, e sua velocidade era tanta que às vezes não podiam ser vistas do solo. . .

O *Samarangana* declara que os *vimanas* não eram o produto de uma imaginação poética, mas máquinas que funcionavam à base de energia latente do mercúrio aquecido quando elas se encontravam no espaço. Eram desprovidas de asas e se sustentavam no ar somente por causa da energia produzida. Existe uma lista de quarenta e nove tipos de fogos propulsores, relacionados a fenômenos elétricos e magnéticos.

Os *vimanas* podiam ser invisíveis e transportar silenciosamente tripulações perfeitamente protegidas.

Todo aparelho tinha seu próprio nome e as tabuletas védicas mencionam um *vimana agnihotra*: com dois fogos propulsores.

Ao que parece, os homens que viveram naquela época estavam acostumados a receber visitas de outros planetas.

Alguns *vimanas* de construção especial podiam chegar até às regiões solares (*surymandala*), outros até às estrelas (*nahs-tramandala*) e tinham proporções enormes, para poder atravessar o sistema solar e ir mais além. . .

O *Tantjur* e o *Kantjur* dos tibetanos descrevem aquelas aeronaves maravilhosas em forma de fuso que sempre giravam na órbita da Terra, à espera dos grandes embarques de mais de mil passageiros”.

O *Mahabharata*, o *Drona Parva*, o *Ramayana* contêm descrições análogas.

A esse respeito é notável lembrar que as tradições irlandesas falam dos tempos antigos “quando todos dançavam no ar como as folhas dançam no vento de outono. . .”

Na ilha de Saint-Vincent “os sábios de outros tempos podiam voar com a maior facilidade. Não tinham asas, mas se elevavam no ar com a ajuda de sons, batendo em pratos de ouro. . .”

Uma lenda do Caribe também afirma que “no tempo dos antigos as pessoas não subiam ou desciam pelos andares: batiam num címbalo e cantavam. A canção dizia onde queriam ir e eles lá chegavam. . . Todos podiam dançar no ar como as folhas na tempestade. Tudo era muito leve”.

Concordamos com Paul Fisch que pensa haver algum fundamento nestas tradições, atribuindo-as à existência de Ancestrais Superiores do continente atlante a da Terra de Mu.

“Uma grande parte da pré-história, escreve Paul Fisch, se passou em terras que atualmente se encontram submersas”.

OS COSMONAUTAS DAS GRUTAS AUSTRALIANAS

Numa gruta perto do Glenelg River, na Austrália, na região de Kimberley, o explorador George Grey descobriu em 1838 um estranho afresco que representa alguém que somos tentados a chamar de cosmonauta.

A cabeça do personagem está contornada de brilhantes círculos vermelhos, que talvez simbolizam o sol; o corpo e as



O cosmonauta da gruta de Gleneig River, na Austrália.

Foto do autor.

mãos são pintados de vermelho e o corpo mostra ainda estrias, também vermelhas.

Na mesma gruta o explorador viu um grupo de quatro cabeças com capuzes ou auréolas, só que dessa vez de um azul profundo.

Um desses "cosmonautas" tinha também um colar e a meiguice da expressão levou Grey a pensar que se tratava de uma mulher.

Numa outra gruta existe um afresco que representa um homem com três metros de altura, coberto da cabeça aos pés por uma espécie de roupa informe cor-de-rosa, que lembra a dos escafandristas e dos aviadores que devem enfrentar os rigores da estratosfera.

Um duplo círculo rosa e ouro encontra-se em volta da cabeça e na parte cor-de-rosa podem ser vistas seis letras ou algarismos de um alfabeto desconhecido, mas parecido com o de Glozel.

É possível que o círculo rosa represente um capacete de plexiglas.

Na opinião dos "técnicos" e também do antropologista A. P. Elkin, trata-se de pinturas feitas pelos aborígenes e representam Wandjina, o deus da chuva dos antepassados, mas essa interpretação não parece muito apropriada.

Muitos acreditam que os aborígenes australianos quiseram representar os escafandristas do espaço, ou seja, os cosmonautas.

O AVIÃO VENUSIANO DE OLBIA

A pesar dos esforços das autoridades oficiais e dos Conspiradores em querer ocultar qualquer fato ligado aos misteriosos objetos celestes, os acontecimentos se tornam mais evidentes e mais consistentes.

Nosso amigo, o professor Jean Villegoureix de Limoges, não poderá discordar, após o que aconteceu com ele em Olbia.

"Em agosto 1968, escreve Jean Villegoureix, fui para Olbia onde a sociedade arqueológica local está fazendo escavações cercadas do maior mistério.

Durante uma primeira visita fui muito mal recebido por uma horrenda megera, que mesmo sem abrir a porta, me intimou a me afastar. . .

Alguns dias mais tarde voltei em companhia de minha mulher Rosette.

Nessa ocasião encontrei um zelador mais compreensivo... e consegui entrar.

A primeira vista as ruínas me deram a impressão de serem estruturas superpostas de três civilizações: a grega, a latina e a cristã.

Os objetos interessantes tinham sido levados, mas ainda estava lá uma bela pedra funerária na qual vi um baixo-relevo *que parece de maneira extraordinária um avião a jato*.

Quis fazer uma fotografia, mas o zelador não deixou...

Voltei a Olbia quarenta e oito horas mais tarde e ao anoitecer voltei rapidamente ao local onde tinha admirado a pedra funerária que — por motivos que não consigo explicar — evocava o planeta Vênus. A pedra já tinha desaparecido”.

Apesar de muitas investigações, Jean Villegoureix e nosso amigo Philippe Lenglet, que é um apaixonado desse gênero de coisas, não conseguiram encontrar qualquer rasto da pedra funerária com seu misterioso baixo-relevo.

Segundo o que relata o escritor Guy Tarade, o dr. Glenn Seaborg, presidente da Atomic Energy Commission, esteve em 1969 em Moscou onde declarou que as tripulações das Apollo VIII, X, XI e XII tinham descoberto no lado oculto da Lua construções e rastos de veículos extraterrestres.

Se essa informação é correta, parece muito estranho que após ter sido publicada, os jornais não lhe tenham consagrado nenhum espaço.

Será que também a esse respeito está funcionando uma conjura do silêncio?

ADONIESIS, SABIO EXTRATERRESTRE E A CURA DO CÂNCER

Em Genebra existe um “Centro de Estudos da Fraternidade Cósmica” cujo endereço é Avenue Pittard, 15, e que é dirigido por Extraterrestres e seus vigários na Terra.

Os primeiros dizem ser os “filhos da divina Chama Criadora” e seu porta-voz chama-se *Adoniesis, sábio extraterrestre*.

O Centro publica mensagens cuja finalidade é avisar a humanidade contra seus próprios maus instintos... e também glorificar Jesus Cristo, filho de Deus e da gloriosa Virgem Maria.

Tudo isso não poderia nos interessar muito se o Centro de vez em quando não publicasse também informações desse gênero:

“Do Céu à Terra, e da Terra aos sábios da medicina, e às autoridades civis e religiosas — de Adoniesis, sábio extraterrestre:

O soro Boniface poderia salvar milhões de homens atingidos por uma doença mortal: o câncer”.

Após agradecimentos a Jesus, “o maior dos gênios”, segue a informação:

“Boniface é o nome do médico que descobriu, preparou e experimentou particularmente um soro que pode fazer desaparecer ou retroceder o mal, e que tem o mérito de abolir a dor, nos casos mais desesperados.

O resultado nunca é negativo.

O doutor Boniface não é um grande professor, mas um humilde veterinário que vive em *Agropoli*, na Itália.

Após constatar que a cabra jamais fica atingida pelo câncer ele começou a estudá-la e a preparar o soro que atualmente está sendo experimentado no Hospital Universitário alemão de Heidelberg (*sic*)”.

EXTRATERRESTRES OPERAM UMA EGÍPCIA

Uma mulher egípcia de 36 anos, Nasra Abdalla El-Kami, que durante oito anos teve uma “hemorragia crônica”, foi operada e curada por cirurgiões que chegaram num disco voador.

Não estamos afirmando nada, mas reproduzimos uma informação publicada em 15 de agosto de 1970 no jornal italiano *La Sicilia*:

A senhora Nasra El-Kami estava se tratando no hospital da Universidade de Alexandria, mas sem resultado.

No fim de junho, quando estava visitando sua irmã em Kafr El-Dawar, uma pequena cidade industrial a 50 km de Alexandria, ela foi operada durante a noite na cozinha do apartamento.

Seus familiares a encontraram ali, sacudida pelos soluços.

Nasra contou que três homens e uma mulher tinham decidido de “uma coisa enorme, redonda, branca e achatada, vinda do céu”.

Ela não estava se lembrando muito bem porque adormecera, mas parece que os visitantes tinham entrado no quarto dela e a tinham operado, tirando do abdômen dela um prego enferrujado.

A mulher mostrou o prego, que estava grudado na palma de sua mão direita com uma tira de esparadrapo.

Os médicos de Alexandria, chamados urgentemente, ficaram estupefatos quando viram a sutura da cicatriz, feita "com um fio especial e com um método mais moderno".

A hemorragia já tinha estancado.

Durante a noite seguinte Nasra acordou de repente e começou a gritar.

Quando seus parentes apareceram, explicou que os homens e a mulher tinham voltado, descendo do forro, e tinham trocado seu curativo.

Um dos homens tinha lhe dado um tapinha no rosto dizendo uma palavra que se parecia com "Okay"!

Sem dúvida nenhuma essa notícia que está repleta de besteiras e ingenuidades não passa de uma brincadeira!

É lastimável que os extraterrestres Aller, Arkos, Karthos e Meseq, os quatro filhos da luz cósmica, descidos na Terra (pelo forro de um quarto!) e com um infinito amor cristão tenham fornecido seus nome e suas recomendações!

É também verdade que, segundo a condessa Roland d'Oultremont, de Linkebeek, na Bélgica, o verdadeiro "Chefe dos Extraterrestres é *Ashtar*" que também fala em nome de Deus e tem a aparência de um agradável efebo.

Desejamos nos manter isentos de preconceitos frente a todas as informações e a todas as hipóteses, mas mesmo assim gostaríamos muito de saber quem entre Adoniesis, Ashtar e os outros quatro ou cinco chefes extraterrestres que conhecemos é o autêntico chefe e quem são os embusteiros!

A CAÇADA NA FLORESTA DE MOULIERE

Os srs. Baillon e Bouché que dirigem o CIESPI, rua Montmidi, 4, em Poitiers contaram mais uma história relacionada a misteriosos objetos celestes.

Ela consta nas "Memórias dos outros" da condessa Dash, com o título: O Monstro da floresta de Moulière.

A lenda diz que antigamente naquela floresta via-se animais fantásticos passar voando acima das copas das árvores: era a famosa caçada dos demônios atrás das almas, após a morte.

Por volta de 1830 o guarda Ricochon estava atravessando a floresta perto da meia-noite quando ouviu um bater de asas, que parecia uma revoada de morcegos.

— Ha, ha! disse o guarda destravando a espingarda, ali vem a caçada! As presas de Lúcifer serão um bom alvo!

De repente uma nuvem negra escureceu tudo enquanto ouvia-se um barulho enorme e estranho.

O guarda florestal apontou a arma em direção àquela grande sombra e atirou. Ouviu-se um grito terrível.

Uma massa informe e inerte caiu a seus pés.

Ricochon, assustado, voltou correndo para casa, passou a trava na porta e passou uma noite agitada.

Na manhã seguinte voltou à floresta, e no lugar em que tinha atirado, viu um monstro deitado numa poça de sangue.

O que fazer com aquela caça tão esquisita?

Ricochon preparou charrete e cavalo, carregou o monstro com muito esforço, porque era muito pesado, e levou-o até a prefeitura de Poitiers.

O prefeito, após ver o que era, proibiu o guarda florestal de falar no assunto com qualquer pessoa, mas assim mesmo soube-se que o monstro tinha uma horrível cabeça humana da qual saíam dois grandes chifres.

Essa aventura originou a expressão: feio com a besta de Ricochon.

Essa caçada fantástica da floresta de Moulière parece não ter nada a ver com os OVNI's, a não ser pelo barulho de asas, mas uma informação que chegou do Canadá poderia ter alguma relação com ela.

O MONSTRO DO ESPAÇO

“Um disco voador se espatifou e foi encontrado o cadáver de um monstro do espaço”: essa foi a manchete tentadora do jornal canadense *Minuit*, de 5 de agosto de 1969.

Vamos resumir a história: o corpo de um monstro vindo de outro planeta foi encontrado pelo camponês Vasily Dubischev, 43 anos, morador de uma aldeia da Geórgia.

Interrogado pela polícia do Kremlin, o camponês explicou que quando ia trabalhar às 6 horas da manhã com um trator cujas lanternas estavam acesas, ouviu de repente um barulho ensurdecedor.

As lanternas se apagaram e, olhando para cima Dubischev viu a uma altura de 400 pés um disco voador imóvel.

Em volta do disco havia pequenas luzes vermelhas, verdes e azuis.

Em seguida houve uma espécie de detonação, o disco saiu com velocidade incrível e as lanternas do trator se acenderam mais uma vez.

Alguns instantes mais tarde o russo ouviu uma explosão e viu a duas milhas de distância uma nuvem colorida que se levantava acima de uma colina.

Não havia nenhum rasto do disco, somente um círculo de neve derretida; mais adiante havia um monstro morto.

A criatura, cuja fotografia reproduzimos ao lado, tinha um comprimento de quatro pés e seu aspecto lembrava um pouco o do homem; tinha braços e pernas, uma cabeça com dois olhos, duas orelhas e uma boca, mas não tinha nariz.

A pele enrugada e áspera mostrava, em transparência, algumas veias azuis.

O corpo estava coberto com roupas calcinadas.

Supõe-se que a criatura conseguiu saltar antes da explosão que destruiu totalmente o disco (?).

Os biólogos constataram mais tarde, durante as análises, que as células da criatura não eram à base de carbono, mas à base de silicone; o dr. Fyodor Petrov acredita que ela vinha de um planeta muito mais quente do que a Terra e que ela absorvia hélio ou nitrogênio através dos poros de sua pele.

“Essa criatura, disse o dr. Petrov, pode agüentar uma temperatura de 1000° Fahrenheit, que é a temperatura de Vênus”.

Essa história poderia ser verdadeira se ela tivesse suscitado o menor eco na Rússia ou na Europa, mas tal não aconteceu. Por outro lado sabe-se que as notícias publicadas por *Minuit* são sempre sensacionais, mas infelizmente nem sempre são baseadas em fatos reais.

ARMSTRONG VIU OS SELENIANOS

Esse mesmo jornal anunciou, no dia 11 de agosto, com grandes manchetes, que os astronautas americanos tinham visto criaturas vivas na Lua!

As 10,56 hs. do dia 20 de julho, logo após Armstrong pisar em nosso satélite, houve um relâmpago ofuscante exatamente na hora em que o astronauta começava a apontar sua câmera.

Foi possível ouvi-lo enquanto murmurava alguma coisa, mas antes que terminasse a sentença o Centro de controle de Houston cortou o som.



CABEÇA DO MONSTRO EXTRATERRESTRE.

Foto extraída do Jornal "Minuit de Montréal".



Restos calcinados do monstro, encontrados na Geórgia.

Foto extraída do Jornal "Minuit de Montreal".

De qualquer forma parece que ele falou: "Talvez, ah. . ."

Houve mais uma interrupção e então o incitaram bruscamente: "Continue, continue. . ."

Armstrong tinha visto um veículo em forma de ovo de onde, segundo *Minuit*, saíram dois "humanóides" que usavam capacetes em forma de esferas e pareciam vigiá-lo.

Quando Armstrong transmitiu seu primeiro relatório a Houston, foi-lhe recomendado para não gravar os incidentes, mas para televisá-los num canal separado.

A nosso ver a história é um pouco sensacionalista demais para poder ser verdadeira.

A revista *Phénomènes spatiaux*, francesa, em seu número especial de 1969 acusa os "cultistas" (crédulos) que acreditam com a maior facilidade na chegada de espaçonaves de Vênus, Marte, Saturno ou Júpiter e que contam com a maior discrição que os Irmãos do Espaço têm em Vênus cidades com ruas e prédios, fazendas, fábricas e rios. . .

A AERONAVE DE CLOERA

O manuscrito irlandês *Konungs Skiggja*, datado do ano 950 de nossa era revela essa história extraordinária (2):

(2) Contado por Alexandre Gorbovski: *Os Antigos Enigmas da História*.



Irisação misteriosa retransmitida pelo LEM americano durante a primeira expedição americana na Lua, em 1969.

Foto extraída do Jornal "Minuit de Montréal".

Na pequena localidade de Cloera, enquanto os habitantes estavam assistindo à Missa, aconteceu um milagre.

Uma grande âncora metálica, suspensa a um cabo, desceu do céu: Um dos braços, provido de uma ponta muito aguçada, cravou-se numa das vigas de madeira da porta da igreja.

Os fiéis saíram da igreja e viram no céu, na outra extremidade do cabo, um navio que parecia flutuar num oceano imaginário. . .

A bordo havia homens que se apoiavam nas amuradas e pareciam estar olhando o que estava acontecendo no fundo.

Então os moradores de Cloera viram um marujo subir na amurada e saltar para o ar, que para ele devia ser água, e em volta dele se produziu uma auréola de fogo.

O homem evidentemente estava querendo livrar a âncora.

Quando ele chegou embaixo os fiéis o cercaram para capturá-lo, mas o padre proibiu que tocassem nele, pois receava um crime ou um sacrilégio.

O mergulhador pareceu não perceber o que estava acontecendo em sua volta e tentou desalojar a âncora, mas sem con-

seguí-lo. Então voou curiosamente em direção à sua nave, agitando-se como quem está nadando.

Em seguida a tripulação cortou o cabo e o navio aéreo, livre, se mexeu e desapareceu das vistas.

A âncora ficou durante muitos séculos cravada na viga da porta da igreja, como lembrança do milagre”.

CAPÍTULO XXVI

OS SUPER-HOMENS VOADORES E O MISTÉRIO DOS DELFINS

Só existe uma coisa certa: ninguém é capaz de mostrar os destroços de um OVNI ou o corpo de um extraterrestre, ou então um extraterrestre vivo!

Apesar disso, *alguma coisa está acontecendo no céu*, algo muito misterioso e fascinante, que deixa nossa inteligência, nossos sentidos e nossa lógica na mais total confusão.

É como se os fenômenos celestes não pertencessem a nosso universo em três dimensões!

Este é o motivo que nos leva a pensar que uma pesquisa dentro do que chamamos de universos paralelos poderia levar adiante a solução do problema dos OVNI's.

A TINA DE MESMER

O senhor André Castou, de Saint-Agnan, pensa que esse problema tem alguma relação com o da tina de Mesmer, que divertiu os cronistas parisienses de 1778, quando o médico

alemão Franz Mesmer descobriu as extraordinárias propriedades do magnetismo animal.

Esse médico genial (também chamado por muitos de charlatão) inventou um aparelho de magnetismo colético, composto de uma tina de madeira com um diâmetro de 2 metros, com 50cm de altura, cheia por três quartos de água, raspas de ferro e vidro esmigalhado.

Acima dessa base estavam deitadas garrafas cheias de água com o gargalo em direção ao centro; havia mais outras garrafas deitadas em sentido inverso. A tina estava coberta por uma tampa cheia de furos.

Uma porção de barras de ferro pontudas, mas com as pontas curvas, saíam dos buracos.

O conjunto era uma espécie de bateria ou acumulador elétrico.

Os doentes encostavam as pontas curvas das vergas de ferro à parte doente de seus corpos e o fato provocava em alguns, crises que degeneravam em ataques histéricos coletivos, especialmente em se tratando de mulheres.

Para acelerar o fenômeno, as doentes eram amarradas umas às outras por uma corda frouxa, ou então se seguravam pelos polegares.

HAIR, A TINA E A LEVITAÇÃO

Quando a excitação chegava ao paroxismo, os doentes se largavam, corriam, davam pulos *com uma leveza extraordinária*, riam, se despiam, se perseguiam, se entregavam a exibições que fazem pensar nos personagens *hippies* que atuavam em *Hair* num teatro parisiense, ou em reuniões ao ar livre em Nova Iorque ou Londres.

Mesmer então mandava que fossem levados a um quarto chamado "sala das crises" ou "inferno das convulsões", todo acolchoado para evitar que se machucassem enquanto se dedicavam a todas aquelas gesticulações, *sobretudo porque pareciam se projetar para o ar como se estivessem levitando*.

Em seguida os doentes passavam por uma fase de languidez e de depressão, e depois a maioria afirmava que tinha sarado de seus males.

Essa terapêutica era realmente eficaz? O magnetismo animal provocado pela tina dava-lhes um verdadeiro alívio? As opiniões a esse respeito são muito contraditórias.

A tina de Mesmer foi experimentada num primeiro tempo numa residência da praça Vendôme, em seguida na residência Bouillon, na rua Jean-Jacques Rousseau, e ganhou tanta fama que foram até colocadas tinas na rua Bondy, "para os pobres".

Conta-se a esse respeito que a tina da rua Bondy não passava de uma árvore, onde milhares de doentes vieram se encostar na esperança, algumas vezes concretizada, de ver acontecer um milagre.

Durante sete anos a mania das tinas inflamou a imaginação dos parisienses, mas a moda acabou e Mesmer teve que abandonar a capital: seu magnetismo animal não fazia mais efeito nenhum e, na falta de curas, o médico foi acusado de ter operado milagres... sobretudo com as carteiras de seus clientes.

Alguns gozadores lançaram um pequeno balão do alto de um prédio, que tinha o nome de "Vindimiador" e uma inscrição: "Adeus tina, a vindímia acabou".

UM PASSO PARA A LEVITAÇÃO

A tina de Mesmer oferece a um especialista como o sr. Castou estranhos pontos de contato com os OVNI's: "Forma circular, corrente formada por criaturas humanas, efeitos supra-normais... A única diferença era que na residência Bouillon as criaturas humanas estavam dispostas do lado de fora, enquanto no disco voador elas se encontram no interior."

"Estou convencido, acrescenta o sr. Castou, de que com os meios que a ciência tem agora à sua disposição, e utilizando os poderes nunca solicitados de nossa eletricidade cerebral, poderíamos conseguir efeitos multiplicados por cem com uma nova tina de Mesmer, e teríamos *uma levitação em massa*."

Essa hipótese que parece bastante interessante torna-se ainda mais fascinante porque um de nossos correspondentes, um torcedor fanático de discos voadores, escreveu que concordava plenamente com a idéia, que integrou a uma estranha teoria sobre o enigma dos misteriosos objetos celestes.

A TERRÍVEL CONFISSÃO DO SENHOR B. D.

Um correspondente, que só poderemos designar com as iniciais B.D. dedicou mais de 2.300 horas à observação noturna dos MOC (3).

(3) MOC = Misteriosos Objetos Celestes.

Ele deve ter desgastado suas últimas forças vitais nessa tarefa, e a confissão que ele quis nos fazer toma por isso um aspecto dramático.

“Estou perdendo a memória já faz muitos anos, ele escreveu. Tive uma encefalite letárgica, complicada por uma meningite que se tornou crônica, e assim tenho hipoglicemia espontânea, a qual explica todas as minhas complicações: auras, transes, comas, ataxia, epilepsia não-aparente, desdobramentos, alucinações, sonolência etc..

Tenho mais uma dezena de sintomas: ataraxia, síndrome de Babinski, contrações mioclônicas. . . mas para que continuar a lista?

Estou deveras aleijado, fisicamente inválido, e me arrasto com muito esforço.

Resumindo, na época em que passava minhas noites observando o céu tornei-me, sem querer, uma espécie de faquir, de médium capaz de *desdobramentos*, com alucinações dos cinco sentidos logo após cada desdobramento.

Quando estou em transe vejo fantasmas e produzo ectoplasmas pela boca, o que é uma coisa bastante desagradável. Acontece também, sobretudo à noite, eu ter alucinações táteis, auditivas, olfativas, gustativas e visuais!

Oito médicos concordaram em me explicar que eu devia estar com lesões cerebrais que se tornaram crônicas.

Minhas perturbações, contraídas durante o trabalho, devem ter se agravado sem dúvida pelo fato de eu ter passado centenas de noites ao sereno (até no inverno!) para observar os discos voadores”.

Essa confissão singela e dramática provoca num primeiro instante uma sensação de piedade, e em seguida a certeza que o nosso correspondente deve ser completamente desequilibrado.

Ele mesmo confessa que tem transes, crises, comas, que vê fantasmas e discos voadores, que tem alucinações e que oito médicos acham que ele está com lesões cerebrais!

Mas não é assim! Nosso correspondente não confessa nada, ele *explica* tudo com uma calma e terrível lucidez.

Realmente, ele está gravemente doente, mas esse estado que poderia provocar em nós uma dúvida a respeito da autenticidade de suas palavras, em sua própria opinião *lhe facilita a visão real de fenômenos que fogem à percepção dos espíritos normais*.

Precisa ser louco para pensar que o espírito normal pode analisar e compreender o anormal e o para-normal!

Qual é o universo dos discos voadores?

São vários universos, explica nosso correspondente, e é esse o motivo pelo qual quase todos podem ver alguns, mas a realidade do fenômeno, ou seja, sua manifestação total se produz em três universos. Por isso somente as criaturas que por diferentes motivos são ao mesmo tempo normais, anormais, e para-normais⁽⁴⁾ podem assistir ao fantástico balé dos OVNI's, dos discos voadores e às suas aterrissagens.

ESQUIZOFRENICO OU SUPER-HOMEM?

A linha de transição entre o raciocínio e a loucura, entre a verdade e a mentira é tão imperceptível que ela sempre consegue nos enganar.

Um homem chama-se equilibrado quando sabe se integrar às leis convencionais de nosso sistema social, mesmo se ele tiver excesso de colesterol, seja intoxicado de publicidade televisada, dirige o carro a 150 por hora e já matou alguns transeuntes e motoristas.

Fora dessa norma convencional, um indivíduo apresenta sintomas inquietantes de desequilíbrio físico e mental.

O senhor B.D. que vê discos voadores e fantasmas, que vomita ectoplasmas, é um anormal: apesar disso um neurologista não aceitaria esse diagnóstico sem reticências.

B. D., apesar de ser gravemente doente, continua integrado à grande parte de nosso mundo perceptível, com uma faculdade ou anomalia, que ele pode *também* se integrar num universo ao qual não temos acesso.

De fato, ele realmente possui qualidades mediúnicas, e suas visões, suas alucinações podem perfeitamente ser fenômenos autênticos, invisíveis aos homens normais, mas ao alcance dos para-normais.

Isso não passa de uma hipótese, mas seria exagerado dizer que um homem equilibrado (dentro de nosso esquema) possa compreender e perceber com seus cinco sentidos convencionais a realidade objetiva que se desenvolve no universo total.

Para um neurologista e para um espiritualista as visões de nosso correspondente não são obrigatoriamente fantasmas, irrealidades, mas talvez uma tomada de contato e de consciência com a realidade superior.

(4) As criaturas normais são integradas à vida cotidiana, as anormais, ou loucas, não se integram, se rebelam às normas convencionais. Os para-normais são os médiuns, criaturas de alta sensibilidade.

É exatamente isso que B.D. quer e também explica com uma lógica ainda mais impressionante se considerarmos que os fenômenos que ele assiste estão relacionados sem a menor dúvida àquele território inacessível ao homem chamado normal, ou seja, o Misterioso Desconhecido.

O SHV E A TINA DE MESMER

Nosso correspondente formulou hipóteses na tentativa de encontrar uma possível explicação para suas observações.

Uma destas hipóteses identifica os OVNI's e os objetos luminosos percebidos no céu noturno com super-homens voadores, uma composição de características da natureza humana, máquinas intersiderais e materializações de imagens-desejos.

Em breve, vamos chamar esses super-homens voadores de SHV.

Eles seriam criaturas originárias da Terra, que se afastaram dela em tempos antediluvianos para poder evoluir no espaço cósmico.

Dotados de um corpo físico degenerado, mas de um cérebro enorme e qualitativamente muito desenvolvido, são anões no corpo e gigantes por causa de seus cérebros hipertrofiados e de suas faculdades intelectuais.

Eles vivem no limite extremo de nosso universo: às vezes se dedicam às experiências: um certo número de SHV se reúne numa espécie de aglomeração física viva que se constitui numa espécie de corpo artificial gigante. Esse complexo de matéria e de energia forma a máquina interplanetária propriamente dita.

B.D. a chama de "sarcosoma artificial comum": em breve, SAC.

O SAC forma de fato o "disco voador" que na realidade é um acumulador de cérebros, um condensador de energias neurônicas ou cerebrais.

Como acontecia na tina de Mesmer, os cérebros são agrupados em série para assim aumentar seu poder, o que lembra também o sistema da corrente dos espíritas que se tocam pelo mindinho de suas mãos abertas.

Quando os SHV estão em transe o complexo desenvolve uma energia considerável que provoca sua levitação, permitindo-lhes viajar no espaço. Neles o estado de transe é, aliás, natural, automático, involuntário, como o sonho para nós quando estamos dormindo.

B. D. não dá nenhuma explicação pormenorizada com respeito à finalidade dessas viagens experimentais. Talvez trata-se de uma evolução natural ou de uma tentativa de repovoar a Terra, se os SHV pensam que a humanidade foi aniquilada pelo Dilúvio.

Isso pode explicar porque certos SAC são compostos com corpos e cérebros animais — de macacos, cachorros, cobras — que após sair de seu universo antes do Dilúvio conseguiram com o tempo um cérebro enorme e uma inteligência dez vezes maior.

Nosso correspondente, possivelmente lembrando-se de seus próprios terrores, de suas visões, suas materializações, acredita que esses monstros do espaço, invisíveis para as criaturas normais e não suficientemente sensíveis, sempre existiram, e que devem ser eles que às vezes aterrorizam os humanos (duplos, fantasmas, corpos astrais, almas, espíritos). Pode ser que o façam sem querer.

Mas também é possível que esses monstros queiram ser materializados pelos Super-Homens Voadores para disputar conosco a supremacia na Terra.

É bastante evidente que para B.D., cujas opiniões dependem sempre de seu estado físico e psíquico, a vida não passa de uma contínua luta entre os homens normais da Terra e os para-normais ou espíritos que povoam o supermundo invisível.

Queremos salientar nesse ponto que em nossa opinião essas neuroses e psicoses que provocam visões de pesadelo parecem devidos mais ao problema de personalidade de nosso correspondente do que aos OVNI's.

No entanto, o conluio que parece existir entre os fantasmas e as visões de um lado, e os OVNI's e discos voadores do outro, pode ser uma das chaves para o enigma que está nos preocupando.

Achamos interessante apresentar essa tese em que as possibilidades de explicações evoluem da esquizofrenia ao paranormal, lembrando que como disse nosso grande Rabelais, o ponto intermediário era o sinal clínico do bom senso.

OS SHV: AS IMAGENS-DESEJOS

Além dessas suposições no caminho de uma verdade muito difícil de encontrar, B.D. apresenta mais outra possibilidade menos tétrica e muito mais fascinante. Essa também se refere aos Super-Homens Voadores.

Os SHV existiriam num outro universo paralelo ao nosso, por exemplo, dentro do qual eles teriam uma percepção superior das dimensões, mas nenhum corpo físico

Por conseqüência, seriam simplesmente espíritos com grandes possibilidades, sendo que seu sistema de vida depende unicamente das manifestações do pensamento.

Tendo saído da Terra em épocas longínquas, quando ainda tinham um corpo físico, os SHV apesar de integrados em seu universo superior conservariam a saudade da pátria distante, com se de fato ainda conservassem seus cromossomos-memória.

A volta às origens, ou melhor, a romaria, é um desejo inconsciente no homem terrestre que encontra sua satisfação no sonho.

Dentro do sono da morte, o dormente se identifica com a pedra, o pó, o saibro com que foi feito, ou então com o nada do qual emergiu.

Dentro do sono vivo, o dormente encontra a ligação com um passado misterioso ou então se projeta num futuro desconhecido, dentro do qual talvez até já viveu.

Dessa maneira os SHV, dentro do sonho daquilo que poderíamos chamar seus cérebros poderosos emitem forças-desejos, espécie de agrégoras que se materializam na passagem pelo nosso universo tomando a forma de imagens, de fantasmas luminosos ou, às vezes, de criações materiais espontâneas e fugidias: OVNIs e discos voadores.

As luzes e as formas voadoras observadas em nossos céus durante a noite seriam, nesse caso, imagens-desejos, projeções cinematográficas vindas de um outro mundo, uma espécie de televisão universal, e mais exatamente: uma espécie de andança mental dos SHV sem nenhuma finalidade de contato e sem significado para os Terrestres.

Nosso correspondente declara a respeito: — Vi aquelas projeções televisadas como uma pessoa pode observar, frente a frente, a Medusa ou a verdade. Fiquei siderado, e jamais os outros homens poderão me acreditar.

Além dessas especulações metafísicas, torna-se necessário o estudo de possibilidades de realizações mais próximas e de técnicas mais adiantadas, na esperança de podermos nos aproximar da solução do problema.

A CONQUISTA DAS ESTRELAS EM 2050

As autoridades aeronáuticas russas e americanas previram que poderão lançar aeronaves a gravitacionais, propulsadas por forças magnéticas ou outras diretamente absorvidas no cosmo, em direção aos planetas habitados por criaturas inteligentes antes do ano 2050.

Esses planetas se encontram necessariamente dentro de nossa galáxia, mas não fazem parte do sistema solar, a menos que Marte e Vênus não proporcionem agradáveis surpresas aos exploradores; essa hipótese porém, parece ser de escassas possibilidades⁽⁵⁾.

Um planeta habitado, no sentido em que o concebemos aqui na Terra, deve ter água, uma atmosfera, vegetação e habitantes providos de inteligência, consciência e possibilidades de expressão.

É possível que dentro de nossa galáxia exista um planeta assim, mas não existem muitas possibilidades que seja *idêntico* ao nosso, com uma atmosfera com o mesmo conteúdo de azoto e oxigênio, com um volume, uma densidade, uma rotação e um campo magnético parecidos.

Na mais favorável das hipóteses esse planeta só poderia ser *análogo*, ou seja, com pelo menos uma atmosfera sensivelmente diferente, que condicionaria uma humanidade biologicamente diferente da nossa.

Por outro lado, a proporção de terras emersas e oceanos só poderia ser similar à do nosso globo.

Os astrofísicos estão, por essas razões, esperando se defrontar no futuro com criaturas pensantes cuja natureza não pode por enquanto ser suposta.

CRIATURAS ESPACIAIS QUE NÃO SÃO HOMENS

Algumas pessoas pensam que os primeiros extraterrestres que entrarão em contato conosco serão criaturas que vivem no espaço livre (criaturas flutuantes ou voadoras), e por consequência, homens-peixes.

Essa hipótese não tem nenhum fundamento positivo.

(5) Vamos repetir nossa tese a respeito da mistura com os venusianos 5.000 anos atrás: sua vinda coincidiu com a chegada do planeta Vênus em nosso sistema solar. Estamos chamando-os de Venusianos por causa dessa coincidência e porque os Antigos também diziam que eram originários de Vênus; porém é possível que tivessem vindo de outro planeta.

Essas criaturas podem ser até plantas, com uma organização superior no plano biológico, ou então animais: insetos, mamíferos, aves e na mais favorável das circunstâncias, até *homens*, providos de um sistema respiratório adaptado a uma certa atmosfera, além de um possível corpo que lhes permita através de seus membros locomover-se de um lugar para o outro e apanhar objetos.

Certo ou errado, é difícil imaginar criaturas pensantes imóveis que não sejam capacitadas a construir ou fabricar uma coisa qualquer.

Nosso cartesianismo leva-nos de maneira irresistível a acreditar que é próprio da criatura consciente poder fabricar objetos, mas trata-se apenas de uma assunção do espírito humano.

Se as criaturas do espaço tivessem uma natureza física imóvel teríamos que pensar que suas exteriorizações acontecem pelo poder do pensamento, com uma possibilidade de usá-las com finalidades criativas.

A hipótese não é de todo inadmissível, apesar de não depender necessariamente de uma dualidade de corpo e espírito.

Criaturas dotadas de um intelecto tão extraordinariamente desenvolvido deveriam ter a capacidade de se materializar dentro de uma forma móvel de sua própria escolha, ou ainda: que assegurasse sua existência de uma forma puramente espiritual.

Partindo de um pressuposto racional, temos que eliminar essa eventualidade, pois criaturas desse feitio, independentes das exigências físicas de nosso mundo, e possivelmente pertencendo a um universo de mais de três dimensões, poderiam viver em qualquer planeta e mesmo no espaço livre, sem precisar de qualquer corpo celeste.

Esses espíritos puros estariam povoando o cosmo, inclusive nossa Terra? Os espiritualistas parecem acreditá-lo.

De qualquer forma, os cosmonautas não estão tentando entrar em contato com esse tipo de criaturas, mas procuram criaturas físicas, morando num planeta dotado de continentes e oceanos, feito de calcário, carbono, hidrogênio, azoto, oxigênio e todos os outros elementos que constituem nosso globo.

Partindo dessas bases, os astrofísicos estão se preparando para entrar em contato com criaturas pensantes, com um corpo físico composto da mesma maneira dos animais e dos vegetais terrestres.

A substância controlada da Lua parece indicar que os objetos celestes não gasosos são todos compostos pelos mesmos elementos químicos.

CRIATURAS ESPACIAIS MARINHAS

Antes mesmo da primeira "alunissagem" já se sabia que a Lua tinha uma certa vida microbial e talvez vegetal, mas era desprovida de qualquer humanidade própria e talvez nunca tivera uma.

Alguns escritores tinham anunciado que ela era habitada e de que nela se encontravam as chaves de nossa história primitiva, mas não se tratava de nada mais do que devaneios empíricos.

A hipótese que a Lua tenha servido de estação intermediária de pouso a viajantes do espaço não é uma hipótese inacreditável, mas é evidente que durante pelo menos milhares de anos ela não teve uma atmosfera que servisse e nem uma população no sentido estrito da palavra.

Também é possível que Marte, Vênus e Mercúrio, em seu atual estágio geofísico, não estejam povoados por uma humanidade evoluída, apesar deles possuírem com certeza formas e variedades de vida celular (com a exceção de Mercúrio que deve ser radioativo e calcinado como a Lua).

Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, mais afastados de nossa órbita, parecem também excluídos de qualquer conjectura otimista, por causa de sua natureza, pela sua densidade e pelo frio intenso que os envolve (entre -150° e 270° (6)).

Assim, se os cosmonautas por acaso descobrirem um outro planeta "habitado", ele terá por força de circunstâncias que ser situado fora de nosso sistema solar.

É possível que ele seja totalmente continental, ou pelo contrário, completamente coberto por oceanos. Nesse último caso, suas criaturas racionantes poderiam ser somente marinhas, ou então anfíbias tipo água-ar.

De que maneira se poderia entrar em contato com tais criaturas?

Os físicos, os biólogos e os químicos examinaram todas as possibilidades e todos os problemas para chamar a atenção desses primos do espaço e fazê-los compreender nossas intenções, além de nos aclimatar à maneira de viver deles.

(6) O astrônomo americano Kuiper afirma que os anéis de Júpiter são de amônia sólida cuja temperatura é de 200° . O próprio planeta seria também parcialmente composto de amônia sólida, o que parece uma coincidência milagrosa. Amônia vem de "Ammon" (um apelido de Júpiter) porque antigamente a amônia era preparada na Líbia perto do templo de Júpiter. Quando os terrestres chegarem a Mercúrio será interessante saber se realmente no planeta existem grandes quantidades desse metal. Os alquimistas afirmavam que esse pequeno planeta era o gerador do mercúrio.

A primeira operação deveria ser, sem dúvida, uma comunicação por gestos, sons, desenhos, escritura ou talvez uma maneira telepática.

Em caso de sucesso, os Terrestres poderiam estudar as possibilidades de aclimação no ambiente terrestre e atmosférico, ou no ambiente marinho com a finalidade da criação de um homem terrestre provido de gélras especiais.

O *homem aquaticus* capaz de se manter dentro da água por um certo tempo, fixando o oxigênio que nela se encontra, está atualmente num estágio de mutação avançado.

Nossos cosmonautas teriam que recorrer a ele para entrar em contato com os habitantes de um planeta "oceânico", ou seja, totalmente ou quase totalmente coberto pelas águas.

Por consequência, aqueles extraterrestres veriam uma espécie de monstro marinho, e no caso deles serem só relativamente evoluídos, poderiam chegar à conclusão de que todos os habitantes da terra são homens-peixes.

OREJONA, OANNES, VÊNUS E O HOMO AQUATICUS

Considerando o que os cosmonautas russos e americanos poderão fazer num futuro próximo, obtendo possivelmente resultados positivos, deve ser considerado algo que os cosmonautas extraterrestres devem poder conseguir em sentido inverso.

Nenhuma incursão desses visitantes pode porém ser provada aqui, em nossos dias.

Existem, entretanto, muitas probabilidades de que os extraplanetários tenham chegado aqui durante eras geológicas passadas e talvez até em tempos proto-históricos.

Apesar de alguns autores pouco escrupulosos terem-se aproveitado da idéia e estarem escrevendo a respeito de "seus deuses", fazendo referências àqueles viajantes do cosmo, fomos nós que desde 1962 explicamos da maneira mais pormenorizada como aqueles viajantes foram Iniciadores, em seguida endeusados pelos Antigos.

Mas se a maior parte dos extraplanetários eram, como se acredita, morfologicamente parecidos conosco — por exemplo os "Anjos" da Bíblia e do livro de Enoque⁽⁷⁾ — é interessante constatar que havia outros que se distinguiam por anomalias ou

(7) Ver o Livro dos Segredos Traídos, cap. IV, VII, VIII e IX.

atributos que os relacionavam diretamente com o ambiente aquático.

Orejona, mãe e iniciadora dos incas, só tinha quatro dedos nas mãos e nos pés, e os dedos eram *espalmados*.

Oannes, deus dos caldeus, era, segundo as tradições deles, o civilizador primitivo dos homens. Ensinou-lhes as letras, as ciências, as artes, a agricultura, e seu nome em siríaco significa **O ESTRANGEIRO!**

Segundo Berose, tratava-se de um monstro, meio-homem e meio-peixe que veio do mar eritreu.

Vênus, deusa grega e romana do Olimpo, tinha nascido da espuma do mar, e isso não se afasta muito das teses dos biólogos que afirmam que toda a vida animal teve suas origens no ambiente marinho.

Não achamos que a experiência tenha alguma utilidade, mas já ficou comprovado que o bebê sabe nadar sem nunca ter tentado, ou pelo menos se adapta com muita naturalidade à natação.

Resumindo, em nossos dias de pesquisas científicas e sem dúvida de apocalipse estamos assistindo a dois fenômenos ligados entre si de maneira fantástica:

— Os homens partem para a conquista dos planetas, e talvez entre eles, o do qual saíram nossos antepassados;

— Os cientistas estão trabalhando para conseguir um protótipo de homem que possa se movimentar e talvez mesmo respirar utilizando o oxigênio do mar: o *homo aquaticus* (homem-peixe).

Isso está acontecendo como se os terrestres tivessem a premonição que o *homem aquaticus* em breve servirá para aclimatar uma espécie humana híbrida num planeta condicionado por uma prevalência de ambientes marinhos.

O homem está tentando voltar a ser peixe e isso é, de uma certa maneira, o que ele é dentro do ventre materno!

O DELFIM, UM ANCESTRAL DO HOMEM

Nenhum outro animal nos oferece uma amizade tão desinteressada como o delfim.

Eles nunca atacam o homem⁽⁸⁾, mas sempre se aproximam dele manifestando claramente sua alegria e seu carinho.

(8) Na ilha de Levant um banhista em 1969 matou um delfim com seu arpão. O glorioso feito veleu-lhe o desprezo de todos os outros veranistas.

Esses sentimentos nos levam a pensar que outrora o delfim devia ser um companheiro fiel do homem e, quem sabe, até uma espécie de homem — de *homo sapiens* — paralelo, dotado de grande inteligência e capaz de falar⁽⁹⁾.

O delfim descendo do creodonte que 100.000 anos atrás vivia na terra e no mar.

Esse longínquo antepassado deu ao delfim seu esqueleto, com embriões de patas com dedos articulados, quadris e vértebras.

Como o homem, o delfim vive em sociedades organizadas, com leis, ritos e costumes e pode ser vitimado por doenças, como o enfarte, a congestão cerebral, doenças do estômago etc..

Seu feto é tão parecido com o feto humano que os fisiologistas têm motivos sérios para acreditar que ambas as espécies podem descender de um ancestral comum.

Isso é, aliás, o que dizem as tradições: *antigamente os delfins eram homens*, sabiam falar e ainda conservam a saudade daquela longínqua época de ouro.

O fenômeno está para ser mais uma vez concretizado, a julgar pelas experiências coroadas de sucesso na América.

Se em nossos dias os oceanos cobrem sete décimos da superfície terrestre, é quase certo que nas eras geológicas anteriores sua superfície era ainda maior.

Por esses motivos parece que não é de todo insensato acreditar que a primeira criatura raciocinante foi uma criatura do mar: a saber, o delfim.

Em milhões de anos, os mutantes desse animal raciocinante e dotado de um cérebro notável, puderam muito bem evoluir para uma vida anfíbia, e mais especificamente terrestre, à medida que os continentes continuavam emergindo dos abismos.

Nesse caso o homem seria um tipo aperfeiçoado dessa evolução, e o delfim atual representaria ou o tipo primitivo ou então uma regressão condicionada por ter ficado no ambiente marinho.

Essa é somente uma hipótese, mas ela poderia ser uma explicação do extraordinário carinho desse animal para com o homem: ambos poderiam ser irmãos de uma mesma raça.

(9) Segundo o iniciado Marceu Sourbleu, autor de *Missão Infernal*, de próxima publicação, os Querubins (anjos) tentaram outrora a inseminação que teve como resultado um monstro fetal humano: o delfim. Os germes, não podendo se desenvolver de outra maneira, tinham adotado características anfíbias. Daí as faculdades quase humanas dos delfins, que têm a possibilidade de evoluir para se aproximar mais do aspecto humano, sob certas condições favoráveis de hibridação.

O DELFIM: UMA EXPERIENCIA EXTRATERRESTRE

Falando com toda a franqueza, essa genealogia humana não é muito satisfatória se levarmos em conta uma teoria tradicional, mais fantástica e por isso mesmo mais plausível: a teoria pela qual o homem descende de Extraterrestres.

Claro, o delfim e o *autóctone terrestre* podem ter uma origem comum⁽¹⁰⁾, mas precisamos considerar também outras hipóteses.

Se nossos cosmonautas desembarcarem um dia num planeta "oceânico", o *Homo aquaticus* estaria à altura de estabelecer o contato com as criaturas marinhas daquele planeta?

Em caso negativo, os biólogos russos e americanos poderiam considerar a aclimação do delfim a uma existência extraplanetária. Este poderia ser o primeiro estágio da colonização, sendo o segundo estágio a aclimação do *homo aquaticus*.

Todos os planos previstos no programa espacial do século XX podem já ter acontecido há muitos milênios, aliás, há milhões de anos.

O cálculo de probabilidades concede pouquíssimas probabilidades a uma concomitância de duas civilizações de criaturas racionantes dentro de nosso limitado universo.

Se os extraplanetários já visitaram a Terra em outros tempos — por exemplo, na era terciária — devem tê-la encontrado por mais de três quartos submersa pelo oceano.

Acredita-se que naquela época não existia ainda nenhuma criatura racional, mas os animais mais evoluídos possivelmente eram marinhos.

Nesse caso, o que poderiam ter feito os cosmonautas do ano 1000 000 antes de nossa era?

Podemos imaginar que eles experimentaram aclimatar protótipos importados de seu planeta: o "yéti" nas terras emersas e o delfim nos oceanos⁽¹¹⁾.

Possivelmente tentaram trazer também outras espécies: monstros metade homens e metade cobras, outros metade homens e metade cavalos, esfinges ou animais híbridos cujos restos não ficaram conservados a não ser na memória da luta entre os homens e os monstros para a supremacia terrestre.

(10) O problema de nossas origens dessa maneira se afasta ainda mais no tempo. O homem extraterrestre por sua vez poderia ser o descendente mudado de delfins extraterrestres!

(11) É possível que o homem que eles aclimataram foi a experiência que deu 100% de resultado positivo.

Se os delfins têm uma inteligência excepcional, é possível que isso seja o resultado do implante, da parte dos extraterrestres, de cérebros humanos nos delfins, a menos que o cosmonauta da era terciária não fosse ele mesmo um *homo aquaticus* morfológicamente próximo dos cetáceos.

Passaram-se milhares de anos: os iniciadores não voltaram mais ou abandonaram suas experiências. O *homo sapiens* se afirmou enquanto o delfim perdia paulatinamente suas qualidades intelectuais.

É possível que existiu uma época de coincidência, mencionada pelas tradições, quando os homens e os delfins podiam conversar juntos.

Depois do Dilúvio o homem regrediu até o mais ínfimo estágio de sua capacidade de raciocinar. É possível que por uma questão de radiação ou por uma sobrevivência de suas qualidades originais alguns delfins ou um delfim mutante conseguiu despersonalizar o papel de Oannes.

Essa é uma hipótese que não podemos afastar completamente.

OREJONA VEIO DE UM PLANETA "OCEÂNICO"

A lenda de Orejona envolve explicações muito mais racionais.

Pela tradição inca, uma espaçonave muito mais brilhante do que o Sol aterrissou um dia na margem do lado Titicaca. Uma bela moça desembarcou. Ela vinha do planeta Vênus e tornou-se a mãe de toda a humanidade.

O nome Orejona é devido ao fato de que como todas as divindades e todas criaturas de origem ilustre, como Buda, Baal, os deuses da ilha da Páscoa, de Tiahuanaco, de Tula, como a esfinge de Gizeh, ela tinha *orellia grandes*. Seu crânio era alongado para cima, e suas mãos e seus pés tinham quatro dedos ligados por uma membrana.

Orejona chegou mesmo de Vênus? Isso é difícil de provar, mas podemos presumir que sim, porque esse detalhe corresponde a muitos outros comuns aos iniciadores dos magos, dos caldeus e dos fenícios, e não pode ser mera coincidência.

Por outro lado, os misteriosos personagens esculpidos na Porta do Sol em Tiahuanaco, em cujas cabeças aparecem estranhos engenhos voadores e uma espécie de escafandro de mergulho, também só ostentam quatro dedos em cada mão!

Essas mãos espalmadas, os escafandros, o significado venusiano atribuído à Porta do Sol, a identidade venusiana de Orejona, Oannes o iniciador-peixe que viveu naquela mesma época e a afirmação continuamente repetida por todos os Antigos que Vênus era a *deusa das águas*, poderiam ser meras coincidências?

Apesar de seu caráter fantástico, a vinda de Orejona para a Terra parece muito mais racional que a negação pura e simples de tradições mil vezes repetidas pelas crônicas do mundo inteiro.

Precisamos portanto admitir que Orejona pertencia a uma humanidade racional semicontinental e semiaquática e que ela vinha de um lugar que podemos designar com o neologismo de "planeta oceânico".

Se os viajantes do espaço daquela época tiveram as mesmas preocupações dos astrofísicos do século XX, eles devem ter tentado aclimatar um animal na terra.

Nessa hipótese, que já foi examinada de uma perspectiva diferente, o mensageiro de um planeta oceânico somente poderia ser um delfim, inteligente e falante, cientificamente condicionado — pelo transplante do cérebro — a amar o homem e se submeter ao fascínio mágico e melodioso de sua fala.

O MISTÉRIO DA SEREIA E DE MELUSINA

Uma outra criatura marinha lendária, mas que talvez realmente existiu, é a Sereia dos Antigos, que alguns já tentaram identificar com a foca, o dugongo e a vaca-marinha.

É claro que as sereias descritas por Homero, as sedutoras do astuto Ulisses, nunca existiram a não ser na imaginação dos gregos, mas é interessante notar que elas tinham uma fala e uma maneira mágica de cantar.

Poderíamos estabelecer uma relação entre elas e os delfins? Poderiam elas ser as ancestrais do cetaceu, ou talvez um estágio intermediário entre eles e uma espécie de *homo aquaticus*?

Três mil anos atrás Homero atribuía às sereias uma forma humana como às deusas e às ninfas. Foi muito mais tarde que elas foram representadas como monstros marinhos com o tórax de mulher.

Ovídio afirmava que elas tinham asas, e esse fato prova a deterioração da lenda, e por consequência, uma possível realidade original.

Como Orejona e como Oannes, as sereias eram iniciadoras, eram *Conhecedoras*, e esse detalhe é bastante perturbador!

Na *Odisséia*, elas gritam a Ulisses:

“Chegue mais perto, generoso Ulisses... para admirar a doce harmonia de nossas canções e aprender uma infinidade de coisas... pois *nada do que se passa nesse universo é por nós desconhecido...*”

Elas ficaram caladas quando encontraram aqueles outros grandes Iniciados que eram os Argonautas.

Orfeu soube encantá-las com sua lira, e por despeito elas se jogaram no mar e se transformaram em rochas...

Mais uma vez o mistério dos deuses-peixes e das sereias levam-nos, no campo da Iniciação, até a última das sereias celtas: Melusina, a mulher serpente, cujo canto era melodioso ou dramático, e cujo antro era a fonte de Sé (do Saber) em Coulombiers, no Poitou.

Qualquer que seja o mistério dos delfins e dos iniciadores meio homens e meio peixes (ou meio serpentes), eles só despertam nossa percepção de um Mistério Desconhecido que parece querer interferir com os Iniciadores Extraterrestres.

Não sabemos o que são os OVNI's, mas na hipótese que o universo é um imenso organismo vivo e os planetas parcelas desse organismo, podemos imaginar que o homem tem à sua frente um papel imenso e desconhecido, talvez análogo ao do ADN, esse mensageiro da vida celular.

Sem dúvida é nosso destino ir um dia até as estrelas, como é missão das criaturas racionais do cosmo chegar até a Terra para trazer-lhe novos germes de vida e uma benéfica hibridação.

Mas os intercâmbios, as ligações, as interações possivelmente não se passam como nós imaginamos, porque somos sufocados pelo nosso sistema dimensional que limita nossa compreensão e imaginação.

Apesar disso os físicos começam a descobrir e captar estes mensageiros de outros mundos que são os nêutrons e as partículas cósmicas.

É uma prova de que todos os universos têm um meio de se comunicarem e de se visitarem mutuamente.

Talvez, breve, um verdadeiro sábio, um astrofísico, um químico ou um grande Iniciado, poderá encontrar a chave de ouro que nos proporcionará um sentido convincente para as mensagens ou para os mensageiros que ainda não conseguimos decifrar ou perceber, porque os tempos ainda não são maduros.